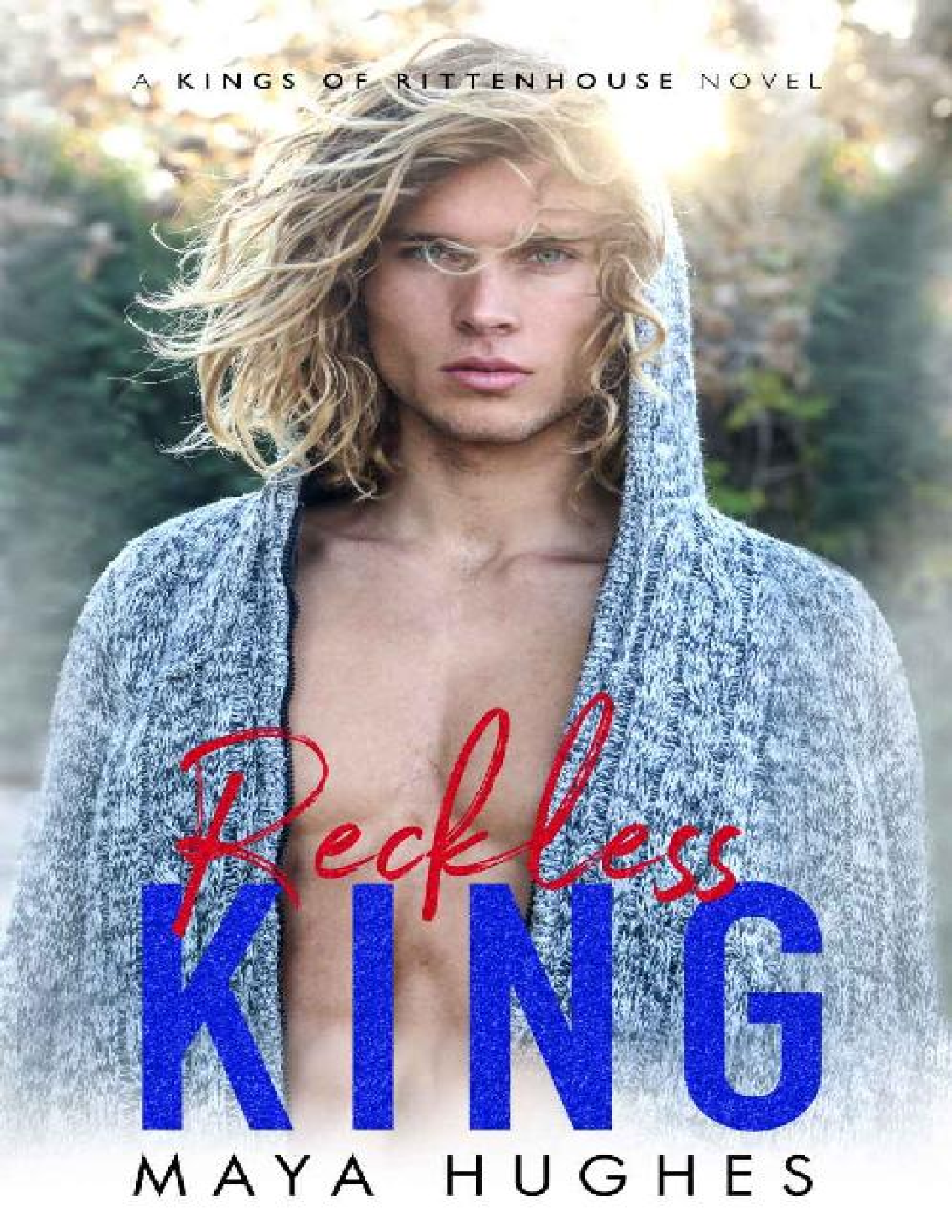

A KINGS OF RITTENHOUSE NOVEL
Reckless
KING
MAYA HUGHES

RECKLESS KING

MAYA HUGHES



BOOKSUNFLOWERS

SUMÁRIO

1. Heath
2. Kara
3. Heath
4. Kara
5. Heath
6. Kara
7. Heath
8. Kara
9. Heath
10. Heath
11. Kara
12. Heath
13. Kara
14. Heath
15. Kara
16. Heath
17. Kara
18. Heath
19. Kara
20. Heath
21. Kara
22. Heath
23. Kara
24. Heath
25. Kara
26. Heath
27. Kara
28. Heath
29. Kara
30. Heath
31. Kara
32. Heath

33. Kara
34. Heath
35. Kara
36. Heath
37. Kara
Epilogo

1

HEATH

Cerrando os dentes, empurrei o haltere acima da cabeça, terminando minha última série. Meus músculos ardiam com aquela dor boa e passei uma toalha sobre o rosto. O velho equipamento de academia exalava o cheiro de metal no ar, tão forte que você podia senti-lo. A sala de musculação estava lotada com a nossa última sessão de treino em equipe antes das férias de inverno.

Meu celular tocou no meu bolso, eu o puxei.

Colm: Temos cinco dias de folga antes do Natal. Todo mundo estará na cidade?

Emmett: Talvez... Meus pais solicitaram minha presença, então meu voo para LA é dia 20.

Eu: Não parece tão feliz com isso, Em

Colm: Ford, Olivia e eu estaremos a caminho no dia 19.

Ford: Talvez eu tenha que ficar em Boston por mais um dia

Colm: Nem tente se safar disso. Se eu ficar preso com a Olivia durante toda a viagem, vou precisar de algum apoio.

Ford: Ok

Declan: Vocês dois estão sentados um ao lado do outro, não estão?

Colm: Sim.

Ford: Não

Ford: Estou sentado na frente dele

Balancei minha cabeça. Tem sido assim com Ford e Colm desde o primeiro ano do ensino médio.

Eu: Um dia desses, vamos encontrar um médico que possa separar vocês dois

Eu: Podemos encaixar mais alguns amigos

Eu: Os Kings reunidos, finalmente!

Faz quase três anos desde que nós cinco havíamos estado juntos no gelo. Depois que Ford e Colm tinham se juntado a um time em Boston, eles estavam viajando sem parar. E Emmett odiava voltar para a cidade. Seu draft significava que era difícil ter todos na mesma cidade e muito menos na mesma sala.

Emmett: Eu não sei se você será capaz de se defender contra nós agora.

Declan: Mesmo que você seja jogador da NHL, ainda posso chutar sua bunda no gelo

Emojis de dedo médio explodiram do meu telefone e eu dou risada.

Reajustando para outra série, me virei com os sons de briga do outro lado da academia. O ruído agudo de metal contra metal não era de alguém que estava deixando os pesos caírem ou se mexendo. Luzes no alto e vozes aquecidas me ajudaram a descobrir em um instante quem estava fazendo isso. Não era uma sessão de levantamento de peso apenas para o time de hóquei. Alguns jogadores de futebol americano também estavam malhando, mas os caras eram definitivamente dos nossos.

Largando meu telefone, caminhei até uma dupla de calouros presunçosos. Alguns dos outros caras da equipe ficaram olhando boquiabertos e deixaram Kaden e John atacarem um ao outro.

Ninguém parecia pronto para intervir. Eu não deixaria isso virar uma pancadaria. A energia formigante percorreu meu corpo – lutar ou fugir no seu melhor. Era o mesmo tipo que eu sentia quando as pessoas ficavam agressivas no gelo. Isso, junto com o buraco no meu estômago.

Pulando sobre os pesos livres caídos no chão acolchoado, pisei entre dois dos mais novos membros da equipe enquanto um levantava o punho. Colocando as mãos em cada um dos peitos, afastei os dois. O punho de John errou por pouco o lado da minha

cabeça. A chama da raiva ardeu tão rapidamente e com tanta força que a abafei o máximo que pude.

Respirando fundo, me mantive calmo. *Relaxe*. A raiva não resolveria nada. Isso só pioraria as coisas e machucaria pessoas.

Minhas mãos pressionaram contra suas camisetas encharcadas de suor. Seus olhos se voltaram para mim. Ambos com narinas dilatadas, dentes à mostra e de maneira agressiva. Meu corpo zumbiu e me forcei a permanecer calmo. Calouros tentando se exibir. Eles tinham estado se insultando durante os treinos. A maioria das pessoas não percebeu, mas vi suas pequenas tentativas de irritar um ao outro.

— Relaxem. O que está acontecendo com vocês dois? — Mantive minha voz baixa e uniforme. Transformar isso em uma grande coisa e constrangê-los só iria deixá-los mais irritados. A última coisa que eu queria era que alguém desse outro soco e estragasse a dinâmica da nossa equipe.

— Kaden nos tirou do jogo na semana passada porque ele não conseguia ficar de olho no disco. — John apontou um dedo zangado para o outro cara. Usei meu corpo para bloquear seu avanço.

— Talvez se ele não estivesse tentando se exibir e fizesse a jogada, não teria sido um problema, porra. — Kaden se inclinou, atirando sua própria acusação de volta para John.

Enrolei minha mão em torno das suas camisas, então eu tinha dois punhos de tecido em minhas mãos. — Nós vencemos aquele jogo? — Olhei entre os dois.

— Sim. — Eles murmuraram em uníssono, abaixando os olhos.

— Vocês sabem por que vocês, dois calouros, foram autorizados a sair do banco em primeiro lugar?

Ambos olharam para mim.

— Não é porque são tão incríveis que deixamos toda a primeira linha no banco só para que vocês tivessem a chance de brilhar. É porque estávamos com cinco gols de vantagem e dois dos jogadores da primeira linha deles ficaram sem fôlego por se empenharem demais e não voltaram.

Seus ombros caíram enquanto contava tudo para eles. Os Kings e eu nunca brigamos. Nem sequer pensamos em levantar o punho

um para o outro, a menos que fosse uma corrida louca para a última cerveja.

— Eu não estou dizendo que vocês dois não são bons, vocês não estariam no time se não fossem, mas estavam lá para obter alguma experiência no gelo em um jogo contra outro time que teve um dia de merda. Vocês tiveram a chance de mostrar o que podem se tornar com mais treino e trabalho em equipe. Se vocês dois estão se enfrentando por causa de uma jogada que nem sequer importa, então não estão prontos para esse time.

Soltei as camisas deles e os dois levantaram as mãos para alisá-las, não mais prontos para se atacar.

— Não é assim que um time se comporta. Ele é seu irmão quando vocês estão no gelo e treinando juntos. Sem brigas. — Um deles abriu a boca, mas eu não o deixei interferir.

— Isso não significa que vocês não podem discordar ou chamar a atenção do outro, mas não há razão para você colocar as mãos nele. Guarde isso para a equipe adversária. — Meu queixo estava tenso.

Eles assentiram tristemente.

— É lá que você canaliza esse karma ruim. Guarde para o jogo. Vocês dois terminaram. Saiam daqui. Aproveitem o tempo e não briguem.

— Mas eu… — Kaden tentou retrucar.

— Já acabou. Vá para casa. Temos um jogo em alguns dias, descanse. Não brigue. Se cuida.

Dispensei os dois, surpreso por terem me ouvido e mais ninguém me contradizer. Eu meio que esperava que Preston, nosso capitão de equipe, aparecesse e me dispensasse por deixar o calouro ir embora, mas todo mundo continuou seus treinos como se nada tivesse acontecido. Enquanto meu sangue batia nas veias, olhei para as minhas mãos que estavam fechadas em punhos.

Com um sobressalto, relaxei-as e respirei fundo, acalmando a chama da raiva que tentava espiar em direção à desagradável interrupção deles. A academia era onde trabalhávamos juntos para sermos melhores no que fazemos, não para brigar como idiotas. Forcei a relaxar minha mandíbula. Eles estavam de boa, todo mundo estava calmo. A tranquilidade anterior de quando me

exercitei se foi, destruída pela pequena briga. Eu odiava quando coisas assim me atingiam. Eu nunca sabia o que poderia me fazer perder a cabeça e isso me assustava. Eu odiava isso.

Eu precisava suar e empurrar meus músculos ao máximo. Essa sempre foi uma maneira infalível de queimar sentimentos que eu não queria lidar. Suar através da dor e pressão.

Andando pela academia até o supino, sentei-me quando as portas se abriram e Declan entrou, caminhando direto à mim. Ele tinha se exercitado no gelo, recuperando o tempo perdido depois de ficar no banco na pré-temporada. Pelo menos ele estava de volta e eu não precisava me preocupar em patinar sem ele durante a temporada.

Deitei no banco e ajustei minha mão na barra de metal acima de mim. Declan deu a volta até parar ao lado da minha cabeça e me ajudou sem que eu dissesse uma palavra. Empurrando a barra para cima, ajustei minha aderência, os músculos dos meus braços se agrupando e comprimindo para suportar o peso. As mãos de Declan pairavam logo abaixo da barra, enquanto eu controlava a descida, dobrando os cotovelos antes de empurrá-la de volta para cima.

— Como foi? — Mantive a série de exercícios, me esforçando mais.

— Melhor do que as sessões de tortura que você me fez passar.

— Estou preparando você para o draft.

Ele bufou.

— Talvez eu devesse adicionar mais trinta na barra, se é assim que você se sente. — Arqueei uma sobrancelha para ele e continuei. Declan e eu éramos os únicos Kings que continuavam na faculdade.

— Como estão suas notas neste semestre? — Esguichei um pouco de água na boca e deslizei para o chão com as costas pressionadas contra a parede.

— Mar de rosas. Você realmente acha que Mak me deixaria relaxar? Além disso, se eu já estiver jogando e reprovar em alguma, eu foderia toda a temporada. Não se preocupe. Esse ano está tranquilo. E quanto a você?

— Eu tenho duas aulas obrigatórias restantes e é isso. Algumas outras aulas optativas e estou de boa.

— Nossa programação dos jogos de inverno é brutal. Estou feliz por ter terminado todas as minhas aulas da graduação.

— Você terminou?

O suor escorria de seu rosto e encharcava sua camisa. — Eu vou ficar bem. Eu estava por um triz, mas eu gostava de viver do lado selvagem.

Eu balancei minhas sobrancelhas para ele e ele jogou sua garrafa de água na minha cabeça. Bati nela antes de me atingir e me levantei. — Caralho, para que isso?

Declan deu de ombros e se levantou do chão. Andando até o leg press, coloquei os pesos.

— Não têm nenhuma professora que você possa seduzir para passar?

Revirei os olhos. — Você é um babaca.

— O que? Só estou dizendo que talvez você possa encontrar uma professora bem gostosa para lhe dar aula particular, então tudo estará resolvido.

A culpa azedou meu estômago. Eu tinha cometido esse erro uma vez. Fodi a vida inteira de uma pessoa porque eu estava determinado a alcançar um prêmio inalcançável.

— Você poderia calar a boca? — Subi no leg press.

— Quero dizer, não estou insinuando que ela não era gostosa. Porra, ela era tão gostosa! Você nunca nos contou todos os detalhes sobre o que aconteceu. — Declan estava ao meu lado como se estivesse perdido dentro de uma lembrança engraçada. Talvez fosse para ele, tinha sido para mim também uma vez, mas eu vi como fofocas e insinuações poderiam destruir as coisas.

— Deixa isso pra lá. — Ordenei tão bruscamente que algumas pessoas se viraram para olhar.

Declan levantou as mãos em sinal de rendição. — Esqueça que eu disse algo. — Intercalamos as repetições em silêncio por um tempo.

— Faz muito tempo desde que vimos todos de uma vez. — Eu disse através de uma expiração forte que cronometrei para empurrar a plataforma pesada com as pernas. Minhas coxas e panturrilhas queimavam.

— Muito tempo. — Declan estava ao lado da minha cabeça, pronto para pegar a barra se eu a deixasse cair.

Meus braços tremiam quando terminei o último conjunto de séries. À medida que o peso foi ficando cada vez mais difícil, meu limite ficou claro. Atirei a barra de volta no suporte do supino e me sentei, o suor escorrendo pela minha testa. Limpei meu rosto com a manga.

Houve uma vibração ao meu lado e verifiquei meu telefone. Declan enfiou a mão no bolso da bermuda e pegou o dele.

— Ei. — Ele ouviu por um momento. — Você não precisa fazer isso. Cara, por que você sempre faz isso? — Declan franziu a testa e jogou as mãos para cima.

— Tá. Podemos fazer um jogo apenas dos Kings e depois outro com os Knights. Eles vão pirar se puderem patinar com vocês três. Parece bom?

Declan levantou a mão para um high five e encerrou a ligação.

— Emmett diz que está dentro. Poderemos jogar duas vezes no estádio. Ele está organizando, e também quer ter uma grande noitada com todos. Ele disse que vai pagar e é a única maneira de ele vir.

Revirei os olhos. Emmett adorava jogar dinheiro pro alto. Não na cara de ninguém, mas era quase como se ele não achasse que gostaríamos de sair com ele se não fizesse chover dinheiro 24 horas por dia, 7 dias por semana.

— Pelo menos ele concordou em voltar. Já faz quase um ano que ele veio para ficar mais de um ou dois dias. — Declan deitou-se e começou sua série.

— Eu sei. Ele ainda está deixando o que aconteceu com a Avery subir à sua cabeça.

Os fantasmas dos relacionamentos passados ainda perseguiam Emmett, mesmo depois de quatro anos.

— Acho que conheço o bar perfeito pra irmos depois. Foi inaugurado há alguns meses, e só tenho ouvido coisas boas.

— Perfeito. Você acha que eles vão se importar com vinte jogadores de hóquei invadindo o lugar? — Declan sentou-se e nós dois fomos para o chão, empurrando os braços para ficarmos na

posição de prancha antes de levantar e pular o mais alto que pudemos.

— Tenho certeza de que, com alguns atletas da NHL conosco, podemos juntar algumas mesas.

Terminamos o treino e pegamos nossas bolsas. Declan queria tomar banho lá para que ele pudesse ir se encontrar com a Makenna, sua namorada oficial agora. Ainda atordoava minha mente. De todos, eu pensava que Declan seria o último a conseguir uma namorada, e muito menos Makenna Halstead.

Eles estavam namorando sério há alguns meses, mas estavam juntos há mais tempo; eles não queriam admitir isso. Ela tinha ido para casa dos pais no Natal e ele estava passando por uma abstinência já que estavam separados por vários dias. Ele também ficava um pé no saco quando viajamos para jogos em outras cidades, aos quais ela não podia comparecer.

Abrimos as portas da academia e, com um sopro de ar gelado atrás dele, partiu para vê-la. Alguém estava pronto para encher-se de todo o amor da Mak que podia receber.

Os caras estavam enchendo o saco dele por causa disso, mas era legal. Declan sempre esteve tão certo de que nunca ficaria sério com ninguém, ele poderia ter perdido algo incrível se continuasse com essa ideia.

Cheguei em casa e peguei uma cerveja na geladeira. Eu tinha que esconder minhas cervejas artesanais, que havia dirigido até Connecticut para obter de uma microcervejaria, em uma caixa grande e vazia de chips de couve que encontrei atrás de uma das repúblicas femininas.

Fiz essa viagem depois do último jogo em casa que perdemos. Eu tinha passado o que parecia ser metade do jogo na caixa com uma penalidade após a outra. Era como se o árbitro estivesse mirando em mim. Eu fui para o meu carro depois do jogo e dirigi por horas.

Era isso ou pegar meu taco de hóquei e quebrar todas superfícies frágeis perto de mim. Esses momentos me assustavam. Os momentos em que parecia muito fácil se soltar e ceder à vontade de quebrar a porra toda. Pegar a estrada no meio da noite e deixar

as luzes da rua caírem sobre mim, me fazia relaxar quando eu estava pronto para perder a cabeça.

O brilho do alvorecer havia atravessado a janela do meu carro e quando percebi estava no estacionamento de um lugar que havia lido sobre há um tempo atrás. Eu peguei algumas caixas de cerveja e as levei de volta para casa, escondendo por precaução.

Era a única maneira de impedir que Declan acabasse com a cerveja em menos de um dia. Abrindo uma garrafa, sentei-me no sofá e liguei a TV.

Os caras me criticavam por vadiar, mas ela nunca eram tão observadores assim fora do gelo. Eu poderia ter várias mulheres me rodeando, mas não ia para cama com qualquer uma. Talvez fosse por causa da facilidade de tudo. Eu precisava de algo diferente. Precisava de um desafio e isso estava em falta.

Deixar a fadiga muscular entrar e banir a energia que vibrava pelo meu corpo era uma das poucas vezes em que conseguia sentar e relaxar. Eu dizia às pessoas para fazerem isso o tempo todo, mas, às vezes, parecia impossível para mim. Calmo por fora, mas por dentro, a turbulência estava sempre lá. Exaustão diminuiu a energia constante que zumbia através de mim. Eu não estava cansado ou exausto, mas também não estava elétrico como antes. O relaxamento suave vinha quando eu realmente me empenhava. Quando eu patinava tão forte que minhas pernas ficavam iguais gelatinas e eu mal conseguia me lembrar do meu nome. Era aí que a merda ficava estranha. Essas eram as noites em que eu ficava no telhado ou deitado na grama, olhando para as estrelas, imaginando o que diabos é esse lugar e tentando me fazer parte de algo maior.

Sendo transportado para um lugar em que as crianças não eram espancadas e as mães não tinham que se jogar na frente de um soco ou um chute.

Eu encarava para o céu ou para uma das minhas plantas e ia para outro universo. Ponderar minha própria mortalidade e o significado da vida era muito mais seguro do que se preocupar com a pessoa que eu temia que morasse dentro de mim. A pessoa que eu era no gelo, onde ninguém ficava no meu caminho. O homem que decidiu resolver qualquer problema ou falha em sua vida com

os punhos. O homem que eu nunca quis ser e que eu temia ter sido colocado dentro de mim a força ao longo dos anos.

Os dedos frios de pavor que surgiam quando estava muito quieto ou eu estava sozinho me obrigaram a procurar uma distração. Estava frio demais para sentar no telhado. Coloquei minha jaqueta e andei a curta distância até a estufa no campus.

Passando o meu cartão de identificação na fechadura, abri a porta. O cheiro de terra misturado com flores perfumadas e um spray aquoso encheram meus pulmões. A tensão nos meus músculos diminuiu.

Um dos outros estudantes do último ano estava ao lado de uma mesa com vasos.

— Ei, Heath. — Felix falou e empurrou os óculos com as costas das mãos enluvadas.

— Oi. O que você está fazendo? — Caminhei por uma fileira de plantas com flores.

— Nada demais, plantando algumas dedaleiras novas antes do início do semestre. E você?

— Eu precisava verificar meu novo cultivo. — Peguei as luvas e caderno da minha prateleira no fundo.

— Elas pareciam bem da última vez que olhei. — Felix jogou mais solo em uma panela de terracota.

Meus ouvidos se animaram. Trabalhando durante o verão, houveram diversas tentativas frustradas de cruzar uma planta com flores. Declan achava que eu era louco por fazer esse curso, mas sempre gostei de ver as coisas crescerem. As ajudar na jornada para se tornarem algo que possa alimentá-lo, ajudá-lo ou curá-lo ou dar a alguém um sorriso com uma flor; e se você fosse realmente bom, poderia fazer mais do que uma dessas coisas.

— Por que você está aqui tão tarde? Achei que sairia com um contatinho ou algo assim?

— Não, eu não gosto de sair com ninguém durante a temporada. Muita distração. — Eu parei na frente das minhas plantas. Elas estavam exatamente como ele havia dito. Os roxos e rosas se fundiam com alguns amarelos pôr-do-sol. Incomum, com certeza, mas não menos impressionante.

Depois de checar alguns dos outros potes, tirei minhas luvas e fiz algumas anotações.

— Estou saindo, Heath. Tenha uma boa noite e fico feliz em ver vocês arrasando nessa temporada. — Felix puxou o gorro na cabeça, cobrindo as orelhas.

— Obrigado, cara. É o que acontece quando você tem o capitão mais foda da divisão, sempre puxando sua orelha. — Soltei uma risada. — Onde você está indo?

— Me encontrar com um contatinho! — Felix deu de ombros com as mãos em volta da alça da bolsa. — O que posso dizer? As mulheres não conseguem tirar as mãos de mim. — Ele se afastou, puxando o suéter de lã multicolorido.

— Divirta-se! Mas não muito! — Gritei enquanto ele passava pelas fileiras de outras plantas. Felix era um cara legal. Nós estávamos juntos no programa desde que havíamos escolhido nossa graduação no final do segundo ano, e ele nunca me tratou como um atleta idiota.

— Você me conhece, cara. Eu sou um animal selvagem! — Ele gritou. A porta se fechou atrás dele e eu ri, terminando minhas anotações e colocando tudo de volta em seu lugar.

Saindo da estufa, eu ainda estava inquieto, o que significava assistir um pouco de TV. Nada como cenas familiares extremamentes chatas para afastar pensamentos desconfortáveis.

Em alguns meses, eu provavelmente estaria jogando na NHL depois de anos de muito trabalho e dedicação, mas agora eu precisava de um pouco de filmes dos anos 80 como terapia. Coloquei no canal e, como o universo sabia exatamente do que eu precisava, o filme que assisti centenas de vezes encheu a tela. Detenção de sábado. Uma biblioteca. Judd Nelson e Molly Ringwald. Porra, sim, *O clube dos cinco.*

2

KARA

Como se um haltere de 9kg tivesse sido tirado do meu peito, desci a rua até minha casa após a prova. O ar gelado de dezembro chicoteou ao meu redor e olhei para o céu. Cheirava a neve. Os trechos congelados no chão estavam espalhados por montes marrons e lamacentos do que um dia foi neve. Deve nevar novamente em breve. Esperava que cobrisse os montes tristes.

Algumas pessoas estavam colocando suas decorações do lado de fora, mesmo que o feriado estivesse quase chegando. A época de Natal era sempre tão mágica, e eu amava isso, quando tudo ficava aceso pelo menos até o Ano Novo.

Cada pergunta na prova tinha sido fácil. E deveria depois de tanto tempo que passei estudando. Eu havia perdido nossa extravagância familiar anual de cozinhar para me trancar no meu quarto e garantir que me saísse bem na prova que determinava se eu seria elegível à bolsa para financiar meu doutorado.

Os deuses da prova tinham sorrido para mim. Havia uma pequena parte preocupada que eu tivesse cometido um erro. *Foi realmente assim tão fácil? Stevenson tinha ficado desleixada e nos dado uma colher de chá?* Peguei meu telefone e enviei uma mensagem de grupo.

Eu: só eu ou essa prova foi fácil?

Charles: você.

Anne: você!

Sam: VOCÊ!

Eu me encolhi. Eu tinha saído um pouco cedo, então não tinha conseguido fazer a recapitulação pós-prova com todo mundo.

Eu: Ok, foi mal!

Sam: Se você não tivesse um coração tão gentil e eu não soubesse que você estudou cerca de vinte e cinco horas por dia, eu realmente te odiaria agora.

Eu: Desculpa. Não foi fácil, foi péssima e espero ter passado.

Sam: Não se preocupe, vamos beber nossas mágoas no vagão-bar do trem.

Estremecendo, eu abri a porta da frente de casa. Perguntar se a prova foi fácil demais não era uma maneira boa de fazer e manter amigos. Nota mental: não trazer à tona a facilidade de um prova até que você tenha conversado com pelo menos duas outras pessoas que a fizeram. Pelo menos eu poderia finalmente relaxar. Minha prova do semestre da primavera não seria mais difícil e eu tinha meses antes dela. A banca examinadora já irão ter tomado sua decisão até lá. Talvez, apenas talvez, eu posso relaxar um pouco.

Subi para o meu quarto. Meus passos quase silenciosos, afundando no carpete felpudo.

— Como foi?

A voz estridente e feliz me fez pular.

Parei rapidamente e andei de costas até a porta do escritório. Papai estava sentado em sua cadeira ergonômica com as grandes telas de computador à sua frente. Envolvi minhas mãos em torno da alça da minha bolsa e balancei nos meus calcanhares.

— Foi muito bem. Eu sabia todas as respostas e terminei um pouco mais cedo. Mas estou preocupada por ter estragado tudo e ter deixado algo passar. Pareceu fácil demais.

Papai se levantou e encostou-se do outro lado do batente da porta.

— Quando você vai ter um pouco de fé em si mesma? Não tenho dúvidas de que você fez um ótimo trabalho, Kara. — Ele bateu na ponta do meu nariz como tinha feito desde o primeiro dia em que eu cheguei. O pequeno *boop* quando ele se agachou em minha frente enquanto eu estava na porta, apertando forte minha

bolsa com roupas, tinha sido a primeira coisa a me fazer sorrir há muito tempo. Ainda funciona até hoje.

Olhei para os meus sapatos e roí minha unha. — Você está certo. Tenho certeza de que fiz um ótimo trabalho. — Eu sorri e papai passou os braços em volta de mim para um grande abraço caloroso.

— Um dia desses você dirá como se acreditasse. Chegou uma carta para você a coloquei na sua mesa. — Ele me soltou e a porta da frente se abriu.

— Parece que sua mãe e sua irmã chegaram. Melhor correr e se esconder ou elas vão te pegar. — Ele sorriu e eu dei risada antes de fechar meus lábios e olhar de relance para as duas, entrando com montanhas de latas de biscoito vazias. Papai e eu trocamos olhares.

— Corra por sua vida. — Ele sussurrou. Andei na ponta dos pés pelo corredor e cheguei ao meu quarto com o *clique* suave da porta do escritório se fechando. Fechando delicadamente a minha atrás de mim, descansei minha cabeça contra a madeira branca. Me esconder aqui não funcionaria por muito tempo. Assim que mamãe e Lauren soubessem que eu estava em casa e tinha terminado minha grande prova, elas estariam em cima de mim para ajudar. No ano passado, encontrei pedaços de massa de biscoito e granulado na minha cama até janeiro.

Eram em momentos como esses que eu desejava ter alugado um apartamento perto do campus, como a maioria dos formandos-de-vinte-e-três-anos. Mas, parada na minha porta e avaliando meu quarto, eu sabia que era uma mentira. Eu adorava estar em casa. Amava meu quarto e minha família. Era minha chance de absorver tudo o que tinha perdido durante a maior parte da minha infância.

Às vezes, eles me mimavam e queriam fazer coisas bobas de família, e enquanto algumas pessoas se irritavam com isso, eu me divertia. A coisa de pais protetores era muito melhor do que *eu não dou a mínima para você.* Larguei minha bolsa no chão e vi os envelopes na minha mesa.

Agarrando a pilha, eu me joguei na cama e folheei através deles. Meu cérebro finalmente parou de ficar sobrecarregado agora que minha prova terminou, e eu ansiava em pegar a caneta e o diário que eu havia guardado na mesa de cabeceira. Nas noites em que

eu estava tão inquieta que não conseguia me concentrar, eu a pegava e derramava minhas ideias em página após página. Tinha mais de cem páginas escondidas no meu closet.

De alguma forma, escrever em um caderno era diferente do que no computador. As palavras que eu escrevia nos cadernos com capas pretas e brancas não eram reais. Rabiscos, certamente não era eu derramando meu coração e alma na página. Ser escritora não era algo que eu poderia ser. Eu tinha visto o que acontecia quando as pessoas seguiam esse caminho e não era para mim.

Virei o último envelope e ofeguei com a letra rabiscada na frente. *Kara Ellis* com o nosso endereço abaixo. O endereço do remetente confirmou exatamente o que eu sabia no segundo em que vi a escrita familiar rabiscada por toda a frente. *Angie Ellis*. Minha mãe. Minha mãe biológica. Eu sentei, meus pés pousando com força no chão com um *baque* quando a carta flutuou para o tapete macio.

Eu me levantei, ficando parada na beira da minha cama, olhando para o envelope por quem sabe quanto tempo. Minha mão tremeu quando eu o peguei. O lado de fora estava um pouco úmido como se tivesse sido molhado e seco novamente. Deslizei meu dedo sob a aba, rasgando o papel.

Eu não recebia notícias da minha mãe biológica há quase cinco anos. Foi na minha formatura do ensino médio e ela apareceu bêbada. A vergonha e o constrangimento que cravaram suas garras no meu estômago naquele dia eram algo que eu nunca esqueceria. Eu estava lá com Carla, Mike e Lauren, tirando fotos com minha faixa de honra pendurada nos ombros, quando a vi pelo canto do olho.

Como se tudo tivesse sido mergulhado debaixo d'água, eu a vi se aproximar de nós. Foi o meu pior pesadelo que se tornou realidade, mas eu não soube o que fazer. Os outros adolescentes e seus pais estavam tirando fotos, suas palavras alegres e não arrastadas de parabéns giraram como um tornado ao meu redor, sugando o ar dos meus pulmões.

Os passos dela vacilaram quando ela caminhou em nossa direção. Com os braços abertos, o vestido tão apertado e curto, ela deu um beijo molhado na minha bochecha. O cheiro de bebida tinha flutuado sobre mim e fez meus olhos lacrimejarem. Eu havia ficado

parada, não a abraçando de volta, mas congelada, enquanto eu ficava dividida entre irromper em lágrimas, empurrá-la e fugir.

Outros adolescentes e seus pais tentaram não olhar, mas a voz dela navegou através do pátio bem cuidado. O cheiro de grama recém cortada, balões e perfume caro estavam no ar antes de ela chegar, e então depois teve cheiro só de vodka. Vodka barata que pode deixar você cego. Piscando para conter minhas lágrimas quando ela me soltou, eu tinha cambaleado para trás, para a segurança dea minha mãe e do meu pai.

Eles tinham sido gentis e simpáticos, até convidando-a para o nosso jantar em família. Eu havia pedido para conversar com ela em particular e disse a ela em termos inequívocos que ela tinha que ir.

Eu tinha lhe dito que não queria vê-la novamente. Ela me olhou como se fosse uma estranha e era exatamente isso que eu queria ser para ela. Alguém que ela se lembrava de conhecer há muito tempo, mas nunca mais queria ver. Era isso que *eu* sentia por ela.

Parecia que ela tinha levado a sério o que eu disse. Antes desse dia, ela aparecia de vez em quando para me envergonhar. Ela apareceu na minha feira de ciências e virou meu estande de *soluções movidas a energia solar para fornecer água potável*. Com um *desculpa*, ela tentou suavizar as coisas como sempre fazia.

Mas eu não tinha a visto desde a formatura. Havia algumas mensagens de voz no meu celular antigo avisando que ela estava sóbria, mas isso foi algo que eu ouvi durante toda a minha infância. Mais provavelmente, ela diria a si mesma que só tomaria mais uma bebida, mais uma noite fora, mais uma festa e depois pararia. Só mais uma vez e ela estaria na linha.

Com as mãos trêmulas, desdobrei as quatro folhas de papel pautada.

Kara,

Há muitas pessoas com quem eu preciso me desculpar na minha vida, mas nenhuma delas preciso mais do que você, minha maravilhosa filha. Provavelmente foi por isso que enrolei para escrever essa carta por tanto tempo. Estou sóbria há quase três anos agora. Demorou muito para chegar a esse estado e eu gostaria de poder dizer que fiz isso porque queria ser uma mãe melhor para você, mas isso seria uma mentira.

Eu tive a chance de ser uma mãe melhor para você. Eu tive tantas chances e eu as deixei escorregar pelos meus dedos. Eu deixei você escorregar pelos meus dedos. Eu queria que você soubesse o quanto estou orgulhosa de você. Encontrei alguém para me conseguir o programa de sua graduação e vi as fotos de você online. Com honra. Mesmo estando sóbria quando você se formou, pensei que seria melhor ficar longe. Eu gostaria de poder receber um pouco do crédito pelo seu desempenho, mas sei que é todo seu e da família que te deu muito mais do que eu poderia dar.

Sei que não tenho o direito de perguntar, mas você gostaria de...

Eu não conseguia ler mais. As batidas no meu peito fizeram minhas mãos tremerem mais forte e as páginas caíram no chão. Afundei, encostando na minha cama. Eu estava sendo sugada por um buraco negro para um passado que preferia esquecer.

Pegando a carta do chão, abri a pequena gaveta da minha mesa e a empurrei lá. Era uma cobra pronta para atacar.

Esses poucos pedaços de papel conseguiram destruir a felicidade que eu sentia apenas alguns minutos atrás. A vida feliz que eu tinha criado aqui. A fantasia de que Mike e Carla tinham me criado desde o nascimento - que alguém me colocou em seus braços quando eu era bebê e as coisas eram como sempre haviam sido. Que eu tive o amor e o apoio deles desde o primeiro dia e nunca soube como era ir para a cama com medo de que minha mãe não voltasse para casa ou pior, ela voltasse para casa com alguém terrível.

Um arrepio passou por mim. Isso só tinha acontecido uma vez, quando eu tinha dez anos. Eu tinha acordado grogue e provavelmente de ressaca. Quando meu estômago doía tanto de fome, às vezes eu encontrava o estoque da Angie e esperava desmaiar até a escola no dia seguinte, para poder comer algo. Mas naquela noite eu tinha acordado e havia um cara pairando sobre mim na minha cama, com a mão na minha coxa. Gritando tão alto que meus próprios ouvidos ressoavam, eu tinha corrido ao redor dele e me tranquei no banheiro.

Tremendo e chorando, eu havia me enrolado em uma bola na banheira, esfregando o local na minha perna onde ele havia me tocado. Houve muitos berros e gritos do outro lado da porta. Batidas

altas me fizeram enterrar meu rosto nos joelhos. E então, houve silêncio. De alguma forma, o silêncio tinha sido mais assustador do que os gritos. Houve uma batida suave na porta e a voz da minha mãe do outro lado.

Relutantemente, eu saí do banheiro e destranquei a porta, abrindo-a apenas um pouco. Minha mãe tinha um belo hematoma roxo debaixo dos olhos. Ela me avisou que o expulsou e que estava arrependida. Me convencendo a sair do banheiro, ela havia sentado ao lado da minha cama com a mão em volta da minha.

Suas palavras de segurança e desculpas me acalmaram para dormir. Eu havia pensado que talvez as coisas mudassem. Talvez ela tivesse visto como as coisas poderiam ser ruins quando fazia aquilo, mas acordei na manhã seguinte e ela não estava lá. E ela não apareceu por quase uma semana. Tudo aquilo para nada.

Houve uma batida suave na minha porta. Eu fechei a gaveta da mesa e me virei.

— Ei, Kara. Ouvi dizer que sua prova foi boa? — Mamãe enfiou a cabeça no meu quarto.

— Foi muito boa. — Eu coloquei um sorriso no rosto.

Mamãe abriu toda a porta. Ela já estava com o avental e a música de Natal subia as escadas da cozinha. Ela só deixava o espírito natalino ir embora depois do dia primeiro. Essas são as lembranças que eu deveria ter toda a minha vida. Essa era a vida que eu sonhei em ter. Trazer Angie para isso não era o que eu precisava. Falar sobre ela só prejudicaria as festas de fim de ano e eu não queria que mamãe ou papai pensassem que eu queria algo com minha mãe biológica. Depois de tudo o que eles tinham feito por mim, seria um tapa na cara.

Talvez depois do Ano Novo eu levantasse a questão. *Talvez.*

— Você virá ajudar com os cookies ou sairá para comemorar sua grande prova final? — Ela levantou os punhos no ar como se estivesse sacudindo pompons. Por mais que eu gostasse de fazer biscoitos até parecer que minhas mãos iam cair, eu precisava sair de casa. Olhando de volta para a mesa, eu tinha que ir a algum lugar e relaxar.

— Vou sair com meus amigos. Ainda estamos tentando decidir para onde vamos.

— Tudo bem, fico feliz. — Ela levou a mão ao peito e soltou um suspiro de alívio. — Você não pode ficar presa nessa casa o tempo todo.

— Adoro ficar presa nessa casa.

Ela revirou os olhos. — Eu já fui para a faculdade também, uma vez, e morar em casa não era minha ideia de diversão. Não que não gostamos que você esteja aqui depois de se formar em Boston, mas acho que você precisa se divertir.

— Eu me divirto muito. Lembra do verão em que estive fora por uma semana inteira?

Ela apertou os lábios e me lançou um olhar. — Eu, dificilmente, considero uma viagem de uma semana com o Habitat for Humanity um momento selvagem e aventureiro.

— Eu aprendi a usar uma pistola de pregos. Eu diria que qualquer pessoa que colocasse uma daquelas em minhas mãos estava afim de viver perigosamente. — Eu mostrei minha língua para ela e ela riu.

— Divirta-se, e estou tão orgulhosa de você. — Ela passou os braços em volta de mim e me apertou com força antes de voltar para o andar de baixo.

Pegando meu celular na cama, enviei uma mensagem para o grupo.

Eu: Vocês ainda vão sair hoje à noite?

Eu não estava com vontade de ir para Nova York. Por que eles não podiam permanecer por perto? Philly tinha dezenas de bares incríveis.

Sam: Estamos a caminho da festa na cidade!

Anne: O trem saiu há 15 minutos.

Droga, bem, lá se foi essa ideia.

Eu: Incrível, espero que vocês se divirtam!

Charles: O que houve?

Eu: Nada, eu queria ter certeza de que vocês estavam a caminho e não tivessem caído mortos no estacionamento após o prova.

Sam: Nada pode me impedir de festejar! Nem mesmo ter ido mal na prova mais difícil que já fiz.

Imaginei Sam parada no meio do corredor do trem, dançando tão entusiasmada, enquanto ela digitava essa mensagem. Talvez fosse melhor que eu tivesse perdido o trem.

Charles: Ela está sendo um pouco dramática.

Sam: Não estou!

Eu: Vocês não estão todos juntos no trem?

Anne: Sim. Estou sentada entre eles tentando manter a paz.

Charles: Sam é a mulher mais incrível que eu já conheci e ela é parte do motivo de eu ser bi. É tudo porque eu realmente quero uma chance com ela.

Charles: Droga, Sam! Como diabos você digita tão rápido? Eu juro, ela tirou o telefone de mim por 3 segundos.

Eu ri e balancei minha cabeça. Pelo menos, se eu saísse sozinha, não haveria pressão para ficar muito tempo e continuar bebendo. Uma bebida comemorativa. Eu não bebia muito. Ficar podre de bêbada mais vezes do que poderia contar quando era pré-adolescente havia deixado um gosto amargo em minha boca quando se tratava de bebidas alcoólicas. Isso também significava que eu sabia beber, mesmo que não planejasse ter uma noite selvagem.

Talvez não *uma* bebida. Talvez duas, alguns aperitivos gostosos do bar e depois voltar para casa, colocar meu pijama e amanhã seria um novo dia.

Vestindo a roupa mais aceitável para sair que eu tinha, chequei meu cabelo no espelho. A melhor parte do inverno era a baixa umidade. Minhas mechas pretas onduladas se transformavam em uma bola fofa de proporções gigantescas durante o verão, o que significava que eu geralmente as mantinham em uma trança ou em um coque, mas no inverno eu as deixava respirar um pouco. Além disso, meu cabelo era uma barreira extra entre as temperaturas frias. Proteção auricular para completar.

Eu brinquei com os fios roxo e rosa. Foi isso que ganhei por confiar em Sam e seus conselhos suspeitos da última vez que estive no cabeleireiro. As cores não eram muito perceptíveis, mas se eu tivesse meu cabelo preso em um rabo de cavalo ou com o refletor certo, você poderia ver as mechas. Tinta *semi*-permanente, minha

bunda! A cor estava mais forte do que Sam agarrada na perna daquele cara parecido com Henry Cavill.

Levantei o zíper das minhas botas e coloquei minha jaqueta, dando uma outra olhada no espelho. *Você consegue fazer isso, Kara. Uma noite sozinha é melhor do que ficar em casa e se afundar na autopiedade.* Hoje era dia de comemoração e eu faria nos meus próprios termos. Pedindo um táxi, entrei na cozinha para dar um beijo e um abraço em mamãe e Lauren e depois entrei no carro.

Paramos na frente do The Bramble, um novo bar em Fishtown. O que antes tinha sido uma área degradada estava agora prosperando com bares incríveis, restaurantes legais e muito tráfego de pedestres. Eu tinha lido um artigo sobre o bar há um tempo atrás e estava procurando o momento perfeito para conferir. Aparentemente, o cheeseburger de bacon com cebola já era lendário. Essa era a terceira franquia nos EUA. LA e NYC tinham as duas primeiras.

Sacudindo as dúvidas da minha cabeça, saí do táxi. O vento chicoteou meu cabelo em volta da minha cabeça. Talvez eu devesse ter prendido ele. Fechando a porta, dei um passo hesitante em direção à entrada

Abri a porta e uma avalanche de barulho ameaçou me derrubar. Um segundo depois, o cheiro delicioso de comida me atingiu. Minha boca ficou cheia d'água e meu estômago roncou. Eu não tinha comido nada desde o café da manhã. Olhando por cima do ombro, eu fiquei cega quando meu cabelo bateu no meu rosto. Peguei o amarrador no meu pulso e prendi o cabelo em um rabo de cavalo.

O lugar estava lotado, como você pode imaginar, mas metade do bar parecia estar tomada por um grupo barulhento em um lado. Eles estava sentados nas mesas, rindo e brincando juntos. Eu hesitei. Talvez um lugar diferente seja uma escolha melhor.

Meu olhar percorreu a multidão até parar no cara em pé em uma dessas mesas. Meu peito apertou quando meu olhar travou com seus brilhantes olhos azuis. Seus cabelos loiros estavam despenteados o suficiente. Do tipo em que você sabia que ele não passou horas na frente do espelho tentando arrumar. Era do tipo de cabelo de um cara que estava correndo ou, se não estivesse frio, eu teria dito que passou o dia na praia.

O frio na barriga fez meus joelhos fraquejarem. Travei-os para não derreter em uma poça ali. Por que diabos o Sr. Gostoso estava olhando para mim? *Por favor, que não tenha uma maldita meleca no meu nariz ou algo assim.*

Quebrando a conexão momentânea, entrei completamente no bar, saindo do caminho de alguém entrando pela porta. Peguei um lugar no bar e o barman abriu um cardápio na minha frente. Não confiando em mim mesma para olhar de relance por cima do ombro, tirei a jaqueta e a coloquei no meu colo.

Algumas bebidas e comida gostosa. E não olhe para o cara atrás de você que faz você se sentir presa a uma montanha-russa.

É isso aí.

3

HEATH

O bar não estava lotado. Ainda era cedo para a maioria das pessoas, mas Declan e eu viemos direto do nosso treino no final da tarde. Não era necessário, mas precisávamos que essa temporada fosse perfeita. Sem mais erros.

Chequei meu telefone e abri o e-mail antes mesmo de estar totalmente carregado. Meu reitor era o menos organizado e o mais esquecido de todos na universidade.

— Finalmente recebi meu cronograma. — Eu disse a ninguém em particular.

— Sério? Eu recebi o meu há um mês atrás. — Declan esticou o pescoço para olhar para o meu telefone.

— Sorte sua. — Eu reclamei e o e-mail finalmente abriu.

Faltava menos de uma semana para o início do novo semestre e eu ainda não havia recebido meu horário de aula alterado. Os nervos estavam me atingindo. Eu já tive que mudar de classe três vezes, porque havia alguns professores que não se importavam com o motivo de você faltar as aulas e eles não mudariam os requisitos de frequência. Como se levar nosso time de hóquei ao campeonato nacional quatro vezes seguidas não fosse uma boa e grande conquista para a faculdade. Talvez eu devesse ter ficado com a cinesiologia como o resto da equipe.

Uma voz distintamente feminina e assustadoramente familiar chamou o nome de Mak.

Mak, sentada ao lado de Declan, girou em seu assento e levantou rapidamente. — Avery!

Merda! Todos os nossos companheiros do time pararam no segundo em que ela apareceu do lado da nossa mesa. As cabeças de todos se levantaram e seus olhos se arregalaram, incluindo os meus.

Mak correu e abraçou Avery. Esqueci completamente que aquelas duas eram amigas. Olhei pela porta que ela havia entrado e de volta ao meu telefone, verificando a hora. Emmett estaria aqui a qualquer minuto.

Eu olhei para Declan e ele olhou para mim como se estivesse assistindo um carro prestes a ser amassado por um trem.

— O que você está fazendo aqui? — Mak arrastou Avery para a nossa mesa.

— Eu estava saindo da padaria e vi seu carro parado no estacionamento.

Olhei para o seu casaco aberto com uma fina camada de farinha em suas roupas.

Mak apertou o braço dela. — Fique aqui e toma umas bebidas.

Avery olhou em volta para o resto de nós e o sangue escorreu de seu rosto quando ela olhou para mim, Declan e as cadeiras vazias na seção do bar que havíamos tomado. Ela rapidamente verificou por cima do ombro.

— Eu não acho que seria uma boa ideia. Estou exausta e tenho que voltar a padaria antes do amanhecer para a correria da manhã. Eu tenho que ir. — Suas palavras foram rápidas e frenéticas.

— Avery, vamos lá. Uma bebida. — Mak segurou a mão dela e tentou fazê-la se sentar. Avery parecia estar a um segundo de serrar a própria mão para escapar. Com o que estava se formando, eu não a culpo nem um pouco.

— Sério, Mak, podemos fazer uma noite de garotas em outro momento. Alyson está em casa e estou super cansada. — Avery tirou a mão do aperto de Mak, usando sua irmãzinha como a saída perfeita. Espreitando por cima do ombro, ela recuou. — Me liga e vou me certificar de tirar um dia de folga, mas eu tenho que ir. Tchau.

Eu juro que havia um rastro de fogo gravado no chão do bar enquanto ela saía.

— Avery! — Mak a chamou, mas ela já tinha sumido. Declan e eu deixamos escapar um suspiro de alívio.

Declan puxou a camisa de Mak. — Livros, acalme-se. Provavelmente é para o melhor, de qualquer maneira.

Ela franziu a testa e sentou-se. — Por causa do Emmett?

— Sim, por causa do Emmett. Muitos caras não querem sair com a garota que os traiu. — Virei minha garrafa de cerveja para tomar um gole e Mak estendeu a mão e arrancou-a da minha boca. Cerveja espirrou em cima de mim e da mesa. Ela bateu minha bebida na mesa, derramando ainda mais.

— Que porra? — Peguei alguns guardanapos para limpar.

— Você não tem ideia do que aconteceu entre os dois, então nunca mais diga isso sobre ela. — Ela parecia pronta para pular sobre a mesa e bater minha cabeça nela.

Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição e dei uma olhada em Declan. — Beleza. Não direi outra palavra.

Declan sussurrou em seu ouvido e eles conversaram nas cadeiras ao meu lado. Com Mak cada vez mais com a gente e sua amizade com Avery, era apenas uma questão de tempo até Emmett e Avery cruzarem os caminhos.

Alguns minutos depois, a onda de risadas e vozes escandalosas informaram a todos que a festa havia chegado. Emmett liderava a multidão. Ford e Colm atrás com Grant, irmão mais novo de Ford, e Olívia, irmã mais nova de Colm.

O grupo cresceu minuto a minuto. Alguns dos companheiros do time do Emmett estavam lá. Todos os Kings e alguns dos caras do nosso time, The Knights, também apareceram.

Todos os olhos no bar estavam em nós, mas isso não era incomum quando você andava com uma equipe como essa. Havia mais do que alguns olhos arregalados e pedidos de autógrafos quando a notícia foi divulgada que jogadores da NHL estariam aqui. Mesmo que eles estavam jogando contra os Flyers, pelo menos ninguém jogou nada no grupo.

As bebidas fluíam e os pratos de comida estavam como uma esteira transportadora constante para a nossa mesa. Para cada dois

pratos limpos coletados da mesa, outros cinco apareciam. Esse era o sonho de um atleta super-exercitado.

A porta do bar se abriu e um frio intenso de dezembro entrou. Mas não foi o estalo frio do bar que chamou minha atenção, foi a visão parada na porta. Seu peso mudou de um pé para o outro, como se ela estivesse tentando decidir se deveria entrar ou não. Eu nem tinha percebido que estava de pé até pegar os olhares estranhos do resto da mesa. Eu não me importei. Meu olhar voltou para ela. Não era apenas a aparência dela. Ela era linda, um pouco mais alta, talvez um metro e setenta e cinco, um metro e oitenta, o que estava ok para mim. Eu tinha mais de um metro e noventa, então quanto mais alta, melhor. Eu odiava a dor no pescoço que sentia quando beijava uma garota que batia no meu peito. Ela tinha um pequeno sinal na bochecha esquerda e cabelos pretos ondulados com os quais tinha feito um daqueles penteados bagunçados que eu mal podia esperar para desfazer.

Seus olhos percorreram o salão de uma maneira que me disse que ela não estava lá com ninguém e ela provavelmente não estava esperando por ninguém. Ela estava vestindo suas máscara de coragem e saindo sozinha. Eu gostei disso. Não espere por outras pessoas para fazer o que quer; vá em frente, mesmo que estivesse sozinho.

Um olhar firme de certeza passou por seu rosto. Ela tomou a decisão. Empenhada a entrar mesmo que eu visse as bolhas de incerteza sob a superfície. Dando um passo determinado através da porta, ela deixou a porta fechar atrás dela enquanto seus olhos percorriam a multidão. Como se ela soubesse que eu estava olhando, seu olhar se fixou no meu. Minha mão apertou minha cerveja. A garrafa fria não fez nada para impedir o calor crescente que um olhar dela me deu.

Seus olhos castanhos escuros me fizeram pensar em uma xícara de chocolate quente em uma noite fria. Ela baixou os olhos, mas eu não consegui desviar o olhar. Seu cachecol amarelo e os tons escuros de rosa e roxos de seus cabelos me lembraram minhas flores. Era uma cor sutil, como se ela não estivesse tentando ser chamativa ou espalhafatosa, talvez fazendo isso por si mesma.

A porta se fechou atrás dela e a tensão que eu tinha sentido nas costas se soltou quando soube que não teria que persegui-la pela rua como um lunático... Mais lunático do que eu já era, porque soube em uma fração de segundo que era ela que eu levaria para casa hoje à noite.

— Cara, o que você está fazendo? — Declan agarrou a manga da minha camisa e me puxou de volta para o meu lugar.

— Eu pensei ter visto alguém que eu conhecia. — Eu disse distraidamente.

— Hmmm, tá mais pra alguém que você quer conhecer. — Mak riu e esticou o pescoço para ver melhor.

Porém tinha o momento exato para ir atrás e um para recuar. Ela estava enviando vibrações tão fortes que ameaçaram deslocar as placas tectônicas de solteiros por baixo do bar. Ela precisava relaxar e eu precisava aproveitar meu tempo com meus amigos enquanto estávamos todos juntos.

Os mini tacos, costelas, tudo estava tão bom que eu acho que houve uns dez minutos sólidos em que ninguém na nossa mesa fez outro som além de grunhidos de apreciação. Após os exercícios, as dores de fome de todos atingiram com força e rapidez. Essa comida deixava o nosso grupo normalmente turbulento quase silencioso enquanto eles enchiam a boca. Eu queria me embrulhar em uma tortilha e não sair do lugar até que eu ganhasse pelo menos alguns quilos.

— Parece que você tem uma admiradora. — Colm disse, seus olhos cinzentos brilhando de diversão quando o garçom deixou uma bebida para mim e apontou para uma mulher que acenou do canto.

— Ah sério? De todos aqui, ela te escolhe. — Emmett balançou a cabeça.

— O que há de errado comigo? — Eu levantei minha bebida, engasguei com a mistura super-doce e deslizei o copo vazio para longe de mim. Era mais fácil aceitar a bebida do que tentar devolvê-la. Muito mais fácil. Eu havia aprendido essa lição da maneira mais difícil. Preferiria beber do que ter ela jogada na minha cara. Eu tinha aprendido no ensino médio que recebia um certo tipo de atenção.

— Quero dizer, nada. Se você preferir o tipo de cara californiano, surfista. Eu gosto mais do tipo moreno e de cabelos enrolados. —

Mak deu de ombros e Declan a beijou na testa.

Eu nem sequer tinha estado no oceano desde que minha mãe e eu tínhamos saído de casa no meio da noite cobertos da escuridão e dirigido quase cinco dias direto para a costa leste.

— Declan está bravo porque desde que vencemos nosso primeiro ano de calouro do Campeonato Estadual em Rittenhouse Prep, eles tiveram minha foto na frente e no centro do jornal. — Joguei uma bola de guardanapo na cabeça de Declan.

— Eles cortaram meu rosto ao meio! — Declan bateu sua cerveja na mesa.

— Tadinho dele. — Colm riu e tomou um gole de sua bebida. — E todas aquelas garotas estavam lá para enxugar suas lágrimas. Não tantas quantas estavam fazendo fila para Heath, mas mesmo assim. — Uma batata bateu na testa de Colm e caiu no copo.

— O que posso dizer? Eu sou irresistível. — Tomei um gole da minha cerveja.

Eu nunca diria que caminhar até uma mulher e saber que havia uma chance de oitenta por cento de que você poderia sair de lá com ela não era emocionante, mas eu preferia um desafio. Ou pelo menos alguém que não iria passar por cima de três de suas amigas para chegar até mim. Alguém que não era muito exigente e que sabia o que gostava era exatamente o tipo de mulher que eu procurava.

— Puta merda, posso ter o seu autógrafo? — Todos se viraram para ver a mulher radiante saltando na ponta dos pés ao lado da cadeira de Emmett no final da mesa.

— Claro. — Emmett pegou seu papel e caneta, mas ela os puxou de volta.

— Eu… Eu não quis dizer você. Eu queria ter o do Blanch. — Ela estendeu o papel em direção a um Ford inconsciente. A cabeça de Ford se levantou.

— Eu? — As palavras estavam no meio do caminho entre um coaxar e um estrangulamento enquanto a cerveja saía de sua boca.

— Definitivamente. Eu vi o gol que você salvou no último jogo. Foi intenso, acho que nunca vi um goleiro voltar à rede tão rápido e fazer uma defesa daquelas. Foi fantástico! — Ela o olhou como se ele tivesse pendurado as estrelas e as bochechas dele ardiam de

um vermelho brilhante sob a barba. Fiquei surpreso que ele não desmaiou. Ele era o parceiro perfeito para Colm porque ele nunca falava muito. Ficava parado lá e parecia todo amável, o que combinava bem com o que ele foi mais votado no ultimo ano do ensino médio. Mais Abraçável. O enchemos o saco dele por causa disso. Ele rapidamente assinou seu nome e abaixou a cabeça enquanto ela se virou e gritou para as amigas que tinha conseguido o autógrafo de Ford Blanchard.

— Cara, é melhor se acostumar com isso. — Colm apertou a mão no ombro de Ford enquanto ele resmungava alguma coisa e voltava para a comida.

Os caras estavam desordeiros como sempre. Agitados, mas não destrutivos. Queimar algum excesso de energia durante os poucos dias de folga era ainda melhor quando você tinha um patrocinador como Emmett bancando a coisa toda. Enquanto todos estavam focados no Ford, Emmett deslizou seu cartão de crédito maliciosamente para o cara atrás do bar e gesticulou para a nossa equipe variada que ocupava mais da metade do bar.

Desabando na cadeira à minha frente, ele revirou os olhos quando eu sorri para ele. Ford e Colm só tinham concordado com a noite se todos dividissem a conta.

— Não diga nada. — Ele apertou os lábios, sabendo que eu tinha visto.

— O que? Eu não ia dizer nada. — Cruzei o dedo sobre o coração e tomei um gole da minha cerveja.

— Sua capacidade de guardar segredos é parecida com a de uma criança com chocolate espalhado por todo o rosto dizendo que não comeu nenhum biscoito de chocolate.

Apertei meu peito em falsa indignação. — Quero que você saiba que guardo segredos como uma criança de seis anos que foi encontrada cercada por embalagens de doces.

Ele bufou. — Certo. Fique quieto. Eles vão me encher o saco se acharem que estou gastando meu dinheiro por aí.

— Não se preocupe. Eu vou me certificar de ficar quieto por pelo menos... — Eu olhei para o meu telefone. — Dez minutos.

Ele riu. — Aqui, tome isso no caso de eu esquecer mais tarde. — Ele colocou um cartão-chave do quarto de um hotel na palma da

minha mão. Eu ergui uma sobrancelha para ele.

— Quartos para todos. É bem do outro lado da rua. Eu queria que jogássemos amanhã e imaginei que, se todos estivessem próximos, havia menos chance de perder alguém. — Ele tinha um olhar triste nos olhos. Era difícil para ele estar longe de todos. Declan e eu tínhamos um ao outro; e Colm e Ford estavam juntos em Boston, abrindo caminho por todas as mulheres solteiras.

Emmett foi o único que voou solo para LA. Ele havia ido embora rapidamente depois do rompimento com Avery. Tão rapidamente que ele nem sequer tinha ido na graduação da escola para poder evitá-la. Avery tinha sido um tópico de conversa intermitente desde então.

— Claro que vamos. Nada nos impedirá de jogar amanhã. — Os Kings reunidos mais uma vez.

Agora estávamos ocupando mais da metade do restaurante e bar. Algumas garotas ainda estavam tentando chamar minha atenção, mas não a que eu queria.

Colm e Ford cercavam Olivia como um par de guarda-costas. Grant sentou-se do outro lado de Ford e continuou tentando chamar a atenção de Olivia, mas geralmente só conseguia irritar Colm. A irmã mais nova de Colm havia crescido no último ano do ensino médio e parecia que Colm não estava correndo riscos com ela. Faz sentido. Ela era a única família dele que restava. Mas, pelo repuxar de seus lábios, ela não estava feliz com isso.

Pulei para devolver a jarra de cerveja ao bar, usando isso como uma chance de dar uma olhada melhor na mulher sentada ali. Quase esbarrando em nosso garçom, deslizei-a pelo balcão e pedi outra rodada. Minhas costas pressionaram a madeira brilhante do bar quando eu me inclinei contra ela. Apesar dos meus melhores esforços, a Srta. Roxa não olhou para mim nenhuma vez.

As mulheres de ambos os lados não tiveram nenhum problema em me encarar, mas de repente me senti invisível. Eu não me importava em me esforçar. O barman colocou a jarra cheia no balcão. Peguei uma pilha de guardanapos ao mesmo tempo que a Srta. Roxa. Nossas mãos se tocaram antes que ela a puxasse. Seu olhar colidiu com o meu e soltei um sorriso que provavelmente me fez parecer um idiota.

Abri minha boca.

— Heath, traga a jarra. — Alguém gritou atrás de mim ao mesmo tempo em que o barman deslizou um hambúrguer quente e enorme na frente dela. Suas mãos congelaram e ela olhou para mim. Eu poderia esperar.

Com a jarra de cerveja na mão, voltei para a nossa mesa e sentei no meu lugar. Ela se mexeu no bar. Eu queria ajudá-la a suavizar todo esse nervosismo e mostrar a ela que sair hoje à noite não tinha sido um erro. Como se estivesse transmitindo seus pensamentos mais íntimos, a tensão em suas costas praticamente chamou minhas mãos para aliviar o estresse.

Alguém chamou meu nome de uma maneira que me dizia que não era a primeira vez que eles tinham me chamado. Desviando os olhos da beldade do bar, entrei novamente na conversa à mesa. Olívia manteve seu lugar a menos de um metro e meio de Ford o tempo todo em que esteve lá. Eu não sabia dizer se Ford estava alheio a isso ou ignorando o modo como ela continuava tentando chamar sua atenção.

Declan estava todo envolvido com Makenna. Graças a Deus eles tinham voltado a ficar juntos. Seu comportamento tinha estado uma merda absoluta quando ela sumiu da vida dele. Foi deprimente como o inferno.

A última rodada de comida chegou e Colm se concentrou em Olívia. Ele era o oposto de uma fada madrinha, a tirou de lá e levou volta ao quarto de hotel para que ela perdesse a festa. A oferta de Grant de acompanhá-la foi sumarizada e hilariamente vetada por Colm.

— O que diabos ele vai fazer quando ela estiver aqui na faculdade no próximo ano?

Declan encolheu os ombros. — Provavelmente vai implantar algum tipo de rastreador nela. Pelo menos estaremos por perto para ficar de olho.

— Ei, posso comprar uma bebida para você? — Uma mulher cercada por algumas de suas melhores amigas roçou contra mim quando troquei de assento para o final da nossa mesa para ter uma visão melhor na minha misteriosa mulher. A maioria dos caras havia

se dispersado na pista de dança, pegando alguém ou fazendo com que alguém os pegasse pelo caminho.

Eu verifiquei a menina do bar e ela estava comendo o último pedaço de seu hambúrguer. Ela tinha um caderno no balcçao. Batendo o lápis contra o lábio, ela o colocou no cabelo. Se eu não tinha gostado dela, agora eu estava gostando com certeza. Mas não era a melhor hora para ir até lá. Ela estava comendo, provavelmente ficaria insegura em tentar mastigar e falar ao mesmo tempo.

Eu era um louco perseverante, especialmente quando era por algo que sabia que valeria a pena esperar. As pessoas pensavam que eu agia sem pensar; provavelmente era mais assustador para eles pensarem que eu fiz o que eu fiz pensando totalmente. Fiz minha paciência e meus cálculos parecerem imprudentes e despreocupados, mas não era nada disso.

— Não, pode deixar. Vou pegar uma rodada de bebidas para todos nós. — Comprar uma bebida para todos significava que eu não estava demonstrando favoritismo e seria menos provável que elas surtassem quando eu as dispensasse. Delicadamente rejeitar alguém se tornou uma especialidade minha.

Observei quando uns três caras se aproximaram da Srta. Roxa, enquanto estava comendo e ela os parou antes que eles pudessem se sentar, apontando para sua comida e sua boca cheia e, em seguida, fazendo um gesto com os dedos. Rindo, deixei a mesa.

A pequena pista de dança estava cheia de jogadores de hóquei e meninas. Eu continuei evitando convites. O primeiro conjunto de moças me deixaram ir com alguns números de telefone enfiados no meu bolso. Uma delas até enfiou o número no cós do meu jeans antes que eu agarrasse sua mão e a removesse. E as pessoas falam que os caras que tem a mão boba. Eu tive minha bunda apertada mais vezes do que eu poderia contar.

A Srta. Roxa comeu a última batata frita e limpou a boca. Ela levou o canudo aos lábios e terminou a bebida. O barman pegou seu prato e eu me afastei das mulheres que se aproximavam de mim, não querendo perder minha oportunidade. A Srta. Roxa poderia ir embora, ou pior, um cara poderia tentar chegar nela agora que não estava mastigando sua comida.

Deslizei para o banquinho ao lado dela e bati meus dedos ao longo da madeira lisa, canalizando minha energia nervosa. O barman se aproximou de mim e jogou a toalha por cima do ombro.

— Eu vou querer uma cerveja Yuengling e outra bebida que ela está tomando. — Apontei para ela e então olhou por cima do ombro, pensando que eu estava falando de outra pessoa antes de apontar para si mesma.

— Para mim? — As sobrancelhas dela estavam quase na linha do cabelo.

— Para você.

— Não, tudo bem. Eu... Eu já estava indo. Você não precisa fazer isso.

— Eu sei que não preciso, mas gostaria. Tecnicamente, não sou eu que estou comprando bebida para você. — Inclinei-me de forma conspiratória e ela se inclinou também. — É meu amigo lá. Ele está pagando a noite toda, então não é como se eu esperasse alguma coisa. Não é o meu dinheiro. Não é uma obrigação, é uma bebida de fico-feliz-por-você-ter-saído-para-beber-quando-não-precisava.

A boca dela se abriu e fechou. — O que faz você pensar que eu não queria sair?

Eu me inclinei para trás, olhando para ela que fez o possível para relaxar.

— Nenhuma amiga com você, o que me diz que foi uma coisa-do-momento. Talvez, você precisasse sair de casa e sem amigas significa que se você amarelasse, não havia ninguém para reclamar de você.

Suas bochechas coraram um pouco e o barman voltou.

— Uma cerveja e uma vodka com gelo. — Ele deslizou a garrafa para mim e o copo para ela.

Caramba! — Vodka pura? Você está tentando ficar bêbada o mais rápido possível?

— Talvez eu realmente goste de vodka pura e seja forte para bebida. — Ela brincou com o canudo e o gelo tilintando contra o copo.

— Talvez, mas você também colocou seu casaco cerca de trinta segundos antes de eu chegar aqui.

Ela olhou para si mesma como se tivesse esquecido que fez isso.

— Talvez eu estivesse com frio.

— Talvez você estivesse. — Peguei minha cerveja e tomei um gole. Ela tomou um gole de bebida. — Você acha que vai embora depois de terminar essa bebida?

— Eu não sei. Acho que vai depender do meu humor e da companhia quando esse estiver vazio. — Ela balançou o copo para mim.

— Acho que posso te ajudar com os dois quesitos. Do que você estava fugindo quando saiu hoje à noite? Deixe-me adivinhar. Problemas com um cara.

Ela balançou a cabeça vigorosamente e dei um suspiro interno de alívio. Eu realmente não queria ser Aquele Cara limpando os pedaços do coração partido de uma garota, mas por ela eu faria uma exceção.

— Problemas no trabalho? Ou problemas na faculdade?

Ela sorriu e balançou a cabeça. Seus lábios carnudos e rosados brilhavam, revestidos com a bebida. Quando eles enrolaram em torno do canudo, eu engoli um gemido.

— Problemas familiares.

Ela empurrou meu ombro de brincadeira. Primeiro contato, *isso*! — Como você adivinhou? Ah, eu sei, porque você passou por todas as outras áreas possíveis da vida que poderia ter problemas. — O riso dela era como música para os meus ouvidos.

— Eu não cheguei na exploração espacial ou em acabar com a fome do mundo.

— Você pode escrever isso na sua lista.

Estendi a mão e puxei o lápis para fora do cabelo dela, um pouco decepcionado por não fazê-lo cair em cascata pelas costas. Acenando na frente do rosto dela, deixei cair minha mão e roçar contra a dela. Ela não se afastou do meu toque.

— Você estava estudando?

Ela pegou o lápis da minha mão, seus dedos deslizando pelos meus. A suavidade de seus dedos só me fez pensar em como ela seria em qualquer outro lugar. Os olhos dela se desviaram.

— Não, eu estava escrevendo. Eu sou uma escritora. Estava procurando por isso. — Ela riu e o enfiou na bolsa. — Kara. — Ela estendeu a mão e eu a envolvi com a minha.

— Heath.

— Prazer em conhecê-lo, Heath. — Seu sorriso brilhante quase me cegou, mesmo sob as luzes fracas do bar. *Maravilhoso!*

A música aumentou um pouco e tivemos que nos inclinar para nos ouvir. Ela cheirava a Natal. Como rolinhos de canela quentes em uma manhã fria de inverno.

— O que você estava escrevendo antes?

— Ah, você viu isso. Nada, na verdade. Pensamentos, preocupações, sonhos.

— Quais são alguns deles?

— Hã? — Ela franziu as sobrancelhas.

— Quais são alguns dos seus pensamentos, preocupações e sonhos?

Ela balançou a mão e acenou. — Nada muito importante.

— Se você está os escrevendo, deve ser meio importante. Desembucha. — Me afastei, dando-lhe um pouco de espaço.

O som do bar parecia lhe dar coragem. — Coisas de família. Às vezes, é mais fácil escrever as coisas que tenho dificuldade em dizer em voz alta. Tudo que tenho *medo* de dizer em voz alta. De alguma forma os colocando aqui. — Ela bateu na bolsa. — Os torna menos assustador. Menos e mais real, tudo ao mesmo tempo. Seja o que for, preciso anotar tudo.

— Eu entendo a necessidade de fazer coisas assim. Para mim, é quando eu patino. Quando estou no gelo, vejo tudo muito mais claro do que na vida real.

— Exatamente. — Ela ecoou. — Foi mal por ter jogado isso em você. — Ela fez uma careta e olhou para a bebida vazia.

— Está de boa. Tenho esse efeito nas pessoas. Eu acho que é minha cara sincera. — Eu segurei minhas duas mãos debaixo do meu queixo e fiz olhos tão grandes e parecidos com cachorros quanto eu pude.

Ela deu risada e bateu a mão no bar. — Eu diria que seu rosto é definitivamente muitas coisas, mas honesto não estaria entre os cinco primeiros.

Inclinei minha cabeça para o lado. — O que? Você não acha que eu sou honesto?

— Não é isso, mas acho que existe alguns outros adjetivos que eu usaria primeiro. — Ela deslizou sua bebida e se virou para mim, rindo. Coloquei minha mão em sua coxa coberta pela calça jeans e senti seus músculos tensionarem.

— E quais seriam esses? — Eu olhei nos olhos dela quando eles se fixaram nos meus. Suas pupilas ficaram enormes e a tensão entre nós aumentou de brincadeira para outra coisa.

Seus lábios se separaram, brilhando e cheios, e ela soltou uma respiração trêmula. — Eu não me lembro.

— Você quer dançar? — Eu levantei minha mão da perna dela e estendi. Ela olhou entre mim e a pista de dança, mordiscando aquele lábio inferior.

— Eu realmente não sou uma boa dançarina. — Ela se inclinou, apoiando a mão no meu ombro enquanto a música ficava mais alta. Suas palavras deslizaram pela minha bochecha e uma faísca de eletricidade percorreu minha espinha.

— Nem eu. Podemos ir lá e parecer dois idiotas juntos. — Outro olhar entre mim e a pista de dança e ela assentiu, tirando o casaco. Ela jogou a bolsa por cima do ombro.

Encontramos um lugar na pequena pista de dança. Nossos corpos se moviam juntos no ritmo da música, minha mão descendo até sua bunda enquanto ela levantava os braços sobre a cabeça conforme a batida forte de uma música antiga começava a tocar. Seus olhos se arregalaram quando eu a puxei em minha direção.

Observar o stress sair de seu corpo era uma recompensa própria, mas voltar para casa com ela hoje à noite seria como ganhar o campeonato nacional. E eu nem estava pensando com meu pau, embora ele estivesse de pleno acordo. Ficamos na pista de dança por pelo menos mais cinco músicas, cada uma nos aproximando um pouco mais. Lábios tão próximos, mas nunca conectando. Dedos e mãos tomando liberdades com os corpos um do outro, mas nunca indo longe demais. Tudo me deixando a

segundo de ter uma ereção enorme na frente de todos. A tensão entre nós dois era palpável. Era um jogo que estávamos jogando. A fome em seus olhos me fez procurar a saída mais próxima e tenho certeza que o olhar espelhava o meu. Hora de colocar isso à prova.

Inclinando-me, deixei minha bochecha encostar na dela. Um arrepio a percorreu quando minhas palavras deslizaram através de sua orelha.

— Eu tenho duas opções para você, Kara. Compro outra bebida para você, digo adeus e saio com meus amigos... Ou deixamos essa pista de dança agora, juntos. — Eu me inclinei para trás e segurei seu olhar enquanto ela olhava para mim. Ela umedeceu os lábios e desviou o olhar. Talvez tinha sido um erro de cálculo da minha parte. Antecipei rápido demais, mas eu não queria que ela escapasse de mim.

— Mas e a opção três? — Riso e desejo brilhavam em seus olhos. Isso me fez querer segurá-la com mais força.

— Qual é a opção três? — Eu levantei uma sobrancelha, tentando descobrir como ela a usaria para terminar a noite e me dizer para cair fora.

— Pegamos mais uma bebida e depois vamos embora, juntos. — Ela sorriu radiante para mim e eu a segurei pelo braço, andando rapidamente para o balcão do bar.

— Feito!

4

KARA

— Uma dose de vodka!

— Uma dose de tequila!

Nós dois chamamos o barman ao mesmo tempo. Ele estremeceu com a nossa ordem super entusiasmada e minhas bochechas queimaram quando nos dissolvemos em uma pequena crise de riso. O baixo da música vibrava no chão, mas não era tão alto que você não conseguia se ouvir pensar.

— Parece que nós dois tivemos a mesma ideia. — Ele deslizou a mão pelas minhas costas com o timbre profundo de sua voz fazendo cócegas na concha do meu ouvido. Uma pequena dose de excitação percorreu meu corpo e olhei em seus olhos. O azul brilhante era tão claro e profundo que eu queria nadar por horas.

O barman deslizou os copos através do bar para nós. Heath os pegou e me entregou o meu, segurando o dele para brindar.

— À uma noite que não esqueceremos tão cedo. — Ele bateu seu copo no meu e meu estômago revirou.

Inclinei meu copo para trás e deixei o líquido branco quente deslizar pela minha garganta. Ele terminou sua dose e me apertou com força contra ele, enquanto seus lábios pairaram sobre os meus, o forte cheiro de sua tequila atingindo meus lábios. Minhas mãos instintivamente foram para o seu peito como se eu precisasse segurá-lo aqui para satisfazer todos os sentidos. A pressão forte de seus lábios contra os meus fez eles se separarem. Sem precisar de um convite, sua língua dançou contra a minha. Era como se ele

tivesse se lembrado da nossa dança na pista e a estivesse recriando aqui.

— Você tem certeza disso? — Ele olhou nos meus olhos, passando as mãos pelos lados do meu rosto.

— Eu tenho cem por cento de certeza. — Beijei-o novamente e queria continuar fazendo isso. Cada toque me fez antecipar o próximo. Hoje à noite, eu não era Kara, estudante de doutorado. Eu era Kara, escritora. Talvez, eu estivesse na cidade para uma história ou uma conferência. Nós não tínhamos ido muito fundo nos detalhes e, surpreendentemente, eu estava bem com isso.

— Você bebeu um pouco. — Havia uma pitada de preocupação em seus olhos.

— Eu bebi uns três copos e sou forte pra bebida. Vamos fazer isso! — Segurei seu olhar. Essa não foi uma decisão bêbada. Eu tinha devorado aquele hambúrguer enorme e tínhamos dançado e isso queimava um pouco de qualquer coisa que eu tinha bebido antes da nossa corrida para o balcão. Eu tinha um zumbido leve, mas fora isso, era uma sensação de luz borbulhante que me fez desejar mais.

Não havia um pingo de hesitação em mim. Talvez devesse ter. Talvez isso devesse ter me assustado, mas eu não queria estar em outro lugar além de onde quer que estivéssemos indo, para que eu pudesse realmente sentir o gosto dele.

— Vamos fazer isso. — Ele sorriu. Quando ele fez isso, foi como se um pouco do peso do mundo tivesse saído de mim. As expectativas de todos ao meu redor e os medos do meu passado desapareceram, não havia nada além de eu e ele, aqueles olhos e a maneira como ele me olhou como se eu fosse um presente que ele mal podia esperar para desembrulhar. Ou talvez fosse assim que eu estava olhando para ele...

Batendo nossos copos no balcão ao mesmo tempo, sorri. Era como se Heath e eu estivéssemos correndo para ver quem nos tiraria de lá primeiro. Ele checou o telefone e digitou uma mensagem antes de jogar o braço sobre o meu ombro e nos guiar através da multidão na frente do local.

Eu não pude segurar a risada quando explodimos na calçada do lado de fora do bar, mas a risada não durou muito quando Heath me

virou e me empurrou contra a parede de tijolos do prédio. Nossas respirações ofegantes misturando-se ao ar diante de nossos rostos.

Os sons do bar e tudo mais ao nosso redor desapareceram como se o mundo tivesse sido colocado no mudo quando ele olhou em meus olhos. Aquele sentimento de formigamento estava de volta, mas desta vez batia acelerado em meu peito, e a vibração viajou por todo o meu corpo. Ele olhou para os meus lábios como se quisesse provar e mal podia esperar para experimentá-los a noite toda.

Sem mais um segundo para pensar demais, puxei sua cabeça para baixo, arrastando meus dedos por seus fios loiros. Ele era um sol brilhante em um dia sombrio e frio e eu queria seu calor e brilho. Quando minhas mãos estavam nele, era como se todas se tudo estivesse valendo. Era tudo o que ele precisava, a luz verde e a barragem de nossa tensão sexual estourou.

Seus lábios, língua e mãos trabalhavam em uníssono para me levar a um frenesi. Suas mãos empurraram sob o meu casaco e minha camisa e correram ao longo da pele na minha cintura. O ar gelado foi substituído por seu toque quente, provocando arrepios por todo o meu corpo.

Uma pulsação latejante me alcançou. Mente e corpo estavam em total acordo agora, Heath era diferente de qualquer cara com quem eu já tinha estado antes. Ele me deixou zonza com apenas alguns beijos. Essa não era a bebida falando, mas eu tinha certeza que também estava bêbada-do-Heath.

Meu coração disparava contra minhas costelas e sabia que era tudo por causa dele. No segundo em que ele tinha deslizado no banco do bar ao meu lado, eu tinha certeza de que queria ir para casa com ele. Palavras se derramava em minha cabeça, enchendo-a tanto que era difícil pensar através da cortina de prosa que minhas mãos coçavam para escrever a partir do segundo em que nossos olhos se conectaram.

Por alguns minutos, eu considerei partir. Não cedendo à queimação intensa em meu peito que queria alcançar e subir em seu colo no segundo em que ele abriu a boca. Ele era o tipo de cara que eu precisava em uma noite como esta. Gostoso. Engraçado.

Sexy como o pecado e pronto para me colocar em mais de uma posição.

Seus lábios macios me deixavam em um frenesi enquanto sua língua dançava na minha boca. Foi um beijo exigente, mas gentil, como se ele estivesse tentando me tirar da minha concha. Fazia um tempo desde que eu tinha sido beijada assim. Seus lábios percorreram um caminho apressado da minha boca até minha garganta, chupando meu pescoço e dando uma mordida que deixou meus joelhos fracos.

Precisávamos chegar onde diabos estávamos indo, tipo agora. Desvencilhando, tentei parar meu tremor. Ele olhou nos meus olhos e seus dedos deslizaram ao longo da minha nuca. Ele brincou com o cabelo ali, seu toque insistente me fazendo derreter um pouco mais. O toque forte de seus dedos foi uma mistura entre uma massagem e uma promessa do que ele tinha reservado para mim.

— Você tem um gosto muito bom. Bom o suficiente para comer. — Ele passou a língua pelo lábio inferior, saboreando o meu gosto. Seus lábios se transformaram em um sorriso que deveria ter sido proibido em todos os cinquenta estados.

— Você tem um gosto muito bom mesmo. — Eu não ficaria surpresa se o fôlego saísse de nossos corpos enquanto estávamos do lado de fora, tentando manter as pretensões sobre onde isso estava indo.

— Eu tenho um quarto de hotel. — Ele tirou do bolso de trás um cartão-chave de um hotel.

Eu olhei de volta para ele com os olhos arregalados. — Confiante assim, é?

De alguma forma, tornou as coisas melhores. Nós não tínhamos conversado muito sobre ele. Tinha estado muito ocupada vomitando palavra sobre ele a noite toda, então ele não tinha dito muito sobre seu passado. Dos sussurros e pescoços esticados das outras pessoas no bar, sabia que o grupo dele era de jogadores de hóquei. Jogadores da NHL. Todos pareciam tão jovens que eu não fazia ideia de que começavam a jogar tão cedo.

Mas se ele tivesse um hotel e fosse de fora da cidade, bem melhor. Se eu me enganasse completamente, isso não voltaria contra mim.

— Está reconsiderando? — Ele enfiou a mão de volta no bolso com preocupação nos olhos.

5

HEATH

— Não, eu quero ir. Eu realmente quero. É só que... Não costumo agir assim.

— Como? Indo para casa com um homem implacável e incrivelmente bonito por uma noite de sexo excitante e selvagem que você não vai esquecer tão cedo? — Eu estava *tentando* estragar tudo?

Ela soltou uma risada quando meus dedos viajaram mais alto por sua coxa, segurando sua bunda e puxando-a com mais força contra mim.

— Se você estivesse usando uma saia. — Mordi meu lábio inferior. Eu podia sentir o calor dela através da calça contra minha perna. Presa em um jeans, tão perto, mas tão longe do prêmio que eu tinha esperado a noite toda.

— Sim, exatamente. — Seu peito subiu e desceu em pequenos impulsos. Engoliu seco como se ela não pudesse acreditar no que se meteu. — Normalmente, acabo com homens implacáveis e extremamente bonitos, mas acho que você serve. — Suas coxas apertaram em torno da minha perna.

— O que diabos estamos fazendo aqui no frio quando você tem um quarto de hotel perfeitamente bom esperando por nós? — Ela enfiou a mão no meu bolso e pegou o cartão-chave.

Levantando minha mão, deixei as ondas suaves e macias de seus cabelos deslizarem através do meu toque. Deslizando minha mão para sua nuca, eu a puxei para frente, sentindo seu doce cheiro

de canela e recapturando seus lábios. — Você está absolutamente certa.

Corremos pela rua úmida e escorregadia. Cada toque da mão dela em mim era pura tortura. Os funcionários do hotel nos apontaram para o elevador e nós entramos rapidamente nele. Seus dentes roçaram meu pescoço, enviando um arrepio na minha espinha. Pode ou não ter sido uma retribuição pela marca que tinha deixado em seu pescoço ao morder e chupá-la no local para se sentir melhor.

Controlando minhas mãos a maior parte do tempo, eu só passei meus dedos pelas costas dela para que ela arqueasse, empurrando seus seios para frente. Ela tinha mais do que uma mão-cheia escondida debaixo do suéter e eu nunca estivera tão feliz em abrir um presente na minha vida. Fiquei com água na boca ao pensar em colocar minhas mãos, boca e dentes em seus seios. Provocando aqueles mamilos até que ela não aguentasse mais.

Atrapalhado com a chave, abri a porta e a puxei para dentro, fechando atrás dela. Houve uma fração de segundo em que ficamos olhando um para o outro, e então, como se nossas roupas estivessem pegando fogo, nós nos despimos.

Não houve um striptease lento e sensual. Era um anseio básico de ficarmos nus e se pressionar um contra o outro o mais rápido possível. Seu olhar estava fixo em mim quando eu tirei minha camisa por cima da cabeça e a joguei em algum lugar atrás de mim. Eu estava orgulhoso do meu corpo. Eu tinha trabalhado duro para estar no auge das condições físicas e usaria essa proeza para transformá-la em uma bagunça trêmula enquanto nós dois conseguiamos exatamente o que queríamos. Ela umedeceu os lábios, tirando as botas, e eu estava em cima dela, nossos corpos batendo na parede enquanto corríamos para pegar o pote de ouro no final do nosso arco-íris cheio de luxúria.

Empurrando seu jeans pela bunda, apalpei suas nádegas macias e flexíveis. Erguendo-a, puxei seu jeans pelas pernas. Como se estivéssemos em completa sintonia, ela envolveu suas pernas em volta da minha cintura, enquanto eu a forçava contra a porta. Com minha calça aberta, seu calor quente e úmido estava a centímetros do meu pau, mas eu ainda não estava pronto para isso. Ela

mordiscou meu queixo e passou os braços em volta de mim, enquanto fazia pequenos barulhos de necessidade que enviaram uma resposta direto para minhas bolas.

Eu a queria delirando e eu precisava colocar minha boca em seus mamilos. Segurando-a com meu corpo e meus braços, abaixei minha cabeça e envolvi meus lábios em torno de seu bico escuro e duro. Usando meus dentes e minha língua, eu lambi, chupei e a mordisquei enquanto seus dedos mergulharam no meu cabelo, unhas arranhando ao longo do meu couro cabeludo. Ela arqueou as costas, me dando um acesso ainda melhor.

— Porra! — Ela gemeu quando eu usei meus quadris para mantê-la presa na parede e isso me deu a chance de usar as duas mãos e minha boca nela. O suave balanço de seus quadris era uma tortura no meu membro. Como o gosto de um doce antes de ser tirado, sua vagina estava úmida, espalhando seu néctar molhado por todo o corpo. O cheiro dela me deixou ainda mais rígido e eu precisava colocar minha boca em seu corpo.

Eu estava dividido entre saborear seus seios, apertando e massageando aqueles morros transbordantes que pareciam fazê-la gozar, e cair de joelhos e venerar seu centro derretido. A cabeça do meu pau esfregou contra a entrada de sua boceta. Soltei um gemido e balancei contra ela com mais força. Sua buceta lisa cobriu a cabecinha. A tentação era forte demais assim. Eu estava um segundo de penetrar nela sem camisinha, pronto para sentir aquela felicidade apertada e aveludada em volta do meu pau.

Enlaçando meus braços em torno de suas costas, nos levei até o sofá, mantendo-a firme contra mim e aumentando minha tortura. Seus lábios traçaram minha mandíbula e meu pescoço. Minha pulsação saltou sob sua língua enquanto ela a passava ao longo da veia do meu pescoço.

— Você tem um gosto muito bom e cheira ainda melhor. — Sua respiração deslizou sobre a faixa molhada que ela tinha feito na minha pele.

Meus dedos se afundaram em sua bunda quando me ajoelhei e a deslizei para a beira do sofá. Não deixando ela se orientar, eu levantei suas pernas e dei-lhe um sorriso torto.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

Ela tentou se apoiar nos cotovelos quando levantei suas pernas sobre meus ombros, mantendo meus olhos nela enquanto eu passava minha língua ao longo dos grandes lábios de sua boceta. Seus olhos se fecharam como se o prazer fosse forte demais para mantê-los abertos.

Me sentando nos meus calcanhares, eu a puxei ainda mais perto de mim. Seu gosto era viciante e eu só tinha tido uma pequena amostra. Seus olhos estavam arregalados e sua boca se abriu quando eu chupei seu clitóris, me deliciando com seu sabor doce.

Enfiando dois dedos, eu gemi quando sua buceta apertou ao meu redor com uma tensão suave e sedosa. Seus dedos cravaram no sofá e ela fez um pequeno som no fundo da garganta. Cerrei os dentes quando meu pau implorava por atenção.

Envolvi meus dedos em torno de sua coxa macia para mantê-la onde eu a queria enquanto pressionava meu polegar contra seu clitóris, dando-lhe o prazer que ela precisava.

As coxas dela se apertaram em minha cabeça e eu sabia que tinha atingido o lugar certo. Ela gritou e tremeu quando seu orgasmo rasgou através dela. Sorri com o puxão no meu cabelo. Eu não aguentava mais e soltei sua perna. Ela caiu no sofá pronta para ficar parada para que eu pudesse sentir seu gosto ainda mais.

Abaixando minha mão, acariciei meu pau tenso e latejante, passando as mãos sobre a ponta, lambuzando com pré-sêmen ao redor. Eu estremeci. Doce, doce Kara. Eu precisava de mais, porém estava me segurando, prolongando isso.

Ela gritou quando eu passei minha língua na sua boceta e todos os músculos de seu corpo se tensionaram antes de arquear as costas do sofá. Ela estremeceu, tremores assolando por todo o seu ser. Eu deixei suas pernas caírem, passando minhas mãos ao longo de suas coxas. Seus olhos estavam fechados e seus lábios se abriram enquanto ela tentava formar palavras. O brilho das luzes da rua atravessou as persianas e a pintou em luz e sombra.

— Você é… — Ela umedeceu os lábios secos. — Você é realmente bom nisso. — Seu peito subiu empurrando aqueles belos seios para cima. Ela abriu os olhos com uma sobrancelha levantada de brincadeira.

— Haverá um formulário de opiniões no final da noite para uma revisão completa da sua noite no Chez Heath.

— Eu já posso te dizer agora. É uma experiência de cinco estrelas. — Ela me lançou um sorriso preguiçoso e lambeu os lábios novamente. — Me dê, tipo, cinco minutos e eu retribuirei o favor.

Balancei minha cabeça e enfiei a mão no bolso de trás, puxando minha carteira e pegando uma camisinha. — Há apenas um lugar que eu quero entrar e com certeza não é na sua boca. Pelo menos, não agora. — Coloquei a camisinha e subi no sofá ao lado dela, levantando-a e colocando ela no colo de frente para mim com meu pau aninhado entre os cachos macios que cobriam sua vagina. Seu núcleo quente estava tão perto quando meu pau com camisinha deslizou através de sua umidade.

Eu coloquei meus lábios em sua clavícula e ela colocou os dedos em volta do meu cabelo, segurando minha cabeça em seu corpo e tentando mover seus quadris para me levar para dentro. Eu ri contra sua pele, a mordiscando.

Ela puxou minha cabeça e passou os braços em volta do meu pescoço, deixando nossas bocas a apenas alguns centímetros de distância. — O que faz você pensar que haverá uma próxima vez?

— Você ainda precisa que eu te convença disso? — Afundei meus dedos em sua pele macia, apertando sua bunda e massageando seu corpo. Minhas mãos formigavam em antecipação de prepará-la para a segunda fase da nossa noite juntos. Ela tinha um sabor mais doce do que qualquer mulher que eu já provei antes. A sensação dela envolvida em mim seria incomparável.

— Acho que preciso.

Se ela precisava se convencer, então eu estava pronto, disposto e capaz de lhe dar tudo o que eu tinha que dar. Desde o segundo em que tinha entrado no bar, conversar com ela tinha sido a única coisa em que me concentrei. Depois de conversar veio o toque. Ainda não era suficiente e a degustação só conseguiu aumentar o desejo palpitante. Erguendo-a, olhei para baixo entre nós, hipnotizado por me ver na sua entrada. Se ela precisava se convencer, eu estava preparado para convencê-la a noite toda.

6

KARA

Ele inclinou a cabeça para o lado e me puxou até ele com a mão na parte de trás do meu pescoço, brincando com meu cabelo enquanto ele devorava outra parte de mim. Eu podia sentir meu gosto em seus lábios, misturado com ele, e era viciante. Minha cabeça ainda estava girando pelo modo que ele tinha me feito gemer e gritar.

Eu tive um bocado de caras me chupando, mas nenhum jamais tinha estado tão entusiasmado ou comprometido quanto Heath. De jeito nenhum ele não tinha dado o seu melhor. Se ele não tivesse dado, provavelmente, eu morreria na próxima vez que ele fizesse isso, porque meus lábios ainda estavam meio dormentes do quão forte eu os mordi quando gozei. E aí estava essas palavras novamente. *Próxima vez.* Explosivo nem era a palavra. E agora eu estava querendo ainda mais.

Movendo meus quadris, levantei e me abaixei lentamente sobre ele. Nós dois estremecemos e gememos quando a cabeça de seu pau pressionou contra a minha entrada. Ele me levou ao limite e eu ofeguei e gemi quando ele estava totalmente dentro de mim, minha bunda em seu colo.

— Ok, você está certo, definitivamente haverá uma próxima vez. — Minhas palavras saíram entrecortadas quando eu as cuspi, tentando formar um pensamento coerente. Ele passou as mãos em volta de mim, me mantendo pressionada contra seu peito. Seus

braços e pernas musculosos eram uma combinação poderosa. E ele os usava com maestria.

Ele levantou os quadris, empurrando em mim. Eu me segurei, fazendo o meu melhor para dar a ele tanto prazer quanto ele me deu. Abaixando os quadris, deixei o prazer crescente passar através de mim. Meus dedos do pé se curvaram quando ele mudou de ângulo e arrastou a cabeça contra a parede frontal da minha boceta, quase me enviando para um espiral de prazer tão bom que doeu. Nós dois estávamos querendo nosso grande prêmio que era um orgasmo explosivo pronto para me atirar para a estratosfera. E eu estava pronta.

— O que você precisa, Kara? — Ele beliscou meu lóbulo da orelha e eu tremi contra ele.

Meus dedos cravaram em seus ombros e eu balancei meus quadris. Faltava uma coisa. Ainda éramos tão novos e frenéticos juntos. Eu sabia com o ângulo e a posição que ele não poderia me dar esse último pouquinho e não tive problemas em fazer o que precisava para gozar. As costas da minha mão roçaram seu estômago enquanto meus dedos mergulhavam entre nós. Ele viu quando eu esfreguei meus dedos no meu clitóris.

Seus olhos estavam em mim, consumindo meus gemidos. Um simples toque era tudo o que eu precisava. Luzes ofuscantes e felicidade dos dedos dos pés percorreram meu corpo tão rapidamente que pensei ter distendido um músculo.

— Eu amo uma mulher que sabe o que ela precisa. — Ele rosnou contra o meu pescoço. Seus braços se apertaram ainda mais quando minha cabeça caiu para trás, tonta com a intensidade. Nossos corpos estavam presos juntos um do outro, quando seu pau pulsou dentro de mim, derramando no preservativo. Eu não tinha dúvida de que ele tinha guardado meus movimentos na memória para a próxima vez.

Sentamos em nosso abraço congelado, ofegando um contra o pescoço do outro até que eu tive uma cãibra na panturrilha e tive que sair. Levantando-me, eu gemi quando ele saiu de mim, a evidência do meu prazer o cobrindo. Minhas bochechas esquentaram e enfiei algumas mechas de cabelo soltas atrás da orelha.

Ele se levantou e caminhou em minha direção com um sorriso malicioso.

— Perfeito. Vamos para a cama.

Embora a sensibilidade tivesse voltado recentemente para minhas pernas, eu realmente não estava com vontade de dormir. Os cantos da minha boca se abaixaram.

— Eu não disse para ir dormir. — Ele riu e bateu o dedo no meu nariz. — Eu pensei que seria muito mais fácil fazer o que eu tinha em mente numa cama do que tentar fazê-lo na mesa de café. Mas se você prefere a mesa, eu sempre posso mudar as coisas.

— A cama parece ótima. — Esfreguei minha panturrilha dolorida.

— Incrível. — Ele pegou minha mão e me levou da sala de estar. Eu tinha a visão perfeita de sua bunda enquanto atravessávamos a sala enorme. Era musculosa e tonificada, levando até as coxas poderosas. Ele foi moldado como um atleta e fiquei agradecida por cada sessão de treinamento que ele teve.

— Você está me examinando? — Ele olhou por cima do ombro enquanto passava pela porta do quarto e minhas bochechas esquentaram, mas eu segurei seu olhar.

— Quero dizer, você tem um corpo maravilhoso. Eu não posso nem mentir sobre isso.

Ele jogou a cabeça para trás e riu, me puxando contra ele.

— Eu amo seus elogios. Por acaso você tem mais algum para mim? — Ele se sentou na cama, recostando-se nos braços, me deixando absorvê-lo.

Eu dei um passo à frente entre suas pernas abertas.

— Na verdade, eu tenho. Eu realmente gosto da vibe de surfista-loiro desgrenhado que você tem. É bem atraente. — Eu arrastei meu dedo pelo peito dele. Um peito rígido e musculoso sem ser demais. Ele não é um cara grande e volumoso, mas ainda é o tipo forte que pode me prender na parede e me foder até a semana que vem.

— Continue. — Ele sorriu.

— E você tem essa coisa incrível que é o decote de pau.

Ele soltou uma risada e se sentou mais reto. — O que? — Ele olhou para si mesmo. Descansando minhas mãos em seus ombros, eu o empurrei para trás até que ele se apoiou nos cotovelos

novamente. Eu me ajoelhei na frente dele. A risada sumiu de seus olhos, enquanto eu passava meus dedos pelos seu abdômen, substituída por um fogo que fez meu estômago dar pequenos giros.

Deslizei meus dedos para baixo, traçando aquele contorno impressionante em seus quadris, levando direto para a parte dele que parecia muito interessada em minha nova exploração.

— É isso que eu chamo de decote de pau. Mas muito mais obsceno do que um decote normal. Que leva a isso. — Eu usei um braço para apoiar meus seios como uma prateleira e o brilho de seu desejo ardeu ainda mais. Mordendo um sorriso, deixei meus dedos dançarem mais baixo ao longo de sua pele. — E o decote de pau leva para algo um pouco mais tentador. — Baixando meus olhos para a cabeça grossa na minha frente, passei minha mão em torno de seu comprimento e Heath respirou fundo. Lambi meus lábios repentinamente secos.

— O quanto você está tentada? — Suas palavras saíram num sussurro enquanto eu lentamente trabalhava minha mão para cima e para baixo, deixando meu polegar roçar a cabeça a cada movimento.

— Estou bastante tentada. — Eu levei minha boca a menos de um centímetro da cabeça dele.

— Existe algo que eu possa fazer para tentá-la ainda mais? — Seus músculos da coxa se contraíram e ele mexeu os quadris.

— Você poderia dizer por favor.

— Porra, por favor. — As palavras mal saíam da boca dele quando envolvi meus lábios ao redor da cabeça de seu pau. Continuei descendo até o mais longe que pude, usei minhas mãos para compensar a diferença enquanto elas se moviam junto. Heath juntou meu cabelo em suas mãos e os juntou em cima da minha cabeça. Seus dedos envolveram o rabo de cavalo que ele criou enquanto me ajudava a encontrar o ritmo que precisava.

Correndo minha língua em torno de sua cabeça, eu me aproveitei do poder de seus gemidos e grunhidos, o que enviou uma emoção inebriante através do meu corpo. Eu o fiz ficar tão necessitado quanto ele me fez. Incapaz de me conter, eu estiquei uma mão e esfreguei meu clitóris, cantarolando de prazer enquanto o dava o dele.

— Cristo, Kara. Você está se masturbando enquanto me chupa? — Suas palavras saíram tensas e falhas. Eu assenti e continuei, seu pau deslizando dentro e fora da minha boca. — Isso é sexy pra caralho! — Ele se mexeu, tentando ter uma visão melhor e eu lutei para não rir. Nunca tive esse problema antes. Ele era como um filhote de cachorro energético, e tinha um membro impressionante e poderia me dar um orgasmo em dois minutos. Eu deixei meus dentes roçarem nele e ele quase pulou da cama.

— Eu acho que você está tentando me matar. — Ele me levantou e me virou, me curvando sobre a beira do colchão. Meu cabelo caiu sobre o meu rosto e o afastei, olhando por cima do ombro.

— Eu não acho que sou a única. — Sorri e ele piscou para mim.

Como um mágico, ele colocou a camisinha antes que eu pudesse fazer uma piada e deslizou para dentro de mim novamente. E então não houve brincadeira. Tinha apenas a cabeça contundente de sua masculinidade entrando em mim como se já não tivéssemos feito sexo há pouco tempo.

Suas mãos envolveram meus quadris, usando seu peso como alavanca para empurrar em mim. Tudo em mim estava centrado em torno dele me enchendo e me esvaziando, cada impulso tão terrivelmente requintado que me esforcei para arrastar o ar para os meus pulmões. No limite de prová-lo, eu não estava longe de chegar no clímax. Quando a mão dele deslizou das minhas costas para o ombro e me agarrou com mais força, a maneira como ele possuía meu corpo, usando-o para aumentar nosso prazer, me deixava tonta. Zonza, combinada com um latejante, sufocante tipo de sensação que me prendia-na-cama.

— Seu corpo é bom demais. Excitante pra um caralho. — Ele pontuou cada palavra com um impulso e isso foi o suficiente para me atirar no limite. Enterrando meu rosto nos cobertores, eu cerrei minhas mãos em torno deles e gritei meus agradecimentos e apreço.

Meus braços e meu corpo desabaram, mas Heath continuou, não me deixando sair do lugar que eu pensei que você poderia viver apenas por segundos, não minutos a fio. E então ele grunhiu atrás

de mim, seus músculos tensos quando ele se expandiu ainda mais e encheu o látex entre nós.

Nós caímos em uma pilha na cama. Nosso suor se combinou e a sensação vertiginosa retornou assim que eu pude sentir todos os meus membros novamente. Heath brincou com meus mamilos e eu nem pensei em impedí-lo. Ele estava em uma missão sexual para me deixar completamente louca e estava funcionando. Eu nunca tive ninguém tão afim dos meus seios antes. Eu tinha bastante volume e várias vezes tentei esconder, porque peitos fartos não ganhavam nenhum prêmio quando se tratava do mundo académico. Mas ele não deu apenas um aperto agradável e seguiu em frente.

— Devemos tomar um banho. Vamos. Vamos lá.

Eu gemi quando ele pegou minha mão e me levantou da cama, guiando-me para o banheiro. O quarto era generoso. Era mais uma suíte. Portas de correr escondiam a área do quarto. E o banheiro tinha portas para a sala e o quarto. Era o tipo de aparência moderna, limpa e clássica, que você esperaria de um hotel como este. Ele ligou o chuveiro e me puxou para dentro.

Ele já tinha aprendido mais sobre mim do que os caras quem eu tinha namorado antes. Ele estava em sintonia com a linha que ia direto dos meus mamilos para o meu clitóris pulsante, ele passou os braços em volta de mim por trás e beliscou-os. Ele estava tocando meu corpo como um instrumento que ele havia praticado há anos e nos conhecemos a menos de duas horas atrás. Eu normalmente estaria enlouquecendo com isso, mas quando ele passou as mãos sobre o meu corpo, nada além de sexo ardente e molhado passou pela minha mente.

Puxando-me para o chuveiro, ele ficou atrás de mim. Com minhas costas pressionadas contra seu peito firme, suas mãos me mantendo exatamente onde ele me queria. Uma de suas mãos percorreu meu corpo, segurando minha boceta. Minha cabeça pendeu no ombro dele enquanto seus dedos trabalhavam juntos, tocando meu clitóris em um ritmo que ele conhecia.

— Esse é o seu plano? Me matar com orgasmos?

— Estou fazendo o possível para convencê-la de que será necessário repetir a performance.

— Estou mais do que convencida. A esse ponto, estou começando a pensar que você é louco.

— Não podemos ter isso agora, podemos? Vou ter que continuar até voltarmos para "garantia da próxima vez".

Seu pau pressionou contra a minha bunda, mas toda vez que eu tentava me mover e me inclinar para a frente, pronta para ele, ele me apertava mais contra ele. Era como se ele estivesse gostando da tortura sexual que vinha ao me dar todo o prazer que eu podia suportar.

— Como se sente, Kara? — Sua voz era profunda e decadente como um bom pedaço quente de bolo de chocolate.

— Bem.

— Só bem? — Ele roçou meu pescoço com os dentes. — Vou ter que consertar isso. — Ele afundou os dedos em minha boceta. Não sei se eram dois ou três, mas eles estavam trabalhando juntos, me levando à beira do meu orgasmo.

— Estou morrendo. Eu acho que estou morrendo. Seus dedos são armas letais.

— É isso aí. — Ele colocou os dedos dentro e fora de mim até meus joelhos cederem e ele teve que segurar totalmente o meu peso. Ele não vacilou nem por um segundo, me segurando enquanto os solavancos de eletricidade rasgavam meu corpo e eu gritei seu nome. A água que flui do chuveiro e minha respiração ofegante foram os únicos sons no banheiro.

Com uma esponja e um pouco de sabão, Heath levou um tempo, lavando-me antes de desligar a água e me envolvendo em uma toalha felpuda e uma outra para as pontas do meu cabelo. Eu tinha conseguido me esquivar e evitar que meu cabelo ficasse encharcado.

Ele me guiou de volta para a cama e me sentei. Mordi meu lábio. Fazia um tempo desde que fiz algo parecido isso. Nós tínhamos feito a coisa da cama, ele não tinha dito nada sobre dormir. *Eu me visto e saio? Ou talvez saio de manhã?*

Ele se arrastou para baixo das cobertas na cama e bateu ao seu lado.

— Você vai dormir aqui, certo? — Passando a mão pelo lado do meu rosto, ele olhou nos meus olhos. Eu assenti, não confiando na

minha voz. *Por que diabos não?* Ele era o que eu precisava. A mistura certa de sexy para caralho e engraçado. Sair hoje a noite foi a melhor decisão que tomei em muito tempo.

— Entra aqui para não ficar com frio.

Acho que ia ficar então.

— Meu cabelo ainda está molhado. — Eu levantei as pontas e enrolei a toalha em torno deles. Eu esperava que não ficasse um ninho de rato de manhã.

— Está tudo bem. Vou mantê-la aquecida.

De repente, me sentindo um pouco constrangida, soltei minha toalha e corri para a cama. Ele se ajeitou ao meu lado e passou os braços em volta do meu corpo, minhas costas contra ele.

— Eu me diverti hoje à noite. — Suas palavras fizeram cócegas no meu ouvido. Inclinei minha cabeça para olhar para ele.

— Eu também. — Eu realmente me diverti. Como os raios de luz que atravessam um dia que você nem tinha percebido estar nublado, Heath me fez sorrir de uma maneira que eu não sabia ser possível.

— Eu gostaria de vê-la novamente. — Ele colocou um pouco do meu cabelo úmido atrás da orelha.

Meu coração acelerou e não pude evitar o sorriso que surgiu no meu rosto. Eu assenti. — Eu gostaria disso também. — Era disso que eu precisava mais. Alguém como Heath. Alguém tão aberto e feliz que era difícil não ser nem um pouco contagiada, além do sexo ser fenomenal. Eu tinha corrido um risco e não tinha se voltado contra mim. Sendo ousada, sentei-me e afastei os cobertores.

— O que foi?

— Eu preciso do meu celular. — Uma explosão de coragem me obrigou a enfrentar o que eu estava fugindo.

— Ok… — Ele levantou uma sobrancelha para mim. — Provavelmente está perto da porta.

Deslizei para fora da cama e peguei o celular. Digitando uma mensagem que eu provavelmente não seria corajosa o suficiente para enviar de manhã, pressionei enviar antes que pudesse mudar de ideia.

Coloquei meu celular em cima da mesa e voltei para o lado dele.

— Isso foi um alerta para o seu esquadrão que eu estou exausto e eles podem preparar a remoção do órgão?

Eu ri e me aconcheguei ao lado dele quando ele afundou na cama.

— Não, eu estava fazendo algo que não consegui fazer antes, mas precisava ser feito. Eu precisava de um pequeno empurrão.

— Se você diz. — Ele beijou a lateral do meu rosto, bem no meu sinal de nascença e descansou a cabeça acima da minha.

Correndo meus dedos ao longo de sua pele, eu tracei algumas das palavras que se recusavam a deixar minha mente. *Inesquecível. Implacável. Inegável.*

Eu não me importaria em fazer isso de novo. *Qual é a pior coisa que pode acontecer?*

7

HEATH

Eu juro que havia pássaros cantando do lado de fora da minha janela, apesar de estarmos no 8° andar e já ser inverno. Houve uma tentação de nem mesmo abrir os olhos, ficar na cama o dia todo, mas nós tínhamos um jogo um pouco mais tarde.

Esticando a mão para o meu lado, abri uma pálpebra, abrindo-a completamente quando vi que ela não estava lá. Seu lugar ainda estava quente. Sentei-me e vi o bilhete azul no travesseiro ao meu lado.

Estiquei meus braços acima da cabeça, aproveitando a dor dos meus músculos fatigados. A noite interminável de prazer e exploração sexual tinha me destruído ainda mais do que meus treinos intensos. Provavelmente usando todos esses músculos diferentes. Mas foi a malhação com Kara que eu mal podia esperar para fazer de novo. Ela tinha sido tão aberta e sabia o que queria. Não havia preocupação em fazer algo que ela não gostasse, porque eu não tinha dúvida de que ela me diria exatamente o que pensava.

Depois de termos usado a maior parte dos preservativos que tínhamos entre nós dois, caímos em uma pilha na cama. O cheiro suave de sabão e sua doçura tinham preenchido o quarto. Envolvendo meus braços em volta dela, eu tinha adormecido com Kara deitada em meu peito. Seus cabelos úmidos e ondulados se espalharam ao seu redor.

Seus dedos haviam percorrido minha pele do estômago até o peito, cada movimento de sua mão ficando mais lento até parar e seu peito subir e descer suavemente. Puxando os cobertores um pouco mais alto, eu tinha deixado meus olhos se fecharem e meus sonhos foram preenchidos com a mulher que tinha comandado minha atenção desde o segundo em que eu olhei para ela.

Eu abri um sorriso quando li o bilhete e vi o número dela no final. Traçando a letra dela com o dedo, saí da cama e peguei meu telefone do chão perto da porta da frente. Inclinei-me para pegá-lo com um vívido passo a passo do que tínhamos feito bem perto e contra a porta de entrada piscando em minha mente.

Com o pedaço de papel na mão, desbloqueei meu telefone. Esse era um número que eu não queria perder. Salvei-o em meus contatos.

Havia uma parte de mim que tinha esperado acordar e ela ter ido embora sem dizer uma palavra. Eu queria que ela estivesse aqui de manhã, mas eu aceitaria o número dela como segunda escolha. Recolhi minhas roupas do chão na sala de estar. *Quando era cedo demais para ligar?* Menos de um dia provavelmente era demais. Não queria parecer um perseguidor. Eu daria um ou dois dias depois do Natal. Mas depois disso, todas as apostas seriam canceladas e Kara terá que se acostumar comigo por perto. A véspera de Ano Novo estava chegando e eu sabia pra quem queria ligar na virada.

Esse semestre seria insano com o final de nossa temporada de hóquei, finalmente assinando com o time da nossa cidade e encerrando as aulas. Quando as coisas eram importantes, você arranjava tempo, não importa o quê e eu tinha a sensação de que arranjar um tempo para ela seria a melhor decisão da minha vida.



— Por que tudo está tão barulhento? — Colm estava no centro do gelo, com a cabeça apoiada nas mãos em cima do taco, os óculos de sol no rosto, mesmo num lugar fechado. Se ele não tivesse dito nada, teria apostado 50% que ele estava dormindo em pé.

— Qual é o problema, maninho? Um pouco de ressaca depois da sua grande noitada? — Olivia gritou do outro lado da pista e Colm e Emmett estremeceram. Mak riu ao lado dela, segurando uma garrafa de água para Declan, e a namorada de Preston, Imogen, sentada no banco.

— Liv. — Saiu como um xingo abafado quando Colm ergueu os óculos de sol.

— O que foi? Saiu ontem à noite depois do horário de dormir? — Ela colocou as mãos em volta da boca para infligir uma dor mais concentrada.

A mão de Colm parou Ford quando ele passou.

— Me ajude aqui e faça com que ela feche a boca. Estou com muita ressaca para entrar no modo pai agora. — Seus dedos estavam firmemente enrolados na camisa de Ford.

— Vou lá falar com ela. — Grant, o irmão mais novo de Ford, se ofereceu, virando na direção. Colm apertou a mão no ombro de Grant e lançou-lhe um olhar mortal.

— *Ford*, vá falar com Olivia. — Colm manteve a mão em Grant.

Ford riu e deu um tapa nas costas de Colm, quase o derrubando antes de patinar através do gelo para Olivia. Por alguma razão, Colm sempre pensou que Grant tinha uma chance com Olivia e fazia questão de mantê-los sempre o mais afastados possível, mas ele parecia completamente alheio às cantadas que Liv fazia para Ford desde sempre. O sorriso dela imediatamente se iluminou quando ele se aproximou. Ela se inclinou enquanto ele falava com ela.

Declan me lançou um olhar e dei de ombros.

— Qual é a parada do Ford com a Olivia? — Preston patinou ao meu lado e levantei minha cabeça para ver se Colm tinha ouvido, mas ele estava na Terra das Ressacas e Náuseas.

— Nada. Eles são amigos. Se conhecem há muito tempo.

Seus lábios se voltaram para baixo, como sempre faziam quando ele pensava profundamente. — Se você diz. — Ele patinou e Declan abafou uma risada.

Todos nós tínhamos pego táxis para o estádio, pagos por Emmett, é claro. Tínhamos visitado aqui uma vez antes com ele, mas de pé dentro da pista tranquila e silenciosa, absorvendo a

energia do lugar, quase me derrubou. A maior parte do nosso trabalho em equipe de desenvolvimento era no ringue em Jersey. Não vínhamos muito ao estádio, mas mal podia esperar por tudo isso em apenas alguns meses. Eles tiveram um jogo de exibição na noite anterior, então os persuadimos a nos deixar ter algum tempo na pista.

— Esses são os lendários King dos quais já ouvi falar tanto? O que aconteceu com vocês? Eu pensei que isso não seria uma luta justa, mas parece que podemos acabar com vocês usando um patins só, sem problemas. — Preston sabia como irritá-los. Seus talentos incluíam quando mimar, quando dar um empurrãozinho com as duas mãos e quando precisava acordar para a vida.

O resto dos Knights chegaram e foram para o gelo. Emmett, Declan e Ford gemeram e vestiram seus capacetes. Grant patinava em volta de todos, atraindo mais alguns olhares de Colm. Todo mundo que saiu na noite passada estava em alguma fase de ser um morto-vivo.

Olivia patinou no gelo com um apito preso entre os lábios. Os olhares de horror desprezível nos rostos de todos quando ela o segurou entre os dentes com o disco na mão me fizeram rir.

Ela ficou na frente do irmão. — Pronto, Colm?

— Olivia, juro, vou comprar aquele novo guarda-roupa hoje, se você não apitar. — Os olhos dele imploraram para ela.

— Vale super a pena! — Ela sorriu e levantou o braço no ar, soprou o apito o mais forte que pôde e jogou o disco no gelo.

Preston enfrentou Colm e facilmente tirou o disco dele. Os Knights estavam menos ressaca do que eu tinha pensado. Colm e Emmett estavam se arrastando. Foi um jogo mais lento e amigável, mas Preston não teve problemas em colocar o disco na rede.

Emmett patinou até Preston quando o tempo terminou. — Preston, aonde você vai jogar no próximo ano?

Todos nós nos debruçamos sobre o banco, suando mais do que o habitual. Mak e Olivia distribuíram sanduíches de café da manhã com um monte de bacon, como enfermeiras da Guerra Civil que cuidavam dos feridos.

— Em lugar nenhum. — Preston mordeu seu sanduíche.

— Por que diabos não? — Emmett jogou o taco no chão e pegou um sanduíche embrulhado em papel alumínio.

— Às vezes, há coisas mais importantes na vida do que hóquei. — Ele inclinou a cabeça, um pequeno sorriso nos lábios para sua namorada, Imogen, que sorriu de volta. Não tínhamos sido capazes de arrancar dele, nos últimos quatro anos, o porquê diabos ele não ia jogar profissionalmente. Ele disse que era porque havia entrado em nosso time sem receber bolsa de atleta, mas os que não tinham talento não entravam no time, muito menos se tornavam capitão.

— Mas isso não quer dizer que eu ainda não vá lá e, depois, limpe o chão com todos. Vamos, senhoras.

Os Kings gemeram, largando as embalagens de sanduíche no banco.

Os Knights já estavam de pé e no gelo quando Colm deslizou as luvas de volta.

— Eu sei que vocês estão de ressaca e provavelmente querem vomitar agora. — Me inclinei com as mãos nos ombros deles.

Os caras assentiram e resmungaram.

— Mas quando foi a última vez que todos nós fomos para o gelo juntos? Quando diabos teremos a chance de novo? Faz muito tempo e a vida só vai ficar mais movimentada quando nos formarmos e todos virarmos profissionais. — A intensidade do que esse jogo significava para nós queimava no meu peito. Era como ser transportado de volta no tempo.

Era um jogo amistoso, mas eu precisava deles lá comigo na mesma página, patinando juntos. O que quer que aconteça durante o resto da temporada, esse seria o jogo que todos nos lembraríamos. Finalmente, depois de quase quatro anos separados, tínhamos voltado ao gelo ao mesmo tempo. Eu só queria que Kara pudesse estar sentada na caixa como Mak e Imogen.

Esse pensamento me cegou.

Ela pareceu tão tranquila na noite anterior, descansando em mim e eu estava ansioso para ligar para ela. Talvez, depois do jogo. Eu escondi meu telefone profundamente na minha bolsa de ginástica para não ser tentado.

— Olhe para Heath ficando todo Coração Valente conosco. — Declan levantou-se do banco.

— Hoje temos a chance de mostrar a vários jogadores arrogantes exatamente o motivo de sermos os Kings de Rittenhouse até o dia em que morrermos. Vocês estão prontos? — Eu disse isso em um sussurro feroz.

Alguns *sims* lamentáveis vieram do banco.

— Eu não consegui ouvir. Eu perguntei, vocês estão prontos? — Gritei.

Uma rodada de *sims* mais entusiasmados veio dos caras.

— Então vamos lá e vamos mostrar para eles como é enfrentar o bando dos Kings!

Saímos do banco e fomos para o gelo. O rosto de Colm não estava mais da cor de musgo, ele não estremeceu quando Olivia tocou o apito. Ele foi o primeiro a sair e tomou posse, parecendo o que costumávamos ver na TV. Ele trabalhou com Declan, voltando ao nosso ritmo antigo e marcou nosso primeiro gol.

— Agora é disso que estou falando! — Passei por ele com a mão levantada. Ele me cumprimentou e passamos o resto do jogo mostrando à minha equipe atual exatamente o porquê tínhamos dominado no ensino médio e todos nós estaríamos jogando profissionalmente.

Cada um de nós havia aperfeiçoado e melhorado com o tempo, mas ainda assim caímos voltamos aos velhos tempos, onde todos parecíamos saber o que os outros estavam pensando e reagimos antes que mais alguém soubesse o que estava acontecendo.

O resultado final foi de 6-3. Preston encostou-se nas tábuas com o braço em volta de Imogen, que não parecia se importar em ser envolvida por um jogador de hóquei suado e bufante.

— Esse foi um jogo do caralho. — Preston engoliu um pouco de água e terminou com um suspiro.

— Claro que foi, cara. — Emmett apareceu e bateu a mão na de Preston. — Tem certeza de que não quer se profissionalizar?

Preston olhou para Imogen. — Tenho certeza.

— Bem, isso é uma pena. — Colm se levantou e apertou sua mão.

— Não, está tudo bem.

— Vocês querem ir ao Threes para umas bebidas? — Declan levantou a cabeça de onde estava se concentrando em desatar os

patins.

Todo mundo gemeu. Mak trabalhou como garçonete no Three Streets, o bar de esportes ao lado do estádio de hóquei.

— A gente só cura ressaca bebendo de novo, certo? — Mak ofereceu com um sorriso perverso.

Ford retrucou. — De jeito nenhum. Mas eu poderia devorar um hambúrguer agora.

— Vai ser o Three, então. — Disse Preston, reunindo todos como um bom capitão.

Os caras entraram no vestiário e se trocaram. Cruzamos rapidamente o estacionamento, nos jogamos numa cabine no Threes e pegamos uma mesa extra ou duas. Estava vazio, já que a maioria das pessoas tinha ido para casa para as festas de fim de ano. Amamos ter o lugar para nós mesmos.

Eu olhava para o meu telefone de vez em quando, conforme a vontade de ligar para Kara aumentava. Me mantendo firme, eu não digitei o nome dela, me provocando na lista de contatos. Era muito cedo, beirando o nível de perseguidores era o quanto eu queria ligar para ela. Guardei meu telefone. Tranquilo.

Eu tinha tempo.

8

KARA

O sol da manhã me cegou quando saí correndo do hotel. Um sopro branco de ar pairava na frente do meu rosto. Era decididamente menos sexy do que tinha sido na noite anterior.

Pelo menos as ruas estavam quietas do lado de fora e não havia ninguém por perto para me ver correndo do lugar para não congelar minha bunda. Bati minha mão na minha testa e estremeci. Ele poderia ter sido um louco psicopata. Eu nunca fiz a caminhada da vergonha, mas tinha certeza de iria fazê-la agora.

O porteiro chamou um táxi.

Meu alerta de mensagem tocou no celular.

Jason: Stevenson vai lhe dar um trabalho extra nesse semestre.

Eu: Ok, então por que você está me dizendo e não a Profª. Stevenson?

Jason: Pensei que um amigo avisaria.

Eu não acho que ele sabia a definição da palavra amigo.

Eu: Obrigada pela informação.

Jason: Você poderia ficar um pouco agradecida.

Revirei os olhos com tanta força que pensei que eles poderiam ficar permanentemente na parte de trás da minha cabeça. Eu nem ia responder a isso. Nunca ter saído com ele foi a melhor decisão que já tomei na minha vida.

No momento em que o táxi parou em frente à minha casa e entrei na ponta dos pés, eu já tinha feito uma avaliação de saúde mental e riscado a noite passada da minha cabeça.

O estresse era uma coisa infernal. Entre a minha prova e a carta de Angie, não era de se admirar que eu estivesse mal. A cafeteira automática estava ligada e o cheiro me parou. Esforçando-me para ouvir qualquer movimento, entrei na cozinha e me servi de uma enorme caneca de café. Espirrou um pouco na minha mão e xinguei baixinho, sacudindo o café escaldante da minha pele. Sem tempo para leite ou açúcar, bebi enquanto subia as escadas.

Atravessando a porta do meu quarto, encostei-me na madeira e gemi com o cheiro celestial. Talvez a cafeína chegasse às minhas veias através da inalação. No segundo em que a porta do meu quarto se fechou, a do meus pais se abriu. Mamãe iria descer as escadas para o desjejum familiar de sábado. Era tradição.

— Kara — Houve uma batida suave na minha porta.

— Sim. — Eu tentei fazer minha voz alerta.

— Preciso correr à loja primeiro para pegar mais ovos para o café da manhã; esquecemos na noite passada. Você precisa de algo? — Sua voz doce fez eu me amaldiçoar.

— Não, eu estou bem.

— Vou fazer rolinhos de canela, então o café da manhã será em algumas horas. Se você estiver com fome, tem alguns biscoitos lá em baixo.

— Ok, obrigada por me avisar.

Seus passos se afastaram da porta. A tensão em meu corpo diminuiu um pouco. Pelo menos poderia desmaiar por mais ou menos uma hora. Um cochilo era o que eu precisava. Depois que a porta da frente se fechou, entrei no chuveiro e vesti meu pijama de Natal. Onde mamãe encontrou tantos conjuntos iguais estava além de mim, mas a flanela macia era o que eu precisava. Flanelas de rena e uma grande caneca de café.

Acionei um despertador no celular e me encolhi como uma bola, agarrada no travesseiro. Deixando meus olhos se fecharem, gemi no travesseiro quando imagens da noite anterior me bombardearam. Os olhos de Heath fixados nos meus. Suas mãos no meu corpo e sua boca em todos os lugares. Apertei minhas coxas, mas não

parou a dor lá. Seus braços em volta de mim foram a última lembrança lúcida antes de eu me afundar mais na suavidade da minha cama.

O despertador tocou logo depois que fechei meus olhos. Grogue, estendi a mão, tentando encontrar o meu celular para poder quebrá-lo ao meio. Talvez um cochilo não tenha sido uma boa ideia. De alguma forma, me senti pior do que antes de dormir.

Minha boca tinha um gosto que parecia que eu havia limpado o chão do bar com a minha língua e a dor entre as minhas pernas ainda estava lá. Era o que acontecia quando eu ia a um quarto de hotel com um estranho gostoso e sensual que tinha conhecido no bar. O cheiro de canela e açúcar flutuavam por debaixo da minha porta e meu estômago roncou. Café preto com o estômago vazio tinha sido um erro.

Por que eu disse a ele que era escritora? Por que eu não disse: *"Oi, eu sou Kara, uma estudante de bioquímica, a caminho do doutorado mais chato do mundo? Você já ouviu a alma de alguém ser sugada enquanto eles estudam dez horas por dia? Não, bem, você vai poder ouvir quando eu voltar para a biblioteca em uma semana."*

Meus dedos coçavam para pegar meu diário e transformar esses sentimentos em palavras, mas eu não podia fazer isso. Não depois de tantas vezes que tive sessões de escritas compulsivas após acordar com uma Angie frenética, de manhã cedo, ainda-bêbada-da-noite-anterior.

Absolutamente nenhuma escrita hoje.

Mas as palavras não paravam de fluir pelo meu cérebro, como se estivessem me torturando por não passá-las para o papel.

Peguei meu celular na mesa de cabeceira e verifiquei as mensagens. Algumas mensagens de Sam e Anne, juntamente com fotos da noite anterior.

Havia também um email na minha caixa de entrada. As coisas estavam calmas com a pausa de final de ano, então eu abri e quase deixei o telefone cair no chão quando vi a mensagem. E então tudo voltou correndo para mim. Minha mãe. O e-mail. Era como se eu estivesse tentando esconder isso de mim mesma.

Eu tinha enviado um e-mail para ela na noite anterior.

Olá Angie,

Espero que você realmente tenha mudado e gostaria de encontrá-la.

Kara

Foi isso, e sua resposta foi quase imediata.

Kara!

Fiquei incrivelmente feliz por ver que você respondeu. Eu estava com tanta saudades. Estou disponível quando e onde você quiser me encontrar. Só falar a hora e a data que estarei lá. Eu te amo muito e mal posso esperar para vê-la novamente.

Minha garganta se fechou enquanto o peso da vida comprimiu tanto meu peito que encher meus pulmões era uma luta. Não podia nem culpar as bebidas. Eu *queria* encontrá-la ontem à noite. Com Heath, me senti mais corajosa do que antes, encorajada a ir em frente. Sua atitude me contagiou e enviei a mensagem.

Mas, à luz do dia, vi que era uma ideia estúpida momentânea. Eu tinha uma ótima vida aqui. Tinha uma família maravilhosa e não diria a eles que não eram suficientes concordando em vê-la. Isso não iria acontecer. Eu não estava pronta para abrir aquela porta do passado, quando nem sabia se conseguia aguentar as coisas aqui e agora.

E se eu a convidasse para minha vida e ela me puxasse para baixo novamente como antes? E se Carla e Mike pensassem que não eram suficientes ou eu quisesse a conexão com minha mãe biológica, porque não sentia algo com eles? Abri o e-mail de novo e cliquei em "Responder".

— Kara, você acordou? — Mamãe bateu na minha porta e a abriu.

Coloquei meu telefone debaixo da perna. — Ei, mãe.

Seu sorriso largo e caloroso tornou minha decisão ainda mais fácil. Eu não ia estragar tudo e me arriscar com alguém que tinha me machucado mais de uma vez e cuja presença provavelmente jogaria uma granada na minha vida novamente.

— Estou prestes a tirar os rolinhos de canela do forno. Você vem?

— Claro.

Meu celular tocou na cama quando cheguei à porta.

— É o seu celular? — Mamãe parou. — Você quer atender?

— Não, tenho certeza que não é nada. Eu preferiria comer deliciosos rolinhos de canela do que me preocupar com o meu celular. Posso colocar minha própria calda? — Eu a segui escada abaixo.

— Só depois que Lauren e seu pai pegarem o deles. A última vez que você se serviu primeiro, quase não sobrou.

Dei de ombros. — O que posso dizer? É tudo culpa sua por tornar a cobertura de cream cheese tão deliciosa.

— Sempre posso te mostrar como fazer .

— Não acho que seria seguro. Eu estaria pesando cerca de 220kg no verão.

Ela riu e entramos na cozinha. Papai e Lauren já estavam enchendo seus pratos. Havia rolinhos de canela, frutas frescas, rabanadas, ovos e bacon. O café da manhã dos campeões. Meu estômago enjoado roncou, pronto para comida de verdade acalmar as coisas.

Dei um beijo na bochecha do papai.

— Você ficou fora até tarde ontem a noite. — Ele sorriu para mim e tomou um gole de café.

Enchi um prato e afastei as pontadas de culpa por ficar fora a noite toda e não ter os avisado de antemão.

— Sim. Ficamos fora até tarde e achei que seria melhor ficar na casa da Sam, em vez de chegar de madrugada e acordar todo mundo. — Fiz de tudo para me encolher o mínimo. Não guardamos segredos, mas parecia que era tudo o que eu estava fazendo ultimamente. Parecia que o espírito de honestidade da família ainda não havia sido completamente instilado em mim.

E era disso que eu tinha medo. Um dia de contato com Angie e eu já tinha sido mais imprudente e irresponsável do que em anos.

Tudo o que eles fizeram por mim poderia ser apagado e o que me restaria seria quem eu era antes.

— Eu sei que você é adulta agora, mas não deixe de nos contar da próxima vez, querida. Não queremos nos preocupar com você. — Mamãe tomou um gole de café.

— Eu sei. Desculpa. — A cratera da culpa ficou um pouco mais profunda.

— Sabemos que você é responsável, mas é sempre algo no fundo da mente dos pais. — Papai mordeu seu rolinho de canela e Lauren olhou para mim de olhos arregalados. Isso foi o mais perto que eu já tinha chego de uma reprimenda em casa.

— Como Kara tem permissão para ter uma festa do pijama não autorizada, isso significa que eu posso ter uma festa do pijama na casa da Tracey nesse fim de semana? — Lauren disse com esperança brilhando em seus olhos.

Sem levantar os olhos, mamãe e papai responderam em uníssono. — Não.

— Por que não?

— Porque a mãe de Tracey deixou ela fazer uma tatuagem no aniversário de dezesseis anos e perguntou se você também queria fazer uma. — A voz da mamãe aumentou uma oitava.

— Eu não ia fazer. — Lauren cutucou seus ovos e caiu na cadeira.

— Talvez não, mas não quero arriscar. Quem sabe? Talvez você volte para casa com um piercing na sobrancelha ou no umbigo.

Lauren resmungou pelo resto do café da manhã até que mamãe se ofereceu para levá-la ao shopping. Ela se animou imediatamente, enfiou o prato na lava-louças e correu para o andar de cima.

— Você quer vir também, Kara? — Mamãe pegou o prato do meu pai e o enfiou na pia para enxaguar enquanto ele cobria a comida.

— Vou ficar em casa. Começar os trabalhos para o próximo semestre. — Eu sorri e subi antes que houvesse mais perguntas.

Com a manhã que tive, ficar presa no meio de um shopping lotado por causa do Natal depois de dirigir por horas procurando uma vaga não era minha ideia de diversão. E havia uma nuvem na minha cabeça, sentada no centro da minha cama no meu quarto. Não poderia me encontrar com Angie. O café da manhã farto que comi estava ameaçado voltar e sair direto pela minha boca, quando me imaginei caminhando até ela em um café ou em outro lugar neutro e ter sua súplica e movimentos vacilantes me deixavam à beira de um colapso.

Minhas mãos estavam tão úmidas que as esfregava na colcha para impedir que meu celular deslizasse sob meus dedos. Toda vez

que eu lia, eu apagava uma linha e depois tudo, começando de novo. Apertando a ponta do nariz, fui com a primeira coisa que saiu da minha cabeça quando as palavras apareceram. Levei dez rascunhos para obter:

Angie,

Eu sinto muito. Eu não estou preparada. Encontrar com você não seria bom para mim ou minha família agora. Talvez no futuro.

Kara

Minha boca ficou seca como se eu tivesse comendo serragem a tarde toda. Fechando os olhos, apertei enviar e desliguei o telefone. Não queria ouvir a notificação de que ela havia respondido. Eu deveria ter configurado um filtro para que a mensagem dela não fosse para minha caixa de entrada. Era tarde demais agora. Eu não poderia voltar para o aplicativo.

Talvez eu devesse renunciar a tecnologia e voltar ao método-antigo de papel-e-caneta. Sim, isso parecia a melhor maneira de evitar lidar com isso. Olhando para as constelações no teto, cruzei as mãos sobre o estômago. O sono me chamou.

As constelações que papai havia desenhado lá para mim durante a aula de astronomia do 1° ano do ensino médio estavam espalhadas por todo o teto. Levamos quase uma semana para fazer tudo. Nós dois terminamos o projeto no final do dia cobertos de tinta e rindo incontrolavelmente. Quando ele me colocou debaixo do braço e passou a mão em volta do meu ombro enquanto olhamos para o nosso trabalho árduo pontilhado no teto, contei isso como um dos momentos mais felizes da minha vida.

— Acho que isso vai ajudar na sua aula. — Ele sorriu para mim com manchas de tinta por toda a pele e cabelos cortados.

— Eu acho que sim, pai. — Eu disse através do nó do tamanho de uma bola de golfe na minha garganta. Foi a primeira vez que eu tinha o chamado assim. Seus olhos enrugaram dos lados e ele apertou meu ombro, descansando a cabeça na minha. — Que tal tomar um sorvete?

Ele não teve que me perguntar duas vezes. Saímos para tomar sorvete e repassamos as constelações. O sorriso estava permanentemente no meu rosto. Algumas pessoas nos encararam um pouco, um par incompatível, mas nenhum de nós se importava.

Pai e filha tomando sorvete saboroso após um longo projeto que tinham finalizado.

A partir daquele dia, ele era meu pai. Eu nunca tinha tido um pai até aquele momento. Quem quer que seja o doador de esperma, ele deixou minha mãe antes mesmo de eu nascer. Mike era o único pai que eu já precisei. Quando tinha aberto minhas notas com mamãe, papai e Lauren em pé ao meu lado no computador, meu coração batia forte e minhas mãos estavam tão suadas que não achei que seria capaz de mover o mouse.

Enquanto a página carregava, eu limpei minhas mãos suadas nas calças. Com os olhos arregalados, eu mal vislumbrei a tela antes que eles aplaudissem atrás de mim, me puxando para um abraço em grupo. Fechando meus olhos, eu tinha afundado em seus braços, aproveitando o brilho e a energia de sua felicidade que eu tinha conseguido. Depois de todas as noites e lutas, eu tinha conseguido um *A*- naquela matéria no bimestre.

Eles tinham trabalhado tanto para me levar até lá. Queria que essa bolsa lhes mostrasse até onde eu havia chegado. Mamãe havia conseguido uma prestigiada bolsa de história quando iniciou seu programa de doutorado. Eu queria que eles se orgulhassem de mim. Não importa o que eu fizesse, eu sempre tinha aquele buraco no estômago que eu precisava impressionar, provar e mostrar a eles que eu era realmente a filha deles. Então, um dia, eles não acordariam e perceberiam que tinham cometido um erro ao me aceitarem. Em alguns dias a ansiedade esmagadora no meu peito tornava difícil respirar, como se um dia eles fossem descobrir que eu realmente não pertencia ali.

Eu não podia arriscar minar minha família verdadeira por minha mãe biológica instável.

Meu cochilo anterior não tinha sido suficiente. Os efeitos da noite passada haviam desaparecido, mas não pude deixar de desejar estar de volta na cama de Heath. Seu cheiro radiante de um dia de verão no meio do inverno me fez pensar em piscina e fogueiras na praia. Fiquei feliz por não ter conseguido o número dele. Se tivesse, eu estaria ligando para ele, pronta para sentir tudo o que ele me fez sentir ontem e lavar esse cansaço nas ondas de seu corpo e na corrente de seus olhos.

Eu estava pronta para mergulhar no fundo do poço com ele. Meu celular vibrou embaixo do meu travesseiro e eu o puxei. Número desconhecido. Havia uma faísca aguda de pavor de que pudesse ser Angie. Hesitantemente, toquei em 'aceitar' e levei o aparelho ao ouvido.

9

HEATH

Tinha passado cerca de doze horas desde a última vez que a vi, mas valeu a pena. O pensamento de esperar mais quatro dias para vê-la novamente era uma merda, mas com o Natal, não conseguimos arranjar uma hora que funcionasse para os dois.

Ela disse que sim e concordou em me ver novamente. Eu sorri durante toda a abertura de presentes com minha mãe e nossas idas aos abrigos para servir comida. Eu pensei muito para descobrir como tornar a próxima noite minha e de Kara ainda mais memorável.

Minhas mãos estavam praticamente dormentes depois de descascar e picar quase cinquenta dentes de alho. Fiquei na cozinha, cortando cebolas como se estivesse servindo um pequeno batalhão do exército. Os fornos duplos foram bem utilizados, abarrotados de bandejas dos pratos típicos.

Meus sonhos tinham sido preenchidos com visões de Kara. Todo banho era um exercício de quanto tempo eu aguentava antes de envolver uma mão com sabão em volta do meu pau, fechar meus olhos e relembrar tudo sobre aquela noite em detalhes vívidos. Sua pele, seu toque, seus gemidos. Eu me xinguei por pensar nisso. Ficar com uma ereção na frente da minha mãe não estava na minha lista de tarefas de hoje.

Kara: Eu ainda não acredito que Duckie terminou sozinho. Totalmente confuso! O mesmo com Brian. Ele definitivamente

deveria ter terminado com Molly Ringwald.

Eu: Havia apenas duas meninas na detenção! Com quem mais ele deveria terminar? O zelador? E John Hughes fez ela terminar com Blane depois que o pessoal das pré-exibições odiaram o final original

Kara: As pessoas são péssimas às vezes.

Eu: Não há argumento aí

Kara: Então você está mesmo mantendo segredo sobre o nosso encontro?

Eu: Não tenho muito o que dizer

Ela esteve tentando extrair detalhes de mim desde que eu a convidei para sair novamente.

Kara: …

Eu: Sério. Algo leve, divertido, na minha casa. É tudo o que você precisa saber.

Kara: Tudo bem. Ok, minha mãe está me chamando para terminar de ajudá-la a embrulhar 5000 biscoitos que ela não deu antes do Natal. Nos falamos depois?

Eu: claro

Meus olhos lacrimejavam contra a queimação ardente que só piorava a cada facada. Passei minha manga pelo rosto, tentando limpar. Mas só piorou a ardência. Fechando os olhos com força, cogitei em pegar algum óculos de proteção da garagem.

— Por favor, não deixe escorrer seus fluidos corporais nas cebolas. — Minha mãe riu, chutando a geladeira fechada e segurando uma tigela enorme cheia de massa.

— Você sabe o que acontece quando corto cebolas. Por que você me dá essa tarefa todos os anos? — Terminei a última das quarenta cebolas e as joguei na panela enorme no fogão.

— Porque meu rosto parece que vai explodir quando eu as corto, então melhor você do que eu. — Ela mostrou a língua. A cicatriz cumprida ao longo do lado de seu rosto mal era visível depois de todos esses anos, nem de longe tão zangada e enrugada quanto costumava ser. Ela era linda e forte. A cicatriz era um testemunho disso.

Meu amor pelas plantas era uma peculiaridade esquisita para a maioria das pessoas, mas elas tinham nos ajudado a enfrentar

muitas tempestades. Quando havíamos mudado para a Costa Leste, o jardim em que minha mãe e eu tínhamos trabalhado nos sustentava com alimentos frescos até ajustarmos nossa vida. Todo o seu dinheiro tinha ido para um lugar pra ficar e consertar nosso velho carro quebrado para que ela pudesse trabalhar. Não sobrou muito pro restante, como comida.

Nós tínhamos estado lado a lado na plantação dos fundos e tão animados quando nossas primeiras plantas brotaram. Legumes assados, ensopados e arrancá-los diretamente do chão e depois um enxágue tinham sido nossas maneiras preferidas de comê-los. A segurança e o conforto de trabalhar o solo com minhas mãos nunca tinham desaparecido e é por esse o motivo da botânica.

— Você é uma mulher cruel, cruel! Quantos abrigos você está alimentando esta semana?

— Só um. Isso representa apenas um quarto do que eles precisam na maioria das vezes, mas não tenho mais espaço disponível para poder guardar com segurança os alimentos antes de levá-los a eles. As pessoas sempre esquecem as multidões que ainda estão lá depois do Natal. Eu tenho que garantir que as pessoas tenham alguns quitutes, mesmo depois que o feriado passar. — Ela virou a bola gigante de massa para o balcão coberto de farinha e começou a amassá-la. Um cronômetro apitou e ela olhou por cima do ombro.

— Você pode pegar as tortas de lá e colocar outra bandeja de recheio?

Bati continência para minha capitã da cozinha e peguei algumas luvas de forno. A explosão de calor do forno afastou a ardência nos meus olhos e a substituiu por uma sensação de irritação e secura. Maravilhoso.

O cheiro de açúcar mascavo e canela fez meu estômago roncar e me lembrou de Kara. Eu estava no modo subchefe desde o amanhecer. Já estava delirando. As pessoas pensavam que eu poderia patinar para sempre no gelo, bem, minha mãe poderia cozinhar para sempre.

Uma contadora como profissão, mas cozinhando e assando para os outros era onde estava seu coração. Ela tinha sacrificado uma

fileira inteira de armários para encaixar outro forno e a capacidade de assar seis bandejas de comida em vez de apenas três.

As refeições quentes que tivemos quando chegamos nos abrigos da Filadélfia tinha nos mantido de pé, enquanto ela esperava seu primeiro salário.

Fizemos uma pausa enquanto os fornos estavam cheios, todas as superfícies estavam cobertas por algum tipo de alimento que precisava ser resfriado ou levado aos fornos. Não havia literalmente outro lugar para colocar nada. Caí na cadeira mais próxima.

— Você quer sair para comer? — Eu gritei pelo corredor. A correspondência de antes do Natal estava na porta da frente. Eu a folheei e meu sangue gelou quando eu peguei uma da pilha.

— Há cerca de três mil calorias de comida na cozinha. — A voz dela se aproximou e enfiei o envelope no bolso.

Ela entrou na sala, desamarrando o avental.

— Como se você me deixasse comer qualquer coisa. Eu sei como isso funciona. Quando você encher o carro até a boca e mal houver espaço suficiente para você sentar no banco do motorista, você me deixará pegar alguma coisa.

Ela parou com o dedo levantado como se fosse dizer alguma coisa e depois assentiu. — Ok, onde você quer ir?

Isso! — Que tal algumas batatas fritas com caranguejo? — Eu já estava na porta da frente com meu casaco. A carta teria que esperar.

Rindo, ela pegou sua bolsa. — Você realmente é um cara da Costa Oeste, não é? — Ela brincou e abri a porta, fechando meu casaco contra o frio intenso lá fora. Um pequeno floco caiu no meu nariz e olhei para o céu nublado.

— Meu coração sempre pertencerá à Califórnia, mas isso não significa que não vou aproveitar a comida.

Dirigimos para um lugar não muito longe da nossa antiga escola, Rittenhouse Prep. As batatas fritas crocantes de Cavanaugh, feitas à bafo na doca envelhecida com um molho de queijo lendário, tinham sido um alimento importante no ensino médio. Às vezes, nos amontoávamos lá depois do treino para reabastecer e relaxar.

Acenei para o cara atrás do balcão e pegamos um lugar em uma cabine. O cardápio não havia mudado há anos e isso o tornava o

melhor. Tantas coisas na vida mudaram, mas voltar a esse lugar, deslizar para uma mesa e comer algumas das mais deliciosas batatas fritas já criadas, significava que tudo estava bem com o mundo.

Minha mãe pegou o cardápio e o abaixei na mesa. — Por que você olha? Você sabe que vai escolher a mesma coisa que sempre peço.

— Talvez eu queira provar algo diferente. — Ela prosperava e consistência e previsibilidade. Um pouco disso também tinha me influenciado, mas de uma maneira diferente.

Provavelmente, era um efeito colateral de morar em uma casa onde você nunca sabia o que poderia acontecer. Andar em cascas de ovos o tempo todo e nunca saber se seria um dia bom ou ruim. Seria um dia em que assistimos TV, jantássemos e adormecessemos profundamente ou seria um dia em que ela terminaria no hospital e eu dormiria na praia?

O garçom se aproximou e fiz meu pedido. Minha mãe passou um minuto inteiro olhando o menu parado ali antes de pedir exatamente a mesma coisa que eu. Olhei para ela e sorri.

Ela revirou os olhos e entregou o cardápio ao garçom. A mistura de tempestade e inverno girava do lado de fora da janela do restaurante. Teve algumas rajadas de vento, mas estava cada vez mais forte.

Um grande corpo abriu a porta do lugar e atingiu todo mundo com ar frio. Ele segurou a porta aberta para outro corpo menor e puxou o gorro da cabeça quando a porta fechou atrás dele. Eu sorri largamente quando Ford entrou no restaurante com Olivia ao seu lado.

Ela esfregou as mãos e soprou nelas. Acenei meu braço, enquanto eles examinavam o restaurante procurando um lugar para sentar. Ford sorriu com alívio lavando seu rosto e fez um gesto para Liv segui-lo. Ela não parecia tão feliz em nos ver como ele.

Minha mãe esticou o pescoço para ver para quem acenei.

— Olhe para você, Ford! Não acredito no quanto você cresceu. — Minha mãe saiu da cabine e apertou suas bochechas. Eu sufoquei minha risada atrás do punho. — E, Olivia. — Minha mãe

descansou a mão na lateral do rosto de Olivia. Ela olhou em seus olhos.

— Como você está, querida? Como foi seu natal?

A garganta de Olivia subia e descia e havia uma leve umidade nos olhos antes de sorrir e assentir. — Eu estou bem e foi bom. Colm me deu essa pulseira.

— Uau, é linda. — Minha mãe elogiou. — Senta com a gente. — Minha mãe fez sua coisa-atrapalhada-de-mãe-coruja e levou-os para seu lado da mesa e se aproximou de mim.

Ford desabotoou o casaco e deslizou até a parede oposta enquanto Liv o seguia, deslizando um pouco mais para perto. Eu levantei minha sobrancelha para ele, que balançou a cabeça.

Minha mãe estendeu o braço sobre a mesa e cobriu as mãos de Liv com as delas. — Como você está? Ouvi dizer que você vai se formar na escola em breve. Um internato em Boston?

— Sim. Vou me formar em junho e depois vou para a faculdade na UPenn no outono.

— Isso é maravilhoso! — Ela apertou as mãos de Liv. — Seus pais ficariam tão orgulhosos de você.

Olivia abaixou a cabeça e assentiu novamente. — Acredito que sim.

Os pais de Colm e Olivia haviam morrido em um acidente de carro no último ano do ensino médio. Desde que Colm tinha dezoito anos, ele se tornou o guardião dela. Ele havia a colocado em um internato bom, enquanto ele foi para a faculdade e foi escalado.

— Onde está o Colm? — Me inclinei para a mesa na cadeira, conversando com Ford enquanto minha mãe e Liv tinham uma pequena sessão de tagarelice.

— Ele está terminando a papelada para vender a casa dos pais. Eles acharam um comprador. Precisa fazer isso antes do final do ano. — Ford empurrou essas palavras como se estivesse empurrando uma pedra para cima de uma montanha.

O garçom voltou com as nossas bebidas e alguns cardápios para Ford e Olivia, mas eles acenaram, já sabendo o que iam pedir.

— Como nos velhos tempos. — Encostei-me na parte de trás do banco.

— Fiquei tão brava quando nos mudamos para Boston e nunca pude vir aqui durante o ensino médio! — Olivia riu e olhou para Ford.

— Tenho certeza que você pode compensar isso na faculdade. — Ford silenciosamente tamborilou com os dedos ao longo da mesa.

— Quando estiver pronta para se mudar para a faculdade, nos avise se precisar de algo. Heath e Declan também estão aqui. E eu estou sempre por perto. Eu posso te levar para fazer compras. Não sei o que você pretende trazer da escola. — Os olhos da minha mãe se iluminaram falando sobre isso.

Eu já conseguia ter a visão de um quarto de garota altamente decorado dançando na cabeça da minha mãe. Ela nunca conseguiu fazer essas coisas comigo.

— Eu aprecio isso, de verdade, e vou avisar sim. Será estranho voltar para mais do que uma visita. Você vem me visitar, Ford? — Ela roçou o ombro no dele.

Ele levantou uma sobrancelha e assentiu. — Claro. Colm e eu vamos ficar o tempo todo em contato com você. E Grant também vai para UPenn.

O sorriso dela caiu. É melhor ele rezar para não ser escalado para o Flyers.

Nossa comida chegou e todo mundo comeu. O sabor, temperado com sal, explodiu em minha boca e era exatamente como eu lembrava. De alguma forma, tentar fazer isso em casa não era o mesmo. Ficamos conversando um pouco mais.

Olhando pela janela do restaurante, minha mãe olhou para o relógio e se virou para mim. — Acho que preciso de mais bandejas para tudo o que cozinhamos. Podemos correr para a loja e depois no shopping?

Eu me encolhi enquanto mais neve caia. Pelo menos a correria do Natal acabou. — Claro, mas devemos ir agora. — Coloquei algumas notas de vinte na mesa enquanto minha mãe abriu sua bolsa. — Deixa, mãe.

— Mas Heath...

— Mãe, eu cuido disso. — Larguei meu dinheiro e procurei o garçom.

— Tá de boa, cara. Eu peço a conta. — Ford deslizou as notas para longe de mim.

— Foi tão maravilhoso ver você, Olivia. — Minha mãe se curvou para abraçar Olivia e a apertou com força.

Bati minha mão na de Ford e deslizei para fora da mesa. — Tchau, Liv. — Acenando para ela, coloquei o casaco e minha mãe e eu saímos para o vento forte.

Apenas alguns dias até eu ver Kara novamente. Eu ia fazer disso uma noite que ela não irá esquecer.

HEATH

Eu não tinha pensado que voltaria ao hotel onde tinha passado a noite com Kara tão cedo. Passar pela porta aberta pelo porteiro sob o toldo expansivo enviou uma faísca aguda de eletricidade pela minha espinha.

Era como se eu ainda pudesse cheirá-la e senti-la só por estar no mesmo espaço em que tínhamos estado juntos. Enfiando minhas mãos nos bolsos e envolvendo os dedos em volta do celular, resisti à vontade de ligar para ela. Kara tinha dito que tinha uma coisa de família hoje e não seria capaz de falar muito. *Acalme-se, caramba.*

Felix perguntou qual era o meu problema na segunda vez que quebrei um vaso na estufa. Acontece que esticar a mão sobre a bancada ao barulho de uma mensagem que pode ou não ter chego, era uma maneira rápida e fácil de quebrar alguns vasos e derramar terra por todo o chão. Ele balançou a cabeça e riu. Eu não podia nem culpá-lo.

Entrando no bar do hotel, procurei por qualquer sinal de Emmett. Esse cara vivia como um solteirão de cinquenta-anos. Eu esperava que ele estivesse sentado numa mesa vestindo terno com um cachimbo na boca.

— Cara, finalmente. — Ele reclamou quando eu o vi em uma mesa na parte de trás, sem o terno. Emmett não era tão tranquilo e refinado quanto Colm, embora eles circulassem nos mesmos ambientes. Ele tinha uma leve vibe de lenhador antes de fazer a barba logo após a escola. Nós saímos e tomamos algumas

cervejas. Eu sabia que a maioria dos outros caras estavam ocupados e os pais de Emmett estavam ausentes, como sempre. Ele, provavelmente, estava perambulando pela cobertura sozinho.

O padrão de Emmett era pagar a conta. Desde que me lembro, seu primeiro instinto sempre tinha sido colocar a mão no bolso primeiro. Se fosse para pizza, barris de cerveja para uma festa, você escolhe, e ele tentaria pagar por isso. Mesmo se tentássemos nos antecipar.

— Estou falando sério, Em. Você não precisa pagar pelas minhas bebidas.

Seu olhar travou com o meu. — Eu sei, mas se eu não gastar com você, acabarei gastando em outra coisa. É melhor ser com outro King.

Deixei passar. Assim que eu recebesse meu primeiro cheque profissional, ele estaria recebendo a maior e mais ridícula garrafa de bourbon entregue a ele.

Saímos do bar e deixei minha bolsa no chão para fechar meu casaco. Um grande grupo de pessoas estava saindo de um dos salões de baile. Recuei para deixá-los passar quando um brilho roxo chamou minha atenção. Por um segundo, pensei ter imaginado. Isso acontecia quando alguém ocupava cerca de 95% dos seus pensamentos despertos. Mas não era minha imaginação. Levantei meu braço no ar, acenando como um idiota.

— Kara! — Eu gritei. Emmett esticou o pescoço para ver quem eu tinha chamado.

Ela afastou os cachos do rosto enquanto seus olhos procuravam a multidão. Parando de abotoar seu casaco no meio, ela me viu. Com uma palavra rápida para as pessoas ao seu lado, ela ziguezagueou pela multidão diretamente para mim.

— Oi. — Ela se aproximou, deixando o grupo passar.

— Oi, o que você está fazendo aqui?

— Eu poderia perguntar a mesma coisa. — O brilho ardente em seus olhos me fez manter minhas mãos ao meu lado. Ficamos uma noite e planejamos outro encontro. Era esse território de "acariciar seu rosto em público e beijar você até ficar sem fôlego"?

— Tive um evento em família. Um jantar que meus pais estavam participando.

Ai merda, pais nas proximidades. Normalmente, eu correria para o mais longe possível, mas fiquei parado.

— Não se preocupe, eles tiveram que sair mais cedo. E você? — Ela umedeceu o lábio inferior. Teria existido algo mais perfeito?

— Encontrei Emmett para beber. — Eu balancei a cabeça na área geral que Emmett estava, mas não fazia ideia se ele ainda estava lá ou foi substituído por um dragão que cospe fogo. Meu foco estava nela. O vestido que ela usava mostrava as clavículas e os ombros. O roxo me lembrou o entrar na estufa, tão vibrante em um lugar cheio de cores suaves e seguras.

Nós dois ficamos lá olhando um para o outro. Eu tinha noventa por cento de certeza de ter o sorriso mais bobo no rosto.

Alguém chamou seu nome atrás dela e ela olhou por cima do ombro.

— Um segundo, ok? — Ela se afastou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Tentei ficar de olho nela enquanto o mar de pessoas circulando no saguão crescia.

Emmett encontrou o caminho de volta a mim. — Ela é a menina do bar naquela noite, né?

— Sim. — Estiquei o pescoço para encontrá-la.

— Então, você provavelmente vai precisar disso. — Ele colocou um cartão-chave do hotel na minha mão.

Eu joguei minhas mãos para cima. — O que diabos há com você e essa necessidade de gastar dinheiro com as pessoas? Eu não preciso da sua caridade, Em. — Ele estava me irritando com essa merda.

— Eu disse que você precisava? — Ele encontrou meu olhar mortal com os seus.

— Você acha que precisa comprar minha amizade ou algo assim? Está começando a me fazer sentir barato. Não pense que você está indo para a cama conosco. Isso é algum quarto secreto de sexo? Existem câmeras instaladas lá? — Eu olhei para ele desconfiado.

— Cara, você é louco. — Ele riu. — Pense nisso como um presente de formatura antecipado.

Eu levantei uma sobrancelha para ele, ainda não cem por cento certo de que ele não estava tramando algo.

— Você está administrando uma agência de acompanhantes?

— Você me descobriu, cara. É daí que vem todo esse dinheiro. — Ele abriu bem os braços. — Você ficaria chocado com o quanto esse corpinho recebe no mercado livre. Recebo quartos grátis no hotel, porque sou dono da cobertura. Melhor não desperdiçarem. Não me faça sentir um merda por tentar fazer algo legal.

E agora eu me senti um merda. — Quero que saiba que não precisa gastar dinheiro como água para que eu apareça, ou qualquer um de nós.

Uma sombra passou por seus olhos por uma fração de segundo. Um olhar assombrado e depois desapareceu. — Eu sei. Divirta-se. — Ele piscou e atravessou o saguão.

Kara estava conversando com um grupo de pessoas. Um dos caras estava com a mão no ombro dela. Ela deu um passo para trás, mas a mão seguiu. Fiquei em alerta enquanto eu a observava dar outro passo apenas para que o cara se recusasse a quebrar o contato.

E num instante o polegar do cara traçou a pele nua do ombro dela. Eu nem me lembro de me mover, mas lembro de pegar o cara pelas lapelas do terno preto e empurrá-lo para longe dela. Ele tropeçou para trás com os olhos arregalados e vidrados.

— Afaste-se. — Eu rosnei. Minhas mãos estavam em punho ao meu lado.

As cabeças de todos ao nosso redor se viraram para nós.

— Heath, está tudo bem. — Ela passou as mãos pelos meus braços até os meus punhos e só então eu relaxei.

— Foi um evento maravilhoso. Definitivamente vou pensar nessa bolsa de bioquímica para o próximo verão. — Ela se virou, sorrindo por cima do ombro. Usando seu corpo para me encurralar, ela conseguiu me empurrar alguns passos para trás.

— Está tudo bem. Ele estava um pouco bêbado.

— Não está tudo bem. — Meu queixo estava tão tenso que pensei que ia quebrar um dente.

Ela suspirou. — Você está certo, não está. Mas não quero causar problemas para o meu pai no hospital.

— Isso não é algo que você devaria pensar. Aquele idiota não deveria ter colocado as mãos em você.

— Eu sei, mas obrigada por intervir. — Ela pressionou um beijo suave nos meus lábios e sua outra mão deslizou para a minha.

— O que é isso?

Olhei para o cartão-chave parcialmente dobrado.

— Eu tenho um quarto.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Podemos assistir a um filme ou algo assim. Nós não temos que ir lá para cima. Ou podemos ir comer no restaurante. — Eu me precipitei. Ela tinha acabado de comer. Eu resisti ao desejo de me bater na cabeça. — Ou podemos tomar uma bebida.

Ela olhou para mim com um sorriso malicioso. Era o mesmo que eu tinha visto naquela noite. Puxando o telefone, ela enviou uma mensagem para alguém.

— Para quem você mandou mensagem?

— Eu preciso ter certeza de que ninguém fique preocupado comigo. E para responder sua pergunta, que fizermos tudo?

Soltei um suspiro de alívio. Minha explosão não tinha a assustado. Eu odiava aquele sentimento que tinha borbulhado. Aquele em que eu queria destruir aquele cara por tocá-la, mas eu o expulse. *Relaxa.*

— Eu sabia que você era uma mulher que gosta de fazer duas coisas ao mesmo tempo.

Foi como uma recriação da nossa primeira noite juntos, mas desta vez eu tinha certeza que tinha estudado.

~

Acordei por etapas e deixei minha mão cair na cama ao meu lado. Meus olhos se abriram quando minha mão atingiu o espaço vazio. Virando para o lado, a tensão deixou meus músculos, enquanto eu espiei uma Kara sonolenta deitada de bruços com um travesseiro enfiado sob os quadris.

Houve uma batida na porta e eu deslizei para fora da cama, envolvendo um lençol em volta da minha cintura, tomando cuidado para não acordá-la. Provavelmente, era um dos caras. Abrindo a

porta do quarto, meus olhos esbarraram no carrinho de serviço de quarto sobrecarregado estacionado no corredor.

— Senhor Cunning fez um pedido para você. — O empregado aparentemente envergonhado e eu olhamos para o lençol enrolado no meu corpo, como se eu estivesse indo para uma festa de toga.

— Eu posso assumir daqui. — Peguei o carrinho coberto por um tecido e o arrastei para dentro.

O cara assentiu e me deixou puxá-lo. Eu segurei a porta para que ela não batesse. Havia cerca de dez pratos cobertos no carrinho e o cheiro fez meu estômago roncar.

Soltando o lençol, voltei para o quarto e deslizei ao lado dela. A pele exposta de Kara era como um farol. Eu arrastei meus dedos por seu ombro nu e ela resmungou, enterrando-se mais profundamente no travesseiro que ela segurava. Eu esperava que ela pensasse que era eu quem ela estava agarrando. Testando minha teoria, deslizei meu braço sob sua cabeça e suas pálpebras estremeceram. Ela estreitou os olhos, mal os abrindo antes de um sorriso preguiçoso se espalhar pelo seu rosto. Erguendo os cobertores, ela cobriu os pedaços tentadores de pele que estavam aparecendo.

— Bom dia.

— Bom dia. — Ela bocejou e se mexeu para ficar com a cabeça descansando completamente em cima do meu braço. — Que horas são? — Se alongando sob as cobertas como uma dança estranha de estrela do mar, ela bocejou novamente.

— Eu acho que oito.

— Muito cedo. — Ela gemeu e rolou para mais perto, levantando a perna sobre o meu quadril. Ela suspirou e fechou os olhos como se sua mudança não tivesse colocado seu núcleo a alguns centímetros do meu pau agora dolorido. Ela abriu os olhos, tentando parecer inocente.

— O que? — Ela moveu os quadris e meu membro roçou sua umidade.

Um formigamento percorreu minha espinha e olhei para ela com o que tenho certeza de que era um sorriso lascivo.

— Você percebe que não vai sair desta cama até que você complete essa provocação. — Eu movi meus quadris e a ponta do

meu pau deslizou através da umidade quente que já crescia entre suas pernas como se estivesse esperando por mim.

— Aguenta um minuto. — Ela pressionou seus lábios nos meus e deslizou para fora da cama. Pegando minha camisa da cadeira, ela a colocou. Deveria ser ilegal para uma mulher parecer tão bem com minhas roupas.

Eu nunca tinha entendido toda essa coisa de mulher vestir roupas de um cara até aquele momento. Ela era alta, não tanto quanto eu, mas uma boa altura para descansar a cabeça no meu ombro e coisas assim. A camisa já era comprida, mas nela, ficava como um vestido improvisado e era coisa de outro mundo.

Ela abriu a porta do quarto e espiou na sala. Enquanto ela se movia, a camisa que mal cobria sua bunda subiu, expondo a curva das suas nádegas. Minha boca encheu d'água. Eu queria me deliciar com essa bunda. E então ela se foi.

Enfiei meus braços embaixo da cabeça, esperando sua volta. Seu cheiro doce de canela grudou na minha pele e me fez sorrir. A cama cheirava a ela também.

A porta do banheiro se abriu e ela voltou correndo, fechando a porta atrás de si. Ela agarrou a bainha da camisa, e a tirou em um piscar de olhos. Alisando o cabelo com as mãos, ela se arrastou para a cama, os bicos rígidos de seus mamilos me chamando como deliciosas frutas prontas para serem arrancadas.

— Você disse algo sobre eu ser uma provocação? — Ela puxou os cobertores do meu peito.

Os lençóis frios deslizaram pelo meu pau e passei minhas mãos em volta da minha parte íntima latejante, bombeando para cima e para baixo, enquanto a observava.

— Eu acho que disse algo assim.

— Lamento ouvir isso, deve haver alguma maneira de compensar você. — Ela sorriu e colocou as mãos em ambos os lados dos meus quadris. Seus dedos macios deslizaram pela minha pele, sua boca a menos de um centímetro da minha cabeça inchada. Com os olhos em mim, ela abriu a boca e fechou a lacuna entre o meu pau e seus lábios maravilhosamente carnudos.

— Eu acho que você está no caminho certo. — Respirei fundo.

— E agora? — Ela estendeu a língua rosa, passando-a pela minha cabeça antes de me levar para a boca. A chupada quente e úmida de sua boca fez meus dedos do pé se enrolarem. Afundei meus dedos nos lençóis e esqueci que havia mais alguma coisa além de Kara e o prazer pulsante que rolou sobre mim.

KARA

Tivemos uma manhã preguiçosa, finalmente saindo da cama às onze horas. Meu cabelo que normalmente é cacheado, estava um ninho de rato, em proporções épicas, que tentei domar quando entrei no outro cômodo para comer alguma coisa. A única pessoa com estômago roncando mais alto do que do Heath era eu.

Ele me entregou sua camisa que eu havia tirado mais cedo quando fui procurar minhas roupas. Cheirava como ele.

— Vista isso. Vamos pegar suas roupas mais tarde. — Ele abotoou o jeans, sem nada por baixo.

Eu ia perguntar o porquê, mas então vi como seus olhos se derreteram quando puxei a barra da camisa, atingindo a parte superior das coxas. Ele me conduziu para a sala de estar. Como eu deveria comer quando ele estava me olhando assim?

Meu estômago roncou no segundo em que o cheiro de comida me atingiu.

— Tem muito aqui.— Ele apontou para o carrinho cheio de comida.

— Você pediu tudo isso? — Me virei para ele com os olhos arregalados.

— E Emmett ataca de novo. Meu amigo do bar. Parece que a generosidade dele não para.

Deve ser bom ter amigos assim. Eu tinha amigos que podia roubar algumas batatas fritas. E isso foi o máximo que consegui.

— Não sei o que quero comer primeiro. Tudo cheira incrível. — Sentei na cadeira que ele puxou para mim na pequena mesa no canto da sala.

— Que tal pegar um pouco de tudo? Quer café?

Meus ouvidos se animaram. Ele pegou duas canecas do carrinho e serviu um pouco de café quente para a gente.

Deslizando o prato debaixo do meu nariz com uma toalha de mão pendurada no braço, Heath me apresentou minha refeição.

— O café da manhã está servido. — Seu sotaque francês poderia ser um pouco mais trabalhado.

— Isso cheira tão bem. — Mergulhei o garfo na comida, nem me importando com o que comia primeiro, tudo cheirava tão delicioso. Heath estava sentado na cadeira ao meu lado, quando eu estava na terceira garfada. Olhei entre ele e meu prato.

— Desculpa. — Cobri minha boca com a mão para não dar a ele uma prévia especial da comida já mastigada.

— Não se desculpe. Está realmente bom. — Ele sorriu e colocou em seu prato.

Gemi enquanto comia meu primeiro pedaço de rabanada. — Por que a comida de restaurante é tão boa? — Pulei no meu lugar enquanto comia. Essa comida me fazia querer começar a cantar e dançar.

— A comida da minha mãe é ainda melhor do que isso e seu segredo é que ela praticamente tem um caminhão-tanque cheio de manteiga. Somos abastecidos até o teto com manteiga o tempo todo. Muita, muita manteiga. Então, vou concordar com o fato de que cada prato aqui provavelmente contém cerca de trezentos e cinquenta gramas de manteiga.

Normalmente, eu estaria horrorizada, mas nem me importei. Enquanto isso fosse bom, eu não poderia me importar.

— Sua mãe cozinha? Ela é chef? Tipo, profissional?

Heath balançou a cabeça, os cabelos caindo um pouco nos olhos. Eu realmente queria afastar do rosto dele, mas isso significaria que eu não estaria comendo e isso não era aceitável.

— Não, ela é contadora. Ela gosta de cozinhar para as pessoas e doar. Quando eu era criança, ela não cozinhava muito, então aproveito sempre que pode.

— Por que ela não cozinhava quando você era mais novo?

Ele congelou no meio da mordida e coloquei outra garfada cheia de comida na boca.

— Meu pai só gostava de coisas específicas. Nada que emitisse algum cheiro forte demais. Ela nunca teve permissão para cozinhar o que queria ou trazer para outras pessoas.

Minha mastigação ficou mais lenta ao observar seus olhos. Seu rosto normalmente beijado pelo sol empalideceu. Nós mal nos conhecíamos. Será que eu tinha acabado de entrar num campo minado?

Deslizei minha mão sobre a mesa e a envolvi por cima da dele.

— Por que não? — Por que eu estava persistindo? Eu odiava quando as pessoas faziam isso comigo, pensando que eu estava sendo reservada com o meu passado para criar uma sensação de mistério e não para me proteger do enorme constrangimento.

— Meu pai dizia que era uma perda de tempo e dinheiro. Isso, e porque ele era um idiota abusivo. — Sua mandíbula estava rígida e sua mão estava firmemente enrolada no garfo.

—Eu sinto muito. Eu... Nunca é uma coisa fácil de lidar. Quando as pessoas que você ama são as que mais te machucam. — O buraco no meu estômago cresceu. Não deveria ter dito nada.

Seus olhos se voltaram para os meus e ele largou o talher e passou os dedos pelos nós dos meus dedos.

— Você também?

Essa faísca de conexão. Talvez fosse isso que tinha nos atraído naquela primeira noite. De alguma forma, tínhamos pressentido nosso passado através das fachadas que ambos havíamos colocado. Eu como uma tensa estudante de doutorado e ele como o gostoso despreocupado.

— Não assim. Não foi em mim que eles bateram. Não que eu não tenha visto uma boa parte dos homens que declararam amar minha mãe darem uma surra nela. Mas ela nunca deixou ninguém me tocar depois... — Parei.

— O que aconteceu? — Ele apertou minha mão.

Eu deveria parar de falar. *Pare de falar, Kara. Diga que não é nada demais. Feche a boca!*

— Minha mãe e meu pai não são meus pais biológicos. Eles são os pais que me adotaram. Cheguei a eles quando tinha treze anos em ruínas absoluta. Minha mãe é... — Meus lábios se contraíram quando as palavras das cartas voltaram-se para mim. — É alcoólatra.— *Havia um "era" agora? Ela ainda estava sóbria?* — Ela não era a melhor em escolher pessoas que não a machucariam. — As cuidadosas palavras da versão sobre minha infância saíram formais e desajeitadas. Eu nunca tinha conversado com ninguém sobre isso antes.

— E depois? — A mão de Heath apertou a minha e estremeci. Ele olhou para baixo e seus olhos se arregalaram. Afastando a mão, seu maxilar tenso relaxou e ele colocou-a no colo.

— Isso aconteceu apenas uma vez. Foi um acidente, mas pelo menos ela expulsou o cara. E por um tempo pensei que talvez tivesse sido um divisor de águas, mas não foi. Ela desapareceu por um longo período e depois as coisas pioraram e então acabei com minha família. — E agora eu tinha vomitado toda a minha história para um cara com quem passara duas noites pessoalmente. Tentei afastar esses sentimentos antigos. Aquela velha mágoa que nunca parecia desaparecer completamente.

— Estou feliz que você acabou com uma boa família. — Ele traçou um caminho nas costas da minha mão.

— E você? — Olhei para ele. Eu realmente não ia aprender. *Para de cutucar!* Meu coração doía pelo que nós dois tínhamos passado. Ele não tinha me contado sua história ainda, mas podia vê-la gravada em todo o rosto. O brilho e a luminosidade diminuíram. Quase não perguntei, mas saber que não estava sozinha em lidar com algumas duras realidades da vida aliviou esse aperto em meu peito. Aquele em que me perguntava se algum dia me sentiria inteira novamente.

— Isso só aconteceu uma vez comigo também. Eu não aguentava mais ele ir atrás da minha mãe, então me intrometi e joguei merda no ventilador. Aparentemente, era isso que minha mãe precisava para deixá-lo. Se eu soubesse, teria me intrometido muito mais cedo e levado o chute na bunda. Quando saímos do hospital, estávamos no carro e nos mudamos para cá.

— Você já o viu desde então? — Um nó se formou no meu estômago. Angie entrando na minha vida tinha sido embaraçoso, mas nunca fisicamente prejudicial.

Ele hesitou e depois balançou a cabeça. Mais mechas de seu cabelo caíram sobre os olhos. Seus ombros eram rígidos e retos. Eu tinha considerado sua atitude despreocupada como garantida. Com a maneira como ele falava e caminhava pelo mundo, presumi que ele tivesse um tipo de vida de faz-de-conta, intocado pelo horror que tantas pessoas experimentavam.

— Ele foi preso logo depois do que fez, mas nunca veio atrás da gente. E você? Viu sua mãe desde então? — Seus olhos encontraram os meus, procurando mais de mim.

Eu olhei para nossas mãos, seu calor encharcando minha pele e as pontas ásperas de seus dedos traçando um padrão aleatório nas costas da minha mão.

— Sim. Algumas vezes. Mas não desde a formatura do ensino médio. Ela me enviou uma carta recentemente. Queria me encontrar. Disse que estava sóbria e tem estado há um tempo.

— Você quer encontrá-la?

A grande pergunta que eu discutia desde o minuto que tinha aberto a carta. Por que eu estava me abrindo assim? Eu acho que aquele sentimento brilhante e vertiginoso que ele trouxe fez com que eu pudesse dizer essas palavras em voz alta e isso não implodisse minha vida. E, sabendo que ele também tinha passado por coisas difíceis, fez parecer que ele entenderia.

Era como se abrir para alguém que você conheceu numa rápida viagem. Em alguns dias, ele estaria indo jogar hóquei e eu voltaria às aulas. De pé na frente de uma turma tentando não engasgar com as banalidades gerais da minha vida.

— Não. Sim. Eu não sei. Sim, mas acho que não consigo. Eu não acho que consigo lidar com encontrá-la e descobrir que tudo era mentira.

— E se não for mentira? Acha que isso ajudaria você a vê-la?

— Realmente não sei. Uma parte de mim está sempre tão assustada que está crescendo como eu cresci, esperando que aconteça algo ruim quando eu menos esperar.

— Sinto que a única coisa que terá quando você menos esperar são coisas ótimas.

Eu abri um sorriso, mesmo com as perguntas sem resposta sobre Angie flutuando em minha cabeça.

— Estou feliz que você pense assim. Eu nunca tenho certeza. Respondi ao e-mail dela dizendo que gostaria de me encontrar e então enlouqueci. Tem muitas maneiras de dar errado se eu deixar ela voltar para minha vida. As coisas estão bem com minha família. Amo meus pais e minha irmã e deixá-la voltar seria um tapa na cara deles.

— Você realmente acha isso?

Passei meus dedos pelos cabelos e ficaram presos nos emaranhados.

— Eu não sei. Nem sei se é o que quero ou algo que acho que deveria fazer. Talvez, ainda este semestre. Desde que tenho descoberto sobre a bolsa de estudos, as coisas não parecem tão boas. Talvez depois. — Parecia muito que eu estava tentando me convencer ao invés do Heath.

— Não deixe seu medo impedi-la de algo que poderia encerrar uma parte da sua vida que você quer esquecer.

— Nem todos conseguimos ser tão decididamente-corajosos quanto você. — Sorri e minha perna balançou para cima e para baixo.

— Não tenho sido tão decididamente-corajoso desde o primeiro ano do ensino médio. Aprendi da maneira mais difícil que a secretaria não parecia gentil com meu saco exibido na foto da turma. — Ele riu e as nuvens foram afastadas.

— Por que não estou surpresa? — Eu ri. — Ainda teremos o encontro no Ano Novo? — Mordi meu lábio inferior. Eu tinha mesmo estragado tudo trazendo algo pesado à mesa? Era para ser uma aventura divertida, mas em algum lugar as coisas haviam mudado.

— Não pense que você vai se livrar disso tão facilmente. — Ele sorriu e se levantou da mesa, pegando meu prato.

— Não estava tentando me livrar de nada. Só perguntando.

Heath se agachou na minha frente. O formigamento agudo estava de volta e apertei meus dedos em volta do assento da cadeira.

Seus fios loiros caíram sobre a testa.

— Definitivamente, estamos conectados, a menos que você não queira. — Hesitação e preocupação dobraram sua sobrancelha e eu mergulhei minha cabeça, descansando minha testa contra a dele.

— Mal posso esperar.

Seu sorriso radiante criou a leveza em meu peito que eu tinha estado procurando desde o primeiro segundo que ele me olhara.

Empilhamos tudo de volta no carrinho depois que tínhamos comido, tanto que minha barriga estava pronta para explodir. Uma hibernação pós comilança estava por vir. Mesmo não quisesse, eu precisava chegar em casa e escrever algum trabalho.

Deixando nosso casulo onde eu tinha sido sexualmente esquecida, o mundo não parou de girar enquanto eu me abria e caras gostosos como Heath continuariam olhando para minha bunda como se fosse a mais nova e mais deliciosa sobremesa já criada. Seria péssimo, mas ainda tínhamos um encontro de verdade em alguns dias. Infelizmente, por enquanto, o mundo real me chamava.

HEATH

Declan resmungara sobre minha limpeza intensiva da casa nos últimos dois dias. Eu queria que tudo fosse perfeito. Finalmente, descobri o lugar maravilhoso para a véspera de Ano Novo. Minha casa. Por que sair e enfrentar centenas de pessoas amontoadas? Esfregando as mãos, verifiquei as mantas e o telescópio num ponto que havia escolhido para a gente. Com uma batida tão leve que quase não ouvi, corri escada abaixo.

Tudo parecia normal quando rapidamente olhei em volta da sala de estar. Abri a porta e mirei os olhos da mulher que tinha me quebrado desde o nosso primeiro encontro. Seu rosto alegre me fez abrir um sorriso imediatamente. Era como olhar o sol. Fiquei tentado em proteger meus olhos. Ficamos na porta, olhando um para o outro. *Por que toda vez que nos vemos pela primeira vez é isso?* Como se estivéssemos ambos atordoados pela presença um do outro.

— Ei.

Ela estava linda. O roxo escuro de seu vestido espreitando por baixo do casaco combinava com as tonalidades de seus cabelos.

Eu tinha sido totalmente superado com meu sorriso preguiçoso, descabelado e camisa de mangas colada ao corpo .

— Ei. — Ela abaixou a cabeça. Minha mão disparou e envolveu sua cintura.

Seu calor lutou contra o ar gelado de dezembro. Nos últimos dez dias, mais ou menos, nossas mensagens tinham ido para um

caminho que parecia que nos conhecíamos a tempos e eu esqueci que só nos vimos duas vezes.

— Essa é a sua casa? — Seu olhar percorreu a nossa pequena varanda e a fachada de tijolos.

— Sim. — Puxei-a para dentro e fechei a porta atrás.

Ela olhou para mim pelo canto do olho e tocou os botões do casaco.

— Ainda não. — Cobri a mão dela com a minha e subi as escadas. Ela me olhou desconfiada quando entramos no meu quarto. Eu a conduzi para a janela aberta e suas sobrancelhas franziram.

— Não é exatamente o que eu imagino que você tinha em mente para a véspera de ano novo.

— Estamos indo para o telhado? — Ela deu um passo para trás e peguei seu punho. Sua pulsação bateu contra meus dedos. — Está congelando lá fora.

— Não se preocupe, você está comigo. — Saí pela janela e estendi minha mão.

Ela hesitou antes de deslizar a mão na minha.

— Confie em mim. — Puxei-a para fora comigo e ela se agarrou ao meu lado enquanto, cuidadosamente, demos alguns passos até onde eu havia organizado tudo.

— O que exatamente é isso? — Os dedos dela beliscaram meu braço, seu aperto foi muito forte. Sorri e a guiei para o cobertor.

Tirando um isqueiro do bolso, acendi as duas velas. A luz ricocheteou no castiçal de vidro. Virei o cobertor pra trás para revelar o banquete que eu havia feito. Queijos, frutas frescas, chocolate quente em canecas de viagem e o telescópio. Apoiando-se, lhe entreguei uma caneca e cobri suas pernas com outro cobertor.

— Caralho, você é bom. — Ela virou para mim com olhos famintos e fiquei tentado a desistir, jogando-a por cima do ombro para colocá-la na cama na velocidade da luz.

— Você ainda não viu nada. — Eu pisquei. Sua risada musical ecoava no ar gelado e frio.

Seria uma noite que nunca esqueceríamos.

KARA

O telescópio deslizou pelas telhas, fazendo barulho. Heath sentou e o pegou, puxando os cobertores de cima de mim. O frio cortante e penetrante voltou, lembrando-me de que eu estava num lugar que não tinha interesse em estar.

— Talvez devêssemos voltar. — Passei as mãos sobre as pernas. Se eu soubesse que estaríamos observando as estrelas do lado de fora, teria usado calças. — Não acredito que você me convenceu a vir aqui.

Ele estendeu a mão e me ajudou a levantar. — Pensei que talvez você quisesse. — Os olhos dele brilharam com malícia. — Quem sabe, fazer algo um pouco fora do comum.

— Tá aí uma coisa que eu nunca chamaria o meu tempo com você. — Meu pé escorregou e uivei.

Os braços de Heath me envolveram e ele me puxou para seu peito. — Não se preocupa, te peguei. — As respirações se juntaram e olhei para a inclinação do telhado na segurança de seus braços.

— Obrigada. — Engoli o caroço que se formou na minha garganta.

Ele me guiou de volta para a janela e passou as mãos em volta da minha cintura, me colocando no chão do quarto. Umedeci meus lábios secos que não tinham nada a ver com a temperatura tempestuosa de dezembro.

Eu não queria nada mais do que envolver braços em seu pescoço e passar os dedos pelos cabelos. Ele deu um passo para

trás e tirou o casaco. O jeito que a camisa se agarrava a cada centímetro dele não era justo. *Como meros mortais não deveriam olhar e babar?*

— Deixa eu pegar seu casaco. — Ele fechou a janela atrás dele e pegou meu casaco, colocando-o na cadeira em sua mesa. O observar das estrelas foi inesperado. Definitivamente, não era o que eu tinha esperado quando ele enviou seu endereço. Nunca que minhas suposições seriam eu estar observando as estrelas com meus dedos entrelaçados aos do Heath e meu coração batendo tão rápido que me deixava tonta. Também poderia ter tido algo a ver como estar empoleirada no telhado, apenas com seus dedos enfiados nos meus para me impedir de escorregar.

Caminhamos de volta, as mãos dele nas minhas o tempo todo. Seu sorriso fez seus olhos brilharem. A luz do bar e dentro do hotel não tinha feito jus aos seus olhos. Eles eram azuis diferentes de todos os que eu já tinha visto antes. Tão claro e profundo que eu queria correr até a piscina mais próxima e mergulhar. Poderia me perder neles por horas.

Ele foi para a cozinha e reapareceu um segundo depois. Eu nunca teria imaginado que ele estava na faculdade, mas a viagem de táxi aqui praticamente confirmou. Na noite do bar, seu amigo, que tinha a mesma idade, tinha esbanjado, pagando por todas as bebidas e os quartos do hotel. Que tipo de estudante universitário poderia fazer isso? Tinha imaginado que ele fosse jogador da NHL.

Eu não tinha ido numa casa-fora-do-campus antes, mas essa era definitivamente uma delas. Graças a Deus eu já tinha conseguido meu cronograma para o semestre e não tinha visto o nome de Heath em lugar nenhum. Quais eram as probabilidades? Tínhamos frequentado a mesma escola por um ano e meio e nunca nos vimos. Por que nos cruzaríamos agora?

De alguma forma, tínhamos conseguido manter a conversa de nossas vidas bastante leve. Os traumas passados eram feridas abertas, mas o que fizemos atualmente e nossas vidas agora, tirando cultura pop que tinha sido um assunto que não abordamos. Eu tinha presumido que como o lance do hotel, ele estava na cidade só por um tempo. Como isso mudava as coisas? Inclinei minha

cabeça em direção a ele e rezei aos deuses do estudo para que ele não estivesse no segundo ano.

— Como você acabou na Filadélfia? — Coloquei meu cabelo atrás da orelha.

— Me mudei da Califórnia quando tinha treze anos com minha mãe. Consegui uma bolsa de hóquei em uma escola preparatória na área e tenho estado aqui desde então. — Seu sorriso vacilou e ele me entregou uma taça de vinho branco como se não quisesse que eu perguntasse mais sobre isso. Eu certamente entendia histórias desconfortáveis sobre o passado.

— Califórnia, isso é legal. Com certeza combina. — Ele tinha aquele ar despreocupado que me fez pensar em sentar na praia e assistir a maré.

— Você não seria a primeira a dizer isso. E você?

— Eu? — Bebi um gole de vinho.

— Sim, nós estamos nos conhecendo, certo? Como você acabou aqui?

Olhei para as minhas mãos com os dedos em volta da haste da taça, tentando descobrir exatamente como responder a isso. — Fiz o começo da graduação em Boston, mas estudei no ensino médio pela área. Voltei quando entrei no mestrado aqui e vou começar meu doutorado em bioquímica no próximo ano. — Meu estômago deu um nó. Seguindo os passos da família.

— Impressionante. Pensei que você fosse escritora? — Ele tomou um gole de cerveja.

— Escrevo algumas vezes. Para limpar minha cabeça e tal. — Passei o dedo pela borda do meu copo. — Por que você fica com cerveja e eu fico presa no vinho?

— Pensei que seria algo especial para a noite. Se você não está de boa com vinho, posso pegar uma cerveja para você. — Ele ficou de pé e passei meus dedos em torno de seu punho. Os músculos duros se contraíram sob o meu aperto. Ele sentou-se e jogou o braço sobre as costas do sofá. A imagem de relaxamento e masculinidade espontânea.

— Não, eu estava brincando. Estou bem. Tudo está perfeito.

— E entendo porque mentiu sobre o que você faz de verdade.

Meus olhos dispararam para os dele. — Eu não estava mentindo. Eu escrevo e também sou estudante de doutorado.

— Kara, está tudo bem. Não é como se você fosse minha professora ou algo assim. Minhas disciplinas para o semestre já foram selecionadas e não havia uma Kara lá.

O sangue escorreu do meu rosto. Falando sobre um cenário de pesadelo.

— E é impressionante. Alguém tão jovem que já sabe o que quer fazer e corre atrás. — Ele continuou como se eu não tivesse um pouco morta por dentro.

Ele pensava que eu era jovem. Ele era mais novo que eu. Quanto mais jovem? — Ai meu Deus, quantos anos você tem?

— E se eu dissesse que tenho dezenove anos? — Ele sentou-se pra frente e descansou os braços nas pernas.

Eu gritei, meu rosto estava inundado de horror.

Ele riu. — Tenho vinte e dois anos. Eu vou fazer vinte e três no verão.

Minha mão disparou no meu peito, quando o alívio tomou conta de mim. Eu estava pronta para pular pela janela e não parar de correr até chegar à costa, se eu tivesse dormido com alguém que nem tinha vinte anos. O que era idiota, já que ele fora servido no bar, mas não era como se as identidades falsas não existissem e ele poderia ter molhado a mão de alguém.

— Quantos anos você tem? — Ele bebeu mais um pouco de cerveja. O olhar brincalhão brilhou em seus olhos.

— Você não sabe que não é educado perguntar a uma mulher da idade dela? — Rebati.

— Você não sabe que não é educado perguntar o que não quer responder?

— E se eu lhe dissesse que tenho vinte e nove? — Cruzei os braços sobre o peito e seus olhos dispararam como se eu estivesse oferecendo meus seios a ele em uma bandeja de prata. Soltei um som exasperado e abaixei os braços, bebendo outro gole.

— Eu diria que você é uma péssima mentirosa. Acho que você tem vinte e quatro no máximo, mas se você tem vinte e nove anos, estou mais do que bem com isso.

A TV estava muda e os créditos de abertura do meu filme favorito dos anos 80 começaram.

— Agora é disso que estou falando! Este é o meu filme favorito de John Hughes. — Apontei para a TV com o copo.

— Gravei para você.

— Você gravou?— *Alguém Muito Especial* começou com uma cena de Watts tocando bateria, com luvas de franjas e uma postura determinada.

— O cara se afastou do seu melhor amigo de infância depois de perseguir a garota popular o filme inteiro. É exatamente o oposto de *A Garota de Rosa Shocking*. Sabia que esse seria o seu favorito.

— Watts é uma baterista muito foda que não leva desaforo pra casa.

— Ela também é muito gostosa.— Ele olhou nos meus olhos e me inclinei para mais perto, como se houvesse um fio conectando nós dois e estivesse sendo encurtado a cada segundo.

— Ela também era incrivelmente leal.

Ele engoliu minhas palavras de tão perto que estava. Como se cada um inclinasse a balança em que estávamos equilibrando até cairmos contra o outro.

— Ela era, mesmo quando provavelmente deveria ter dado um pé na bunda de Keith algumas vezes. — Seus lábios já se tornaram um vício para mim. Macio e firme, tudo ao mesmo tempo. Preguiçoso e insistente em partes iguais para me fazer esquecer sobre eu mesma.

Minha pálpebras se fecharam quando ele levantou a mão para o lado do meu rosto. Um zumbido agudo quebrou o feitiço em que estávamos e meus olhos se abriram.

— Um segundo. Eu volto já. — Ele pulou.

Ele desapareceu na cozinha. Sua bunda naquele jeans apertado quase me fez morder meu punho para segurar um gemido. Ele era o cara mais gostoso com quem eu já tinha dormido. Os acadêmicos não eram exatamente conhecidos por seus corpos rígidos.

Ele voltou com uma cerveja para mim e conversamos mais um pouco. Por alguma razão, tentei desviar a conversa da faculdade. Obviamente, fomos a mesma universidade, mas nunca cruzamos o caminho um do outro. Quanto menos soubéssemos disso, melhor.

Se ainda não nos tivéssemos visto, as chances eram de que não haveria nenhum problema com o que estávamos fazendo.

Um cronômetro *tocou* na cozinha e ele pegou minha mão, me ajudando a levantar do sofá. Deixei-o me levar para o cômodo, curiosa sobre exatamente o que mais ele havia planejado para esta noite. Eu nunca estivera tão feliz por estar errada. Tinha presumido que ele estaria dando uma festa, mas estava errada. Isso era melhor. Muito melhor.

Havia um cronômetro na bancada e ele soltou minha mão, pegou uma luva de forno e pegou uma assadeira com dois pequenos recipientes brancos. Eu me inclinei sobre o balcão e o observei se movimentar. Cara, amei o jeito como ele sabia se mexer na cozinha. Um cheiro intenso de chocolate me atingiu e fez minha boca salivar.

Ele cozinhou? Em que tipo de laboratório ele foi criado? Juro que se ele limpasse o chão e dobrasse a roupa, eu teria que procurar por um código de barras ou fiação eletrônica.

Ele pegou um prato e deslizou sobre os dois pequenos recipientes brancos. Usando a luva do forno, ele virou a assadeira e o prato, invertendo a posição antes de jogar a assadeira na pia. Um pequeno assobio disparou quando atingiu as gotas de água na pia.

— O que você fez?

— Você vai ver. — Ele me deu um sorriso de lado e me alcançou. Uma explosão fria me atingiu do congelador. Um pote gigante de sorvete de baunilha passou pelo meu rosto nas garras do homem que praticamente tinha roubado um livro de macetes de como me fazer perder a cabeça. Cara gostoso de camisa apertada - ok. Sobremesa de chocolate - ok. Sorvete - ok, ok, ok.

Ele abriu a gaveta e pegou uma concha de sorvete. Correndo para a pia, tirou duas bolas perfeitas de sorvete de baunilha. Ele até tinha sua técnica de escavar para baixo. Me mata agora.

Um spray de chantilly terminou sua excelente apresentação do prato e ele puxou uma cadeira para mim à mesa. Duas colheres estavam em cima de um guardanapo.

— Esta é a minha sobremesa favorita. Minha mãe me ensinou a cozinhar. — A felicidade escorria em seus poros.

— Como não poderia ser? É chocolate.

— É um bolo lava de chocolate, portanto, estará quente no meio.

Eu cortei um dos bolos no prato. Chocolate quente derramou para fora do centro, misturando-se com o sorvete que já estava derretendo. Seus olhos estavam em mim quando eu coloquei a primeira colherada na minha boca.

Felicidade. Era um chocolate amargo fenomenalmente delicioso e intenso e me fez querer rastejar para o prato e nunca sair. Meus olhos que eu nem havia percebido que tinham se fechado, abriram.

— Você está falando sério? — Cobri minha boca cheia.

— Como assim? — Ele tinha um sorriso satisfeito no rosto e deu uma mordida na sobremesa.

— Isso é muito bom! É sério, nem é justo. — Eu cantarolei minha apreciação e praticamente devorei a coisa toda. Minha colher bateu contra a de Heath e olhei para o riso em seus olhos. Então, sim, talvez eu tivesse devorado quase todo o prato inteiro de sobremesa sem deixar muito pra ele. *Opa!*

— Você estava com fome, hein?

— Desculpa. — Eu disse com a boca cheia de sorvete. — Não esperava que fosse tão bom.

— O que, você achou que eu ia fazer alguma porcaria para você?

Ele pegou o prato e não pude resistir a arrastar o dedo pelos últimos pedaços de chocolate nele.

— Jesus, mulher, eu posso fazer mais. Não tem necessidade de tentar comer o prato.

— Quero dizer, não é minha culpa que alguém tenha feito algo tão bom, eu tive que cair de boca.

Ele jogou os pratos na pia e riu. Estiquei o pescoço para dar uma boa olhada nas costas dele. É aí que eles tinham colocado o código de barras, não é? Ou, talvez, no pé?

— Acho que isso quer dizer que vou ter que cozinhar pra você de novo.

— Tenho certeza que você diz isso para todas as garotas. — Lambi os últimos pedaços de chocolate da minha colher.

Ele se afastou da pia e deu um passo ao lado da minha cadeira. Eu olhei para ele. A risada sumiu de seus olhos e meu estômago se contraiu com a intensidade ali.

— Eu nunca tinha cozinhado para nenhuma outra mulher. — Seus dedos seguraram meu queixo e ele passou o polegar pelo meu lábio inferior. Ele tinha gosto de chocolate. Minha língua disparou novamente e o azul de seus olhos deu lugar ao preto, enquanto suas pupilas dilatavam.

Nossa energia brincalhona evaporou em um instante, e não havia nada além de seu polegar no meu lábio, meu coração batendo contra minhas costelas e os arrepios por todo o meu corpo.

— Nunca?

— Nunca realmente quis, até agora. — Ele se inclinou e soprou as velas na mesa. A fumaça saía do pavio escuro e fazia a cozinha cheirar como um aniversário.

— Ah. — Quem era a futura aluna de doutorado mais articulada que tinha se defendido de tantas discussões em sala? Eu não, porque cada palavra que havia aprendido fugiu do meu cérebro, exceto Heath, polegar e chocolate.

— Você tem um pouco de chocolate no rosto. — Ele passou o polegar sobre uma mancha no lado da minha boca.

Antes que eu pudesse pegar um guardanapo, ele se inclinou e pressionou seus lábios contra os meus. Seus dedos ainda estavam no meu queixo, mantendo minha cabeça onde ele queria.

Ele era o próprio deus do chocolate, quando abri minha boca. Um suspiro escapou quando ele me tirou da minha cadeira e me colocou na mesa.

Encaxaindo-se entre as minhas pernas abertas, ele deslizou a mão ao longo do lado do meu rosto. Seus dedos afundaram nos meus cabelos quando ele inclinou minha cabeça para cima.

— Pensei que deveríamos guardar isso para meia-noite. — Minhas palavras estavam agitadas, enquanto tentava encontrar ar.

— Não sou paciente quando se trata de algo que realmente quero. — Sua voz saiu áspera e rouca, e eu estava a segundos de arrastá-lo para a superfície plana mais próxima. Inferno, eu estava sentada na mesa. Isso com certeza aconteceria.

Minha resposta não tão espirituosa foi interrompida quando ele mergulhou em minha boca. Nossas línguas se entrelaçaram e sua mão deslizou sob minha camisa. Um calafrio percorreu meu corpo

quando as pontas ásperas de seus dedos percorreram minha cintura.

Quebrei nossa conexão e arranquei minha boca da dele. Meus dedos envolveram seus bíceps duros.

— Tenho a sensação de que não vamos fazer à meia-noite.

— Vamos fazer à meia-noite tudo certo, mas não será beijar esses lábios. — O polegar dele traçou meus lábios abertos. — Estarei glorificando sua buceta.

Meus olhos se arregalaram e eu soltei um suspiro agudo. Ele estava me enganando com suas táticas- sem-restrições. Era tão livre, sem pretensões. Ele era um livro aberto e eu estava pronta para ficar acordada a noite toda folheando suas páginas.

Ele me inclinou para trás antes de atirar o braço debaixo das minhas pernas e me pegar. Passei meus braços firmemente em volta do pescoço dele. O sangue correu para os meus ouvidos e me agarrei a ele no caso de acabar mergulhando direto no chão.

— Não se preocupe, eu te seguro. — Suas palavras e o forte aperto me deixaram como água em seus braços. Como diabos eu poderia estar de boa quando ele estava me olhando assim? Mordendo os lábios com o cabelo dourado deslizando acima das orelhas, quero dizer, vamos lá! Ele era a imagem da tentação e decadência e meu clitóris palpitava no ritmo de seus passos.

Ele subiu as escadas com os olhos fazendo promessas que meu corpo precisaria alcançar quando voltássemos ao seu quarto. Atravessamos o limiar e ele chutou a porta atrás. O brilho da luz espreitava através das aberturas do batente.

— Você está linda. — Ele soltou meus pés e deslizei pela superfície rígida de seu peito. — Vamos nos divertir ao som da virada do ano. — Ele rosnou contra o lado do meu rosto.

Meu coração trovejou. Mordi meu lábio inferior. A manada de cavalos que invadiu meu estômago estava trabalhando três vezes agora.

Ele se virou e sentou na cama. Me puxando para cima dele, seus dedos afundaram na minha carne. A saia do vestido estava nas minhas coxas e eu estava montada em seu colo. Um pequeno suspiro se libertou da minha garganta quando a insistente cutucada

de seu pênis contra minha buceta coberta-de-tecido me deixou em um frenesi.

Envolvendo suas mãos em volta da minha cintura, ele me deslizou ao longo de seu comprimento duro. Uma faísca de eletricidade percorreu minha espinha e amaldiçoei as roupas entre eu e o instrumento da minha perdição.

— Acho que vou gostar do jeito que você comemora o Ano Novo. — Minhas palavras estavam agitadas.

— Também acho que vou gostar. — Sua mão em volta da minha cintura se apertou e seus quadris balançaram com os meus.

Ele deslizou os dedos da minha cintura para o zíper na parte de trás do meu vestido. O deslizamento do metal era o único som além de nossas respirações ofegantes. Suas mãos fortes afundaram na pele dos meus ombros à minha cintura exposta e soltei um gemido.

O meu balançar foi mais insistente e urgente conforme ele me levantava. Choraminguei baixinho que, rapidamente, se transformou num suspiro feliz quando ele abriu o zíper da calça e colocou a camisinha. Em um movimento tão rápido e experiente que quase agradeci aos deuses do sexo, ele empurrou minha calcinha para o lado e afundou em mim.

— Ah, porra! — Assobiei quando sua glande me separou e ele mergulhou em mim em um feroz golpe.

Puxando a frente do meu vestido, ele baixou a cabeça e capturou um dos meus mamilos na boca. Foi o único alívio que tive antes que o som agudo de seus quadris arrastasse um gemido bem do fundo.

— Porra, Kara. — Suas palavras reverberaram através de mim quando ele pressionou os lábios no meu ombro.

Seu toque firme e palavras sujas sussurradas no meu ouvido me provocaram em minutos. Era como se ele tivesse descoberto exatamente o que eu precisava depois de duas noites e estava determinado a me dar quantas vezes eu conseguisse aguentar. Talvez até mais do que eu pudesse suportar, mas fiquei feliz em deixá-lo ultrapassar todos os meus limites.

Como se ele estivesse estudado o guia sem parar, seus dedos estavam lá, me separando e dedilhando meu clitóris em tempo perfeito.

— Ai Deus. — Mordi seu ombro e minha mão afundou em seus braços, enquanto seus músculos se tensionavam embaixo de mim. Ele massageou minha bunda. Seu dedilhado persistente e especialista fez meus olhos revirarem na minha cabeça.

Desmoronei em seu colo, cavalgando nas ondas do meu clímax, enquanto ele sussurrava em meu ouvido.

Nós caímos na cama e nossas risadas ricochetearam nas paredes. Essa foi a coisa mais divertida que já tinha feito em muito tempo. Bem, desde a última vez. Era exatamente o que eu precisava. Suada e exausta, lutei para manter meus olhos abertos, envoltos no peito de Heath. Sua energia parecia não ter limites e fiquei feliz por ser um experimento sobre até que ponto alguém poderia fazer sexo até a exaustão.

Seus dedos traçaram uma linha intrincada nas minhas costas. Cada lugar que passava era uma parte do meu corpo que pertencia a ele. Levantei minha cabeça e olhei para ele. Ele estava com os olhos fechados, mas os abriu quando me movi. A hora piscou no despertador em sua mesa de cabeceira.

— Feliz Ano Novo. — Minha voz estava rouca e áspera de expressar minha apreciação pelo orgasmo que ele tinha me fornecido.

Ele olhou por cima do ombro e sorriu. — Feliz Ano Novo. — Ele segurou meu rosto e me puxou para seus lábios. — Acho que essa foi uma excelente maneira de começar, não foi?

As palavras ficaram presas na minha garganta e assenti. Este foi o começo de algo que mudaria minha vida, só que eu não tinha ideia de quanto.

HEATH

Acordei mais tarde ao lado de Kara. Seu cabelo preto cobria o travesseiro ao lado dela e minhas mãos coçavam para enroscar os dedos nele. Meu telefone tocou.

— Seu telefone está tocando há um tempo. — Kara abriu um olho antes de bocejar e rolar.

Debrucei-me sobre a beira da cama e o peguei no chão.

Declan: ONDE VOCÊ ESTÁ?!

Levantei e Kara sentou-se ao meu lado. Olhei as outras mensagens. Senti um peso no estômago e liguei para ele de volta.

— Vem aqui agora! — Ele desligou a ligação e me mandou uma mensagem com a localização. Meu coração saltou na minha garganta. *Hospital Universitário.*

Eu nem sei se disse as palavras, mas vesti minhas roupas e Kara se vestiu ao meu lado.

— Você não precisa vir. — Enfiei meus pés no tênis.

— Tudo bem. Eu dirijo. Você não parece bem para dirigir.

Ela provavelmente estava certa. Minha cabeça estava girando. Todas os semáforos da cidade conspiraram contra a chegada até lá e se eu estivesse dirigindo, teria tentado avançar os sinais vermelhos. Eram quase sete horas do dia primeiro. As ruas estavam desertas.

Tudo se moveu em câmera lenta, enquanto corríamos pelas portas do hospital. Os antigos sentimentos voltaram à tona. Meus sapatos estridente no chão de piso quando entrara no quarto onde

minha mãe estava deitada em uma cama, machucada e espancada. *Por favor, fique bem. Por favor, fique bem.*

Sacudindo aqueles pesadelos do passado, olhei para Kara. Meus passos ecoaram na escada. Atravessamos a porta no quinto andar. Minha mão estava apertada em torno da de Kara. Parei no posto de enfermagem e eles informaram o número do quarto. A parada não tinha sido necessária, porque virei o corredor e fiquei cara a cara com toda a equipe e Colm, Ford e Emmett.

Rostos abatidos e olhos vermelhos me encontraram quando passei por eles.

— E aí, cara. — Declan estendeu a mão e apertou meu ombro. Seus olhos verdes estavam vermelhos.

— O que diabos aconteceu? — Minha voz cortou os murmúrios e os médicos passando. Levei um segundo para perceber que não era a mão de Kara que estava tremendo, era minha.

— Motorista bêbado. Preston estava levando Imogen para casa ontem à noite e alguém bateu neles. — O fogo ardia nos olhos de Declan.

— Como está o Imo? — Meu coração saltou na garganta.

— Ela está bem. Alguns arranhões e contusões, mas está bem. Ela está lá com ele agora. Ela disse que ele virou o carro para que seu lado sofresse o impacto.

Fechei os olhos, quando o baque suave me atingiu no peito. Esse era exatamente o tipo de coisa que ele faria. Sem pensar, ele fizera tudo o que podia para protegê-la. Engoli o nó na garganta e fiz a pergunta que eu tinha estado temendo desde que vi todos rostos quando entrei.

— Como ele está?

Kara apertou ainda mais seus dedos nos meus. Seu calor ajudou a afastar um pouco do frio.

— Ele está bem zoado. Uma perna quebrada, pulso fraturado, o rosto está uma merda e... pode haver algum dano na coluna vertebral. — Declan tinha lágrimas nos olhos.

Porra! Passei a mão pelo rosto. Meu sangue ferveu e cabeça latejava. Eu queria envolver minhas mãos na garganta pelo culpado depois espancá-lo até ficar desacordado. Kara ofegou e soltei meus dedos.

Meus olhos se voltaram para os dela. Ela massageou a mão, enquanto eu empurrava aquelas imagens da minha mente.

— Desculpa — Murmurei. Eu não agia com esse tipo de raiva e fúria.

Ela me deu um sorriso fraco. — Tudo bem. — Ela deslizou a mão de volta na minha e a segurei em meu peito, contra o meu coração batendo. Senti um peso no estômago. Ficamos entre Declan e Emmett contra a parede do lado de fora da sala.

— Quanto mais velhos, mais a vida gosta de jogar bolas curvas. — Colm olhou para a parede do lado de fora do quarto de Preston.

— O caminho que ele tinha pego para fugir da revanche. — A tentativa de Emmett de fazer piada não deu certo e deixou a cabeça cair. O clima sombrio se estendeu quando alguns médicos entraram e saíram da sala. Seus pais e Imogen ficaram dentro.

Depois de um tempo, as enfermeiras nos enxotaram da sala de espera, onde a gente se revezava andando de um lado para o outro, como se nossos passos, de alguma forma, consertasse Preston, o levantasse e ele voltaria a andar. A porta se abriu e duas pessoas mais velhas entraram com Imogen e a irmãzinha de Preston, Becca, ao lado delas. *Os pais dele.* Todos os caras estavam esperando para ouvir.

— Queríamos agradecer a todos por terem vindo. Significa o mundo para nós e para Preston. — A mãe dele enxugou uma lágrima do canto do olho e ela colocou a mão em volta da de Imogen.

O suéter de Imogen estava rasgado um pouco no ombro, como se o cinto de segurança tivesse cravado nela. O curativo na cabeça não nada fazia para esconder os olhos turvos e a pele pálida. O braço direito estava numa tipóia. Ela parecia ter visto um fantasma.

— Ele está estável. Eles precisam esperar um pouco para que o inchaço diminua antes de saberem sobre as pernas dele. — Sua voz falhou e o pai dele apertou seu ombro. — O treinador está lá com ele agora, mas sei que todos gostariam de vê-lo. Eles disseram que se vocês forem dois ou três de cada vez, está tudo bem.

Deixei os outros caras irem primeiro. Colm, Emmett e Ford entraram por apenas um minuto, para dizer que estariam prontos para a revanche assim que ele estivesse de pé novamente. Todos

fizeram suas visitas curtas. Ele tinha passado por muita coisa e precisava descansar.

Declan e eu fomos por último. Kara segurou as pontas na sala de espera. Os pais de Preston e Becca tinham ido para casa buscar roupas e outras coisas. Imogen estava encolhida na poltrona ao lado da cama de Preston e o treinador estava sentado em uma cadeira do outro lado dele.

Os hematomas ao lado de seu rosto me levaram de volta à sétima série. Eu tinha dito a mim mesmo que estava dando a todos a chance de dizer o que eles precisavam, porque estiveram esperando há mais tempo que eu, mas na verdade estava adiando. Vê-lo assim, deitado em uma cama de hospital, trouxera tantas lembranças que eu me esforcei para esquecer e deixar pra lá... E a raiva crescente por alguém ter feito isso com meu amigo.

A vontade de encontrar o motorista e fazê-lo sentir exatamente o que Preston sentia, tinha feito meus punhos se contraírem ao meu lado. Eu me afastei, parando no caminho. Eu não era aquele cara. Eu não era um monstro furioso, determinado a machucar alguém. Isso não era eu e nunca seria, mas o calor que ameaçava transbordar, quando alguém com quem me importava estava machucado me fez querer quebrar as coisas. E eu odiava o quanto queria seguir em frente.

— Ei, cara, tudo isso para nos incomodar por se tornar profissional — Declan brincou com a voz tensa, enquanto pegava a mão ilesa de Preston e a envolvia.

Preston tentou rir antes de estremecer e se segurar.

— Você me conhece. Sempre procurando o caminho mais fácil. — Seu sorriso saiu como uma careta com o lábio rachado e o curativo em volta da cabeça.

— Você é exatamente assim, Preston “Caminho Mais Fácil” Elliott.

— Foi mal pelo susto. E sinto muito pela temporada. — Ele olhou para o braço dele. Aquele sentimento de inutilidade era um que eu conhecia bem.

— Você está louco? Isso não é culpa sua. Nem de perto. Estamos felizes por você estar bem. E estamos felizes que você esteja bem também, Imogen.

Imogen esfregou a mão de Preston e se levantou, descansando a testa contra a dele e murmurando contra sua pele. Ela levantou a cabeça e tinha lágrimas nos olhos. Ela olhou para mim e me deu um pequeno sorriso.

Eu não tinha conseguido jogar por quase dois meses, enquanto meu braço se recuperava quando deixáramos Califórnia. O interesse não era tão alto quanto era para Preston, mas se mudar para um novo lugar e não ter a praia por perto, o hóquei se tornara meu descanso. Não pisar no gelo por tanto tempo, era como se eu estivesse enlouquecendo.

O treinador levantou da sua cadeira. — Estamos felizes que vocês dois entraram juntos. Tenho conversado sobre isso com Preston e achamos que conhecemos a melhor pessoa para assumir o lugar dele pelo resto da temporada.

Olhei para Declan. Ele seria a escolha natural. Um dos melhores e os caras se reuniam em torno dele. Eu tinha um grande sorriso no rosto enquanto olhava para Declan, que olhou de volta para mim.

— Queremos que você seja o capitão.

As palavras do treinador saíram como uma confusão. Eu jurei que ele havia dito que queria que *eu* fosse capitão. Minha cabeça virou para Preston, deitado na cama, com os olhos arregalados.

— O que? — Inclinei a cabeça, ainda não convencido de que não havia perdido parte da conversa.

— Nós escolhemos você, Heath. — O treinador acrescentou, não me dando espaço para interpretar mal o que ele havia dito.

Meus olhos dispararam para Declan e ele assentiu.

— Eu? Por que eu?

Preston se mexeu na cama. — Você é um excelente jogador. É quase imparável no gelo, além de todos os caras te respeitarem. Eles vão precisar de alguém que fique calmo sob pressão e também possa dar chute na bunda deles na pista.

— Mas… — As palavras morreram na minha garganta. Eu era mais rápido no gelo do que qualquer um do time, mas capitão?

— Você é quem precisamos. — Os olhos de Preston brilhavam com sinceridade, mas de alguma forma as paredes do quarto do hospital se moveram e se fecharam contra mim.

— Heath, você pode fazer isso. — A voz de Declan me chamou de volta do fundo do poço em que eu estava caindo.

Envolvi minhas mãos em volta da pequena grade no final da cama de Preston. Meus nós brancos da mão fez um barulho contra o lado da cama.

— Você pode não saber, mas não é apenas o nosso jogador mais rápido, mas é também um dos nossos mais pacientes e motivados. Sei que você acha que ninguém percebe as atividades extras que você faz com os novos caras.

— Só estou ajudando eles a se ajustarem ou encontrarem seu ritmo.

— Exatamente! — A mão do treinador pousou no meu ombro. Ele apertou e olhei de volta.

— É exatamente isso que precisamos em um capitão.

— Não sou nada como Preston. Não posso fazer tudo que ele faz. — Fiz que sim com a cabeça em direção a Preston, que tinha Imogen sentada ao seu lado.

— Está certo. Não pode. — Ele sorriu para mim. — E você não precisa. Nós não queremos que você faça. Todo capitão tem seu próprio estilo e você já tem sido um líder da equipe sem nem ao menos saber. Continue fazendo o que você tem feito e siga em frente. Precisamos que você traga esse título para casa, Heath.

Olhei entre todos os rostos deles na minha frente. Eles precisavam que eu fizesse isso. Eu precisava fazer o que fosse necessário para esta temporada seguir o caminho que todos queríamos. Terminá-la imediatamente. Levar o time à vitória.

— Você está de boa com isso? — Troquei olhares com Declan.

— Você pode fazer isso. Estarei lá apoiando você o caminho todo.

— Parece que eu sou o novo capitão. — As palavras saíram da minha boca e havia um buraco no estômago. Eu estava realmente fazendo isso?

Nunca me deixaria assumir esse tipo de responsabilidade. Nunca confiei em mim com algo assim. Manter toda a minha intensidade no gelo era como eu me impedia passar do limite. Nunca deixando que aquelas coisas transbordassem para um lugar

onde sempre estivera longe. Com tanta coisa em jogo, eu não poderia estragar tudo.

Os pais de Preston apareceram, então Declan e eu demos a eles o espaço que eles precisavam. Nos despedimos e paramos na sala de espera para pegar Kara.

O treinador nos alcançou no saguão.

— Sei que você está preocupado, Heath, mas você tem tudo o que precisa para fazer isso. Você tem habilidade, paciência e determinação para manter todos alinhados. Três meses é tudo o que precisamos para conquistar outro campeonato, e você consegue, filho.

Chegamos lá fora e a temperatura parecia ter caído mais dez graus. Kara apertou sua mão em torno da minha.

Estremeci quando a mão do treinador pousou no meu ombro. Eu odiava quando ele me chamava assim. Ele não quis dizer nada com isso, mas trouxe de volta uma enxurrada de memórias que preferiria deixar enterradas. O treinador entrou no carro e se afastou.

— Vai voltar para casa? — Declan fechou o casaco e puxou a gola mais alto.

Olhei para Kara. — Você tem algum lugar para ir? Ou você está de boa se dirigirmos um pouco?

— Eu posso fazer o que você precisar que eu faça. — Ela me deu um pequeno sorriso e eu a amava.

Sabia que era muito cedo.

Sabia que era um louco-do-caralho, mas eu a amava.

— Vamos sair um pouco para clarear minha cabeça.

Declan assentiu e enfiou as mãos nos bolsos. — Preciso ir falar com a Mak. Não queria preocupá-la. — Ele saiu e fomos para o meu carro.

— Estou bem para dirigir agora. — Estendi minha mão para as chaves. Ela hesitou antes de colocá-las na minha mão. Sua mão descansou em cima da minha.

— Sério, sinto muito pelo seu amigo. — Ela passou os braços em volta de mim e abaixei minha cabeça, enterrando-a em seus cabelos. Seu toque, cheiro e presença me aqueceram mesmo no frio cortante.

— Vamos lá.— Eu a acompanhei até o outro lado e abri a porta para ela antes de entrar ao meu lado.

Liguei o aquecedor e ela esfregou as mãos na lateral do vestido. Eu estremeci. Ela deveria estar congelando, mas não deixou transparecer. — Para onde?

— Não sei ainda, na verdade. — Aumentei o aquecedor e dei partida no carro.

KARA

Dirigimos em silêncio por um longo tempo e, a princípio, pensei que estávamos dirigindo sem um destino em mente. Arrisquei dar uma olhada nele. Ele não estava acelerando ou algo assim, mas o olhar determinado em seus olhos me fez pensar que ele sabia para onde estava indo. Talvez ele soubesse, mesmo que pensasse que não.

— Heath?

Ele ergueu a cabeça como se tivesse esquecido que eu estava lá.

— Tem certeza de que não quer que eu dirija?

Ele largou uma mão do volante e a apoiou na minha coxa. — Estou bem. Obrigado por perguntar. Desculpe por isto. Eu precisava sair de lá um pouco. Minha mente limpa quando a estrada vazia é colocada à minha frente e avanço em direção a um novo território atrás do volante.

— Entendi. Na estrada vazia. Você pode se concentrar nisso e ajuda seu cérebro a entender as coisas com as quais está lidando.

Ele olhou para mim. — Você tem certeza de que não é psicóloga?

Dei uma risadinha. — Definitivamente, não sou uma psicóloga, mas às vezes preciso me afastar. Estou aqui com você, se precisar conversar.

— Sua mão apertou minha coxa. — Eu sei.

Vi uma grande placa verde para Shore Points. — Vamos descer a costa? — Estaria frio para um caralho.

Seus lábios pressionaram juntos em uma linha fina e ele tomou a saída antes do sinal. — Não, vamos pegar algo para comer. Está com fome?

Meu estômago roncou e seus olhos se arregalaram. — Eu poderia comer algo. — Tínhamos estado no hospital desde o início da manhã e além de alguns doces de máquina, nenhum de nós tinha comido nada. O calor explodiu dentro de mim, descongelando o frio da sala de espera do hospital e a manhã de janeiro.

Paramos em um estacionamento de lanchonete. Estava vazio. Talvez as pessoas ainda estivessem desmaiadas depois da festança. Tinha começado a cochilar, quando o carro aqueceu. A mão de Heath estava apoiada nas minhas pernas. Ele me apertou quando chegou a hora de sair.

— Vamos pegar um pouco de comida. — Ele pulou para fora e abri minha porta, sem esperar que ele viesse fazer isso.

Deslizei minha mão na dele e subimos os degraus para o restaurante. Uma mulher que parecia estar trabalhando lá por décadas nos mostrou uma mesa. Deslizamos para lados opostos com as mãos entrelaçadas ainda em cima da mesa.

Ele passou o polegar sobre meus dedos. Sua leveza habitual tinha diminuído. Ter alguém tão próximo de você se ferir não era fácil de lidar. Ele estava sofrendo e eu odiava isso. Queria fazer o que pudesse para consertar, mas, às vezes, não há nada que se possa fazer. Tem vezes que tudo o que se pode fazer é causar um sorriso e torcer para que seja o suficiente.

— O que você quer comer? Eu estava pensando em perguntar se eles tinham um pouco de bolo de chocolate com lava.

Abaixei minha cabeça para tentar chamar sua atenção. Um fio de sorriso apareceu nos cantos de seus lábios. Inverti o aperto que ele tinha na minha mão e passei as pontas dos dedos sobre a palma.

— Tudo bem ficar triste. O choque é mais difícil de lidar. É sempre inesperado quando alguém próximo a você se machuca assim.

Seu pulso acelerou sob meus dedos. — Alguém quase o matou. — Os músculos de sua mandíbula estalaram.

Saí do meu lado da mesa e deslizei para o lado dele. — A vida tem um jeito de nos pegar de surpresa quando menos se espera. Ele está bem. Ele está acordado e conversando. É um milagre! E a namorada dele está bem. — Passei meu braço ao redor dele. — Eu sei que não parece agora, mas as coisas poderiam ter sido muito piores. Muito pior.

Ele me deu um aceno sombrio e olhou para o menu.

— Em que posso te ajudar? — Nossa garçonete estava no final da mesa com o bloco de notas pronto.

— Vou querer um cheeseburger, batatas fritas e suco de cranberry.

A garçonete virou-se para Heath que ainda estava em choque. Seu olhar perdido partiu meu coração. Fazia muito tempo desde que tive que lidar com alguém que eu amava se feria. Tinha colocado essas memórias de lado para que elas não me assombrassem à noite.

— Vou querer o mesmo. — Ele murmurou.

A garçonete reuniu nossos cardápios e nos sentamos em silêncio. Descansei minha bochecha contra seu ombro. Ele pousou o queixo no topo da minha cabeça.

— Preciso que ele se recupere e fique bem. — Sua voz era áspera e crua. — Ele é o tipo de cara que faria qualquer coisa por qualquer um e o pensamento dele não estar bem… — Ele parou. — Tenho que fazer isso por ele e mostrá-lo o quão bom ele nos fez.

—Vocês venceram o campeonato nos últimos três anos, não foi? — Eu tinha ouvido algumas grandes celebrações no ano passado, quando estava estudando na biblioteca.

Tantas emoções brotaram em seus olhos que fizeram minhas mãos formigarem para tocá-lo. — Sim, nós vencemos. Mas ele é a cola. — Ele fechou os olhos e piscou as lágrimas brilhantes que tentavam escapar. Eu o segurei mais apertado, determinada a deixá-lo saber que eu estaria lá por ele. Podemos não nos conhecer há muito tempo, mas isso não era algo que eu poderia deixar para lá. Ele não era alguém que eu poderia deixar para lá.

— E você será a cola também. Você pode fazer isso, Heath. Seu treinador não teria o feito capitão, se não acreditasse em você. Preston também. Eu tenho visto você ser bastante persistente e persuasivo naquilo que deseja. Não há dúvida de que você levará sua equipe onde eles precisam estar.

Comemos e conversamos sobre nossas vidas enquanto crescíamos na cidade. Seu diploma e o que ele faria depois da formatura. Ir para a NHL seria intenso, mas não duvidei que ele pudesse fazê-lo com o desempenho da equipe.

Ele me deixou em casa e entrei, fechando a porta atrás de mim, me sentindo mais exausta do que tinha sentido desde sempre. Mamãe, papai e Lauren estavam assistindo um filme. Dei-lhes um abraço e subi na cama ainda vestida. Entre minha noite com Heath e nosso dia no hospital, senti como se pudesse dormir por uma semana.

Meu olhar correu para a gaveta da mesa. A carta franzida e amassada estava lá. Abri e tracei a letra dela com os dedos. Tinha programado meu e-mail para arquivar qualquer outra coisa que ela me enviasse, mas não consegui jogar fora a carta. Corri meus dedos ao longo de sua felicidade escrita, repetindo as palavras e esmagando-as no meu peito.

E se ela realmente estivesse limpa e sóbria? E se ela realmente quisesse fazer as pazes e tentar ter um relacionamento? E se eu não pudesse lidar com isso e tudo desmoronasse?

HEATH

Meu telefone explodiu na parede de concreto do vestiário úmido. Algumas cabeças viraram na minha direção e passei meus dedos pelos cabelos encharcados de suor. *Puta que pariu!*

Eu não conseguia parar de tremer. Minhas mãos estavam saltando por completo. Nós tínhamos perdido. Foi uma derrota desmoralizante: 9-2 contra um time que tínhamos destruído toda vez que havíamos jogado. Nosso primeiro jogo desde que Preston tinha sido ferido. Meu primeiro jogo como capitão e eu estava fodendo com tudo.

— Heath, cara! Que diabos? — Kaden, um dos nossos *enforcers* (brigão) do primeiro ano, saiu do chuveiro e apertou a toalha em volta da cintura.

— Está tudo bem. — Acenei para ele. Como se o *enforcer* tivesse a porra de algum tempo para conversar. Recentemente, ele só tinha olhado para o próprio cu.

— Não, não está tudo bem se você está surtando assim. — Ele se aproximou, mas uma mão apertou seu ombro.

— Se ele disse que está bem, então está bem.— Declan passou uma toalha sobre a cabeça e empurrou Kaden para trás. — Afaste-se e lhe dê algum espaço.

Abaixei a cabeça e olhei para os restos do meu telefone. *Droga*. Eu deveria ligar para Kara.

— Estamos todos fora de forma sem Preston. Não deixe que isso chegue até você. Tome um banho e nos encontraremos no ônibus. Tenha uma boa noite de sono e teremos um bom jogo amanhã.

Ele me deu um tapa nas costas e arranquei todo o meu equipamento, caindo no chão e indo pro chuveiro. A água estava gelada. Cerrei os dentes quando o jato gelado caiu conta de mim. Talvez isso ajudasse a controlar as coisas ou talvez me entorpecesse o suficiente para que eu sentisse que poderia funcionar sem destruir esse lugar.

A viagem até o hotel foi tão tranquila que você podia ouvir um alfinete cair. A equipe estava cansada e derrotada. Todos os passes que deveriam ter sido do nosso jeito não foram. Cada apito tinha sido a nosso favor antes mesmo de ouvir a decisão do árbitro. As luzes da rua passaram, brilhando nos meus olhos, enquanto olhava para a escuridão lá fora.

E se eu não pudesse fazer isso? E se eu fudesse com tudo ou pior, enlouquecesse no gelo? Ou fora do gelo? Eu nunca tive que lidar com isso antes. Tanta coisa pesava em meus ombros e tudo que eu queria fazer era conversar com Kara. Pena que eu tinha transformado meu telefone em um milhão de pedacinhos, na saída do vestiário.

Eu não tinha o número dela decorado, o que significava que eu não podia nem ligar do hotel. É o que acontece quando você perde a paciência. Você fode com tudo: já tive que mudar meus horários do semestre.

Com a pressão adicional para ser o capitão da equipe e tudo o que acontecia com Preston, eu tinha mudado de turma. Tudo que eu precisava era do estudo independente, alguns outros requisitos para me formar e manter minha elegibilidade para o semestre. Fiquei olhando o teto por um longo tempo sem nada além do tamborilar da chuva contra as janelas do lado de fora. Mesmo depois de jogar, eu ainda estava cheio de energia. Liguei a TV, a inconfundível Ferrari vermelha brilhante e o som grave de "Oh Yeah" apareceram na tela. Ferris ficou ao lado de Cameron tentando convencê-lo a ter um dia de folga. Desliguei. Até John Hughes não foi suficiente para acalmar a queimação no meu peito. Tudo o que me fez pensar foi em Kara.

Saí do meu quarto e usei a chave para entrar na academia no andar de baixo. Do lado de fora da janela, as folhas das árvores farfalharam e empurrei minhas mãos contra o puxador congelante da porta externa. O vento ardeu meu rosto. Meus pés pisaram no concreto e na grama, enquanto segui pelo estacionamento coletivo ao lado do hotel. A dormência se instalou em meus membros de uma maneira que não tinha conseguido na pista de patinação e corri, impulsionando meus músculos pesados ainda mais. Exaustão era a única coisa que me derrubaria agora. Se eu não pudesse ouvir a voz de Kara, o desgaste completo do exercício seria necessário. Olhei para a frente, a chuva caindo em lençóis contra as janelas com vista para o estacionamento. Os sonhos teriam que me confortar por agora, porque era tudo o que eu tinha.

KARA

A primeira semana de aula era sempre agitada, ainda mais quando a chefe do departamento decidiu que ela queria estender o recesso de Natal por mais uma semana e enviou tarefas no dia anterior ao início das aulas. Tudo estava uma bagunça. Heath enviou um e-mail informando que seu celular estava quebrado. Isso ajudou a suavizar as margens irregulares de incerteza que tinham surgido, quando eu não tinha notícias dele há um tempo. Mas ele estava tão ocupado quanto eu e nos veríamos em breve.

Os horários estavam arruinados e as aulas já estavam atrasadas antes mesmo de ter começado. No segundo em que virei o corredor para o escritório da Stevenson, tentei voltar atrás; mas seus pequenos olhos redondos se ergueram e eu fui pescada. Com o meu melhor sorriso de te-odeio-com-todo-meu-coração, ajustei a bolsa no ombro e caminhei em direção a Jason como se estivesse indo para um pelotão de Stormtroopers atiradores.

— Kara — Seus lábios estavam em uma linha sombria, quando ele folheou os papéis em sua mão.

— Jason — Vi a caixa no chão cheia de envelopes com nossos nomes neles. A pilha de propostas de tese determinava se teríamos um orientador para o programa de doutorado. Tinha trabalhado noite e dia no meu por meses antes de entregá-lo, animada com o que minha pesquisa poderia fazer. Meus dedos formigavam como se

tivessem adormecidos em minhas mãos quando me aproximei do escritório da professora Stevenson.

Jason estava praticamente em cima da caixa onde estavam empilhados nossos documentos finais antes do recesso. Olhei para ele do jeito *você-não-vai-sair?* que continuou folheando sua pasta como se ninguém mais existisse no mundo, o que provavelmente era o que ele pensava. Limpar minha garganta não fez absolutamente nada, pois ele continuou a me ignorar.

Quando ela entraria no século XXI e colocaria essas coisas online? Agachando-me, peguei meu envelope que era o segundo do monte e rasguei. Puxei a pequena pilha de papéis.

Eu deveria ter estado extasiada. Deveria estar pulando para cima e para baixo, mas olhei para a nota no meu artigo e só consegui reunir o mínimo de felicidade. *O que eu estava fazendo?* Mirei Jason e um olhar frio, afiado e fulminante me atingiu. Ele esticou o pescoço para verificar meu artigo, enquanto eu estava de pé.

O vermelho brilhante circulado no *100* na frente, não tinha lhe caído muito bem, pois ele fez um bico e seu olhar geralmente desagradável apareceu no seu rosto. Em sua névoa bisbilhoteira, ele deixou cair o topo do seu artigo, então eu vi o *90* de cabeça para baixo em seu papel.

Ah, que felicidade. Eu me perguntava o quanto isso tinha a ver com o programa e quanto tinha a ver com ele se mostrar. Abafando um sorriso, eu mantive meu rosto neutro. Bem, o mais neutro que pude com um sorriso de satisfação pronto para explodir e dar um tapa na cara de Jason. Parecia que ser um puxa-saco nem sempre garante as melhores notas.

Coloquei o envelope na minha bolsa. Eu examinaria os comentários dela mais tarde, mas, por enquanto, podia aproveitar o fato de não ter ferrado com tudo e ter obtido uma nota melhor do que Jason. Essa última parte era a cereja-do-bolo, em que eu não pude resistir.

— Você vai usar a bolsa para Montfort?

Ele sabia que eu iria. Todos no programa sabiam. — Claro!

Um pequeno som de desaprovação saiu da sua boca e eu estava a um segundo de, literalmente, esfregar meu *100* na cara

dele.

— Boa sorte! — Ele cuspiu como se fosse uma praga que estava tentando me usar para me fazer perder todo o meu cabelo e vinte pontos de QI.

— Você também. — Meu sorriso largo e tom ensolarado o fizeram ficar ainda mais ereto, o que me fez sorrir ainda mais. *Vai chupar um canavial de rolas, Jason!*

O ar gélido de janeiro piorou tudo. Passei pelas calçadas molhadas e escorregadias do campus. O começo do semestre era insano. Não apenas tive que lidar com minhas aulas e a avaliação quantitativa que estava chegando, mas também tive que lidar com minhas tarefas de professora assistente. Três estudos independentes e dois em pequenos grupos performance oral. Como Stevenson era um dinossauro, ela não nos enviou por e-mail nossas tarefas, tivemos que ir ao escritório dela para buscá-las.

Isso teria sido tranquilo, se ela estivesse em seu escritório. A única razão pela qual eu tinha conseguido a revisão da tese foi porque eles finalmente tinham aberto o prédio principal após o recesso. Aquelas caixas que tinham estado esperando do lado de fora da porta dela desde o primeiro dia do recesso, quando ela, de má vontade, tinha decidiu nos informar onde elas estavam, mas não tínhamos sido capazes de chegar até elas.

Eu tinha me imaginado em uma cena de filme policial de assalto para colocar minhas mãos naquele trabalho, mas, em vez disso, decidi comer toda a massa de biscoito que pude para me ajudar a esquecer. Mas não ter mais nada para os meus cursos de Cálculos significava que eu não descobriria nada sobre meus alunos até caçá-la. Tudo que eu sabia eram os números da sala e os horários. Os alunos se matriculavam e trancavam as aulas com tanta frequência que as listas não estavam atualizadas até depois que o período de matrícula e cancelamento acabasse.

Minhas primeiras aulas não eram tão ruins. O encontro de performance oral com a turma do segundo ano foi para fazer uma introdução e revisar as diretrizes para o semestre. Não havia nada para revisar, uma vez que ainda não haviam tido sua primeira aula oficial. Correndo para a livraria, solicitei um novo conjunto de livros

didáticos para a turma que Stevenson havia deixado de encomendar para o início do semestre.

As boas energias desapareceram rapidamente quando as dores da fome atingiram. Parei no refeitório e peguei um pãozinho com bacon e uma xícara de café para me sustentar até o jantar. Eu precisava guardar os livros antes de me quebrar ao meio sob o peso do que parecia ser uma pequena fortuna em livros didáticos.

Enfiei o resto do meu pão na boca e espanei as migalhas da minha camisa. Em momentos como esse, meu estômago me avisa que ficara muito tempo sem comer, era tudo sobre colocar o máximo de comida no estômago quanto possível antes de me transformar num monstro que cospe-fogo.

Verifiquei com o administrador do departamento sobre o meu escritório designado para as sessões de estudos independentes. Era o mesmo do semestre anterior. Eu meio que odiava esse prédio. Era tão velho e sombrio, como a terra das reformas esquecidas.

Todos os outros prédios do campus tinham sido atualizados e polidos com um alto brilho, mas não o prédio Ansel, o que significava que o chão rangeu, as janelas tremeram e eu esperava que um fantasma viesse flutuando pelo corredor a qualquer segundo. *Por que esses prédios antigos eram tão escuros?* Enquanto os laboratórios eram primitivos, nossos escritórios de bioquímica eram menos ainda.

Um e-mail enviado de Stevenson cerca de vinte minutos atrás me avisando que eu teria um aluno extra independente. Eu não diria a ela que já havia superado a carga de trabalho do semestre, porque não me faria nenhum bem.

Tinha trabalhado com um aluno independente no semestre anterior e sempre foi interessante ver o que os alunos criavam. Teria sido ótimo saber pelo menos algo sobre eles, mas, novamente, Stevenson só se importava com seus projetos de animais de estimação no departamento de bioquímica.

Eu já estava três minutos atrasada. Odiava estar atrasada. Verificando novamente o número do escritório, corri pelo corredor. É claro que meu escritório compartilhado era o mais distante de tudo. A sala mais isolada do edifício mais assustador do campus. Perfeito.

Tomando um segundo para me recompor, entrei na sala de aula e fiquei cara a cara com meu novo aluno durante o semestre. Tudo aconteceu em câmera lenta quando ele se virou, seu cabelo loiro vagamente familiar. E foi aí que percebi que estava com um grande problema. Não um grande problema, mas um enorme *Puta merda, você está fodida* quando eu parei na frente do aluno com quem deveria passar algumas horas por semana escondida neste pequeno escritório.

Ele sorriu para mim com aquele sorriso preguiçoso e emocionante e um choque sacudiu através de mim, quase dobrando meus joelhos. *Heath.* Minha xícara escorregou das minhas mãos e me preparei para uma puta queimadura de café quente explodir aos meus pés.

HEATH

Choque nem sequer começa a descrever o que passou por mim quando minha assistente de estudo independente entrou pela porta. Seus olhos castanhos escuros e cabelos ondulados tinham tido um papel de destaque em muitas das minhas fantasias nas últimas duas semanas. Com tudo o que acontecia com Preston, nossos jogos e sendo o novo capitão, eu não tinha conseguido arranjar tempo para vê-la ou conversar com ela, desde a nossa viagem depois do hospital. Nós deveríamos nos ver amanhã.

Isso me frustrou a todo momento que entre viajar, estar no gelo e no hospital, eu não tinha conseguido vê-la; mas parecia que o universo havia encontrado uma maneira de recompensar minha paciência. A porta do escritório velho e mofado se abriu e fiquei cara a cara com a mulher que não conseguia tirar da cabeça.

Com a xícara de café em uma mão, uma pilha de livros na outra e sua bolsa de laptop pendurada sobre os ombros, ela entrou no quarto como uma mulher numa missão. Sua blusa azul com botões e calça preta era a imagem do profissionalismo, mas eu sabia o que havia por baixo. A leve pressão nos botões de cima da camisa tinha me recordado as nossas três noites juntos em detalhes vívidos.

Os reflexos rápidos como relâmpagos definitivamente vieram a calhar quando a xícara de café bem quente estava prestes a espalhar-se pelo chão. Agarrando o copo no ar, eu o endireitei. Apenas algumas gotas caíram da pequena abertura na minha mão.

Eu nem senti a queimadura, mas meu sorriso era tão amplo que senti nos dedos dos pés.

— Kara — Seu nome saiu como o primeiro suspiro depois de ser sugado sob uma onda monstruosa. Absorvendo o ar fresco das possibilidades. Meu telefone ainda estava quebrado há alguns dias. Eu tinha estado no gelo a cada segundo que não estava na aula. — Você é minha orientadora de estudo independente.

— Merda! — Saiu como um sussurro, como se talvez ela nem percebesse que tinha dito. Com os olhos arregalados, Kara se virou e fechou a porta atrás de si. Sentei-me na beira da mesa e vi o rubor escarlate viajar por todo o seu corpo. Gostei da aparência disso e da porta fechada atrás dela. A pequena janela de vidro fosco significava que havia muitas possibilidades para nossas sessões juntos. A mesa parecia suficientemente robusta.

Ela deu os dois passos para mesa, colocando o cabelo atrás da orelha e os livros sobre a superfície. Descarregando tudo, ela olhou para os exemplares por alguns segundos, como se talvez ela pensasse que eu desapareceria se ela me ignorasse.

Deslizei o café para sua linha de visão e ela levantou a cabeça. Seus olhos não eram a imagem da mulher brincalhona, desinibida e topa-tudo-a-toda-hora de nossos tempos juntos. Esses olhos eram atentos e cautelosos.

— Você se importaria de sentar? — Ela apontou para o assento de couro verde desgastado em frente à mesa.

— Estou de boa aqui. — Inclinei-me na mesa e espiei por cima dela. As taças rendadas de seu sutiã mal continham seus seios e eu mal podia esperar para colocar minhas mãos neles novamente.

— Acho que seria melhor se você se sentasse ali. — Ela se mexeu, empilhando e re-empilhando a pilha de papéis na sua frente. Empurrei a mesa e me sentei na cadeira. Cheirava a cachimbo velho. Correndo minhas mãos sobre meus jeans, puxei-os um pouco para baixo. De repente, as coisas tinham ficado extremamente apertadas.

— Parece que você está tão surpreso em me ver quanto eu estou.

— Agradavelmente surpreso — Acrescentei.

Os lábios dela desceram ainda mais. — Heath... Esses encontros serão sobre seu trabalho. Você tem um projeto que precisa concluir para se formar e eu tenho requerimentos que preciso cumprir. Se mantivermos as coisas estritamente profissionais, podemos alcançar esses objetivos e passar um ótimo semestre. — Ela estampou um sorriso falso que não alcançou seus olhos.

— Não se preocupe com isso. Estou totalmente de boa em manter nossos encontros cem por cento profissionais. Entretanto, sentar ao seu lado por algumas horas por semana e não tocar em você será uma tortura. — Inclinei-me para a frente, descansando os braços nas minhas pernas e olhando diretamente em seus olhos. — Mas isso vai ficar muito mais ardente quando eu arrancar essas calças de você, dobrá-la sobre a mesa e comê-la por trás quando esta sessão terminar. Balancei a cabeça para a mesa em que ela estava sentada, como se tivesse o poder mágico de não fazê-la a mulher mais sexy em um raio de 32 quilômetros. Inferno, pelo menos oitenta.

Ela se levantou, derrubando sua xícara de café, que derramou algumas gotas sobre a mesa. Ela estava chateada por não termos conversado nesses dias?

— Desculpa não ter ligado para você. Estraguei meu telefone no jogo fora de casa e só tive tempo de comprar um novo hoje, depois do nosso encontro.

Ela limpou a garganta e pegou um papel em cima da mesa, claramente tentando ignorar o que eu tinha dito, mas sabia que tinha a atingido.

— Não estou chateada com isso. Tudo bem.

Ela não parecia bem. Seu peito subiu e desceu um pouco mais rápido, enquanto tentava se recompor. Não me importei com ela se incomodando. A mulher do bar fazia muito mais sentido agora. Levei alguns minutos para perceber que ela estava falando comigo. Tinha estado muito ocupado percorrendo as várias superfícies e móveis do escritório e como exatamente eu a pegaria em cada uma delas.

Balançando a cabeça, limpei a garganta enquanto ela estava atrás da mesa olhando para mim com expectativa. — Foi mal, o que disse?

— Nós não podemos fazer isso, Heath.

— Por que não? Você não é realmente minha professora. Recebo minha nota da chefe de departamento.

Não foi nada parecido com o que acontecera com a professora Juniper, do ensino médio, na qual todo mundo teve um crush. Eu tinha sido implacável durante o último ano, perseguindo-a para chamá-la para sair e depois da formatura, finalmente tínhamos saído. Mas essa situação era diferente. Kara e eu já estávamos nos vendo. Ambos adultos. Um tempo extra de estudos que terminou num sexo atrevido parecia exatamente o que precisava para me manter na linha neste semestre.

— Com base nas minhas recomendações e feedback. Sou responsável por decidir qual é a sua nota, mesmo que ela seja quem realmente as computa. Eles podem anular sua nota.

Meu rosto caiu. Se eles anulassem minha nota, eu não me formaria. A temporada seria anulada, porque eu não estaria elegível para jogar.

— Então, vou encontrar outra pessoa para o estudo independente. Me coloque com outra pessoa. — Eu não vou parar de vê-la esse semestre inteiro por causa dessa aula.

— Não tem mais ninguém. Sou a única em todo o departamento que ainda tinha um espaço para pegar alguém.

Passei minhas mãos pelos meus cabelos, minha frustração aumentando. — Vou encontrar algo. Vou achar outra aula que dê certo.

Havia uma pitada de desespero na minha voz. Ela era a única coisa que eu tinha estado ansioso para este semestre - inferno, o mais extenso dos semestre -, mas nos últimos dias em que não conversei com ela tinham sido tortura. Estando no mesmo campus, imaginei que uma vez que as aulas tivessem começado, e acomodássemos em nossos horários, poderíamos nos ver muito mais.

— Com o que está acontecendo entre a gente, eu não deveria ter nenhuma influência sobre a sua nota. — Ela apertou a nuca.

— Não acho que tenho sido claro aqui. Eu pretendo, cem por cento, que continuemos o que temos. — Olhei nos olhos dela,

passando por toda a hesitação e dúvida, pronta para mostrar a ela que isso não seria algo que ela pudesse fugir.

— Heath, não podemos. Estamos falando da minha carreira e da sua graduação. Se alguém descobrir sobre isso, sobre nós, isso poderá destruir tudo. — Seus olhos imploraram que eu entendesse. E entendia, muito bem. Eu tinha cruzado essa linha antes. Deixando que minha persistência ficasse no caminho de algo que poderia magoar alguém com quem me importava e não poderia fazer novamente. Não faria isso de novo, especialmente com a Kara.

— Então, como ficamos? — Uma dor surda cresceu no centro do meu peito.

Ela baixou os olhos, correndo os dedos pela mesa. — Por que você não me dá o resumo completo do seu projeto?

Examinamos minhas ideias sobre as possíveis extrações medicinais de uma espécie de planta que tinha estado cultivando nos últimos dois anos. Os caras pensaram que eu era louco por não seguir o ramo da cinesiologia, que era o padrão para os atletas, mas eu sabia que uma carreira de hóquei durava apenas tanto tempo.

Ao ir para a faculdade, eu já estava me prejudicando quando se tratava de ingressar. A maioria dos caras da Europa ingressou na NHL quando tinha dezoito anos. Inferno! Alguns tinham até dezessete. Eu já era velho quando comecei, mas não queria voltar para a faculdade depois. Eu queria viver isso agora, e eu estava tão perto. O hóquei estaria lá, e mesmo se eu só tivesse cinco anos, se tivesse sorte, alguém só precisava de tanto dinheiro.

Eu faria isso funcionar e teria meu diploma como segurança, para seguir em frente quando me aposentasse do jogo.

— As novas flores das minhas plantas serão excelentes para os testes até o final do semestre. Já tenho escrito as diretrizes experimentais que precisarei ter para os resultados preliminares.

Ela assentiu com um brilho inquisitivo nos olhos. Falar sobre essas coisas a deixou tão interessada quanto quando contei o que queria fazer com ela. Suas perguntas voltaram rapidamente. Enquanto ela falava, tentei não olhar para os lábios dela e lembrar de todos os lugares em que eles tinham estado em mim. Eu ansiava por envolver minhas mãos em seus fios pretos ondulados e

acomodar suas pernas em cada lado meu, enquanto a mostrava como aqueles encontros realmente poderiam ser bons.

Imaginei a próxima vez que a pegasse, pressionada contra a porta ou talvez sobre o braço da cadeira em que estava sentado. Afundei meus dedos no tecido macio debaixo da minha mão. Eu tinha conseguido continuar falando como se não estivesse imaginando ela estirada sobre a mesa pronta para eu devorá-la. Essas imagens passaram pela minha mente rápida e furiosamente. *Pare com isso! Você está brincando com fogo.*

Depois de alguns minutos, ela até se levantara e deu a volta na mesa, entrando na outra cadeira de couro ao meu lado. Seu doce cheiro de canela se envolveu ao meu torno como outra provocação de quão perto ela estava.

Suas perguntas iniciais tinham sido simples e fáceis, como se ela pensasse que poderia quebrar meu cérebro com coisas mais difíceis, porém depois de passar por elas, sua cautela desapareceu, enquanto se tornava uma nerd das ciências.

Com certeza, eu sabia que o caminho pro coração dessa mulher seria através da expressão genética.

— Uau, Heath. Tópico interessante e acho que você obterá ótimas pesquisas. Por que não resolvemos sua programação? Você vai viajar com o hóquei, certo? É por isso que você escolheu a opção de estudo independente.

— A temporada de hóquei se estende por mais alguns meses. — Passei a mão pelo rosto, tentando não pensar em toda aquela responsabilidade que estava nos meus ombros. Como parte de uma equipe, não tive problemas em fazer o que precisava e ajudava a manter as pessoas na linha, mas como capitão... Ainda não tinha certeza absoluta de que não tinha sido um grande erro da parte de Preston e do treinador. Mas eu estava determinado a não decepcioná-los.

— Como foram os jogos? — Ela se inclinou para frente.

Tinha tentado afastar as partidas da minha mente. Estava me deixando louco. Tínhamos perdido nossos dois jogos fora de casa. A primeira vez que tivemos derrotas consecutivas desde o primeiro ano. Apertei a parte de trás do meu pescoço. — Não foram bem.

Ela estendeu a mão para cobrir minha com a dela, mas depois a puxou de volta no último minuto e franziu a testa como se tivesse percebido o quão difícil isso seria. Como eu deveria passar um semestre inteiro sem tocá-la? Sem segurá-la e adormecer em seus braços? Ela já havia esculpido um lugar no meu coração, mas cinco meses sem contato podem me destruir quando eu já estava indo para o fundo do poço.

KARA

Eu não deveria ter trocado de lugar. No segundo em que me sentei ao lado dele, soube que era um erro. Juro que minha mente estava pregando peças em mim. Ele cheirava como um dia na praia e no gelo. Como se um surfista e um boneco de neve tivessem um bebê e o trouxeram ao mundo. Todo o sol e a atitude relaxada, e agora eu estava ferrada.

Converse comigo sobre qualquer coisa de biologia e eu já estou rendida. Agora, some a isso uma aparência matadora como a de Heath, já me tem na mão e - não, não vou ficar pensando nessas coisas. *Preciso manter as coisas no âmbito profissional.*

Meu olhar desviou para seus lábios, enquanto ele falava. Seus lábios rosados tinham estado por todo o meu corpo. Eles pareciam macios, mas a lembrança da pressão exigente deles contra minhas coxas, que causou um pulsar entre minhas pernas tão forte que eu as apertei.

Voltando à realidade, me concentrei em suas palavras, tentando usar a ciência para bloquear os impulsos biológicos que quase me fizeram pular da cadeira direto para o colo dele. Ele repassou o resto do raciocínio da experimentação e assenti, fazendo anotações.

Mantenha isso profissional. Se eu quisesse ser levada a sério como candidata ao doutorado, não poderia me envolver com um aluno que estava orientando. Esse era um bilhete expresso para a demissão do programa e nunca mais encontrar outro emprego nesse ramo. Stevenson tinha muita influência e era um risco que

não estava disposta a correr. Ela podia ser um dinossauro, mas também era uma defensora das regras.

Era como se o universo estivesse me punindo por encontrá-lo. Um lembrete de que seria melhor não cair nos velhos padrões e cometer os mesmos erros de antes ou haveria consequências. De algum modo, ir para casa de um completo estranho depois de alguns drinques não resistiu ao seu modelo de vida de mulher-que-é-uma-jovem-responsável-e-não-vai-acabar-estragando-tudo-de-bom.

Agora, eu estava sentada em frente ao homem mais sexy que eu já estive e não podia tocá-lo. Passar a primeira noite com Heath, um completo estranho, e depois a carta da minha mãe e tudo o que ela trazia. *Eu te escuto, Universo, em alto e bom som. Ele está fora dos meus limites.*

A jeito simples como ele falou sobre suas flores me fez querer gritar. Era injusto que alguém tão obscenamente gostoso como ele, se dedicasse a algo que a maioria das pessoas pensaria ser entediante. Quando falou sobre isso, não pude evitar o modo como minha mente corria para preencher as lacunas em seu trabalho para ajudá-lo a melhorá-lo.

Sem perceber, eu estava sentada na ponta da cadeira e ele também, nossos joelhos quase se tocando. A energia que saltava entre nós não era apenas química, era ciência pesada. Talvez isso funcionasse. Afastei suas palavras de mais cedo e as imagens mentais, que fizeram meus joelhos enfraquecerem, da minha cabeça.

— Se soubesse quanto tempo levei para encontrar o fornecedor certo de adubo. Você não ia querer saber. Digamos que foi uma experiência claramente desagradável.

Não consegui segurar minha risada. Mesmo fazendo beiço, a empolgação, do que ele estava trabalhando ainda estava lá. Se houvesse uma pessoa que pudesse ser nerd com coisas científicas, era eu. Ele riu junto comigo e o som profundo e rico disso fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

— Estou feliz por não precisar de ajuda com essa parte do seu experimento, porque você estaria por sua conta.

Ele se recostou na cadeira. Como se uma corda tivesse sido amarrada entre nós, me movi para frente antes de perceber o que estava fazendo, não querendo perder essa conexão. Mordendo o interior da minha bochecha, me inclinei para trás.

— Você teria me deixado sozinho nas fazendas de adubo?

— Comparações de adubo é onde eu traço uma linha do argumento 'para a ciência' — Sorri e ele olhou para mim, enviando um arrepio na minha espinha. Eu já tinha visto aquele olhar antes. Foi o que ele me dera na cozinha quando tinha limpado o chocolate do meu rosto. Bem, limpou beijando meu rosto.

Mantenha-se profissional e não terá problema nenhum. Eu poderia passar o semestre sem tocá-lo. Passar nas minhas provas. Conseguir a bolsa. E ingressar no programa de doutorado, sem problemas. Exatamente o que precisava fazer para deixar meus pais orgulhosos.

O buraco no meu estômago cresceu, pensando no outro problema que eu estava tentando evitar. *Angie.* Vê-la não era o que eu precisava. Ela era uma lembrança da minha vida de quando tudo tinha estado uma bagunça absoluta. Uma pré-adolescente não deveria saber como é estar tipo de ressaca. Não deveria saber como é acordar grogue ao lado de um cara aleatório velho demais para você e ter que encontrar o caminho de casa.

Heath era como um teste para ver se eu cairia nos velhos padrões de erros que tinha tentado evitar desde que deixei minha mãe para trás. Ele era a fruta do pecado pendurada na minha frente que eu não podia tocar, por mais que quisesse dar uma mordida.

E se ainda estivéssemos interessados um no outro no final do semestre, poderíamos reavaliar, talvez tentar novamente. Olhei para ele, esperando que concordasse que alguns meses não atrapalhariam o que quer que tínhamos começado. Eu poderia lidar com qualquer consequência se ficássemos juntos depois que o semestre terminasse.

Ele virou a última página de sua proposta e colocou a mão no meu joelho. O calor do seu toque afundou por uma fração de segundo antes que pulasse, voltando para trás da mesa, olhando para o meu telefone, verificando a hora.

— Isso tudo parece ótimo, Heath. Parece que você tem tudo sob controle. Esses encontros serão uma avaliação do progresso da sua pesquisa e a certeza de que você está documentando tudo para o trabalho final.

Peguei os papéis na mesa e minha bolsa do chão. Sem olhar para cima, ouvi e senti ele se levantar. Meu coração acelerou quando ele diminuiu o espaço entre sua cadeira e a mesa. Sua mão apareceu na minha visão quando pegou um dos livros ao mesmo tempo que eu. Puxei minha mão de volta e o deixei segurar um exemplar.

Ele se sentou na beirada da mesa, enquanto folheava as páginas do meu guia de estudo. Passando a mão pela mandíbula, ele olhou para o livro. Meus olhos se fixaram de seu pescoço. Na curva que se encontrava o pescoço com os ombros.

— Teremos nossa próxima sessão semana que vem, no mesmo horário. Dá para você? Você não tem jogo ou algo assim?

Ele sorriu para mim. Seus cabelos loiros cobriam parcialmente ao lado do rosto. Os fios escuros e claros se entrelaçaram para torná-lo um ouro que você queria alcançar e tocar.

De repente, minha boca ficou totalmente seca, peguei meu café e tomei um grande gole. Estremecendo contra o gosto frio, juntei o restante das minhas coisas da mesa e enfiei na minha bolsa.

Ele fechou o livro e pulou da mesa.

— Não, eu não tenho jogo. Nós jogamos apenas nos finais de semana.

Ele contornou a borda da mesa e meu pulso disparou quando se aproximou. Não consegui me mexer. Meus pés estavam enraizados no chão de ladrilhos e meu cérebro deu pane no sistema, quando ele se aproximou. Seus passos foram lentos e cuidadoso. Ele estava me dando todas as oportunidades para fugir como um coelhinho assustado, mas eu não estava assustada. Eu estava aterrorizada para um caralho com os sentimentos que tentei afastar que vieram com tudo no segundo em que ficou a três passos de mim.

Usando seu corpo como sempre fazia, como se estivesse no controle total e ele sabia disso e foi para atrás de mim. Eu nem

sequer olhei para trás, mas pude sentir seu calor e o roçar suave de suas roupas nas minhas costas.

— Isso significa que nosso encontro acabou?

Suas palavras deslizaram pela minha nuca e causaram um arrepio na espinha. *O encontro* saiu como a palavra mais suja, pingando a promessa de tudo o que pensava que ele havia esquecido durante a última hora. Fui estúpida em pensar nisso, porque com certeza não esquecera.

Inclinando-se para frente, seu peito pressionou contra minhas costas. Embora nossa pele não estivesse se tocando, eu estava de volta ao hotel no chuveiro, pingando em antecipação ao que ele tinha causado em mim. Heath se aproximou, deslizou meu livro na bolsa e ofeguei quando os lábios, que eu estivera tentando não olhar desde que entrei na porta, pousou no meu pescoço. Foi como um tiro disparado.

— Esqueceu o que eu disse antes?

Meus joelhos quase dobraram e eu respirei estremecendo. Com meu coração batendo contra as costelas, tentei pensar no que fazer depois, mas não havia o depois. Havia apenas agora, e agora tudo estava centralizado nele se pressionando contra mim. Seu cheiro ameaçou me queimar quando seus dentes deslizaram pela minha pele.

— Você achou que eu tivesse esquecido?

Minhas coxas pressionaram a superfície da mesa, enquanto seu corpo se comprimia contra o meu. Sua mão em minha barriga passou pela cintura e deslizou pelo meu corpo, focada no centro dos meus quadris, empurrando-me contra ele. Meus olhos se fecharam e minha boca se abriu.

O tempo todo, com cada clique de um botão, seus lábios estavam abrindo um rastro de destruição ao longo do meu ombro e costas, usando cada centímetro de pele exposta contra mim. Um gemido escapou dos meus lábios com a pressão insistente de seu pau contra minha bunda. Fechando minha boca, mordi os lábios para não gritar exatamente o que ele queria.

— Ou talvez você queira que lhe mostre o quanto quero você?

Ele enfiou os dedos nos meus cabelos, juntando-os num rabo de cavalo e virando minha cabeça para o lado. Ele mirou meus olhos.

Mesmo com seu toque áspero e voz rouca, o olhar brincalhão adicionou uma palpitação no estômago à dor latejante entre minhas pernas.

— Aqui, deixe-me ajudar com esse lábio. — Ele abaixou a cabeça e capturou meu lábio com a boca, sugando-o em seu refúgio entre meus dentes e mergulhando nós dois num território perigoso.

Com a cabeça inclinada, ele me manteve no lugar com o corpo e a mão no meu cabelo, como se soubesse que eu tentaria fugir, só que não. Eu deveria fugir, mas todos os nervos do meu corpo estavam pegando fogo e chamando por ele. Sem pensar, abri meus lábios e ele era uma força arrebatadora, ultrapassando minha boca e meu corpo um centímetro de cada vez.

— Você sabe o quanto tem sido difícil para mim não tocar em você o tempo todo? Preciso prová-la mais uma vez antes que você esteja fora dos limites. Algo para me controlar até junho. — A ferocidade de suas palavras tornava difícil pensar direito.

Minha voz ficou presa na minha garganta, ou eu teria dito que ele precisava me tocar. E a sensação duradoura de seus dedos no meu joelho ainda persistia, enquanto ele trabalhava com todo o seu corpo para substituí-lo por novas sensações.

Pulei com a batida suave na porta e arranquei minha boca da dele. Minhas bochechas esquentaram. Eu realmente tinha deixado isso acontecer? *Como diabos eu deveria chegar até o fim do semestre?*

HEATH

Kara pulou para longe de mim como se tivesse sido queimada, quando alguém bateu na porta. Tentei não deixar a dor no peito cavar muito fundo. Ela não estava me rejeitando, estava rejeitando a situação para nosso próprio bem. Dei um passo para trás, dando-lhe espaço. A silhueta de uma pequena senhora apareceu pela porta de vidro fosco. Não deveria tê-la beijado. Queria tanto que mal conseguia me concentrar, mas não deveria ter feito isso.

Contornando a mesa, Kara abriu a porta do escritório e parou, bloqueando a maior parte da vista da sala. Dei a volta na mesa, peguei minha bolsa no chão e joguei-a por cima do ombro.

— Olá, senhora Robson. — A voz ensolarada de Kara ecoou de seu lugar na porta.

— Sei que você estava procurando os horários das salas deste semestre e finalmente encontrei. Queria trazer isso para você antes de ir embora. — A voz da mulher entrou no quarto.

Eu rodeava Kara, minha sombra a cobrindo. Ela se pressionou o mais forte que pôde contra o batente da porta. Mais um pouco e ela entraria na porta.

— Obrigado pelas ideias, Kara. Certificarei de incorporá-las ao meu experimento. — Sorri para ela que olhou para trás, piscando algumas vezes. Seus lábios brilhavam na luz fraca e um desejo ardente bateu no meu peito. Um semestre. Isso era tudo. Eu poderia beijá-la novamente quando o semestre terminasse. E se ela

conhecesse outra pessoa? E se ela percebesse que não valia a pena o aborrecimento de se envolver com alguém que pudesse implodir sua carreira antes mesmo de começar?

Fiz uma careta, passei por ela e saí para o corredor. A mulher mais velha com óculos em uma corrente em volta do pescoço deu um passo para trás para que eu pudesse sair.

— Vejo você em breve, Kara. — Fiz uma saudação com dois dedos e me afastei das duas mulheres. Vê-la tinha sido a única coisa que me fez continuar. Como isso aconteceu? Em questão de semanas, ela passou da mulher que eu não conseguia parar de encarar no bar para a pessoa que eu precisava ver para sentir que não quebraria em pedaços.

Relaxa.

O mantra de uma palavra que eu repetira para tantas pessoas ao longo dos anos não estava ajudando.

A única pessoa que eu sentia que poderia me salvar de afogar, agora, estava absolutamente fora dos limites. Eu tinha seguido esse caminho antes e quase arruinei a vida de alguém. Não planejava fazer isso de novo, especialmente com Kara, que já tinha o suficiente acontecendo na sua vida familiar. Por mais que quisesse cagar nas regras às vezes, era um risco que acabaria com aquilo que você mais queria.

A casa estava silenciosa quando cheguei. Peguei a última cerveja do meu esconderijo secreto. Ainda com meu casaco, fiquei olhando para a geladeira, esperando por algo. Não tinha certeza o que, mas não iria encontrá-lo lá. O zumbido do motor da geladeira me tirou do transe, devolvi a cerveja para dentro e peguei minhas chaves da mesa.

Batendo a porta de entrada, corri alguns quarteirões até a estufa. Estava quieto como sempre. De pé sobre minhas plantas, observei suas cores vibrantes e fui imediatamente lembrado de Kara. As mechas coloridas em seus cabelos foram uma das primeiras coisas que tinha notado.

A frustração aumentou. Eu não faria isso de novo. Como conserto isso? Este estudo independente tinha sido um esforço de última hora para salvar este semestre.

Um *estalo* agudo quebrou o silêncio pacífico da estufa. Olhei para as minhas mãos e os pedaços rachados do vaso tinham se partido.

— Heath, tudo bem?

Minha cabeça levantou e Felix olhou para mim. Eu nem tinha o ouvido entrar. Sorrindo, joguei os pedaços no lixo e limpei as mãos na calça jeans.

— Tudo bem. Minha cabeça não está legal essa noite. Vejo você depois.

Saí antes que Felix pudesse questionar minha sanidade, como eu estava agora.



Seus lábios pressionando os meus correram em minha cabeça quase continuamente. Nós não tínhamos nos falado há dias e isso estava me deixando louco. O cheiro anti-séptico da enfermaria do hospital com a temperatura congelante lá fora trouxe de volta memórias que tinha lutado para deixar para trás. Não queria estar aqui, mas precisava. Com uma batida suave na porta parcialmente aberta, enfiei a cabeça. A melodia suave da porta parou.

— Entra. — A voz de Imogen veio de trás da cortina do outro lado da sala.

— Ei. — Empurrei a cortina para trás e sorri para os dois. — Você sequer saiu? — Caminhei até ela e dei-lhe um abraço.

— O que? Ela recebe um abraço primeiro que eu? — Preston se levantou na cama.

— Quero dizer, ela é mais bonita — Disse por cima do ombro e soltei Imogen antes de dar a Preston o melhor abraço que pude, enquanto ele estava preso naquela cama.

As contusões tinham diminuído bastante em seu rosto. Os pontos pareciam ter se dissolvido principalmente.

— Não sei, não. Tenho ouvido dizer que sou lindo de bonito. — Ele colocou os dedos em volta do queixo e fez uma pose.

— Vou direto no gostoso, se estamos votando aqui. — Imogen levantou a mão e apontou para Preston.

— Você não precisa dizer isso porque ele é seu namorado — Sussurrei para ela.

Sua risada foi a própria recompensa. Achei que ela, provavelmente, não tinha feito muito isso aqui.

— Você estava cantando, Imo? Eu não sabia que você cantava.

Suas bochechas brilharam com um rubor vermelho. — Às vezes. — Ela murmurou.

— Ela tem uma voz linda. — Preston sorriu da cama.

— Vai ficar aqui por um tempo? — Ela pulou da cadeira.

— Sim, até Pres me expulsar. — Deslizei na poltrona vazia ao lado da cama.

— Vou pegar comida e tomar um banho. Volto antes que você sinta falta. — Ela o beijou na testa e apertou meu ombro enquanto passava. Agarrando uma bolsa ao lado da porta, ela disparou fora do quarto.

— Ela não foi para casa nenhum dia desde que tenho estado aqui. — Ele olhou para a porta vazia.

— Isso não é uma coisa ruim, né? É claro que ela gostaria de estar aqui para você. — Recostei-me na cadeira, tentando me sentir confortável. Do que essas coisas eram feitas? Tijolos?

— Nem meus pais ficaram aqui tanto quanto ela. Eu continuo dizendo para ela ir para casa e ter uma boa noite de sono, não em uma dessas cadeiras de tortura, mas ela só vai em casa trocar de roupas se não conseguir que alguém traga algumas para ela.

— O que ela está fazendo com as aulas?

Ele passou as mãos pelo rosto. — Ela tinha só duas aulas nesse semestre. Ela nem precisava, mas para ficar no campus ela tinha que pegar e também queria todas as coisas normais da faculdade e se formar com suas amigas. Continuo tentando fazê-la dar uma pausa. Não tem nada mais chato do que ficar sentada nesta sala o tempo todo. Espero que eu possa sair desta cama e começar a fazer alguns exercícios em breve. Preciso sair deste lugar.

— Com certeza você precisa!

— Quão ruim está? — Ele virou a cabeça e me encarou com seu olhar.

Soltei um suspiro profundo. — Não temos estado no nosso melhor.

— Estou sabendo disso. Você acha que alguém aqui poderia me impedir de verificar as estatísticas? Quero dizer, o que está acontecendo com você e a garota do bar...

— O que... Como você...? — Minha cabeça levantou.

— Tenho meus contatos. — Ele me deu um sorriso torto.

— Significa que Declan tem uma boca maior do que ele pensa.

— Qual é o problema? E por que você veio aqui parecendo alguém matou seu gato?

— Não vim despejar meus problemas em você. Você está de cama aqui no hospital. Quero falar sobre você.

— Mas eu não. Preciso de algumas fofocas, caralho! Preciso de algo além dessas quatro paredes e do sentimento esmagador de decepção que não posso sair desta cama e levar minha garota lá fora para fazê-la se sentir melhor.

— Ninguém espera que você faça isso.

— Eu espero! — Sua voz ecoou na sala e seus olhos se arregalaram como se ele tivesse se chocado. Ele afundou na cama. — Eu espero, cara. Odeio estar aqui. Odeio estar quebrado assim. Tenho decepcionado vocês. Decepcionei Imogen.

— Não diga isso. Você a salvou. Como você se sentiria se fosse ela deitada nessa cama?

— Perderia a cabeça.

— Exatamente. Você fez o que tinha que fazer para protegê-la, ela está a salvo e pode ficar ao seu lado. É claro que todos nós desejamos que não estivesse aqui assim, mas nunca se sinta como se tivesse decepcionado alguém. Ninguém, porra!

A convicção em minha voz pareceu aplacá-lo. Ele se recostou na cama. — Vamos, cara, me conte o podre.

— Ela é minha nova professora assistente. A mulher do bar é minha nova professora assistente.

Pres soltou um assobio longo e baixo. — Droga!

— Nem me fale sobre isso.

— O que vai fazer?

— Ficar longe dela o máximo possível. Restam apenas quatro meses no semestre. Tenho que manter distância para poder me formar e ela poder manter seu emprego.

— Você não fez isso no ensino médio?

Joguei minhas mãos pro alto. — Como todos sabem disso?

— Você não é o único fofoqueiro.

Arrastei meus dedos pelos cabelos. — Ela era estagiária, vinte anos e tinha acabado de entrar na faculdade. Eu tinha dezoito. Achei que não era nada demais. Eu tinha me formado, nós ficamos e foi só isso. Nada aconteceu enquanto ainda estávamos na escola, não que eu não tivesse tentado. — Fiz uma careta. Eu tinha sido bastante persistente.

— E o que aconteceu? — As molas na cama zumbiram quando ele se sentou mais ereto.

— Todo mundo fazia piada, mas achei que não fosse nada. Eu não estava mais na escola. Naquele verão entre o ensino médio e a faculdade, fomos para algum lugar. Era algo estúpido como sorvete ou algo assim e outro professor da escola nos viu juntos. Foi isso. Ela partiu antes do início do próximo ano letivo. Ir para outro lugar recomeçar, porque alguém tinha pensado que algo poderia estar acontecendo, enquanto eu estava na escola. Foi péssimo!

— Parece que sim.

— Isso foi paixão até certo grau. Kara é diferente. É uma parada totalmente nova. Quebrei meu telefone, não pude falar com ela por uma semana e quase perdi a cabeça. Ela me dá algo que eu nem sabia que estava perdendo e não consigo nem colocar um nome nisso.

— Nem vou tentar, porque isso iria assustar você pra porra.

Meu olhar disparou para ele.

— O que quer fazer? — Ele colocou o braço engessado no colo.

— Quero ligar para ela e levá-la para jantar, trazê-la de volta na minha casa e adormecer com ela em meus braços.

—Por que não faz?

— Porque isso poderia arruiná-la. Acabar com a carreira que ela está construindo. As pessoas não fazem doutorado por capricho. Obviamente, isso significa muito para ela e não vou perdê-la, porque não pude me afastar por um tempo e esperar até o final do semestre. E se descobrirem sobre nós, poderão anular minha nota do semestre. Seria pena de desqualificação por todos os jogos que joguei quando eu não estava elegível e destruiria a nossa temporada.

— O que você acha que precisa fazer?

— Ficar o mais longe possível dela e tentar manter as coisas profissionais.

Preston acenou com a cabeça. — É isso que você precisa fazer quando se importa, com ela e com o time. Proteja-os. Mantenha eles à salvo. — Seu olhar desviou para a porta.

— Ela está curada? Vi que tiraram a tipóia do braço dela.

— Sim, está fazendo fisioterapia. Ela esteve faltando para ficar aqui comigo. Quase a expulsei e a fiz voltar para casa quando descobri. Dormindo nessas cadeiras e tal, ela vai quebrar a coluna.

— Isso a faz se sentir melhor por estar com você.

— Meus pais também confiam muito nela, já que as coisas no restaurante estão uma zona e eles têm estado lidando com emergências para todo lado.

— Não acho que ela se importa, cara.

— Eu sei, mas ainda assim posso não gostar.

Conversamos mais sobre a péssima temporada desde o Ano Novo e o que ele achava que eu poderia fazer para colocar os caras de volta à forma. Nossa dinâmica estava ruim e eu surtar não estava ajudando.

Dei um pulo lá fora para pegar um café na sala para acompanhantes do andar. Imo estava parada no balcão em frente à cafeteira quando entrei.

— Ei, Imo.

Ela pulou e rapidamente limpou o rosto. Arrastando a manga pelas bochechas, ela enfiou uma xícara debaixo da cafeteira. Seu cabelo úmido pendia num rabo de cavalo solto.

— Ei. — A voz dela era áspera.

— Você está bem? — Fui para o lado dela que virou a cabeça.

— Sim. — Ela se virou para mim com um sorriso largo. — Os produtos de limpeza daqui às vezes me dão irritação e fazem meus olhos lacrimejarem.— O café na frente dela parou de derramar. Ela jogou cerca de dez pacotes de açúcar e um pouco de creme. Mexendo-o, segurou a xícara quente até os lábios. O vapor subiu sobre o rosto. Seus olhos estavam vermelhos e ela evitou meu olhar.

— Como você está indo? — Coloquei minha xícara na máquina de café.

— Estou bem. O braço está melhor. — Ela dobrou o braço no cotovelo e no pulso.

— Não estou falando sobre o seu braço.

Ela tentou tomar um gole de café para não falar, mas acabou queimando a boca. — Droga! — Ela assobiou e passou os dedos pelos lábios.

— Eu...

— Imogen, o delivery ligou para a recepção quando você não atendeu o telefone. A comida que pediu está aqui. — Uma enfermeira colocou a cabeça na sala.

— Obrigada, Marcie. Vou descer e pegar.

Ela tentou passar por mim e coloquei minha mão em seu ombro. — Eu posso descer e pegar.

Olhando por cima do ombro, os cantos da boca se levantaram um pouco, mas sua tentativa de sorrir não alcançou seus olhos.

— Tudo bem. Estou feliz que você veio. Sempre melhora o dia de Preston. Fique com ele que vou pegar a comida. — Ela saiu da sala e voltei para o quarto do Preston.

Cinco minutos depois, Imo entrou de novo no quarto com a bolsa no ombro e algumas bandejas equilibradas em um braço. Dei um salto e agarrei a bolsa, colocando-a na cadeira.

— Obrigado, Heath. Desculpa se fiquei muito tempo fora, amor. Havia uma fila para os chuveiros na sala de descanso .

Ela colocou as embalagens de comida na bandeja ao lado da cama de Preston.

— Pedi algumas coisas diferentes já que a lanchonete decidiu cancelar a noite do taco. Também tenho um para você, Heath. — Ela sorriu e empurrou uma das embalagens em minha direção. Não estava com saudade da careta do Preston.

— Odeio que você tenha um dia de comida favorita neste lugar.

— Tenho que sair. Mas obrigado por pegar algo para mim. — Eu iria para a pista. Era tarde, eu poderia patinar até que minhas pernas não funcionassem mais e então, talvez, eu seria capaz de cair em um sono sem sonhos que não era assombrado pela boca, corpo, voz e mente de Kara.

KARA

Bati minha caneta contra o diário que eu havia completado em apenas uma semana e peguei meu celular na bolsa. Ainda sem resposta da Stevenson. Um total de sete dias sem resposta. Por que fiquei surpresa?

Tinha assistido Heath passear no saguão pelo corredor escuro do Edifício Ansel e cerrei minhas mãos ao meu lado para não chamá-lo. A sra. Robson tinha me olhado engraçado quando meu olhar o seguira até virar o corredor.

Foi quando soube que isso não iria funcionar. Não tínhamos passado por um encontro sem nos beijar e teríamos feito mais se não tivéssemos sido interrompidos. Nosso encontro durou apenas uma hora e meu corpo tinha estado zumbindo por ficar na mesma sala com ele.

Depois que tinha alisado minhas roupas no escritório e peguei um elástico de cabelo na bolsa, amarrei meu cabelo em um coque bagunçado e sentei na cadeira atrás da mesa. Lágrimas ardiam na parte de trás dos meus olhos. *Por que eu não tinha permissão para ser feliz? Por que não poderia estar com ele? Por que ele tinha que ser meu aluno?*

Abrindo meu e-mail, escrevi outra mensagem para a professora Stevenson. Era o único jeito de me olhar no espelho e ainda estar com ele. Deixei minha testa cair na madeira lascada e cortada e bati algumas vezes. Pensamentos de que eu poderia ferrar com tudo tinham sido rapidamente substituídos pelos melhores momentos da

pegação boa-demais-para-uma-professora. E foi assim que acabei me abanando na caminhada até o ônibus a caminho de casa, no auge do inverno.

Pior ainda, Heath e eu tínhamos estado na nossa sessão, mantendo nossas mãos distantes, quando Jason entrou no escritório como se não fosse minha hora de estar lá. Mesmo que não houvesse nada acontecendo entre Heath e eu, o olhar que Jason me deu fez os cabelos da nuca se arrepiarem. Heath queria saber quem ele era e eu o informei sobre a versão mais resumida que pude. Estudante de mestrado. Me convidou para sair. Eu o rejeitei e ele ficou atrás de mim.

Fechando meu caderno, olhei pela janela do meu quarto. A maneira como meu corpo respondeu a ele não era o único problema. Eu tentava negar, mas tinha gostado dele. Mais do que já gostei e isso era assustador o suficiente por si só, sem as outras complicações.

Ele era inteligente, gostoso pra caralho e o sexo era como nada que eu já tinha experimentado. A tensão entre nós era palpável desde o segundo em que entramos num cômodo juntos, o risco de tentar isso dar certo pelo semestre inteiro não valia a pena atrapalhar toda a minha carreira. Talvez fosse assim que eu pudesse me impedir de mergulhar no caminho de destruição que tinha testemunhado no meu passado.

Seja responsável. Assuma o controle da situação. *Não estrague tudo.*

O único problema com o meu pedido era Jason, a única pessoa que restou que estaria disponível para aceitar outro aluno. Ele tinha desistido de ter tantos como todos os outros por causa do trabalho "especial" que ele fez para Stevenson, o que provavelmente significava relaxar, beber expressos e tagarelar com todo mundo no programa que realmente trabalhava.

Depois que deixei claro, mais de uma vez, durante a graduação, que não estava nem um pouco interessada e ele tinha sido um babaca insuportável. Eu só esperava que ele fosse o mais profissional possível acerca de Heath, se Stevenson aceitasse a troca. Mordi a unha do dedão e olhei para o meu celular, querendo uma resposta.

Heath era um cara descontraído, mas sabia o que fazia. Não haveria uma razão para Jason procurar cabelo em ovo. E eu ainda poderia ajudar Heath se ele precisasse, mas estar no comando de sua nota, mesmo com a capacidade de sugerir, era uma passagem só de ida para uma violação de ética.

Passando as mãos pelo rosto, recostei-me na cadeira. O cheiro de Heath permaneceu na minha pele. Balancei minha cabeça. Ele me fazia rir, mesmo quando não deveria. As palavras de mamãe e papai voltaram para mim sobre eu não sair e que deveria apreciar os frutos do meu trabalho duro. Aparentemente, eu precisava ainda mais disso porque, uma noite divertida - tudo bem, tinha sido mais do que uma e bem mais do que divertida, mas talvez fosse porque tinha me permitido sentir um pouco dessa conexão com ele. Talvez, tenha sido circunstancial, porque eu tinha estado carente.

Continuei tocando meus lábios por alguns minutos, esfregando meus dedos sobre eles. Tinha sido o tempo mais longo que ficamos sem nos ver desde aquela primeira noite. Abrindo meu caderno novamente, escrevi mais algumas linhas que estiveram flutuando na minha cabeça. Eu ainda podia sentir o calor do seu toque.

Eu precisava de uma distração ou ia enlouquecer. Andando de um lado para o outro no meu quarto, olhei para a mesa e aqueles sentimentos ardentes e nebulosos evaporaram pelo coração revelador batendo na gaveta da mesa. Eu não tinha me livrado da carta de Angie. Aquela primeira carta que começou tudo isso. Eu tinha a lido mais de uma vez e ainda não sabia o que fazer.

Toda vez que olhava para a mesa, pensava naquele arquivo oculto na minha caixa de entrada. Verifiquei a pasta. Um grande e brilhante *1* piscou para mim na pasta. Apertando meus dedos, eles pairaram sobre o arquivo. Eu havia pedido uma distração, certo?

Sentei-me na beira da cama, respirei fundo e abri o e-mail.

Minha querida Kara,

Não consigo explicar como fiquei triste, quando recebi seu último e-mail. Eu sei que não tenho o direito. Sei que a expectativa de que você queira me ver de novo não é algo que mereço, mas esperava poder vê-la.

Darei a você o tempo e o espaço que precisar antes de estar pronta, e talvez você nunca esteja. É a coisa mais difícil que tenho

aprendido sobre minha recuperação. Algumas coisas não podem ser consertadas e se ficar longe é o que você precisa para viver uma vida feliz e saudável, eu farei porque você merece isso e muito mais.

Te amo mais do que tudo e talvez um dia você possa me perdoar.

Uma lágrima caiu na tela e a afastei, limpando as que estavam no meu rosto. Eu não podia vê-la. Não aguentaria enfrentar outra decepção quando se tratava dela. E o que eu faria sobre isso? Deveria abrir meus braços para ela depois de todos esses anos? Depois de tudo o que ela fizera? Depois de todos os benefícios que Carla e Mike me deram? Todo o amor que eles me ofereceram e o lar que me acolheram, como eu poderia convidar alguém que tirara tanto de mim para voltar à minha vida?

Houve uma batida aguda na minha porta e ela se abriu quando Lauren entrou. A única na família com pouco ou nenhum limite. Coloquei meu celular embaixo do travesseiro e ela parou quando me viu.

Coloquei um sorriso no rosto, ela atravessou o quarto e ficou na minha frente.

— O que houve?

— Não é nada. Estou bem.

— Por que seus olhos estão vermelhos? — Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Cutuquei meu olho. — Falar sobre minha mãe era exatamente o que não precisávamos. Um lembrete de que ambas éramos adições tardias à família. Eu não queria que Lauren se preocupasse com coisas da minha vida antes disso tudo, nem mesmo a sua. Ela era mais nova do que eu quando chegou em casa, mas crianças felizes não foram tiradas dos pais. Conhecia sua história e ela conhecia algumas coisas da minha.

— Os dois? Porque ambos estão vermelhos. — Ela levantou uma sobrancelha.

— Sim, os dois olhos. — Evitei o olhar dela e esvaziei minha bolsa, empilhando os livros na cama.

Ela ficou lá com os braços cruzados sobre o peito. Geralmente, nós compartilhamos a maioria das coisas, mas a grande parte das

coisas na minha vida até aquele momento não tinha incluído minha mãe e um cara gostoso que eu não conseguia tirar as mãos.

— O que? Por que você veio aqui?

Ela foi protegida em alguns aspectos, sem saber como era as ruas, se metendo em problemas e encontrando caminho que levava a caras que provavelmente deveria evitar. Qualquer sugestão disso não era algo que eu precisasse apresentar a esta casa.

— É quarta-feira.

Fechei os olhos. A noite de cinema de quarta-feira era uma tradição desde que tinha voltado para Filadélfia. Assaríamos brownies ou outra coisa, faríamos pipoca e passávamos um tempo juntas. Era a noite que Carla e Mike saíam juntos para um encontro.

— Não posso, Lauren. É começo de semestre e tenho muito trabalho a fazer. Não posso fazer a noite de cinema hoje à noite. — Eu olhei para ela que deixou cair os braços para os lados, dando-me o olhar mais lamentável de decepção adolescente.

— Beleza. — Ela saiu do quarto.

Eu não era exatamente a melhor companhia e certamente não iria carregá-la com meus problemas adultos. Ela tinha o resto da vida para isso. Acho que era o que acontecia quando você viveu uma vida completamente chata até os vinte anos - sua irmã adolescente esperava que você compartilhasse tudo com ela.

Conversar com ela sobre um cara me convidando para sair que eu não estava interessada ou em quantos trabalhos de casa eu tinha era uma coisa. Falar sobre minha mãe querendo me encontrar, como eu estava pronta para espalhar meus pensamentos mais íntimos num diário até que estivesse coberto de tinta preta ou o quanto eu não suportava o pensamento de não ver Heath fora de nossos encontros semanais estava estritamente fora dos limites.

Voltei para a cama. Minha mente estava como mingau. Não iria fazer nenhum trabalho. Escrever só me faria pensar em Angie e essa era a última coisa que precisava. Talvez eu devesse descer as escadas e assistir um filme para comer um pouco, mas Lauren faria perguntas. Ela gostaria de saber o que me chateou e eu não ia contar a ela.

Virando-se, peguei meu celular e enviei uma mensagem no grupo.

Eu: Alguém quer tomar uma bebida?

Sam: Quanto dinheiro você quer? Nós pagamos qualquer valor!

Eu: O quê?

Sam: Este é obviamente um sequestrador que roubou o telefone de Kara. Não toque num fio de cabelo da cabeça dela ou juro que irei atrás de você.

Anne: Ela tem um conjunto específico de habilidades.

Charles: Com certeza, ela tem.

Sam: Cale a boca, Charlie.

Charles: Charles.

Anne: Ai Deus, isso de novo não. Parem com isso, crianças!

Sam: Você sabe que estou sempre pronta para tomar uma bebida. Diga-me quando.

Eu: Às nove?

Carla e Mike já estariam de volta do jantar e eu poderia sair.

Sam: Uhuuulll. Vamos fazer isso!

Três horas depois, tinha desistido de fingir estudar. Encarei o caderno na minha cama como se fosse uma víbora pronta para atacar a qualquer segundo. Meus dedos estavam tão apertados em volta da caneta que ficaram brancos.

Eu não conseguia me concentrar e já tinha desistido das tentativas de estudar, enquanto poderia tomar algumas bebidas e tornar essa incapacidade de me concentrar mais divertida. Verifiquei a hora e bati na porta de Lauren. Sem resposta.

Deslizando os braços no casaco, desci correndo os degraus quando a porta da frente se abriu às quinze para as nove. Mamãe e papai entraram de mãos dadas, rindo e deixando passar uma rajada de ar frio detrás deles.

Eles eram tudo que eu sempre quis. Tudo que queria numa casa. Nos pais. Bonitos, gentis, doces e divertidos. Sempre seria grata a eles não por apenas me dar uma família, mas por me mostrarem como um relacionamento deveria ser. O caminho que estivera levando com minha mãe teria me levado ao desastre em pouco tempo.

— Você vai sair? — Mamãe se virou para mim com um sorriso atingindo seus olhos.

— Um encontro de início-de-semestre. Não vou chegar tarde. — Abotoei meu casaco.

— Ok, se cuida. — Uma pitada de preocupação brilhou em seu olhar.

— Vou me cuidar. Nada louco. Alguns lanches e uma bebida ou duas.

— Divirta-se! — Papai piscou para mim.

Beijando ela e papai nas bochechas, deslizei entre eles e saí pela porta da frente.

Meu estômago revirou. Olhando por cima do ombro, o casal estava na porta, acenando para mim. Eles achavam que eu estava saindo demais? Que eu poderia estar seguindo os passos de Angie e bebendo demais. Meus ombros se curvaram quando agarrei a gola do meu casaco, puxando-o mais alto quando uma rajada aguda de ar gélido passou por mim. A lama da neve se amontoou sob os meus sapatos quando entrei na parte de trás do táxi que havia pedido.

A porta da frente se fechou quando me afastei da casa. Eu tinha chego de ressaca, em casa, durante o recesso na primeira noite que havia passado com Heath. Minha garganta estava cheia de emoções e olhei meu celular. Eu nunca tinha feito isso antes e mamãe estava preocupada comigo. Eu a deixara chateada e a fazia se preocupar. Envolvendo meus braços em volta da minha barriga, olhei pela janela enquanto as árvores sem folhas passavam pelas janelas.

Bati meu celular na palma da mão. Fechando os olhos, enfiei-o no bolso. A única pessoa que eu mais queria ligar era a pessoa que eu não podia.

HEATH

Peguei meu telefone do banco e enxuguei o suor no rosto.

Emmett: De volta na cidade. Indo para o Bramble. Tá afim?

Minha respiração saiu ofegante. Estivera patinando por horas, mas a queimação no peito não tinha desaparecido. Eu podia ignorar a dor nas minhas pernas, mas o abismo aberto sobre duvidar de mim mesmo era apenas o começo.

Tínhamos perdido outro jogo. Os caras estiveram contando comigo, mas era como se todos tivessem esquecido como funcionar no gelo. Um de nós estava deitado na cama do hospital. Nós éramos invencíveis no gelo. Sem uma lesão grave na equipe por anos. Nossa invencibilidade fora uma conclusão precipitada, agora tudo estava em dúvida. A presença de Preston tinha nos unido de uma maneira que nem sequer entendíamos até que ele se foi. Ele era a cola.

Declan subiu no canto da caixa atrás de mim e desabou.

— Quer beber algo depois daqui? — Balancei meu celular para ele.

— Se isso significa que podemos interromper esta sessão de tortura, então porra, sim. Assim que eu puder sentir minhas pernas de novo, estou dentro. — Ele fechou os olhos e recostou-se. Seu peito subiu e desceu. — Posso mandar uma mensagem à Mak para nos encontrar no Threes.

— Não estava falando do Threes. Estava falando do The Bramble. Emmett voltou à cidade e queria saber.

— Ah. — Declan passou a camisa por cima da cabeça.

— *Ah?* É tudo o que tem a dizer?

— Vou me encontrar com Mak depois e não acho que ela realmente gostaria de sair com Emmett.

— Por que não? Ela estava com ele antes do Ano Novo.

— Aí era o grupo inteiro. Tenho a sensação de que ela também estava um pouco distraída. Mas ele não é exatamente uma das pessoas favoritas dela.

— Você quer dizer porque ela é amiga de Avery.

Ele resmungou e se levantou, deixando a caixa ao lado do gelo. Eu o segui, não pronto para deixar isso pra lá. Minha raiva estava perfurando quando a porta do vestiário se fechou atrás dele.

— Você não vai mais sair com Emmett? Abandonar ele porque Mak não gosta.

— Pode para de gritar? O que raios está acontecendo com você?

Arrastei minhas mãos pelos meus cabelos. *Eu estava gritando?* Nem tinha ouvido. Estava ficando mais difícil controlar as coisas. A pressão estava aumentando. — As coisas já estão foda. A última coisa que preciso é que você deixe os caras, porque Mak tem um problema em estar ao nosso lado.

— Ela não tem nenhum problema em estar com você. — Declan arrancou seus enchimentos de proteção.

— Só Emmett.

— Ela não se sentiria bem em estar lá com tudo o que aconteceu entre Emmett e Avery.

— Tudo o que aconteceu? Emmett pegou Avery o traindo na noite em que ele iria pedi-la em casamento. Eu diria que se há alguém que deveria ficar chateado, é ele.

— Mak não me contou a história completa, mas disse que não era o que todos pensavam.

Meus olhos se arregalaram e minha boca ficou aberta. — Cara, todo mundo na escola estava falando sobre isso. Ele a encontrou naquele quarto com Fischer. Ninguém surta daquele jeito por nada.

Declan estendeu as mãos ao seu lado. — Tudo o que estou falando é o que Mak disse. As coisas sempre podem ser mais complicadas do que parecem. Porra, Mak e eu nos odiamos por anos.

Era verdade. Mas eu observara o que estava fervendo sob toda aquela inimizade. Pelo menos eles conseguiram descobrir isso. Tiveram a chance de descobrir como seriam a parada entre eles. Eu tinha estado estagnado por não querer atrapalhar a vida de Kara.

— O que está acontecendo com você e a garota? — Ele enrolou uma toalha na cintura para ir ao chuveiro.

Deslizei minhas mãos pelo meu rosto. Por que isso tinha que ser tão complicado? Por que não pude escolher a rota descomplicada? *Por que eu tive que dar meu coração a uma mulher que eu arruinaria para ter?*

— Ela é minha orientadora de estudo independente. — Olhei para ele.

Sua boca ficou aberta e seus olhos se arregalaram. Eu não pude deixar de sorrir, mesmo que não fosse remotamente engraçado. Uma risada aguda para cobrir o fato de que minha cabeça estava uma bagunça.

— De novo? Que diabos há com você e correndo atrás das suas professoras?

Eu fiz uma careta. — Ela não é minha professora. Nem está me dando uma nota e eu não sabia que ela seria minha orientadora, quando a conheci. Só me inscrevi em estudo independente depois que Preston se machucou e me tornei capitão. Precisava de algo mais flexível. Agora, estou tentando mudar para uma aula normal, mas tudo que cumpre meus requisitos de graduação está completo. — Joguei meus enchimentos de proteção no banco.

Declan soltou um suspiro profundo. — Droga, isso é péssimo. O que isso diz sobre vocês?

A última coisa que eu queria. — Que vou ficar longe dela.

— Quero dizer, ela apareceu no hospital com você. Isso parece muito sério.

Eu cerrei os dentes.

— Eu sei. Era. É. — Balancei minha cabeça. As coisas estavam ficando mais complicadas a cada segundo. — Se eu não quiser

arruinar a carreira dela antes que comece, preciso ficar longe. Se alguém descobrir que temos estado juntos, pode destruir tudo para ela e anulariam minha nota para que eu não me forme.

— Nem sei o porquê você ainda está aqui, cara. Você poderia ter se tornado profissional direto do ensino médio, se quisesse.

— Quero me formar e precisava me formar para que nossa temporada seja válida. Se não me formar, estaremos fodidos. Tenho que ficar longe dela pelo resto do semestre.

Havia apenas mais dois dias até a meu próximo encontro com Kara, eu tinha estado contando os minutos até ficarmos escondidos naquele escritório velho e isolado. Pelo menos eu a veria, mesmo que não pudesse tocá-la. Aparentemente, eu gostava da tortura. Ainda mais quando apareci do lado de fora da casa de Emmett. O hotel em que tínhamos passado duas noites. Me preparando, empurrei as portas do saguão, esperando ver Kara parada lá.

Havíamos trocado e-mails sobre algumas coisas. Nada mais que profissional. Adorei quando ela falou sobre botânica comigo.

O cara da recepção ligou para a cobertura de Emmett. Ele desligou depois de apenas dizer meu nome no telefone.

— Se você virar à esquerda aqui, encontrará o elevador particular...

— Sei o caminho, obrigado.

Um casal levou suas malas até o balcão atrás de mim. Só Emmett mesmo que mora num dos melhores hotéis da cidade, ainda que ele mal viesse para cá. Apertei o botão da cobertura quando entrei e fui para o andar superior do hotel/prédio de apartamentos. Acho que quando você tinha dinheiro suficiente, qualquer coisa era um apartamento.

Saí do elevador e bati na única porta na entrada.

Emmett abriu a porta com um olhar sombrio no rosto.

— Quem morreu? — Estremeci com minha má escolha de palavras. Com tudo acontecendo com Preston, não queria nenhuma notícia como essa no meu caminho.

— Minha casa, aparentemente. — Emmett revirou os olhos e me acenou.

— O que você quer dizer com sua casa?

— Terminei com a mulher que estava vendo antes de vir para cá.

— Por que você terminou?

Ele encolheu os ombros. — Parecia que estava na hora. Ela não levou exatamente a nossa separação tão amigavelmente quanto eu pensava.

Ele tirou o celular do bolso, abriu um aplicativo de segurança domiciliar e ligou as câmeras. Havia vidro quebrado e roupas rasgadas por toda parte.

— Puta que pariu, você não estava brincando.

— Não. Não estava. A segurança estará lá em alguns segundos. Achei que era melhor ela demonstrar sua raiva e fúria agora, além de ter muitas evidências se isso ficar mais complicado e eu ter que precisar de uma ordem de restrição contra ela.

— Quantas vezes você já fez isso? — Olhei para ele, realmente observando ele pela primeira vez em muito tempo. O romântico sonhador se fora há muito tempo. Essa parte dele tinha morrido na noite da festa do último ano. Gostaria de ter estado lá. Talvez pudesse ter ajudado de alguma forma; parado ou algo assim, qualquer coisa para que isso não o machucasse tanto.

— Parece que minhas escolhas com mulheres nunca têm estado melhores. Ela surtou quando eu disse que não estava pronto para casar. — Ele foi até o carrinho do bar totalmente abastecido em sua sala de estar. Os móveis branco e de vidro enchiam seu apartamento. Tudo estava tão brilhante que poderia usar óculos de sol e passava das nove.

— Se você tem tudo isso aqui, por que diabos vamos sair?

— Ficar aqui e beber com você por conta própria não parece exatamente uma noite divertida para mim. Além disso, enquanto minha casa está sendo destruída, preciso de mais distração do que olhar para os seus olhos azuis. Você verá quando estiver na NHL.

— Ok, então por que você está preparando bebidas? — Emmett não fazia sentido às vezes.

— Porque isso acabou de chegar e precisava de alguém para provar comigo.

Ele deixou cair dois cubos de gelo nos dois copos.

— O que é isso? — Olhei os copos suspeitosamente.

— Diamond Jubilee por Johnny Walker.

— Quero saber o quanto isso é caro?

Ele balançou a cabeça, inclinou a jarra de cristal e derramou o líquido âmbar sobre as duas, enchendo os copos mais da metade.

— Esse tipo de vida não permite exatamente certos tipos de relacionamento. O tipo real. Talvez, vocês dois estão se usando para não se sentirem sozinhos. Alguém que te entende. Fingindo que existe uma pessoa no mundo que se importa com você. Talvez, fique feliz em se enganar por um tempo. Quando sabe que não é real, pode realmente te machucar.

Ele olhou para os nossos copos cheios demais.

Ele fingia que as coisas entre ele e Avery haviam terminado, mas elas nunca teriam fim se continuasse assim.

— Pensei que tinha feito algum acordo para elas partirem após doze semanas.

Ele balançou a cabeça e riu. — Eu disse que nunca tinha estado com alguém por mais de doze semanas. É como um campo de força em torno da minha capacidade de ver alguém além dessa quantidade de tempo.

— Mas você esteve com Avery por uns três anos.

— Eu sei. — Ele respirou fundo.

Uau, ele não tinha saído correndo como costumava fazer quando qualquer um de nós a citava. Bem, acho que é complicado fazer isso em um apartamento de cobertura.

— E elas assinam um Termo de Confiabilidade. Aprendi da maneira mais difícil depois que minha primeira namorada, depois que me tornei profissional, tentou me extorquir com o que ela achava que eram informações incriminadoras que embaraçariam minha família. — Ele soltou uma risada triste. — Mal sabia ela, meus pais não dão a mínima para mim.

Ele me deu um olhar sombrio antes de pegar os dois copos e caminhar até mim. Batendo o copo no meu, ele virou o copo e o esvaziou em um gole.

— Saúde. — Entornei o meu em dois e ele pegou os copos de volta, guardando-os no balcão da cozinha.

— Parece que minha casa não está mais em perigo. — Ele estendeu o celular e a mulher que estivera destruindo seu espaço estava sendo colocada na parte de trás de um carro com a palavra SEGURANÇA impressa na lateral.

— Essas são as coisas pelas quais você precisa esperar. — Ele guardou o celular no bolso e pegou o casaco.

— Não pretendo seguir o plano astuto do Emmett de ter-todas-as-suas-coisas-destruídas-por-ex-loucas.

— Veremos. — Ele abriu a porta da frente e o segui, fechando-a atrás de nós.

— Eu realmente não planejo. Não que isso não pareça tão divertido quanto bater com um taco na cabeça. Dentro de alguns meses, não precisarei me preocupar com isso.

Ele me lançou um olhar e apertou o botão do elevador. — O que isso quer dizer?

— Eu meio que estou com alguém. — Enfiei minhas mãos nos bolsos.

— Alguém quem?

— A do bar naquela noite em que você pagou pra todo mundo. Estamos meio que nos vendo. Bem, na verdade não. Estávamos. Planejamos nos ver.

Ele levantou uma sobrancelha para mim.

— É complicado. — Balancei minha cabeça. Claro que seria complicado. Eu nunca gostei de fazer nada da maneira mais fácil.

— E você está pouco se importando sobre minha vida amorosa. — Ele riu e saímos para o ar fresco da noite de fevereiro.

— Pelo menos ninguém criou uma montanha com as minhas coisas na minha garagem e tacou fogo.

A cabeça de Emmett virou. — Como você soube disso?

— Cara, eu estava brincando. Alguém fez isso de verdade? — Não pude segurar a risada.

Seus ombros se curvaram e ele resmungou. A última neve escorregadia rangia sob nossos pés e os festeiros de fim de semana saíam com força total, gritando e rindo. Caminhamos rapidamente para o outro lado da rua enquanto a luz branca piscava com o símbolo para atravessar. Esquivando-se de um táxi virando à direita, Emmett bateu as mãos no capô do carro.

— Olha pra onde diabos você está indo! — Ele gritou e pisou no meio-fio.

— Fica frio, Em. — Virei-me e agarrei seu braço.

Ele resmungou novamente, e sorri, empurrando a porta do The Bramble e parando na entrada. Emmett me empurrou para entrar que quase me derrubou. Meu sorriso se foi de imediato antes de pisar. Isso não era bom. Eu deveria ficar longe, mas parecia que o universo tinha outras ideias.

KARA

Esfaqueei o gelo no meu copo com o canudo. O som não estava tão alto que não conseguíamos nos ouvir, mas o ar estava cheio de canções pop. Músicas sobre amor, perda, felicidade e todas elas pareciam estar me dizendo que essa parada com Heath era um erro. Seus olhos claros e brilhantes enchiam meus sonhos, repassando o tempo que tínhamos passado juntos.

Mas não podíamos ficar juntos. Heath parecia pensar que depois da formatura estaria tudo bem, mas eu tinha visto como essas coisas aconteciam. O menor indício de impropriedade poderia acompanhar as pessoas por toda sua carreira. Se começássemos a namorar depois que ele se formasse, ainda haveria perguntas. Eu só podia imaginar os comentários maliciosos de alguém como Jason. Stevenson recusara meu pedido de transferência de Heath, o que significava... não sabia o que isso significava. Como eu deveria lidar com isso? Nesse ponto, se dissesse alguma coisa, estaria ferrada e, se não dissesse algo, estaria ferrada.

— O que esse gelo fez para você? — Sam apoiou os cotovelos na mesa e estendeu a língua para mim, enquanto colocava outra batata na boca. Ela levantou os óculos da ponta do nariz com as costas das mãos, que estavam cobertas com sal refinado. Suas palavras me tiraram do torpor em que eu estava.

— O que? — Minha cabeça levantou e os três estavam me encarando. Obviamente, tinha perdido parte da conversa.

— Entendo ficar chateada por seu futuro estar nas mãos da Stevenson, mas não achei que você viraria uma assassina de gelo. — Ela assentiu em direção ao meu copo. Os seus cabelos lisos e negros caíam sobre os ombros como uma cortina.

Olhando para ele, confirmei que eu tinha, de fato, transformado meus cubos em gelo picado.

— Estou preocupada com a bolsa. — Bebi o último refrigerante.

Charles e Anne deslizaram para os assentos vazios à mesa.

— Por que vocês demoraram tanto? Kara estava ficando inquieta e tive que fazer o pedido. — Sam sorriu do outro lado da mesa para mim.

— Ei! Eu não. Eu queria esperar.

— Não se preocupe, Kara. Já conhecemos essa Sam aqui. — Charles revirou os olhos para mim e virou-se para Sam.

— Ela está sendo totalmente deprimente de novo? — Charles apontou o polegar para mim.

— Está. Pensamos que quando você perguntou se alguém queria beber, estaria de bom humor. — Sam cutucou uma batata frita com ketchup para mim. O garçom parou no final da nossa mesa e pegou meu copo para encher de novo.

— E por que ela não deveria estar? Essa bolsa está garantida, mesmo com Jason babando tanto o ovo da Stevenson que ele, provavelmente, está tendo que enxugar a baba do chão. E seu departamento obteve as melhores notas na primeira avaliação. A única coisa que falta é um cara gostoso. — Anne balançou os ombros e sorriu para mim.

Congelei com meu sanduíche até a boca.

— O que? Não estou saindo com ninguém. — A cor sumiu do meu rosto. Eu queria estar. Suas mãos percorrendo o meu corpo e como era fácil sorrir ao seu lado. A tentação de jogar a cautela pela janela era quase insuportável.

— Eu sei. Por isso disse que era a única coisa que faltava. — Sam riu e enfiou mais batatas na boca.

— Não tenho tempo para essas coisas com tudo que está acontecendo.— E a única pessoa que queria, poderia arruinar toda a temporada que seu time havia jogado. Ele seria desqualificado e eu nunca poderia tirar isso dele. E se alguém descobrisse, isso

poderia atrapalhar a carreira que eu estava tentando construir. A carreira que eu queria. Eu definitivamente queria isso. Seguir os passos de mamãe e papai. Obter meu doutorado e me tornar professora. Deixá-los orgulhosos.

O garçom voltou com o meu refil e comecei a sair da órbita novamente. Um pouco mais de quase três meses do semestre e a data da decisão para a bolsa estava se aproximando. Era uma chance que algumas pessoas esperaram a vida inteira, mas o pensamento de ganhá-la bateu com força em meu estômago com tanta força que eu mal conseguia recuperar o fôlego.

Como se eu o tivesse conjurado de meus pensamentos distraídos enquanto Charles, Amy e Sam conversavam; Heath entrou no bar. Minha mente congelou por um segundo, tentando descobrir se estava alucinando, mas esses eram os olhos que dispararam em mim. Inconfundível.

Um dos caras, que estivera lá na noite em que nos conhecemos, quase o derrubou quando ele parou na porta. O puxão em direção a ele e nossa conexão instantânea formigaram meus pés. Cabeças se viraram imediatamente. As mulheres giraram em suas cadeiras para ver os dois passando. Enquanto Heath era todo claro e brilhante, seu amigo era a definição de ameaçador. Cabelos negros, olhos escuros e a barba por fazer. Eles tinham altura semelhante, mas Heath era elegante e flexível, enquanto o homem ao lado dele parecia um brutamontes. Provavelmente, era útil para jogar hóquei.

As costas da minha mão bateram no copo quando o peguei e ele caiu, respingando tudo sobre a mesa. Arrastei meus olhos para longe de Heath. Calor se espalhou por mim com seu sorriso gentil. Como se tivéssemos um segredo que ninguém mais poderia conhecer. E nós fizemos.

— Uuuh! Kara, que porra é essa? — Sam e Amy pegaram um punhado de guardanapos para limpar minha bagunça.

— Desculpa, minha mão escorregou. — Tentei manter o foco em nossa mesa, mas não pude evitar. Seu olhar era pesado como um cobertor quente em uma tempestade no inverno. Desviei a atenção do copo e troquei olhares com ele.

Ele quebrou a conexão primeiro. Mudando seu corpo para que eu não estivesse mais na sua linha de visão. As palpitações se

transformaram numa buraco, o que era estúpido, mas era o que eu queria. Precisava ficar longe dele para não acabar na frente do conselho de ética.

Mais cinco anos de negligência acadêmica lidando com idiotas como Jason e conselheiros completamente alheios como Stevenson. Por que fiz isso? Por que estava no programa? Porque mamãe e papai botaram a mão na massa e terminaram seus estudos. Eu não era uma arregona.

O resto da mesa pegou a comida deles e tentei entrar na conversa, mas meus olhos continuavam se voltando para Heath. Mais de uma mulher se aproximou da mesa. Ele e seu amigo tinham um sorriso fácil para todas elas, mas ele não as convidou para se sentarem.

Uma mulher teve a coragem de passar os dedos pelos cabelos dele. Levantei minha bunda da cadeira, pronta para derrubá-la. Heath puxou a cabeça com uma risada e afastou a cadeira. Eu não tinha esse direito. Não podia tê-lo para mim, mas isso não me impediu de pegar meu celular debaixo da mesa.

Eu: Tenho a sensação de que você não está desesperado para dar aquele ingresso de sábado.

Heath: Eu dei para um dos caras. Não acho que você se divertiria tanto em nos ver perder.

Ele virou a cabeça levemente para que seu perfil me encarasse. A mandíbula forte, suas ridículas maçãs do rosto e o nariz reto estavam cobertos por cílios que nenhum homem tinha o direito de ter. Eu podia vê-los até o fim daqui.

— Kara, você quer outra bebida? — Charles deslizou para fora da mesa e se inclinou sobre ela. Os garçons tinham parado de servir havia um tempinho.

— Claro, me traga uma vodka de cranberry.

— Sam? Anne?

— Você sabe do que eu gosto, Charlie. — Sam emitiu um som rosnado que arranhou o ar.

Charles revirou os olhos. — Anne?

— Um mojito seria incrível. — Anne colocou o cabelo atrás da orelha.

— Uma vodka de cranberry, uma old fashioned e um mojito à caminho. — Charles saiu e Sam e Anne voltaram à conversa.

— Da próxima vez que você me ligar, dizendo que suas pernas parecem asas e que você está flutuando, vou mandar Charles para buscá-la.

— Traidora — Sam assobiou.

— Você quase quebrou meu dedo mindinho! — Anne jogou um maço de guardanapos nela.

Meu celular tocou na mesa. Virei e meu coração acelerou quando o desbloqueei e li a coisa toda. Mantendo minha cabeça abaixada, olhei para sua direção. Ele virou-se, soltando o braço das costas da cadeira e sentando-se totalmente de frente.

Heath: Quem era aquele cara? Você está num encontro?

Abri um sorriso. Pelo menos, eu não era a única ciumenta.

Eu: Sim, não dá pra ver? Temos um encontro completo em grupo. A orgia é o próximo.

Heath: Engraçadona você . Pensei que talvez fosse um encontro duplo.

Eu: Esse é Charles, meu amigo. Sam e Anne também estão aqui e definitivamente não estão juntas.

Anne deu a Sam uma das cerejas de sua bebida, segurando-a pelo caule. Sorri e balancei a cabeça. Ok, agora fazia sentido o porquê ele pensava que era um encontro duplo.

Seu pequeno balão de mensagens apareceu e desapareceu algumas vezes.

Heath: Bom. Isso significa que mensagens não são contra às regras?

Eu: Tecnicamente, seriam. São, na verdade. Não deveria estar fazendo isso.

Heath: Não dá pra te ajudar, né?

Meu olhar disparou em sua direção e a maneira como seus lábios carnudos se curvaram. Ele se virou um pouco mais e chamou minha atenção. Mais dois meses. Eu já tinha passado por oito semanas, o que era o restante da minha vida?

Eu: Parece que não

Charles disparou na minha frente com as bebidas equilibradas nas mãos. Alguns dos mojitos caíram sobre a mesa, enquanto ele

os pousava.

Tomei um gole da minha bebida e fiquei de olho no meu celular. O suposto zumbido era foda. Toda vez que pensava que estava apitando, olhava para baixo e via que não tinha mensagem. Odiava o quanto queria a mensagem. Quanto eu queria que ele saísse da cadeira, caminhasse até aqui e me beijasse como da última vez que estivemos juntos. Desejava o gemido que saía de dentro de mim, quando seus lábios estavam a um centímetro dos meus e pela maneira que eu ficava sem fôlego quando finalmente nos separamos.

Estávamos brincando de gato e rato, mas eu não tinha certeza de quem era quem. Nossos olhos se chocaram e a energia reprimida que passava por essa conexão poderia ter alimentado um foguete, mas nós dois mantivemos a bundas presas em nossas cadeiras. Era a coisa certa a fazer, né?

Depois de mais algumas bebidas e uma agitação agradável, perdi Heath de vista pelos recém-chegados. O volume aumentou e a temperatura também. Certamente, não parecia uma noite de março. Um rastro de suor escorria pelas minhas costas. Hora de ir. O lugar estava realmente lotado agora e só tinha espaço para ficar em pé. Uma banda começara a se organizar num espaço do palco pequeno nos fundos do restaurante.

Sam foi fechar nossa conta. Meu celular tocou e meu coração pulou. Olhei para baixo e a decepção fez uma cratera no meu peito. Era apenas o aplicativo que me informando que meu táxi estava do lado de fora.

— Te vejo na segunda-feira. Tente levar Sam para casa sem que vocês duas sejam presas. — Eu joguei meus braços ao redor de Anne.

— Boa sorte nisso. Ela já disse que essa é a parada número um. — Ela me soltou e revirou os olhos.

— Posso dividir o táxi com você? — Charles enfiou o cachecol dentro de seu casaco preto de marinheiro.

— Claro. — Abotoei meu casaco e deslizei minha bolsa para o ombro. Charles e eu abrimos caminho através da multidão. Esse lugar certamente tinha se tornado muito mais popular nos últimos

meses. O bar tinha pelo menos três fileiras de pessoas. Sam ficaria lá por um tempo até pagar.

Segui Charles em seu encalço, enquanto ele fazia as pessoas se afastarem. Uma mão envolveu meu pulso em um aperto suave, mas firme. Parei e virei minha cabeça. Meu pulso disparou quando olhei nos olhos do homem que tinha estado na minha mente pelo que parecia ser cada minuto de cada dia.

— Caso você ainda não soubesse. Você está linda esta noite. — Seu hálito quente deslizou sobre a concha da minha orelha e enviou um arrepio na minha espinha. O azul de seus olhos era ainda mais acentuado na luz fraca. Umedeci meus lábios repentinamente secos. Não havia palavras porque todo pensamento terminava comigo indo embora com ele hoje à noite.

Ele soltou e deu um passo para trás. Resisti à vontade de segui-lo.

Uma mão pousou no meu ombro. Eu me virei.

— Kara, você está bem? — Charles olhou para mim com preocupação nos olhos.

— Sim. — Estiquei o pescoço para onde Heath estava, mas ele se foi. Engolido pela multidão embriagada. Entramos na parte de trás do táxi e peguei meu celular.

Eu: Boa noite, Heath.

A resposta foi imediata, chegando quase assim que apertei enviar.

Heath: Noite, Kara.

HEATH

A tacada escorregadia do meu bastão se fundiu perfeitamente com o corte dos meus patins no gelo. Este foi *O jogo*. A partida na qual todos tinham estado se preparando. Preston estava assistindo do hospital. Tínhamos feito questão de configurar o seu notebook e assinar um serviço de streaming que transmitia o jogo.

Declan estava livre e, com um movimento do meu pulso, enviei o disco entre as pernas do *winger** do outro time e passei direto para ele. A buzina alta soou e a luz no topo do gol piscou, quando Declan afundou-a no fundo da rede. Todos na arquibancada ficaram de pé.

Eles nos atacaram com força no segundo em que o disco bateu e marcou um gol nos primeiros três minutos. Tudo aconteceu em câmera lenta. Observando o disco entrar na rede, meu estômago tinha tremido. Isso não ia acontecer. Cerrando os dentes, fui com tudo para o ringue. Declan e eu nos empenhávamos mais. Minha nova posição como central ainda parecia estranha. Fiquei olhando para a minha esquerda esperando que Preston estivesse lá.

Quando o choque passou, havíamos empatado o placar em minutos. O rugido da multidão não chegava nem perto da pulsação acelerada de sangue nos meus ouvidos. Eu me forcei até o limite. O suor encheu minhas luvas, enquanto eu chicoteava contra o gelo.

Declan foi substituído e ficou no banco com as mãos agarradas na beirada do ringue. Era como se minha minha mente juntasse as

oportunidades numa colcha de retalhos e as percorria até que houvesse a combinação perfeita, vi outra abertura.

Tomando para mim desta vez, levantei meu taco e bati no disco num tiro no escuro. Ele passou por dois jogadores da defesa do outro time. Visualizei o caminho direto para o fundo da rede. Então, a buzina soou e todo mundo ficou ainda mais louco.

Com meus pulmões queimando por ficar no gelo o máximo que podia, saí da pista, caindo no banco e jogando água fria na boca. O estádio ganhou vida quando as arquibancadas se transformou num mar de fãs de pé torcendo e aplaudindo. Peguei uma toalha e limpei a ardência do suor nos olhos. Olhando para Declan enquanto o lugar vibrava ao nosso redor, eu tinha um sorriso cheio de satisfação no rosto e não me importava.

— Que jeito foda de finalizar a jogada. — Ele deu um tapa na minha mão, cheio de emoção.

— Não tinha outro jeito, cara.

Ele olhou para trás e segui seu olhar. Makenna estava de pé com dois dedos enfiados na boca, animando os caras.

— Heath!

Minha cabeça levantou com o treinador me chamando. Com o músculo todo tenso, subi de volta para a pista. Meus patins atingiram o gelo e me joguei na partida, pronto para terminar isso.

Com a precisão e o tempo que tínhamos aperfeiçoado nos últimos quatro anos, mesmo sem Preston ao nosso lado, os detemos. Declan e eu tínhamos estado patinando juntos por quase dez anos. Organizamos o esquema que tínhamos estabelecido há muito tempo e a equipe preencheu todas as lacunas que estavam faltando.

Um *winger* da outra equipe surgiu do nada, patinando com força total sobre o gelo e bateu direto em Declan, enquanto sua cabeça estava virada. Nada me irritou mais do que um golpe baixo e isso era mais que baixo. Seu taco subiu e atingiu Declan direto no peito.

Incapaz de se preparar, Declan voou e bateu no vidro com tanta força que o chacoalhou e estilhaçou. Fiquei horrorizado e congelado no lugar, enquanto o observava cair no gelo. Um rugido de desaprovação atingiu as paredes do estádio vindo da multidão.

Cerrando os dentes, cheguei a eles primeiro. Os outros caras do time estavam bem atrás de mim e eu podia dizer que eles estavam a fim de sangue. Jogando meu taco e minhas luvas no chão, patinei até o cara, meus punhos fechados ao lado do corpo e o sangue fervendo.

Ele tentou fugir como um covarde, porém fui mais rápido. Colidi contra ele com tanta força que seu capacete voou. Com as mãos em volta da camisa dele, dei-lhe outra sacudida. Minhas narinas se dilataram e ele tentou se disparar contra mim. Eu me esquivei e o segurei. Meu sangue pulsava ainda mais forte do que no jogo. Minha visão ficou turva quando envolvi os dedos em torno de sua camisa e acertei o punho na cabeça do *winger*. A dor explodiu em meu punho, mas ele com certeza sentiria isso amanhã.

Suas mãos subiram, dando golpes selvagens no meu rosto e o atingi novamente. Os nós dos meus dedos se abriram e sangue escorreu pela mão. O apito do juiz interrompeu a briga, mas não me fez parar. Eu já tinha tido um colega de equipe no hospital por causa das decisões fodidas de alguém, não precisava que isso acontecesse com Declan. O *winger* do outro time caiu no gelo quando soltei sua camisa.

Alguém passou o braço pelo meu peito e eu os afastei, pronto para enfrentar quem quer que fosse o próximo. Virei-me e fiquei cara a cara com Declan.

— Heath. Se acalma! Estou bem. — Ele ficou na minha frente e me empurrou.

A cortina de raiva passou e pude ver o cara que bateu em Declan. Ele sentou no gelo, balançando a cabeça. Espero que ele tenha gostado receber porrada tanto quanto gostou de dar nos outros.

— Isso foi desnecessário, filho. — O árbitro patinou até ficar na minha frente.

— E o que ele fez foi desnecessário. Ele poderia ter matado Declan. — Gritei para o juiz e apontei sobre seu rosto. Declan me segurou.

— Dois erros não fazem um acerto.

— Diga isso a um dos meus colegas de time quando alguém os colocar no hospital. — Já tínhamos estado lá. Já estávamos lidando

com um homem abatido. Não precisava que essa porra acontecesse de novo. Declan colocou o punho em volta da minha camisa e me puxou pra trás. Eu nem tinha percebido que estava em cima do juiz.

Peguei meu taco do Declan e passei pelo juiz.

Seu apito dividiu o ar e ele gesticulou com o polegar. — Você está fora. — E patinou para longe.

— Tá de sacanagem comigo? — Minhas narinas se abriram e a raiva fervente ameaçou me dominar. Joguei meu taco, pronto para ir atrás dele, mas Declan e o resto dos caras ficaram na minha frente. O treinador estava gritando comigo do banco. Deixei eles me empurrarem para trás e saí do gelo, indo direto para o vestiário.

Arranquei meu capacete e joguei-o contra a parede. Agarrando meu taco com as duas mãos, bati-o sobre minha perna, quebrando-o ao meio. Caindo no banco, passei as mãos pelos cabelos, o suor escorrendo por mim. Escorreu para o meu rosto, me cegando.

Tudo estava ficando demais. Tudo convergindo para essa confusão que não sabia como consertar. Preston ficaria fora por um tempo. Não houve danos na coluna vertebral, então, obrigado graças a Deus por isso, mas não significava que ele estaria de volta ao gelo tão cedo. Eu não conseguia manter essa equipe unida, como todos tinham fé que eu conseguiria.

Uma buzina soou no estádio. Deus, esperava que fosse a nosso favor. Bati minha cabeça contra os armários. O metal sacudiu e tirei minha camisa, deslizando-a sobre a cabeça. Meus ombros pressionaram contra o metal frio e tentei inspirar através da queimação na garganta e nos pulmões. Olhando para a minha bolsa, soltei um palavrão. Meu celular acendeu.

Coloquei minhas roupas no canto e peguei o telefone.

Kara: Eu sei que você tem um jogo, mas queria lhe desejar boa sorte. Você consegue e sei que qualquer cara que é capaz de passar meses unindo o espécime floral perfeito tem tudo o que precisa para fazer qualquer coisa.

A próxima mensagem chegou pouco depois.

Kara: E estou com saudades. Sei da promessa que fizemos, mas queria que você soubesse disso. Não é assim tão fácil para mim.

Abaixei minha cabeça nas mãos e encarei suas palavras. Não parecia possível que uma pessoa pudesse entrar na sua vida por um período tão curto e causar tanto impacto que todos os dias nos quais você não a via era como uma agonia, mas aqui estávamos nós. Aqui estava eu, fazendo o que precisava para protegê-la e afastá-la de mim, quando estava perdendo minha calma à torto e a direita. Eufemismo do ano. Eu estava fodendo com as coisas, completamente. O cara como ela me via não era mais quem eu sou. Eu já tinha sido esse cara ou era realmente bom colocar uma máscara? Aquele cara descontraído e relaxado tinha desaparecido nas ondas nebulosas e eu precisava da minha cabeça no lugar. Talvez isso fosse para o melhor. A maneira do universo de lhe dar uma saída. Afastando-me dela antes que eu quebre algo que não possa consertar.

Heath: Também estou com saudades. O jogo não está indo bem.

Outra explosão de vibração do estádio pela campainha do gol. Abri a porta do vestiário e vi uma das telas que revestiam o corredor: 3-5 nós. Talvez eu fosse a porra de uma distração no gelo. Nunca tinha lidado com isso antes, com esse furacão descontrolado que ameaçava jogar tudo para fora dos trilhos.

Eu não era esse cara. Eu era o descontraído, caralho. Mas essas explosões. Essa raiva me assustava. Odiava pensar que isso sempre estivera lá dentro. Eu estava fingindo, cobrindo quem realmente era e só agora o verdadeiro eu estava saindo? O cara que era expulso dos jogos e que perdia a calma.

Outra coisa que tinha enfiado na minha bolsa caiu do lado. Um envelope branco liso. Parecia tão inócuo e comum, mas o que espreitava dentro era um dos meus piores pesadelos. O Departamento de Correções e Reabilitação da Califórnia estava impresso no canto superior esquerdo. Eu tinha pego isso da pilha de correspondência em casa, quando passei por lá.

Ele poderia sair. A audiência de liberdade condicional do meu pai estava marcada, menos de uma década depois que ele tentara matar nós dois, ele poderia ser livre e perambular pelas ruas. A vontade de entrar no meu carro e fazer aquela travessia pelo país bateu tão forte no meu peito que jurei que iria quebrar uma costela.

Meu celular tocou na minha mão, só que não era uma mensagem. Era uma ligação. O nome dela iluminou a tela e hesitei antes de atender. De alguma forma, ela sabia que eu precisava ouvir sua voz. Atendi o telefone e o segurei no meu ouvido.

— Heath?

— Sim, eu.

— Você está bem? — A doce plenitude de sua voz era como uma pomada para a raiva ardente que corria pelas minhas veias. Enfiei a carta de volta na bolsa e encostei-me no armário.

— Estou muito melhor agora.

— Vi que você foi expulso do jogo.

Estremeci e depois sorri. — Está me observando?

Ela soltou uma pequena risada. O tipo que era feita de felicidade com uma pitada de vergonha. — Não posso nem mentir e dizer que não estava. Não tenho ideia do que são todas essas estatísticas e outros números que estão na minha tela, mas vi a observação sobre você ter sido expulso.

— Perdi a calma. Não deveria ter acontecido.

Outro toque da buzina sinalizando um gol soou do lado de fora do vestiário.

— Vocês marcaram novamente. Está três a seis.

— Talvez estejam melhor sem mim.

Outra buzina para sinalizar o fim do jogo.

— Não diga isso. Eles não estão. Talvez estejam se esforçando mais, porque sabem que você não está lá com eles e querem deixar você orgulhoso. — Eu podia vê-la agora, completamente indignada com isso.

— Talvez. — Olhei para as luzes do vestiário. — Senti saudades do som da sua voz.

— Eu também. Quero dizer, não o som da minha voz. Escuto isso o tempo todo. Senti saudades do som da sua voz.

Não pude deixar de sorrir. Ela provavelmente era a única que poderia ter tirado isso de mim no momento.

— Você está no seu escritório?

— Não, estou em casa, tentando lembrar a porra do motivo que me fez escolher este departamento. — Páginas viravam do outro lado da linha.

— Estudando? — Eu podia imaginá-la agora com os cabelos para o alto, com lápis atrás da orelha, trabalhando diligentemente problema após problema.

— Não. Deveria estar. — Ela soltou um suspiro profundo. — Estou escrevendo.

— Como uma história?

— Algumas vezes. Outras é poesia. Ou é um arco de uma trama inteira, a jornada de alguém. Depende do meu humor.

— Não sabia que você estava escrevendo de novo. — Parecia algo que eu deveria saber. Não fazia sentido o porquê, mas fazia.

— Comecei de novo há um tempinho e eu meio que não consegui me desligar. Heath, eu...

A porta do vestiário se abriu e os caras entraram.

— O jogo acabou. Eu tenho que ir. Foi bom ouvir sua voz. — *Vamos fazer isso de novo em breve. Na verdade, esqueça isso; deixe-me dirigir até você agora e enterrar meu rosto na lateral do seu pescoço.*

— Foi bom ouvir a sua também. Vejo você no próximo encontro. — Ela terminou a ligação e coloquei meu celular de volta na bolsa. O treinador entrou no vestiário e seus olhos estavam fissurados. Eu me preparei para ele comer meu rabo, porque eu merecia. Parecia que eu estava fodendo à torto e a direita. Olhando para o meu celular, queria pegar e ligar para ela de volta. Parecia que não estava pronto para aprender minha lição ainda.

KARA

Minhas mensagens com Heath não eram aconselháveis. Era, absolutamente, estupidez e apenas um pouco melhor daquilo que tínhamos estado tentando evitar pra início de conversa, porém estava há mais de um dia sem ouvir falar dele e estava apreensiva. As mensagens eram enviadas à noite. Quando estava sozinha no meu quarto e pensando nele. Mesmo quando prometi a mim mesma que esperaria ou não responderia, mas não conseguia evitar.

Meus diários estavam se enchendo mais rápido do que eu poderia comprá-los. Comecei a enfiar pedaços extras de papel, guardanapo, versos de menus, o que eu conseguisse pôr as mãos e colocar as palavras para fora, que não iriam parar de aparecer até que as libertasse com caneta e papel.

Heath tinha me deixado com menos medo das palavras. Menos preocupada com o motivo cujo não conseguia parar de escrever. Era tão rápido e frenético que, às vezes, eu adormecia em cima do diário. Reler minhas palavras e saber o quanto ele tinha as tornado vivas fazia a tentação ser ainda pior.

Nem uma única mão foi levantada, quando nos aproximamos do final do encontro da performance oral. Já tínhamos trabalhado com as perguntas, mas queria ter certeza de que haviam entendido todo o conteúdo. A avaliação do meado do semestre tinha ido bem, mas eles teriam que incorporar os novos conceitos que tínhamos estado aprendendo.

Meu ritmo estando na frente da turma no começo da aula diminuiu para um rastejar sinuoso, mas minha boca estava ainda mais seca que um deserto. Mais de uma vez tive que pedir a um dos alunos presunçosos para que eles divagassem e eu pudesse beber um pouco d'água. A umidade desta tarde chuvosa causou estragos no meu cabelo. Provavelmente, estava cheio de frizz, se tivesse sorte, ou mais armado que barraca na feira se não tivesse.

As apostilas que eu tinha entregado à turma do segundo ano haviam caído como uma luva. Destilei tudo da maneira mais simples possível e rezei para que absorvessem a informação. As coisas tinham se complicado consideravelmente desde a avaliação. Eu não tinha ideia de como os alunos de Jason estavam lidando, porque os meus mal estavam lá e eles tinham tido um desempenho muito melhor do que os dele. Diante de trinta e cinco alunos, senti como se a qualquer momento eles soubessem que eu era uma impostora. *Você quase reprovou na oitava série! Como você pode estar nos ensinando isso!*

Eu não tinha sido exatamente uma aluna incrível antes do ensino médio. Detenções. Suspensões. E notas terríveis foi o que associei à escola. Era um lugar para ir e sair com meus amigos ou o Conselho Tutelar batia na porta do apartamento. Já tinha acontecido mais de uma vez até que aprendi a ir para o colégio e seguir furtivamente para os banheiros e fumar com meus amigos.

Ninguém sabia sobre o meu passado e ninguém provavelmente se importava, mas era sempre como se estivessem esperando nos bastidores para arrancar essa máscara que eu tinha criado para mim nos últimos dez anos. Esses eram meus pesadelos nos dias que antecediam as primeiras aulas.

Alguém subia na cadeira e pegava meu boletim do ensino médio, mostrando a todos o quão desqualificada eu era para ensinar alguém. Meus medos insanos eram infundados. Em vez de se levantarem da mesa para apontar e gargalhar, os alunos me encaravam com medo nos olhos e lápis trêmulos, enquanto surtavam tentando entender tudo o que enfiaríamos em suas cabeças durante o próximo semestre.

Acordar suando frio tinha cedido o lugar a um estômago enjoado antes do início das reuniões. Examinando minha pilha de anotações,

garanti todos os tópicos que precisávamos e que alguns alunos trabalhassem através de algumas práticas em voz alta. Quase pulei na mesa de alegria, quando a maioria conseguiu resolver os problemas que seguiam os mesmos padrões, mas eram diferentes o suficiente para significar que eles entenderam o conteúdo.

Não acho que fui feita para ficar na frente de uma turma. Todos diziam que as primeiras semanas eram difíceis, mas esse era o meu quinto encontro e nunca ficava fácil. Os dias com aulas estavam de longe se tornando meus piores dias. Normalmente, eu precisava do dia seguinte para me recuperar. Não estava facilitando a transição ao final da aula. Jason dava aula nessa sala logo após a minha.

Como se eu o tivesse conjurado com meus pensamentos, Jason abriu a porta da sala e entrou como se fosse o dono do lugar. Eu odiava quando ele fazia isso. Todas as cabeças se voltaram para ele, enquanto eu terminava a sessão.

Todos os olhos viraram-se para mim. O desejo de rastejar para debaixo da mesa confrontou com aquela vontade de socá-lo diretamente no plexo solar. Com a minha sorte, acabaria quebrando minha mão e ele me denunciaria à segurança do campus.

— Acho que terminamos por hoje. A primeira prova foi bem e vocês estão no caminho certo. Estarei disponível às terças e quintas, não deixem de passar lá se vocês não conseguirem responder às perguntas que repassamos aqui. Obrigada a todos!

Os cadernos e livros foram guardados, as mochilas fechadas e os pés arrastaram-se pelo chão. Todo mundo olhou entre eu e Jason, enquanto saíam da sala. Cerrei os punhos ao lado do corpo e balancei a cabeça. Em segundos, ele tinha deixado minha turma em completa desordem e sentou-se atrás da mesa com um sorriso presunçoso no rosto, enquanto todos saíam.

O último aluno foi embora e a porta se fechou. Meu sangue ferveu tanto que não teria ficado surpresa se vapor começasse a sair dos ouvidos. Mantive minha cabeça abaixada e arrumei minhas coisas. Cerrei os dentes com o rangido suave da mesa, enquanto Jason se afastava, enfiei meus pertences na minha bolsa, imaginando que seria um soco certeiro no plexo solar de Jason.

Sua sombra caiu sobre mim quando ele se aproximou da frente da mesa. Inclinou-se e pressionou as mãos na alça da minha bolsa.

— Por que você está aqui tão cedo? — Meu maxilar estava apertado. Não era a primeira vez que ele tinha aparecido e interrompido minha aula. Não era como se contar à professora Stevenson resolvesse algo. Ele daria uma desculpa que ela iria engolir.

— Eu gosto de chegar na hora. Não posso evitar se você se distrai facilmente. — Sua mochila atingiu a mesa com um baque.

— Não interrompa minha aula assim novamente. Espere do lado de fora como qualquer outra pessoa em sua aula. — Tentei o meu melhor para manter o veneno na minha voz, mas seu sorriso permaneceu firmemente no lugar, então isso não o perturbaria.

— Talvez eu quisesse ver você em ação. Desde que tentou empurrar esse jogador de hóquei para mim no começo do semestre, pensei que talvez você estivesse tendo dificuldade com os encontros e eu poderia ajudá-la. — Sua voz era como uma trilha de nojo através dos meus tímpanos.

— Não tentei empurrar ninguém pra você. Pensei que, por algumas razões, Heath seria mais adequado com você neste semestre.

— E que razões eram essas? — Ele sentou-se na beira da mesa.

— Não importa agora, importa?

— Vamos ver quais informações extras você pode estar trazendo para seus alunos aqui. — Ele deslizou um dos meus papéis de estudo sobre a mesa.

Eu o peguei de volta e enfiei na minha bolsa. Exatamente o que eu precisava, ele arrancando meus materiais de estudo e passando-os como se fossem seus. Entregaria esta folha à Stevenson após o fim de semana e informaria que os alunos achavam útil. Mas eu não o deixaria passar batido.

— Pensei que você teria modos depois de todos esses anos, Kara. Há quanto tempo nos conhecemos? — Ele rodeou a mesa.

— Tempo para caralho. — Resmunguei e coloquei a alça da minha bolsa por cima do ombro.

A porta da sala de aula se abriu tão alto que bateu contra a parede com um *estrondo*. Eu pulei e Jason recuou, derrubando a cadeira atrás da mesa.

Parado na porta estava um Heath descabelado. Os olhos dele estavam vermelhos. Gotas d'água caíam de seus cabelos e suas roupas estavam molhadas. *O que diabos tinha acontecido?*

Seu olhar disparou atrás de mim, para Jason e ele recuou.

Dei um passo à frente e Heath deu um para trás. Espiando para trás de mim, me virei e encontrei os olhos arregalados de Jason. Girei de volta para ver Heath desaparecendo no corredor. O sangue subiu aos meus ouvidos tão alto que mal conseguia ouvir. Se eu corresse atrás dele, Jason saberia que algo estava acontecendo, mas o jeito que Heath me olhou... O jeito que ele estava, desgrenhado e perdido. Eu lidaria com as consequências mais tarde. Gritei o nome de Heath. Meus pés bateram no chão de ladrilho, escorregando quando pisava nos passos molhados de Heath. Eu forcei minhas pernas a irem mais rápido, determinada a alcançá-lo.

Virei no corredor da entrada, quando ele bateu na maçaneta de metal da porta. A chuva caía em abundância, mas nem pensei em pegar meu guarda-chuva. De pé no topo da escada, gritei seu nome enquanto ele dava o último passo. Gotas grudaram nos meus cílios, enquanto os protegia.

Ele parou como se minha voz o tivesse congelado.

Descendo os degraus para onde ele estava, parei perto dele. Observando-o, ofeguei e tentei encontrar seus olhos. Algo estava errado.

— Heath — Eu estendi a mão até ele, que se afastou. Uma dor aguda cortou meu coração. — Heath, o que está acontecendo?

A chuva encharcava minhas roupas. Estremeci no ar gelado e cruzei os braços sobre o peito.

Ele foi atingido pela água, mas estava completamente parado. — Eu tinha que te ver. — Falou tão baixo que eu mal podia ouvi-lo.

— Temos nosso encontro amanhã.

Seu olhar disparou para o meu. — Não assim. Não sentado à sua frente e incapaz de tocá-la. Eu precisava ver você. Para tocar em você, e então eu a vi lá com aquele cara e lembrei de todas as razões pelas quais disse que ficaria longe. O que poderia acontecer com você, eu tendo aparecido assim.

— Heath. Eu não dou a mínima. Diga-me o que diabos há de errado. — Estendi a mão novamente, desta vez devagar. Cautelosamente, passei minha mão em seu braço. Ele estava congelado como se tivesse estado na chuva por horas.

Ele se moveu tão rapidamente que nem soube o que estava acontecendo. Num segundo eu estava de pé no fim da escada e no outro estava pressionada contra as colunas altas de tijolos que ficavam nos dois lados da escadaria. Meu toque o tirou do transe.

Seu corpo me protegeu da chuva que ensopava suas roupas. Ele traçou minha mandíbula com as costas da mão. Ele tremia e meu coração não parava de acelerar. Algo estava errado. Muito, muito errado. *Será que era sobre hóquei?* Eu sabia que eles não estavam indo bem nesta temporada. Eles ainda tinham tido uma chance nos playoffs pelo o que as pessoas me disseram, mas não tinha sido como nas outras temporadas.

— Heath, você está me assustando. Me conta o que aconteceu. Diga o que há de errado.

— Eu precisava tocar em você. E precisava fazer isso. — Seus lábios pressionaram contra os meus. Eles estavam com fome, vorazmente devorando meus beijos. Abri minha boca e a chuva congelante se dissolveu em nada além de ruído de fundo.

Ele agarrou meus cabelos, arrastando os dedos congelados ao longo do meu couro cabeludo e passando os fios em volta de sua mão. Ele estava se deliciando. Consumindo com tanta força e rapidez que fazia minha cabeça girar.

Eu não tinha esquecido como ele se sentia, mas minhas memórias não se comparavam à coisa real. Forte e gentil ao mesmo tempo, seu toque me deixava tonta. Um arrepio, que não tinha nada a ver com a chuva, atingiu meu corpo e eu precisava estar mais perto dele. Muito mais perto.

Apertei sua camisa molhada. A superfície rígida de seus músculos estava pressionada sob minhas mãos. Quebrando sua pressão contra meus lábios, olhei em seus olhos. Eles não estavam mais na sombra do prédio, mas se iluminaram com as luzes dos postes. A dor irradiava dele.

— Heath. — Passei os dedos pelas bochechas dele. A temperatura congelante de sua pele enviou minha preocupação ao

extremo. Meu medo aumentou. O que quer seja, poderíamos consertar

— Me diga o que aconteceu de errado. — Fechei minha mão em torno de seu antebraço e a outra ao longo de sua mandíbula.

Ele se inclinou e descansou a testa na minha. A dor irradiava dele. Precisávamos ir a algum lugar quente. Seus lábios estavam azuis e um tremor percorreu seu corpo. Eu estava encharcada, mas ele estava tremendo mais do que do frio. O que eu precisava era que ele me dissesse o que estava acontecendo.

— Heath, por favor. — Minha voz percorreu a linha tênue entre calmaria e pânico.

Uma lágrima se juntou à água que caía em seu rosto.

— Preston… — Ele respirou trêmulo e seus ombros tremeram. Seus braços me envolveram com força, tão forte que foi difícil encher meus pulmões. — Preston, ele está... Ele morreu.

HEATH

Recebi a mensagem de Preston de que ele queria me ver minutos depois que o time entrou no ônibus. Eu tinha aparecido no hospital pronto para ele comer meu rabo, me arrastei para lá com um peso no peito. Eu estava perdendo. Perdendo o controle sobre as coisas e não sabia como consertar.

Entrando no corredor, me pressionei contra a parede. Uma enorme correria me recebeu. Médicos e enfermeiros passavam correndo, empurrando carrinhos de equipamentos. Imo estava no corredor com as mãos pressionadas contra a boca e os olhos arregalados.

— O que está acontecendo?

Seu olhar disparou do quarto para mim. — Ele... Eu não sei. Ele estava tendo dores de cabeça o dia todo. Suas pernas estavam doendo. E então, sua fala foi ficando arrastada. Chamei os médicos e seus olhos reviraram. — Ela se dissolveu em lágrimas no final. Passei meu braço ao redor do ombro dela e todo o seu corpo tremia.

A equipe de pessoas o tirou rapidamente do quarto e levou para cirurgia. Ficamos lá, olhando para ele e a espera começou. Era quase pior que não saber o que estava acontecendo, mas a confirmação dos nossos piores pesadelos era algo que adiaríamos com prazer.

— Preciso ligar para os pais dele. Preciso ligar para Becca. — As palavras de Imogen eram forçadas e atordoadas.

— Eu faço isso. — Com os dedos trêmulos, liguei e mandei uma mensagem para todo mundo.

Ficamos lá enquanto mais pessoas chegaram. Os pais de Preston atravessaram as portas. Imogen saltou de seu lugar no chão. Eles a envolveram em seus braços, enquanto ela explicava o que tinha acontecido.

Eu não conseguia parar de me mover. Não conseguia me sentar, como se no segundo em que fizesse isso, algo ruim aconteceria.

Os caras apareceram. Declan com Mak e todos os outros da equipe. Depois de mais de três horas, o médico entrou, arrancando a touca cirúrgica. Ele abriu a boca, mas o olhar em seu rosto nos disse tudo o que precisávamos saber.

Ele iniciou o discurso fizemos-tudo-o-que-pudemos e travei. Meu cérebro desligou, tentando me proteger. Isolei-me da devastação esmagadora ao saber que um dos meus amigos se fora.

A dormência a substituiu. Choque pós-trauma. Todos ficaram ali em silêncio, enquanto o médico falava. E, então, houve um som, um lamento ao meu lado. Não sei se veio da Imo ou da mãe de Preston, mas não consegui olhar. Isso iria acabar comigo.

O pai de Preston e os caras estavam parados ao redor delas, abraçando-as com força. Os dedos de Mak e Declan estavam firmemente entrelaçados. Eu tinha vindo aqui porque ele iria me dar um sermão, não estava ansioso por isso, mas daria qualquer coisa para ter ouvido isso agora. Ter ele reclamando comigo por perder a calma no jogo e ouvir seus sábios conselhos sobre como lidar com as coisas dali para frente. A última lembrança que ele teria minha seria eu sendo expulso do jogo e decepcionando o time. A decepção cavou aquele espaço vazio no meu peito ainda mais profundo. A decepção esmagadora que ele teria sentido por eu perder a cabeça e agora não havia nada.

O grande choque da chuva gelada registrou que eu estava do lado de fora, mas fora isso meu cérebro não estava funcionando corretamente. O universo tinha me traído mais uma vez. Eu tinha um objetivo. Apenas uma pessoa poderia me impedir de perder a cabeça. Precisava de mais do que uma mensagem dela ou um olhar roubado quando estávamos sozinhos. O pensamento de outro segundo sem ela, quando o tempo poderia tirar a vida de alguém

num instante. Isso fez a palma da minha mão suar e a minha visão afundar como se eu caísse num poço do qual não poderia escapar.

Eu precisava sentir a vida pulsando em suas veias e tocar sua pele, porque estava me desfazendo. Quebrando lentamente e se tornando nada. Precisava que o rugido acelerado de sangue em meus ouvidos fosse substituído por suas palavras gentis dizendo que tudo ficaria bem. Que algum momento próximo meu peito não estaria tão apertado e eu seria capaz de não sentir que alguém estava lentamente mergulhando uma faca entre minhas costelas.

No piloto automático, fui à sala de aula dela. Tinha memorizado sua agenda e fiquei tentado a cruzar acidentalmente nossos caminhos, mas me mantive longe, fazendo o meu melhor para continuar no plano que tínhamos decidido. A explosão de calor quando passei pelas portas do prédio mais afastado do campus não fez nada além de enviar os arrepios ainda mais profundo.

Abri a porta da sala de aula e a vi parada ali com o outro cara do seu programa e a ficha caiu. Os avisos que tinha repetido diversas vezes na minha cabeça. As palavras de Preston para mim. *Se você se importa com alguém, você a protege.* O cara se recuperou do choque, olhou para mim e depois para Kara. Eu literalmente não conseguia pensar em uma desculpa para estar lá. Idiota egoísta, era isso que eu era. Não deveria ter estado lá. Meus músculos doíam como em nenhum treino anterior, como se meu corpo estivesse disposto a parar. Parar e lidar com o que acabara de acontecer, mas eu não conseguia.

Ela virou a cabeça e parti recuando para a tempestade. O choque da chuva congelante mal fizera um estrago quando meus pés bateram contra os degraus de pedra.

— Heath! — Sua voz aguda e frenética me paralisou no local. Enfiando minhas mãos nos bolsos encharcados como se fossem proteger contra o frio cortante, desejei que ela me deixasse com meu pesadelo vívido e a dor dilacerante. Minha garganta estava apertada e tentei engolir através da pressão sufocante. Eu não precisava deixá-la triste. Nem deveria ter vindo. *Volte para dentro, Kara. Você não precisa lidar com isso.*

Ela não voltou e não pude me segurar. A chuva caía sobre nós dois. O fraco som de trovão ao longe me colocou em ação. Ela

estava lá, de pé na minha frente. Em carne, osso e viva e eu precisava sentir isso.

Seus olhos cor de chocolate estavam cobertos preocupação. Eu precisava tirar isso. Meus lábios estavam exigentes nos dela. Eu estava a devorando, deixando seus lábios quentes e cheios acalmarem e confortarem a dor ardente em meu peito. Precisava senti-la. Seu toque me mantinha com o pé no chão e a salvo de ser arrastado para a escuridão, enquanto tentava entender o que havia acontecido. Não fazia sentido e nunca faria, mas eu necessitava me segurar na única coisa real, na qual eu tinha precisado desde o dia em que decidi que não poderia mais vê-la. Tinha jurado que levaria o tempo que fosse para protegê-la, mas eu era um babaca egoísta.

Ela olhou para mim tentando descobrir o que estava acontecendo. Seus dedos quentes arrastaram contra a minha pele dormente, quase congelada pela chuva forte.

— Diga o que há de errado.

O tom suplicante em sua voz me quebrou. Descansei minha testa contra a dela e tentei protegê-la da chuva com meu corpo. Uma única trilha de calor desceu em cascata pela minha bochecha. Eu não queria dizer as palavras em voz alta, mas precisava.

Seus olhos procuraram os meus e a preocupação me atingiu com força.

Passei meus braços firmemente ao redor dela e disse as palavras que eu tinha estado fugindo desde que deixara o hospital. Um tremor percorreu meu corpo e seus braços cruzaram nas minhas costas.

— Vamos lá, precisamos voltar para dentro. — Ela tentou me arrastar de volta para o prédio, mas eu não podia entrar lá.

— Tem um lugar que podemos ir. — Passei meus dedos pelos dela e caminhamos ainda mais pra dentro do campus. Ela não disse uma palavra e se manteve firme à mim. Seus dedos entrelaçados com os meus e a outra mão em volta do meu bíceps.

O trovão deu lugar a uma rajada de raios e ela pulou, apertando-se mais contra mim. Algumas das luzes piscaram e o edifício que seria nosso refúgio apareceu. Os grandes painéis de vidro estavam cobertos de condensação por dentro.

Empurrando as portas, me encolhi ainda mais quando uma explosão de calor nos atingiu. Calor e um forte cheiro de terra me atingiram quando entramos. Alguns dos aristos foram suavizados, enquanto suas mãos se apertavam em mim. Os contornos de vasos de plantas e flores em fileiras nas mesas e pendurados nas colunas lançavam longas sombras à medida que o raio aumentava. O estrondo e o barulho do trovão viajaram através de mim.

Kara tremeu ao meu lado, as vibrações me lembrando que eu estava fodendo com isso, mas a dor por dentro não dava a mínima. Ficamos na estufa úmida e fechada com vidro.

— Heath? — Ela tocou meu peito timidamente, enquanto estava na minha frente. Meu olhar se fixou no dela. Era difícil ver através do brilho das lágrimas nos meus olhos. Não mais escondidas pela chuva forte, pisquei para afastá-las.

— O que aconteceu? — Ela passou o polegar pela minha bochecha e segurei sua mão, pressionei sua pele ainda mais contra o meu rosto e absorvi seu calor.

Balancei minha cabeça, tentando bloquear aquelas palavras que tinha ouvido no hospital. Meu cabelo molhado pulverizou gotas de água ao nosso redor. Absorvendo uma respiração trêmula, apertei meus olhos com força.

As palavras saíram vazias e superficiais, como se alguém as estivesse dizendo. — Eles disseram algo sobre um coágulo sanguíneo. Chegou ao cérebro dele. — Um raio iluminou seu rosto.

Seus olhos estavam arregalados e ela se aproximou. Ela segurou meu olhar cheio de tristeza e compaixão em si. Era difícil observar o rosto dela e aqueles olhos, sabendo que em uma fração de segundo qualquer um de nós poderia ser levado. A outra mão dela encostou no lado do meu rosto. Nós poderíamos ficar nesse abraço para sempre, onde o toque dela acalmava a dor crua e eu podia fingir que um dos meus melhores amigos não se fora. Éramos eu e Kara na estufa em uma tempestade.

Bloqueando o resto do mundo, observei os olhos dela. Seu pulso vibrou contra o lado do meu rosto através de seu toque.

— Preciso de você, Kara. — Deslizei meus dedos sob a alça de sua bolsa e levantei-a sobre sua cabeça. Bateu no chão com um *baque*. Meus dedos tremiam quando toquei a barra de sua camisa.

Ela deu um passo para trás e desabotoou a blusa, expondo seus seios para mim, seu coração batendo debaixo deles, bombeando com força.

Envolvi-a em meus braços e pressionei suas costas contra a larga coluna branca mais no interior. Minha boca estava pressionada contra a dela. Ela abriu a sua e sussurrou nos meus lábios.

— Estou aqui. — Sua voz era como um bálsamo para as feridas abertas, aquelas que eu tinha estado vivendo. Cada toque era mais do que eu poderia esperar. Diminuindo o espaço entre nós, ela remexeu no meu jeans encharcado e o desabotoou.

Respirei fundo quando o ar quente atingiu minha pele nua.

Ela olhou para mim e passei o braço em volta de sua cintura. Empurrando minha mão sob o cós de sua calça e a puxei para baixo. A força entre nós e a necessidade de senti-la em todos os lugares me compeliu a avançar. Quanto tempo nos restava? Momentos roubados poderiam ser tudo o que teríamos e eu não podia deixar isso escapar. Ela enfiou as mãos embaixo da minha blusa e a puxou pela minha cabeça. O pouco das cores tinham quase desaparecido por completo de seus cabelos agora, prova de que o tempo estava passando muito rápido enquanto estávamos separados. Eu lutava para fazer os dias fazerem mais sentido. Havia apenas um vazio em sua ausência. Ela deu um jeito rápido com os sapatos, tirando-os.

Suas calças molhadas se juntaram aos seus pés e eu a levantei. A pele fria de suas pernas nuas envolveu minha cintura. A cabeça do meu pau deslizou contra seu meio quente e liso. Ela era o bálsamo. Ela era a luz que eu tentara apagar da minha vida para proteger sua chama. Mas eu precisava dessa luz agora. Precisava dela agora mais do que jamais tinha precisado.

Ela colocou os braços em volta do meu pescoço e moveu os quadris para frente.

Apoiei nós dois contra a coluna e investi dentro dela num firme e suave impulso. Suas pernas se apertaram ao meu redor e ela soltou um gemido no meu ouvido, enquanto seu corpo se enrolava em mim. A preocupação formigou no fundo da minha mente que eu tinha a machucado, mas ela movia os quadris contra mim.

— Não para!

Era tudo o que eu precisava. Libertei toda a frustração reprimida por não poder tocá-la até este momento. O prazer correu através de mim e afastou a raiva, tristeza e qualquer outra coisa que não girasse em torno de suas palavras em meus ouvidos, seu corpo pressionado contra o meu e sua buceta me apertando tanto que mal conseguia me mover.

— Estava com saudade — Minhas palavras eram cortadas e tensas.

A vida era sobre escolhas e eu tinha feito uma que poderia estragar tudo, mas havia momentos em que nada mais importava além de estar com a pessoa que você amava. Apertei meus braços em torno dela e enviei uma oração silenciosa para que eu não tenha nos arruinado.

KARA

Examinando os olhos de Heath, eu tinha visto a dor lá. Suas palavras levaram tanto tempo para serem processadas que só foram, quando estávamos na estufa, onde realmente me atingiu. Não até o calor daquele espaço trazer meus membros dormentes de volta à vida, foi onde percebi o que tinha acontecido.

Sua necessidade aguda era tão nítida e clara que eu não conseguia parar. Meu egoísmo ao saborear o toque que eu desejara, desde o segundo em que seus lábios deixaram os meus a mais de dois meses atrás, não fugiu. Mensagens não eram suficientes. E se algo acontecesse com Heath? Se eu nunca mais pudesse senti-lo contra mim assim. Tocá-lo. Senti-lo. Segurei-me e dei a ele tudo o que precisava. Tudo o que eu não queria viver sem.

— Eu senti muito sua falta. — Sua respiração quente percorreu a curva do meu pescoço. Cada palavra foi preenchida com muito mais do que a mensagem em si. Por todas as palavras que tínhamos contido nas últimas semanas que nos separavam, ele estava compensando-as, marcando-as na minha carne com seu toque e investidas constantes.

— Também estava com saudades. — Minha voz tremia.

Coloquei minhas pernas mais alto em seus quadris, mantendo-as firme contra sua cintura fina, enquanto ele socava para dentro de mim. O prazer pulsante passou através de mim tão rápido e afiado que não consegui me mover. Seus lábios estavam nos meus, rígidos

e exigentes, enquanto ele se deliciava da energia escaldante entre nós.

Agarrei-me a ele, me segurando enquanto seu pau se estendia e me preenchia. Seus impulsos curtos e fortes enviaram choques de prazer através do meu sistema. Era como se ele nunca quisesse me deixar, nunca empurrando tudo, mas puxou seus quadris para trás o suficiente para que a fricção de nossos corpos juntos esfregasse meu clitóris. A perfeição crua e feroz disso me levou ao limite. Ainda estremecendo no meio do meu clímax, ele me levantou. Movendo-me pelo espaço com ele ainda dentro de mim, eu estava tremendo ao seu redor, minhas unhas arranhando suas costas.

O ar úmido da estufa chiou com a energia entre a gente. Seus braços seguraram os meus quando ele me inclinou sobre a mesa de vasos ao longo de uma das paredes de vidro. Minhas mãos deslizaram pela terra espalhada que cobria a superfície. Sua mão mergulhou entre as minhas pernas e encontrou o relevo nervoso no topo da minha buceta.

Ele esfregou e tocou no meu clitóris, enviando arrepios na minha espinha tão forte e rápido que sua pegada obstinada me segurava com tanta força que era difícil respirar. Um estrondo de raio iluminou o espaço e meu reflexo no vidro.

Seus lábios e dentes trabalhando juntos, pressionados contra o meu pescoço enquanto seus quadris continuavam se movimentando e sarrando. Agarrei a superfície de madeira quando ele me levantou ainda mais alto e beliscou meu clitóris, disparando um foguete de sensações que tinham estado se formando desde o segundo em que entramos pelas portas.

Eu mal conseguia me mexer. Seus braços estavam tão apertados em meu peito que quase não havia movimento. Um balanço suave e profundos impulsos de sua grossura me penetrando. Era como se ele não quisesse nem um milímetro nos separando. Cravei meus dedos nos músculos firmes de seus braços. Suas investidas rústicas vieram num ritmo de punição. Nunca tinha tido alguém me comendo desse jeito antes.

Era tudo novo, como tudo com Heath. Minhas pernas tremeram conforme ele se esfregava até me levar ao limite. Ele me apertou

ainda mais forte. Meu orgasmo atingiu o pico ainda mais alto ao completo e total domínio do meu corpo.

Seu pênis se expandiu dentro de mim, provocando outro orgasmo enquanto ele bombeava. Minhas coxas foram revestidas com a nossa essência combinada. Nós dois gememos com a separação quando ele se libertou de mim e me segurou firme contra ele. Minhas pernas trêmulas mal me aguentavam.

Minhas costas estavam pressionadas contra seu peito firme. Passei minhas mãos em seus braços ainda ao meu redor. Afastando-os, ele afrouxou o aperto, para que eu pudesse virar dentro de seus braços.

Pressionei minhas mãos contra suas costas e descansei a cabeça em seu peito, ouvindo seus batimentos cardíacos acelerados. Ficamos ali com o insistente *tinir* da chuva no vidro, trovejando. O vidro nos envolvia em seu abraço quente.

Seus braços se apertaram ao meu redor e seus dedos percorreram meus cabelos, brincando com os últimos vestígios de púrpura que se prendiam aos meus fios. — Ele se foi. — Sua voz falhou.

Apertei meus olhos contra sua pele e passei meus braços ainda mais apertados ao redor dele. — Eu sinto muito. — Palavras me escaparam. Lágrimas brilhavam e se agarravam aos seus cílios.

— Vamos levar você para casa. — Peguei a mão dele e nos vestimos com as roupas ensopadas. No momento em que saímos da estufa, a chuva havia se acalmado para um chuvisco. O trovão estava distante e os raios tinham parado. Os movimentos do Heath eram forçados e robóticos, como se deixar o casulo da estufa tinha sido demais para ele. Meu coração doía por sua dor.

Com os dedos entrelaçados, caminhamos para a casa dele que estava quieta e escura.

— Acho que Declan ainda deve estar no hospital. Ou talvez ele esteja com Mak. — Suas palavras estavam distantes e vazias.

— Vamos tirar essas roupas e ir para a cama. — Nem mesmo um sorriso malicioso ou sorriso de consentimento. Eu não sabia o que fazer. A devastação pairou tão forte que sugou todo o ar para fora do cômodo. Eu só conheci Preston brevemente, mas não conseguia imaginar pelo o que Heath estava passando. Os caras do

time pareciam tão próximos nas poucas interações que eu tinha tido com eles.

Subimos as escadas juntos, cada rangido e gemido da madeira sob nossos pés eram destacados pelo silêncio. A porta de Declan estava aberta e seu quarto estava vazio. Liguei o chuveiro e o coloquei tão quente quanto pensei que Heath pudesse aguentar. Lentamente, tirei as roupas molhadas de seu corpo, expondo cada centímetro dele de uma maneira que parecia muito mais íntima do que em qualquer outra ocasião em que tínhamos estado nus juntos. Enfiei suas roupas molhadas no cesto de plástico. Havia um pequeno armário atrás da porta.

Ao abrir, fiquei aliviada ao encontrar uma pilha de toalhas cuidadosamente dobradas. Peguei algumas e um pano. Ele ficou do lado de fora do box com um olhar distante. Entrando no box, liguei e examinei a temperatura do chuveiro. O *tilintar* das argolas da cortina no varão rompeu o barulho da água. Fiz um gesto para ele entrar.

A mão dele disparou. — Não vá. — Agarrou meu punho quando me virei para colocar as toalhas no balcão.

— Eu não vou. — Minhas palavras pareciam acalmá-lo e ele entrou, puxando a cortina de volta para impedir que a água espirrasse.

Eu não tinha certeza qual era a melhor coisa a se fazer, mas assenti e, lentamente, tirei minhas roupas. Seus olhos seguiram todos os meus movimentos e, de alguma forma, me senti mais nua do que na estufa. Nós dois éramos um nervo exposto, em carne viva e dolorido de diversas maneiras. Ele ficou sob o jato completamente imóvel e saltou quando passei a mão sobre o ombro dele. Fechando os olhos, ele se inclinou contra a parede de azulejos e colocou a mão sobre a minha.

A água caiu em cascata sobre nós, lavando um pouco da sensação encharcados-até-os-ossos. Ele inclinou a cabeça para o lado e abriu os olhos. Encarando-me, ele arrastou minha mão do ombro para o peito. A forte pulsação de seu coração bateu sob a minha mão.

— Não conseguiria me afastar. — Sua voz estava cheia de arrependimento.

Balancei a cabeça. Minha garganta se apertou e eu odiava essa impotência. Odiava não poder consertar isso e fazê-lo se sentir melhor. Que o mundo podia não fazer sentido agora, mas havia algo... alguém quem ele podia contar. Houve tantas vezes na minha vida, tão cedo, que as coisas tinham saído do controle. Meu mundo virara de cabeça para baixo e não havia ninguém lá para me mostrar que eu não estava sozinha.

Às vezes, a única coisa que você precisa fazer por alguém é que essa fase não duraria para sempre e que haveria um momento em que a dor não seria tão intensa e afiada que o deixaria de joelhos. Que haveria pessoas que abririam mão de qualquer coisa apenas para suavizar as bordas quebradas do seu coração. Eu pressionei minha mão nele. Heath cobriu as costas da minha mão com a dele.

— Vire-se. — Suas palavras me pegaram desprevenida, saindo áspera, porém calma. Eu me virei lentamente.

O jato da água enviou um arrepio na minha espinha e suas mãos deslizaram sobre meus ombros. O rangido de tampa de garrafa se abriu e então seus dedos estavam no meu cabelo. Seu toque mergulhou profundamente em meus fios, massageando o couro cabeludo. Arrepios subiram em meus braços, enquanto ele transformava o xampu numa espuma suave. Fechei os olhos e fui absorvida pelo momento. Isso era algo que eu queria guardar na mente e nunca esquecer. Era tão delicado, mas era algo que ele precisava fazer. Eu não diria a ele que meu cabelo ficaria como um incrível ninho de ratos se eu não usasse meu shampoo especial para cabelos enrolados, ou que seria melhor ele estar preparado para um enorme emaranhado pela manhã. Se ele precisava cuidar de mim naquele momento, daria isso porque eu precisava também. Mais do que tudo que já tinha precisado antes, eu não poderia me parar, mesmo que quisesse dar a ele esse conforto.

Um forte jato de água desceu pelo meu cabelo e caiu pelas costas. Depois que todo o sabão se foi, seus lábios roçaram meu ombro. A maneira lenta e gentil em que ele passou o sabão sobre meu corpo e a cada segundo que me mostrava o quanto se importava, trazia lágrimas em meus olhos. Nós não conseguimos sair do chuveiro até que estávamos ambos fracos.

Desliguei a água pois estávamos praticamente dormindo de pé. Os eventos do dia – e eu só tinha os experimentado através da versão dele – tinham acabado com nós dois. O espelho estava coberto de vapor com manchas d'água escorrendo. Ele saiu e enrolou uma toalha na cintura antes de estender outra para mim. Seus braços me envolveram, quando ele me cobriu e pegou outra para o meu cabelo.

Passando os dedos por ele, ele me virou e me envolveu em seus braços. Ele me embalou como se houvesse uma música tocando que eu não conseguia ouvir. Percebi o quanto se parecia com aquela primeira noite em que tínhamos encarado olho no olho e um pouco da sua luz havia retornado. Os cantos dos olhos dele ainda estavam tingidos pela dor, mas eu não me encolhi diante disso quando olhei para ele da mesma forma que fiz antes. Ele pegou minha mão e voltamos para o quarto com as toalhas enroladas ao nosso redor.

A porta de Declan estava fechada. Ele devia ter entrado enquanto estávamos no chuveiro. Heath fechou a porta e sentou na cama, me puxando para mais perto, então fiquei entre suas pernas abertas. Deslizando os braços em volta da minha cintura, ele descansou a cabeça no meu estômago.

Correndo meus dedos por seus cachos úmidos e dourados, olhei em seus olhos.

— Ele era bom demais para ir. — Suas palavras contornaram minha pele. — Por que parece que as pessoas horríveis vivem para sempre e voltam para nos assombrar, mas as melhores são levadas embora cedo demais?

— Não sei. — Corri minhas mãos pelas costas dele. Seus músculos se contraíram como se ele estivesse tentando manter tudo junto.

— Estou decepcionando todo mundo. Eu o decepcionei. — Sua voz falhou.

Eu me inclinei para trás até seus braços se soltarem. Agachando na frente dele, agarrei suas mãos e as segurei nas minhas. — Ninguém jamais diria isso. Estamos todos fazendo o melhor que podemos. Isso é tudo o que qualquer um pode pedir. Faça o melhor

que puder e seja fiel a quem é a você . É tudo o que você precisa ser. Vamos dormir um pouco.

Ele assentiu e apaguei a luz. Nós nos arrastamos para a cama juntos e nos entrelaçamos firmemente. Sua cabeça descansou no meu estômago. Passei meus dedos pelos seus cabelos. Secava lentamente, enquanto seus cílios vibraram e sua respiração se igualou. Seus braços que estiveram enrolados fortemente em volta dos meus quadris se soltaram um pouco quando adormeceu.

Não tinha ideia do que o amanhã traria, mas esse foi um momento decisivo para nós. Um ponto decisivo para mim. Eu tinha estado lutando contra o que rolava entre nós por tanto tempo, por um objetivo que nem sabia se queria mais. Não terminaria no final do semestre, poderia ser algo que me seguiria pelo resto da minha carreira. *Era isso mesmo o que eu queria fazer? Desistir dele por algo que eu nem amava?* Não como eu o amava.

Um formigamento percorreu meus dedos. Eu queria escrever em algum lugar, em alguma coisa, mas não ia me mexer. Em vez disso, tracei as palavras que ainda não tinha sido capaz de dizer nas costas tensas de Heath, esperando que elas lhe dessem ainda mais conforto e força quando não pudesse ficar ao lado dele.

HEATH

Parando na frente do espelho no meu quarto, ajustei minha gravata sem nó no pescoço, o longo tecido preto num brusco contraste com a camisa branca por baixo. Ternos não eram exatamente uma coisa que eu me sentia confortável. Houve algumas vezes no Ensino Médio que tivemos que usá-los em eventos com o diretor do conselho para comemorar nossas vitórias. Colm e Sr. *GQ* teriam que reunir eu, Ford e Declan para dar o nó em nossas gravatas. Emmett já tinha aparecido em ambientes formais, então não havia nada fora do normal para ele. Declan e eu as usamos algumas vezes para eventos com o reitor da universidade. Preston sempre estivera lá para garantir que não estivéssemos atrasados assistindo nosso centésimo vídeo do YouTube para fazer o nó certo. Ele sempre esteve lá como uma mãe coruja, tentando manter todos nós na linha.

Olhei para trás e respirei estremecendo quando seu toque quente correu pelos meus ombros. Nossos olhares se fixaram no espelho e ela apareceu ao meu lado em seu vestido preto na altura dos joelhos, só que não estávamos saindo para um jantar sofisticado; íamos nos despedir do meu amigo que fora cedo demais. Tudo havia sido organizado em menos de uma semana. Suas mãos correram pelas minhas lapelas até minha gravata. Com rapidez e eficiência, ela virou o tecido, enrolou-o para cima, para dentro dele mesmo e, gentilmente, empurrou o nó fixando-o na gola.

Tudo o que eu pude fazer foi encará-la, enquanto os cachos macios e gentis de seus cabelos caíam ao lado do rosto. Os dias estavam se misturando entre si, mas ela era minha constante. Ela tinha estado lá desde o dia em que descobri, saindo apenas para ir às aulas. Dormimos juntos agarrados um no outro todas as noites, fazendo amor lento e gentil, onde derramava meu coração em suas mãos e só esperava o conforto silencioso de seus braços em troca.

Eu podia ouvir a voz dele dizendo que precisava protegê-la. Isso não era protegê-la, mas às vezes a dor era tão profunda e tão cruel que era como se estivesse se agarrado ao lado de um bote salva-vidas, mesmo sabendo que isso poderia derrubar vocês dois. Para onde iríamos daqui, eu não tinha ideia. Não adormecer com seu cabelo fazendo cócegas na lateral do meu rosto ou com a perna dela se sobrepondo a minha, enquanto se aconchegava mais próximo, era como se eu pudesse pedir ao sol para não brilhar. Ela não tinha dito nada sobre isso ainda, mas essa conversa era uma que não podíamos mais evitar.

Meu celular tocou.

Mãe: Estarei lá o mais rápido possível para a cerimônia. Estou presa no trânsito. Eu te amo, meu lindo.

Minha mãe queria que eu voltasse para casa, mas eu tinha decidido ficar no campus. Melhor estar perto dos caras e com a Kara. Não havia nada que ela pudesse fazer. Não havia nada que alguém pudesse fazer.

As coisas foram organizadas rapidamente. Imogen tinha trabalhado horas extras, lidando com tudo que os pais de Preston não podiam. Não seria um enterro, apenas uma celebração da vida no campus. Era a melhor maneira de garantir que todos no campus poderiam estar lá e ninguém queria fazer isso duas vezes.

Imogen tinha sido a personificação de força e determinação e eu não tinha ideia de como ela estava fazendo isso, porque eu mal conseguia andar direito. Tínhamos tentado ajudar da maneira que pudemos, mas ela garantiu pra gente que tudo estava sob controle.

Kara entrelaçou os dedos nos meus. Nós nos viramos para o reflexo sombrio de Declan e Mak no espelho. Eles estavam na porta com as mesmas expressões tristonhas. Mak estava com o cabelo preso num coque e usava um vestido semelhante ao da Kara. Os

últimos dias tinham sido estranhos. Você não percebe o quanto as pessoas conversam e preenchem o silêncio até que ninguém está falando. Até que todo mundo estiver olhando para você com a mesma expressão chocada e sem ideia de como formar palavras que fizesse sentido no novo mundo em que você tinha sido inserido.

Os olhares em nossos rostos eram refletidos em todos os rostos que vimos quando nos aproximamos do centro do campus. Segurei o guarda-chuva sobre minha cabeça e a de Kara quando entramos no pavilhão que eles costumavam usar para a formatura e outros grandes eventos. Algumas pessoas com roupas comuns indo para as aulas normalmente nos olhavam enquanto passávamos.

Os pais de Preston estavam sentados na primeira fila. Imogen estava abaixada ao lado deles, segurando as mãos da mãe do Preston. Um casal mais velho estava sentado ao lado deles. A mulher parecia Imo – eles deveriam ser seus pais. As pessoas entraram atrás de nós e ela apareceu no segundo em que nos viu. Andando pelo pavilhão, ela alisou a frente do vestido.

— Estou tão feliz que vocês estão aqui. — O pequeno sorriso de Imo foi ofuscado pelas lágrimas brilhando em seus olhos. — Vocês poderão sentar em qualquer lugar e haverá uma chance de dizer algo, se quiserem.

Nós assentimos em silêncio e entramos em uma fileira de assentos atrás de seus pais. A madeira rangiu enquanto sentávamos, ocupando todo o espaço. Nossa equipe estaria aqui para apoiá-los.

Imo caminhou de volta pelo corredor e subiu no palco. Soluços sinceros vieram da parte de trás do auditório. Apertei minhas mãos, enquanto as lágrimas cresciam nos olhos. Piscando de novo, olhei para Kara. Ela me deu um sorriso amarelo. Quando as lágrimas acabariam?

Uma mão gentil apertou meu ombro. Olhei para trás e cobri os dedos da minha mãe com os meus. Ambas estavam aqui comigo. As duas mulheres mais importantes da minha vida.

Kara passou a mão pelas costas da minha outra mão. Seus dedos traçaram um padrão e lentamente a tensão diminuiu dos meus músculos. Havia camisas de hóquei na borda do palco. Grandes coroas de flores em ambos os lados e uma com a foto de

Preston no centro. Não foi um evento demorado. Declan levantou-se e fez um discurso. Eu não poderia fazer isso. Era como se meus pés estivessem congelados no chão. Os pais de Preston se levantaram e agradeceram a todos por terem vindo, por apoiarem nossa equipe e darem a ele alguns dos melhores anos de sua vida no gelo. Seu pai passou os braços em volta da sra. Elliott e eles voltaram para seus assentos.

Nossos treinadores falaram sobre a determinação de Preston, superando as adversidades para se tornar nosso capitão e a maneira como ele unia a equipe. Foi a vez de Becca e suas mãos tremiam, enquanto tentava ler as palavras que escrevera e tinha trazido ao palco. Imo estava ao lado dela com as mãos nos ombros. Os pais de Preston estavam em ruínas, então ela tinha subido com a Becca.

Na segunda frase, a voz de Becca tremeu. Imo sussurrou algo ao lado do seu rosto, Becca pigarreou e tentou novamente. Os papéis tremiam na mão dela, Imo a abraçou e afastou os papéis. Becca agarrou-se a ela com os braços em volta da cintura.

— Não há muitas pessoas neste mundo que sempre buscam uma maneira de ajudar, mas Pres era assim, em poucas palavras. Ele faria o possível para garantir que as pessoas ao seu redor fossem bem-sucedidas e protegidas, mesmo que isso não deixasse nada para si. — A voz de Imo falhou e ela largou os braços ao redor de Becca antes de sair correndo pelos fundos do palco.

A mãe de Preston se levantou e correu atrás dela, com Becca apenas alguns passos à frente. Lágrimas escorriam nas bochechas de todos. Não havia um olho sem lágrimas no local. O treinador levantou-se e disse que o número de Preston seria aposentado e a temporada seria dedicada a ele.

Todos saíram pelo corredor atordoados. Minha mãe passou os braços ao meu redor e me apertou com força. Eu a abracei de volta, enquanto ainda segurava a mão de Kara.

Quebrando seu aperto em mim, minha mãe olhou para os nossos dedos entrelaçados.

— Parece que você tem estado guardando um segredo. — Ela puxou Kara para si.

Isso tinha sido um segredo. Um que ainda estávamos em perigo de ser descoberto, mas Kara era a única coisa que me mantinha preso longe da névoa e da neblina do desespero.

— Kara, esta é minha mãe, Theresa. Mãe, essa é Kara.

Elas trocaram cumprimentos e olhei para as camisas que revestiam o palco enquanto saíamos. Num segundo Preston estava aqui e eu estava pronto para ele me dar um sermão e, então, ele se foi. Não teria mais jogos amistosos de ressaca juntos. Não teria mais nada.

Houve uma recepção depois, mas estávamos esgotados. Apenas ficar fora de casa por uma hora e não conseguia pensar em outra coisa a não ser voltar para a cama com Kara. Declan e eu sairíamos para um jogo amanhã. Nenhuma ideia de como conseguiríamos isso. Os treinadores colocaram isso em votação e todos escolheram jogar. Precisávamos ir lá e fazer isso por ele. Precisávamos voltar à nossa rotina, para não parecer que éramos uma equipe de mortos-vivos.

Um pouco de pizza e *O Clube dos Cinco* foi o que decidimos. Minha mãe prometeu nos fazer ainda mais comida do que ela já tinha feito. Antigos confortos para passar por um tempo como esse. Caminhamos sob as árvores que ladeavam o caminho que atravessava o pátio principal do campus. Apertei meu aperto em Kara e olhei para ela, beijando o topo de sua cabeça.

— Eu sabia que havia uma razão para você querer transferi-lo. — Uma voz sarcástica veio do nosso lado quando pegamos o caminho que cortava o campus.

A mão de Kara apertou a minha, mas ela não soltou.

— Agora não é a hora, Jason. — A ponta afiada em sua voz me tirou da névoa. Nunca a ouvira usar um tom assim antes.

— Parece muito inapropriado você estar de mãos dadas com um de seus alunos.

Eu me virei. — Por que não toma conta da própria vida?

— Eu diria que provavelmente é da conta da universidade o que está acontecendo aqui. — Ele levantou a voz e minha irritação se elevou.

Dei um passo à frente, pronto para meter a porrada nesse babaca. Kara passou a mão em volta do meu braço. — Heath, não!

— É isso que você faz agora? É isso que você faz para gozar agora? Fodendo com alunos.

Ela ficou tensa ao meu lado e tirei suas mãos, diminuindo a distância entre mim e esse babaca em dois passos. Seus olhos se arregalaram e ele olhou ao redor como se estivesse procurando alguém para ajudá-lo. Declan e Mak estavam vindo atrás de nós, mas pararam para conversar com outro companheiro de time.

— Você nunca mais fala com ela dessa maneira, porra. — Estiquei a coluna e fiquei ereto, eu era alguns centímetros mais alto que esse cara.

— Heath — Kara disse meu nome e colocou a mão nas minhas costas. Dei os ombros para ela. Este era o mesmo cara da noite na chuva. Aquele que estivera tão próximo dela. Aquele que estava fazendo a vida dela num inferno desde que ela deu o fora nele.

Que esse idiota sequer pensou em tocá-la já me fez querer explodir. Eu não deixaria ele dizer nada sobre ela. Ela era a pessoa mais altruísta, mais afetuosa e mais carinhosa que já conheci. Ela tinha sido meu porto seguro na semana anterior e não tinha outro jeito de eu ter conseguido passar por isso sem ela. Se este filho da puta quisesse dizer algo sobre ela, ele não perdia por esperar.

— Eu posso dizer o diabos que eu quiser. — Ele estufou o peito como se pensasse que poderia me intimidar.

— Você pode dizer, mas não perto de mim e com certeza não para ela. — Rosnei e me inclinei para encontrá-lo olho no olho.

Seu rosto ficou branco como um papel, mas ele continuou plantado no chão.

— Você quer chamar de volta o seu cão de briga, Kara? Ou ele só é bom na cama?

Minha mão disparou antes que eu pudesse para-la. Seus olhos se arregalaram quando meus dedos envolveram seu pescoço e o apertou.

Houve um tumulto ao meu lado, mas minha visão limitada significava que eu só via uma pessoa. Este babaca.

— Vou expulsar você por isso — Ele murmurou enquanto sua garganta lutava contra o meu aperto.

Meu sangue palpitava nas veias e levantei minha outra mão pronta para extirpar esse pedaço de lixo insuportável. Se eu fosse

mesmo ser expulso, iria fazer valer a pena. Fechei meu punho, levantando-o. Eu estava pronto para o impacto quando Kara se colocou entre nós.

Meu punho desviou dela por um centímetro. Ela pulou para trás e o choque reverberou através de mim. Liberei o idiota. Ele caiu no chão e recuou, rastejando-se rapidamente como um animal em fuga.

— Heath — Ela estendeu a mão até a mim, mas me afastei. Eu quase tinha batido nela. A cena ao nosso redor voltou ao foco.

Minha mãe olhou para mim com os olhos arregalados. Náusea azedou meu estômago. Ele tinha me irritado tanto que quase bati em Kara. Se ela não tivesse pulado para trás ou eu me deixasse continuar cego pela raiva, poderia ter batido nela. Intencionalmente ou não.

Inclinei-me, cravando meus dedos nas coxas. Meu peito estava tão apertado que mal conseguia respirar. Todos em minha volta estavam embaçados e eu estava no outro extremo, caindo rápido.

Kara passou a mão nas minhas costas e eu me encolhi. Surtando imediatamente, eu me afastei dela. Ela olhou para mim com um olhar ferido nos olhos. Eu não conseguia olhar para minha mãe. Não consegui encontrar os olhos dela novamente. O que ela pensaria de mim? O enorme abismo que eu tinha achado que estava saindo, ficou muito maior.

— Heath, está tudo bem. Ele é um babaca. Não se preocupe com isso.

— Não. — Minha voz saiu áspera e grave.

— Heath — Ela me alcançou e recuei, batendo em Declan. Olhei por cima do ombro para ele e Mak.

— Ele não importa. Não ligo pro que Jason diz ou para quem ele diz. Isso é mais importante.

Meu coração bateu forte. Eu não podia deixá-la jogar fora seu futuro por mim. Nem me reconheci por um momento. — Não, não é. Isso foi um erro e ia terminar de uma maneira ou de outra.

Seus olhos se arregalaram e seus lábios se separaram. Aqueles que eu me perdia noite após noite estremecendo.

— Estou terminando isso. Você viu o que aconteceu com aquele cara. Ele é um cara. E quando o resto do seu departamento e seu

orientador descobrirem, como você estava aflita? O que vai acontecer se daqui a cinco anos alguém descobrir que você ficou com alguém que você dava aula? Como isso vai afetar você?

— Eu não me importo. Não estou me preocupando com mais ninguém. Estou preocupada com você.

Ela estendeu a mão e evitei seu toque. — Você não deveria. Você não precisa se envolver em nada disso. — *Proteja ela*. Essa é uma das últimas coisas que ele tinha me dito e eu nem consegui fazer isso.

— Não se trata de precisar. É sobre querer.

— Talvez eu não queira que você faça. — Encarei ela e me preparei para o jeito que seus olhos tentavam arrancar a armadura que eu tinha vestido. Refletindo-se em Declan e Mak que nos encaravam com os olhos arregalados, me virei e fui embora. Voltar não era uma opção. Eu tinha visto o olhar em seu rosto e eu desmoronei.

Isso foi estúpido. Eu deveria voltar.

Proteja ela. Suas palavras ecoaram na minha cabeça e não conseguia escapar delas.

A única coisa da qual ela precisava se proteger era de mim. Eu era um trem sem direção, mas era ela quem estava descarrilando. O time também sofreria por isso, se Jason dissesse alguma coisa. Tive que me retirar da equação. Colocar minha cabeça nos trilhos e ter esperança que eu consiga resolver isso. Encontrar uma saída dessas ondas de fúria e voltar para terra firme.

Meus pés batiam contra a rua no caminho de casa. Abrindo a porta da frente, peguei meu equipamento e fui para o estádio. Talvez patinar me fizesse esquecer, eu conseguiria dormir sem o zumbido suave do coração de Kara contra o meu. Talvez esquecesse que acabara de abrir meu peito e tirara a única coisa que estava me mantendo firme.

KARA

Não sei quanto tempo fiquei lá. O toque suave de Mak no meu braço me fez saltar. Meu foco voltou-se para ela. O olhar simpático em seus olhos me disse que eu não tinha alucinado o que aconteceu. Que a figura que desaparecia ao longe era Heath e ele havia terminado comigo. Não que estivéssemos juntos. *Não estávamos, né?*

Alguns dias de conforto emocional após uma morte não indicavam exatamente que isso seria uma parada à longo prazo. Ele estivera de acordo em manter a distância até o final do semestre, mas isso parecia diferente. Término. Puxei uma respiração trêmula. Quem tinha apagado o sol num dia brilhante de primavera? Ou talvez tenha sido a névoa que tornou mais difícil para eu ver além do homem que arrastava os dedos em minha pele todas as noites durante a última semana e fazia minhas palavras fluírem mais livres do que nunca antes de se afastar de mim.

— Kara… — As palavras de Mak se arrastaram e ela olhou por cima do ombro para Declan e a mãe de Heath. Apertei meus olhos com força. Vergonha, constrangimento e raiva brigavam pelo lugar na frente ou o central, mas o desespero venceu.

Eles não puderam evitar isso. Ninguém mais poderia. Todo mundo já estava lidando com tanta coisa. Eu não iria adicionar isso a tudo o que está acontecendo.

Forcei os cantos da boca um pouquinho.

— Eu estou bem, Mak. Vou ficar bem. Estou arrasada e tenho certeza que vocês estão ansiosos pela pizza. Ir para casa é provavelmente o que preciso agora. Foi um prazer conhecê-la, dona Taylor.

— Por favor, me chama de Theresa. Eu... Ele... — As palavras falharam com ela, mas não falharam comigo. Elas estavam brigando, arranhando seu caminho para fora do meu peito e as engoli. Com um abraço rápido, ela correu atrás de Heath.

Mak passou os braços em volta de mim e me apertou com força. Eu a abracei de volta. Tinha sido bom ter uma parceira não tão próxima por perto, enquanto tudo isso acontecia, mas não havia mais necessidade de uma companheira. Eu seria deixada de fora.

— Ele está chateado. A cabeça dele está uma bagunça. Tenho certeza que descobrirá o quão idiota está sendo. — Mak se inclinou para trás com um sorriso gentil puxando seus lábios. — Tente não se fazer de muito difícil quando ele voltar rastejando.

Como você faria alguém rastejar quando queria correr até ele e pular em seus braços? As lágrimas que mantive afastadas durante a cerimônia ameaçavam se libertar. Só que agora eu não estava chorando pelo amigo perdido, estava chorando pela minha alma esfarrapada.

— Eu prometo. — Minha voz tremeu e pisquei com força.

Ela assentiu e enfiou a mão na de Declan. A cabeça dela descansou no ombro dele, enquanto eles se afastaram de mim. Ver a proximidade e o suporte que um dava ao outro foi um golpe doloroso. Uma brisa agitava as folhas nas árvores. Olhei para elas e passei meus braços em volta da cintura. A caminhada pelo campus parecia muito mais longa do que costumava ser.

Saí do táxi e cheguei à porta da frente da minha casa completamente entorpecida. Era como se eu estivesse me observando de cima. Minhas chaves tilintaram na mão e me recompus antes de abrir a porta da frente.

— Ei, estranha. — Mamãe passou por mim à caminho da cozinha. — Por que você está com esse vestido? — Ela parou na minha frente.

— Eu estava num funeral.

— De quem? — Sua voz se elevou uma oitava.

— Era de um amigo do meu amigo no campus. Fui dar apoio moral.

Ela me puxou para mais perto e respirei seu suave perfume de manteiga de cacau. — Por que não me contou? Foi muito gentil da sua parte. Você precisa voltar?

Eu balancei a cabeça quando ela me soltou. — Não... Acho que eles vão ficar bem agora.

— Quer algo especial para o jantar? — Ela segurou minhas mãos e as apertou. A preocupação era profunda em seus olhos.

— Não, eu não estou com fome. — Minha voz era maçante e vazia. Soltando suas mãos, subi os degraus, ignorando seus olhares preocupados. Cada passo deixava o peso do que estava prestes a fazer ainda mais pesado em meus ombros.

O tapete macio debaixo dos meus pés não era como o chão de madeira do Heath. O leve cheiro de couro e suor misturado com o cheiro de Heath não encheu o cômodo. No meu quarto, a familiaridade confortável me encheu, mas me senti mal. Como entrar em uma existência clonada, onde tudo era igual, mas diferente.

Meu diário despontava debaixo do travesseiro, onde eu o havia deixado. Cavando em minha bolsa, peguei uma caneta, destampei-a com os dentes e caí na cama. As palavras que eu tinha rabiscado na pele dele, quando estávamos agarrados um no outro, vieram até mim. Como uma chuva torrencial que não poderia ser parada, meus dedos voaram pela página. Minhas lágrimas juntaram-se às palavras, fundindo-as e tornando-as uma, enquanto eu enchia cada pedaço de papel com todas as emoções que tinha contido até atingir a última.

Não havia outros cadernos. Nem pedaços de papel. Meu olhar disparou para o meu notebook, acomodado na bolsa que eu mal havia tocado na semana anterior. Deslizei minha mão para dentro e tirei-o.

Isso não era algo que eu poderia esconder mais. As palavras desses cadernos eram reais. Tão reais quanto qualquer outra coisa na minha vida e trancá-las não ajudaria. Expor minha alma e escrever até que este poço de caos fosse drenado era a única coisa que poderia me ajudar agora.

Foi somente no pôr do sol que diminui a velocidade. As palavras ainda se encontravam lá no fundo, mas não eram tão altas e inevitáveis que não conseguia nem pensar direito até que estivessem no mundo.

Mamãe me afastou do computador um pouco para jantar com o resto da família. Os olhares de preocupação disparados me fizeram querer me encolher. Depois de colocar a quantidade mínima adequada de comida no estômago, pedi licença.

Subindo as escadas, olhei para a minha mesa. Fechei a porta, peguei meu computador e me sentei numa superfície de madeira lisa e brilhante. Meus dedos tremiam quando abri a gaveta e tirei os pedaços de papel dobrado que eu tentara bloquear da minha mente. Alisando-os na escrivaninha, passei os dedos sobre os traços de sua escrita e abri a pasta oculta onde estava os e-mails enviados.

Ela não tinha parado de mandá-los. Cobri minha boca com a mão para sufocar a emoção crescente na garganta. Suas mensagens mensais para mim estavam esperando na tela. Cliquei na mais recente. Minha visão ficou turva quando mais lágrimas se juntaram às que tinham parado de cair. Ela estava soprando velas em seu bolo de aniversário. Olhei a data. Menos de duas semanas atrás. *Como eu tinha esquecido isso?* Era como se eu mesma tivesse me feito esquecer. Fingir até que não precisasse fingir mais.

Ela estava cercada por amigos. Havia um brilho saudável em suas bochechas e uma luz nos olhos que não tinha me lembrado de estar lá antes. E uma tristeza também. Que eu lembrava bem. Fechei esse e voltei para o primeiro e-mail não lido que ela enviou depois que eu cancelei nosso encontro.

Sempre havia pelo menos uma foto dentro. Seu próprio diário fotográfico ou testemunho de que ela estava em um lugar melhor. Que ela era uma pessoa diferente daquela que eu poderia me lembrar. A dormência escorreu dos meus dedos e os descansei no teclado.

Se tinha uma coisa que esta semana havia me mostrado, era que nunca poderíamos prever o futuro. Existem coisas na vida que nos cegam de uma tal forma. A única coisa que poderíamos fazer é tentar viver as nossas vidas para que as pessoas que nos tornemos no futuro não precisem encarar os *"e se"*. Uma vida sem *"e se"*.

Isso não significava que dor e mágoa não andavam de mãos dadas, mas eu não estava arrependida de ter corrido atrás de Heath quando ele apareceu na minha sala de aula e com toda a certeza não estava arrependida por ter ficado lá quando ele precisou. Aquele *“e se”* foi resolvido e minhas feridas esfoladas curariam.

Angie era outro *"e se"*. Se algo acontecesse com ela ou pior, acontecesse comigo… A morte de Preston me mostrara que a idade não tornava ninguém imune das garras da morte. Isso era algo que eu precisava fazer para apagar essas dúvidas, essas questões e palavras que mantive trancadas por anos.

As palavras apareceram na tela enquanto meus dedos dançavam pelas teclas, digitando todas as coisas que precisava dizer. Eu precisava saber que, se nos encontrássemos, ela saberia o que eu precisava dela. O que merecia dela antes que pudéssemos começar algo novo. Meu dedo pairou sobre a tecla *Enter*. Fechei os olhos, olhei para o teto e as constelações que ganhavam vida na luz fraca do meu quarto.

Heath... Meu coração doía ao pensar nele. Eu não consegui processar isso. Sua imagem se distanciando. A finalidade de suas palavras.

Apertei o enviar e fechei tudo. Rastejando para cama, me permiti ter esse momento. Amanhã, começaria a fazer planos para o resto da vida. Seria um sem um único *“e se”*. Mas, por enquanto, enterrei meu rosto no travesseiro e chorei até que minha respiração ficasse irregular e minha garganta estivesse dolorida. Chorando lágrimas pelo cara que me ajudou a ver quem eu realmente era, o que eu poderia me tornar e então me abandonou.

HEATH

A patinação não estava dando certo. Mal conseguia sentir as pernas, mas não ajudou. A exaustão não fez nada para esvaziar minha mente. Minhas mãos estavam tremendo tanto que mal consegui destrancar a porta do carro. Eu não estava bem. Nem um pouquinho.

Meu celular vibrou sobre o painel do carro. Declan. De novo. Sua preocupação era a única coisa que me levou a responder. Aquela arrepio de medo que serpenteava pelo corpo, quando alguém com quem você se importava desaparecia, era algo que eu não causaria a alguém.

— Ei.

— Jesus, Heath. Onde caralhos você tem estado? — A preocupação em sua voz enviou outra farpa para o meu estômago.

— Estou na pista.

— Ainda? Foi o primeiro lugar que procurei.

Eu imaginei que ele viria, então tinha ido para mais longe por um tempo para ter certeza que não o encontrasse.

— Dirigi um pouco primeiro.

— Está voltando para casa?

— Eu... Eu vou dirigir um pouco

— Não acho que você deveria ficar dirigindo por aí, cara.

— Preciso limpar minha cabeça.

— Temos um jogo amanhã.

— Eu sei. Estarei lá. O ônibus não sai até o meio dia. Estarei lá e pronto.

— Você tem certeza que não quer que eu te encontre onde quer que esteja?

A voz baixa de Mak murmurou ao fundo. Tenho certeza que ela pensou que eu era o maior babaca do planeta depois do que fiz com Kara.

— Não, está tudo bem. Preciso lidar com isso sozinho.

— Você quer falar sobre Kara?

— Não. — Encerrei a ligação e dei marcha à ré. Os faróis passavam sob mim e ficavam menores e mais distantes à medida que as horas passavam. Enchendo o tanque no meio da noite, dirigi sem um lugar em mente. Apenas para longe. Fugindo da dor dilacerante que ameaçava rasgar meu peito completamente aberto.

E então eu estava no local onde deveria saber que iria. Um lugar que não tinha ido a muito tempo atrás. *A praia*. A última vez que vi as ondas quebrando e ouvi gaivotas grasnando, estava claro em todo o país. Uma noite em que eu enrosquei-me como uma bola na areia e rezei para minha mãe e eu sobrevivermos. Eu nunca tinha estado em Jersey Shore. Já estivera perto algumas vezes, mas geralmente o caminho era suficiente para afastar os demônios que me perseguiam. O alívio do espaço aberto e a trilha sonora da natureza não tinham sido necessárias uma vez que nos mudávamos. As lembranças eram muito fortes lá, mas agora eu precisava de algo forte o suficiente para afastar as novas. Aquelas em que repetia os mesmos erros novamente e magoava a única pessoa que eu deveria proteger.

Mudando de marcha, deixei o zumbido do motor criar a trilha sonora de ruído branco que eu precisava para bloquear todo o resto. Cruzando a ponte Ben Franklin, continuei, precisando das ondas para me acalmar. As placas para Shore Points eram geralmente onde eu virava e voltava para casa, mas desta vez não consegui. Precisava me perder no desconhecido muito maior que eu.

Não sei quanto tempo levei para chegar lá, mas cheguei e, sentado no capô do carro, recostei-me novamente no metal fino e quente. As ondas quebrando sobre as dunas me trouxeram de volta para Califórnia. Quando não estava no ringue, estava na praia.

Qualquer coisa para sair de casa. Seja uma prancha ou gelo sob meus pés, poderia correr em direção às ondas ou à rede e sentir que estava seguro.

Cruzar pelo país significava que havia deixado a praia para trás. Era para lá que eu ia no meio da noite, quando os gritos e berros chegavam a ser demais. Quando eu tinha sete anos, saía pela janela do meu quarto, pegava minha bicicleta e pedalava até a praia. Sentado lá, enquanto as ondas batiam, tinha visto o sol nascer mais vezes do que poderia contar.

Tirando meu tênis e meias, coloquei-os no capô ao meu lado e enrolei a baínha da calça. O rosto de Kara, quando eu tinha dito a ela que estávamos terminando, ficaria gravado no meu cérebro para sempre. A areia chegou até a beira da rua e hesitei antes de dar o próximo passo. A textura pequena e áspera raspava em meus pés. Percorri o caminho que ia da duna até a água.

Voltar para a água era diferente de pisar na pista. A praia tinha sido para onde eu fugia quando as coisas iam mal. Quando as coisas estavam fodidas e precisava limpar a cabeça. Quando precisava gritar até não poder mais, porque a dor era tão forte e arrebatadora que eu não conseguia aguentar mais.

Eu não me sentia tão mal há anos.

Todas as luzes nas casas ao meu redor estavam desligadas. As ruas estavam vazias quando tinha dirigido pela tranquila cidade litorânea. Ainda estava em baixa temporada. Estava frio demais para alguém se divertir passeando na beira da água e tomando sol. Não que alguém saísse tarde da noite também.

Caminhando até a beira da água, me preparei para entrar na água congelante. As ondas quebravam na areia e fazendo com que água gelada e salgada batesse na minha pele. A areia era arrastada ao redor dos meus pés e parecia que poderia me levar para longe também.

Não era assim que a noite deveria ser. A lembrança da dor nos olhos de Kara fez eu me curvar. Descansei minhas mãos nos joelhos e olhei para a água.

Por que ela não podia ver o quão ruim as coisas poderiam ser para ela? Que ela estaria jogando tudo fora tentando me dar o que eu precisava. As coisas tinham sido assustadoras por um momento.

Era mais difícil controlar a raiva e estava queimando com mais afinco agora que Preston se foi. As chamas eram alimentadas ainda mais. O jeito que ela precisou colocar a mão no meu braço para me segurar do cara que havia a ameaçado. Ela sabia o que eu poderia ter feito. Ela tinha visto e ainda não conseguia entender o porquê precisava me afastar. Esse medo ainda espreitava dentro de mim. Que existia um interruptor que ligaria um dia e eu me veria se tornar uma pessoa como *ele.*

Recostando-me, olhei diretamente para o céu escuro como breu. Tudo o que eu tinha reprimido durante anos veio à tona. Meu grito cortou o ar estagnado da noite. As ondas fizeram pouco para abafá-los quando cerrei os punhos e soltei tudo o que tinha guardado.

Cada surto. Toda vez que empurrava o fervilhar de volta e o prendia com uma tampa, arrancando do meu peito tão rápido e irregular que ficava ofegante com as mãos nos joelhos, assistindo as ondas baterem nas minhas pernas.

Apertei meus olhos com força contra as visões passando pela minha mente. O modo como as lágrimas se acumularam nos olhos dela. Ela as piscou de volta porque era assim que ela era. Sua força e independência me atraíram. Entrando na porta do bar, ela tinha hesitado. Avaliou a situação e mandou o foda-se. Levando adiante mesmo quando ela não tinha certeza. Ela merecia a vida que imaginara antes que apareci.

Afastando-me da água, desmoronei na areia, caindo de bunda. Dobrei meus joelhos, descansei meus braços neles e tentei segurar meu mundo.

Com uma garganta áspera e respirações agitadas, olhei para o céu escuro como tinta preta e me perguntei se isso não era o melhor. Kara poderia me destruir com um olhar. Derrubar cada pedaço de restrição que eu tinha imposto para protegê-la. As paredes que ergui quando minha mãe e eu fizemos aquela viagem de carro pelo país, ainda espancado e machucado, caíram em pedaços quando eu estava perto de Kara. E isso me assustou demais.

KARA

Enviar o e-mail para a Stevenson deveria ter sido assustador. Deveria ter me feito querer me esconder debaixo dos lençóis pelo resto do fim de semana, mas isso só me fazia pensar em como não tinha ouvido nem um pio do Heath. Nosso próximo encontro seria amanhã.

Mak parecia tão certa de que quando ele tivesse tempo para processar tudo, me ligaria. Ele não ligou. Meu celular estava criando teias de aranha. Apesar de tudo, tinha verificado as pontuações do seu time. Desde o dia seguinte ao funeral, eles estavam com tudo. Venceram todos os jogos desde então – e não vitórias feias; mas vitórias decisivas e esmagadoras.

Ver as fotos de Heath online doía. Finalmente, eu tinha parado de olhar para os artigos e acompanhar as estatísticas. Eles chegaram aos *playoffs*. Nossos outros encontros tinham sido cancelados, porque ele estava viajando para jogos. Meu estômago estava embrulhado em absoluta expectativa de amanhã. Ele apareceria? O que ele diria quando lhe dissesse que tinha deixado o programa de doutorado?

Já havia feito algumas solicitações para outras bolsas e programas. No final do ano letivo, a maioria dos prazos havia passado, porém havia alguns ainda em aberto. Vasculhei todos os conteúdos para ver qual poderia ser a melhor opção. Ninguém nunca tinha visto minha escrita. O pensamento era igualmente emocionante e nauseante.

Foram longas noites pegando velhos cadernos de composição, relendo o que eu havia escrito e enviando as melhores amostras. Depois, houve os pedidos de emprego e a procura de apartamentos. As economias que eu tinha desde o ensino médio estavam finalmente sendo úteis. Achei que era hora de realmente deixar o ninho. Parar de me preocupar que, se eu não estivesse mais em casa, deixaria de fazer parte da família.

Fazer todos esses planos ainda parecia que eu estava planejando para uma pessoa diferente. Eu vai pela emoção, mas ainda era a vida de outra pessoa.

— Quem imaginaria que a própria Srta. Perfeita acabaria transando com um de seus alunos? — Jason encostou-se ao batente da porta do escritório com os braços cruzados sobre o peito como o babaca presunçoso que ele era.

Cerrei os dentes.

— Quem imaginaria que alguém tão puxa-saco quanto você seria ameaçado por alguém que realmente sabe o que faz e cumpre com o trabalho dele? — Fechei meu notebook. Este lugar estava oficialmente na minha lista para não estudar. Eu poderia não entrar no programa de doutorado, mas com certeza não iria terminar com uma nota ruim. Não era da minha natureza.

Ele caçoou e entrou no escritório. — Se você acha que eu vou deixar você chegar chegando e receber um prêmio que me pertence, você está louca.

— Não cheguei chegando em lugar nenhum! Tudo o que tenho feito desde o primeiro ano é trabalhar duro e fazer tudo que pudesse para chegar onde estou agora. Você quer me dizer que não teve nenhuma doação em seu nome para conseguir sua posição? — Afastei-me da mesa e minha cadeira bateu contra a parede.

— Você sempre pensou que é melhor que os outros, mas vi quem você realmente era desde o início. Você é um lixo e sempre será.

A risada alta e aguda saiu da minha boca antes que eu pudesse parar, não que quisesse. Um mês atrás, isso poderia ter me atormentado. Poderia ter sido o suficiente para me colocar numa espiral síndrome do impostor, tentando descobrir como ele tinha visto quem eu era de verdade, mas agora vi quem realmente eu era.

O golpe de um cara patético que precisava menosprezar outras pessoas para tentar se sentir melhor.

— Eu estava confortando um colega depois que um bom amigo dele morreu. Por acaso ele era um estudante também, mas nunca deixaria essa gentileza afetar a maneira como eu avalio. Uma nota, devo acrescentar, que nem sequer é importante para ele. Que está terminando a temporada e indo para a NHL. O quanto você acha que atravessar um palco e pegar um pedaço de papel é importante para ele? — Cruzei os braços sobre o peito.

A narina de Jason se dilatou e ele parecia um vilão de desenho animado. A única coisa que faltava nele era ficar virando o bigode.

— Ainda é inadequado. — Ele apontou um dedo bravo para mim.

— Talvez fosse, e talvez eu seja um lixo como você disse. Mas sei o que não sou, e não sou uma imbecil pretensiosa que me divirto em ser uma escrota porque me sinto impotente de todas as formas possíveis.

Deixei meu olhar cair para sua virilha para deixar claro o que eu disse.

Seu rosto ficou com um belo tom de vermelho radiante. Se ele dissesse alguma coisa, poderia anular a nota de Heath e então o time estaria fodido.

Cruzei meus braços. — Que tal eu lhe dar o que você quer?

Suas sobrancelhas franziram e seu olhar viajou para os meus seios. Claro que isso seria o que ele queria. Eu era repugnante e um lixo a menos que estivesse disposta a abrir minhas pernas para ele.

— Vou abrir mão da bolsa. Não é isso que você quer?

— Não que você teria ganhado de qualquer forma. — Ele zombou com seu olhar arrogante de sou-melhor-que-você-porque-nasci-numa-família-com-dinheiro.

— Talvez eu conseguiria, talvez não, mas agora não há dúvida. Estou fora. Você ganhou. Está acabado.

E ele saiu furioso. Provavelmente, eu não deveria ter cutucado a onça. Não deveria me divertir fazendo com que ele se sentisse um merda como tentou fazer comigo. Se ele dissesse algo a Stevenson ou qualquer outra pessoa sobre mim e Heath, eu teria alguma negação plausível. Ir com ele ao funeral não constituiria uma violação que alguém teria sobre mim. As circunstâncias atenuantes

sempre foram consideradas e como Heath me deixou de pé no meio do caminho de tijolo que cruzava o campus, não éramos nada além de professora assistente e aluno. Nós tínhamos sido mais do que isso? Não havia um rótulo sobre o que estávamos fazendo.

Tivemos alguns encontros e sexo incrível. *Foi mais do que isso?* Tinha sido para mim. A maneira como ele fazia meu corpo cantar, me fazia rir e como ele cuidou de mim, mesmo quando estava sofrendo. Não foi algo casual. Um arrepio percorreu meu corpo quando imaginei que estávamos de volta no chuveiro e seus dedos estavam massageando meu couro cabeludo. Reprimi um gemido porque não parecia apropriado. Mas seu toque firme e gentil e a maneira como ele glorificou meu corpo em mais de uma ocasião significava que estava além de qualquer coisa que eu já havia experimentado antes. Ele tinha me ajudado a descobrir algumas coisas sobre mim, das quais eu tentava esconder desde que conseguia me lembrar.

HEATH

O som estridente da buzina sinalizando mais um gol encheu o estádio. Patinei em direção ao banco e subi na caixa do nosso time. Suor escorria pelas minhas costas, observei o gelo, enquanto os caras mudavam de posição e avançavam, mantendo o ritmo.

Olhando para o placar, eu cerrei os dentes. 3-3 e restavam apenas 45 segundos no jogo. Meu sangue palpitava nas veias. Meus dedos seguravam o taco com tanta força que pensei que iria quebrá-lo, fiquei de pé enquanto um dos novatos da equipe fazia um *breakaway**. Sua camisa balançava com o vento criado pela sua velocidade, ele alternava o disco pra lá e pra cá com o taco antes de enganar o goleiro e lançá-lo de forma clara no fundo da rede.

Nosso banco explodiu e os caras se agarraram, sacudindo a pessoa mais próxima como se eles estivessem tentando sufocá-los. Tacos e equipamentos de proteção voavam por toda parte.

Nós tínhamos conseguido.

Chegamos às quartas de finais. Envolvi meus dedos ao redor da barreira de proteção da nossa caixa e abaixei a cabeça.

Apenas quatro jogos ficariam entre nós e o título. Aquele no qual estávamos focados desde o início da temporada. Aquele campeonato que decidimos vencer para mostrar a Preston que ainda poderíamos botar pra foder, mesmo que ele estivesse acamado e agora o que precisávamos era vencer para unir esse time.

Todos ao meu redor gritaram de emoção e alívio. Fizemos o possível e o impossível. De alguma forma, tudo parecia estranho e vazio. O buraco agonizante no meu estômago não amenizou desde que virei as costas para Kara. Afastar-se dela fora a coisa mais difícil que já tinha feito. Às vezes, quando estava no gelo, eu me esvaziava e, de repente, estava lá fora assistindo as lágrimas irradiarem nos olhos dela. Uma dor tão forte que me dobrava que precisava me ajoelhar até que a onda de culpa e sofrimento diminuísse o suficiente para levar ar de volta aos meus pulmões.

Eu tinha um único foco: vencer esses jogos. Isso ajudou a manter os sonhos afastados, impediu os pensamentos do que deixei para trás fodessem comigo.

Eu tinha sido tão idiota; se aquele babaca dissesse qualquer coisa, a disciplina seria anulada, nossas vitórias desse semestre não contariam e Kara estaria na merda. Tudo o que havíamos conseguido seria arruinado em um estalar de dedos.

Eu deveria ter pensado nisso antes de ir até ela. Deveria ter pensado nisso antes de deixá-la me beijar até o sofrimento diminuir e entregar meu coração para ela. Amanhã nos veríamos pela primeira vez em muito tempo. Eu nem sabia como deveria me sentar naquela sala respirando o mesmo ar que ela, observando seus lábios se moverem e ouvindo suas palavras.

As mãos de Declan pousaram em meus ombros, não para me segurar, mas com uma excitação que vibrava dele. Não consegui segurar meu próprio sorriso com sua alegria genuína.

— Conseguimos! — Ele gritou no meu ouvido.

Joguei meus braços em volta dele que me bateu nas costas. — Preston ficaria orgulhoso, cara. Ele ficaria orgulhoso pra caralho. — As mãos de Declan apertaram minha camisa. O resto dos caras se amontoou ao nosso redor e nós estávamos no meio de uma multidão.

Mas eu sabia que ele não ficaria orgulhoso.

Cruzei a linha que eu tinha dito que não iria. Fiz exatamente o que ele tinha me alertado e amanhã teria que me sentar diante de uma mulher que eu tinha magoado por causa da minha necessidade egoísta há pouco mais de uma semana. Os caras mereciam essa chance e eu posso ter colocado tudo em risco.

Saímos do estádio e entramos no ônibus. A água escorria dos meus cabelos e descia pelas costas da camisa. Não conseguia tirar o amanhã da cabeça. Precisava me impedir de fazer o que eu realmente queria. O que eu queria fazer desde o momento que tinha dito a ela que tudo entre nós havia terminado.

Todo mundo foi levado para o ônibus. Foi muito mais contido do que poderia imaginar depois de uma vitória como essa, mas era uma longa viagem de volta ao campus e ainda tínhamos mais dois jogos para fazer valer a temporada.

Com a cabeça pressionada contra a janela do ônibus, enfiei meus fones de ouvido e aumentei o volume. As batidas fortes da música guerrearam com as batidas na minha cabeça. Amanhã eu a veria. Amanhã, eu sentaria na frente dela e espero que ela não veja que meu coração se quebrava um pouco mais a cada segundo que me fiz ficar longe. Mas eu devia aos caras não estragar a temporada. Devia a ela não arruinar sua vida e devia a mim mesmo nunca segurar o destino de outra pessoa em minhas mãos e fazê-lo virar cinza.



— Mãe, peguei as cebolas. Eles tiveram que procurar no estoque para conseguir o suficiente. — Joguei o saco na mesa. A carta que tinha pego dos correios estava queimando um buraco dentro do meu bolso de trás.

— Então, você não está mais me evitando. — Ela entrou na sala e hesitou.

Fechei os olhos com força. Eu estava a evitando desde o funeral. Eu não queria ver a decepção em seus olhos com o que ela quase testemunhou.

Seus braços envolveram os meus. — Por que você está se escondendo, meu lindo? — A tristeza em sua voz fez minha garganta apertar.

Abri meus olhos. — Estou estragando tudo.

Ela soltou e me puxou para uma das cadeiras na mesa da cozinha.

— O que está acontecendo? Eu vi o que aconteceu na cerimônia.

— Não sei o que aconteceu comigo. Ele estava dizendo essas coisas sobre Kara, perdi o controle. E o agarrei. — Minha boca se abriu e fechou enquanto tentava encontrar as palavras.

— Não estou falando sobre isso.

Minha cabeça levantou. — Quase bati nela, mãe. Eu quase bati nela.

— Foi um acidente. — Ela segurou minha bochecha. — Acidentes acontecem.

— Não assim. Sei tudo sobre os acidentes que você sofreu e nunca quero ter esse tipo de acidente.

— Ah, meu lindo. — Ela me puxou para ela. — Há tantas coisas que me arrependo, mas uma das maiores é que você já pensou ser capaz de fazer o que seu pai fazia. — Me soltando, ela olhou para mim com tanto carinho que tornou difícil engolir.

— Eu estava com tanta raiva. — Cerrei minhas mãos no colo, lágrimas brotaram nos meus olhos.

— Você não acha que eu fico com raiva? Você não acha que às vezes quero quebrar alguma coisa? Isso não significa que você é um agressor, Heath. Se você não deixar escapar, se tentar guardar tudo dentro de si, isso sairá de maneiras que você não pode prever. Explodir de dentro de você quando não puder mais conter.

Eu assenti.

Ela colocou os dedos no meu queixo e me fez olhar nos olhos dela. — É por isso que você se afastou de Kara?

— Foi um dos motivos. — Arrastei meus dedos pelos cabelos.

— O que está acontecendo? Você costumava me contar tudo.

Foi o suficiente para derramar tudo.

Minha mãe cobriu minha mão com a dela. — Uau, você está passando por muita coisa.

Abaixei minha cabeça.— Sempre tenho que me interessar por mulheres que não posso ficar.

— Heath, pare. Conheço você, provavelmente melhor do que qualquer um e sei o que está em seu coração. — Ela pressionou a mão no meu peito. Lágrimas brotaram nos meus olhos.

— Lembra daquelas conchas que você costumava me trazer? Você sempre procurava as maiores e mais coloridas para tentar me fazer sorrir. Não tenho dúvidas de que você encontrará uma maneira de passar por isso. Você é forte. Muito mais forte do que você deveria ser na sua idade.

— Mãe, tem mais uma coisa que preciso lhe contar. — Tirei a carta da comissão de indultos do bolso de trás. — Recebi algumas semanas atrás. Não queria que você se preocupasse.

Seus olhos se arregalaram e ela pegou da minha mão, lendo-a.

— Nós vamos lidar com isso mais tarde. Não se preocupe. Eu te amo e você é minha alegria. — Ela pressionou os lábios no topo da minha cabeça. — Agora, seja gentil e me ajude a cortar essas cebolas.

Limpei o nariz com as costas da mão. — Acho que vou chorar de verdade daqui a pouco.

— Você é forte, querido. Você vai conseguir lidar com isso.

Saí da casa da minha mãe e voltei para o campus. Sentado no meu carro, olhei para todos que estavam andando com suas mochilas, vivendo suas vidas. O peso dos segredos que eu estava escondendo da minha mãe foi tirado, mas o resto ainda estava lá, pesando em meus ombros, dificultando a respiração.

Menos de dez minutos para me encontrar com Kara. Saí do carro e entrei no último dos edifícios não renovados do campus.

Eu me encostei na parede do lado de fora da porta do escritório. Era um lugar que tinha sido tanto uma câmara de tortura quanto um refúgio ao longo do semestre; agora era algo pior. O e-mail que eu tinha enviado, perguntando se estava tudo certo, ainda não fora respondido. Não que ela me devesse uma resposta. Foi eu quem partiu.

Deslizando meu celular para fora do jeans, verifiquei as horas. Dez minutos atrasado. Portanto, não era minha mente brincando comigo, distorcendo o tempo. Enfiei meu telefone de volta no bolso e ajustei a alça da mochila. Meu pé estava encostado na parede e meu tênis chiou no piso do corredor deserto.

Eu me distanciei da parede, tentando encontrar um jeito de como fazê-la falar comigo. Precisava terminar o semestre. Não me importava se ela me desse um 5, mas teríamos que conversar

eventualmente. Precisava tanto vê-la que a dor me acordava durante a noite.

Consertar as coisas era tudo o que eu parecia fazer ultimamente. O hóquei era o único lugar que estava dando certo. Mesmo assim, isso tinha muito mais a ver com os caras do que comigo. Meu tênis arranhou o piso quando virei o corredor e trombei com a mulher que ocupava tanto da minha mente que era difícil até lembrar que eu tinha que me alimentar.

Os livros em seus braços voaram e estendi a mão para segurá-la. Seus olhos permaneceram arregalados até ela saber que não ia se estabacar no chão, então seus olhos se estreitaram e ela deu um passo para trás, livrando-se da minha mão. Esperava nada menos, mas isso não significava que ainda assim não doesse.

— Desculpa. — Murmurei, apertando a parte de trás do meu pescoço.

Ela inclinou a cabeça e olhou para mim. As emoções nadando em seus olhos me fizeram desejar tantas coisas diferentes, mas acima de tudo, a mantive fora do meu sofrimento. Quando você está se afogando, é difícil não se agarrar à pessoa que você não consegue tirar da cabeça, principalmente quando ela está estendendo a mão para você com amor nos olhos.

É mágoa que você deu, é mágoa que você recebe. Cerrei minhas mãos ao meu lado para resistir ao desejo de fazer qualquer coisa que pudesse machucá-la mais. Ela se agachou para pegar seus pertences espalhados no chão ao mesmo tempo que eu fiz e, por pouco, evitamos bater nossas cabeças.

Minha mão roçou em um de seus cadernos antes que ela o puxasse e o adicionasse à pilha equilibrada em suas pernas dobradas.

— Não pensei que você fosse vir. — Ela ficou ereta e passou por mim. O cheiro de canela-e-açúcar estava como sempre estivera e me fez pensar em rolinhos de canela em um dia frio de inverno. Seus cachos negros estavam presos no alto de sua cabeça e seus jeans abraçavam seus quadris, fazendo meus dedos coçarem para tocá-la.

— Estava pensando a mesma coisa.

Kara enfiou a chave na fechadura como se a trava tivesse feito algo de errado com ela. A porta se abriu e entrou.

Eu a segui. Depois que esse semestre acabar, ela poderia fingir que nunca tinha me conhecido e continuar trilhando sua vida como estava antes. Um mestrado, um doutorado, uma licenciatura e algo que não estivesse envolvido com a minha habilidade de foder com as pessoas com quem me importava.

Ela ficou atrás da mesa, usando-a como um escudo com os braços sobre o peito.

— Você não respondeu meus e-mails. Não tinha certeza de como deveríamos fazer isso.

— Não vou te reprovar, se é com isso que está preocupado.

Uma fração da minha preocupação diminuiu, mas a ponta cortante de seu tom fez o sangue pulsar em minhas veias. — Nunca pensei, nem por um segundo, que você fizesse isso. Sei que não é assim.

— E você acha que me conhece bem o suficiente para tomar essa decisão? Acha que depois de alguns meses, você sabe quem eu sou? Nem eu sei quem sou. — Ela levantou a sobrancelha.

— Sei que você não é uma pessoa que seria vingativa só porque pode. — Eu parei na frente da mesa com a quina cravando minhas coxas.

— Talvez eu devesse ser. — Ela se sentou na cadeira e abriu a bolsa, arrastando algumas pastas para fora. — Mas você está certo e não sou. Você terminou muito bem seu projeto e li a redação final. Vou pedir a um dos outros professores do departamento que a leia e me dê uma segunda opinião. Embora gosto de pensar que posso ser completamente imparcial, quem sabe? — Ela jogou as mãos para o alto e deslizou o fardo sobre a mesa em minha direção.

Meu olhar disparou entre ela e os papéis.

— Leia. Esta será a última vez que nos encontraremos.

Minha cabeça levantou. — Ainda faltam três semanas no semestre.

— Tudo isso era pra ser flexível para você, né? Tenho certeza que está ocupado com o final do campeonato. Podemos fazer os últimos ajustes por e-mail. — Os olhos dela estavam fechados e cautelosos.

— Kara... Podemos conversar sobre isso?

Seus olhos se abaixaram e ela os apertou.

Meus lábios se separaram, mas as palavras morreram na garganta quando seus olhos se voltaram para os meus.

— Falar sobre o que, Heath? Como você quebrou a pequena guerra fria que estávamos passando e me jogou fora depois que passou o seu momento de necessidade?

— É isso que você acha? Que ainda não preciso de você? Que ainda não te desejo com tanta força que faça com que seja tão difícil pensar em qualquer outra coisa. Que seu coração não foi o único quebrado e mantido com a porra de uma cola e fita de merda?

— Foi você quem fez isso. Você me deixou ali e fugiu. — A acusação em sua voz chicoteou minha alma.

— Porque eu poderia ter batido em você! Seu colega babaca nos viu e estava tentando te proteger e toda a carreira que você tem pela frente. — Havia tantas razões que motivaram eu ter ido embora. Deveria ter sido simples e fácil, mas nada na minha vida parecia funcionar desse jeito ultimamente.

— Não pedi sua proteção! Não pedi para você lutar minhas batalhas. — Ela se levantou da cadeira e pressionou as mãos na parte superior da mesa. — Sou uma adulta. Estou plenamente ciente das minhas decisões e que tipo de resultado elas podem ter, mesmo que seja uma merda. Eu estava lá por você porque queria estar. Foi uma escolha que eu fiz!

— E foi estúpida! Não deveria ter ido até você naquela noite e não deveria ter você ao meu lado no funeral de Preston.

Sua cabeça se virou para trás como se eu tivesse lhe dado um tapa, mas continuei.

— Eu não serei o motivo de você não ter alcançado seu sonho. Não serei a pessoa que a impediu de conseguir seu doutorado e a licenciatura.

— Não, você não é. Eu sou o motivo. Abandonei o programa.

Meus olhos se arregalaram e me recuperei daquele chute no estômago. — O quê?

— Enviei minha carta desistindo do programa no início desta semana. Não vou continuar na luta pelo meu doutorado.

— Por que você faria isso?

— Porque não queria mais. E foi só quando te conheci que percebi o quanto não queria.

Meu peito estava mais apertado do que na última vez em que o vento me derrubara no gelo.

— Mas esse era seu sonho. — Eu não poderia ser responsável por isso, por tirar algo que significava tanto para ela.

— Os sonhos mudam, Heath. Eles mudam o tempo todo. Primeiro foi um doutorado e a licenciatura. — Ela engoliu em seco e olhou para mim. — E então foi você. — A voz dela falhou.

Dei um passo em sua direção e ela fugiu. Pegou sua bolsa da mesa e a porta bateu entre nós. O silêncio da sala me pressionou. Eu precisava ir atrás dela, mas minhas pernas não funcionavam. Ela desistiu de conseguir seu doutorado e dar aulas por mim? Eu era o seu sonho se transformando num pesadelo. Ela merecia alguém melhor do que uma bomba-relógio. Kara era minha desde o segundo em que havia colocado os olhos nela e tinha partido seu coração.

KARA

Duas semanas depois, abri os olhos e encarei o teto. A brisa do verão fluía através da janela aberta. Os sons noturnos de grilos e um carro, ocasionalmente, eram tudo que podia ouvir. De alguma maneira, consegui passar por essa fase. De alguma forma, consegui dar um jeito de não desabar e chorar rios na frente dele. Guardei para quando chegasse em casa. Como eu olhei nos olhos do cara que roubou muito mais do que uma parte do meu coração e disse que ele era o meu sonho, e tudo o que ele conseguiu pensar foi como a única coisa que fiz para ficarmos juntos tinha sido um erro?

Não tinha notícias de Heath há quase uma semana, nem mesmo uma mensagem perdida. O time estava indo melhor. Acompanhava as estatísticas. Eles tinham vencido os últimos três jogos e ele não recebeu nenhuma penalidade desde então. A final do campeonato era hoje à noite.

O orgulho guerreava com a dor crua profundamente no centro do meu peito. Fui eu quem foi embora desta vez. Não me sentia nem um pouco melhor. Não tinha curado as feridas ásperas que ainda estavam lá. Fazer planos para o futuro me ajudou a lidar com isso, mas era tudo que conseguia fazer para sair da cama.

Era uma montanha-russa que eu precisava descer. Descobrir as coisas por mim mesma. Não podia ajudá-lo a se recompor quando eu estava quebrada. Nunca me arrependeria por estar lá para ele

quando tudo aconteceu com Preston, mas eu precisava ser meu próprio colete salva-vidas.

Escrever tinha sido meu alívio. Os arquivos no meu computador se multiplicavam diariamente e, nos dias em que as palavras não vinham, pegava coisas antigas que escrevi e as digitava até meus dedos doerem. A clareza estava chegando, lentamente. Eu sabia o que não queria: a vida em que eu tinha fingido fazer tudo perfeito quando a verdade estivera me encarando na minha frente o tempo todo.

Andei na ponta dos pés até porta da sala. Mamãe e papai estavam juntos no sofá assistindo TV. A entrevista que eu tinha ido hoje mais cedo concretizou a decisão em minha mente e não tinha mais volta, agora.

Respirando fundo, entrei na sala.

— Oi, querida. Quer pipoca? — Mamãe estendeu a tigela para mim, sacudindo a mistura amanteigada debaixo do meu nariz.

Meu estômago apertou e balancei minha cabeça. — Não, eu estou bem.

— Ah uau, ela está com o rosto sério. — Papai sentou-se ereto e mamãe colocou os dois pés no chão.

A bile subiu pela minha garganta e apertei os lábios. Mantendo os olhos baixos, sentei-me à mesa de café em frente a eles. Meus dedos estavam dormentes e tremiam quando a ansiedade disparava através de mim e me deixava tonta. Juntei minhas mãos.

— Você está começando a nos assustar, Kara. Desembuche e nos conte o que está acontecendo. — Mamãe me encarou com preocupação nos olhos.

— Eu… — Limpei a garganta contra a mão apertada que parecia estar em volta dela. Eu estava prestes a destruir os sonhos que eles tinham para mim e decepcioná-los profundamente. Engoli novamente. — Decidi que não vou continuar com o programa de doutorado.

Eles me encararam com os olhos arregalados por alguns instantes e então os dois quase me cegaram com seus sorrisos.

— Estou tão feliz por você! — Mamãe pulou do sofá e me abraçou.

Definitivamente, não tinha sido a resposta que eu esperava.

— Você não está chateada?

Ela deixou cair os braços e sentou-se ao lado do papai.

— Não, querida. Sua mãe e eu passamos por graduações avançadas e sabemos a pressão que isso exerce sobre você, se não estiver cem por cento comprometida, se você não vive e ama o que está estudando. Vimos muitas pessoas infelizes se forçando a terminá-lo. Eles são os mais infelizes. Um caos total e sentimento de prisão. Se você sente que não é para você, é melhor saber agora que nunca. — Os olhos do papai estavam cheios de sinceridade e muito amor.

Como eu poderia ter duvidado que seria assim? Que eles me renegariam ou me expulsariam porque não queria seguir seus passos. A culpa ardeu na minha barriga. Isso não era quem eles eram. Não era o tipo de pessoa que eles me criaram para ser.

E havia outra coisa. Baixei o olhar e peguei minhas mãos. — Angie entrou em contato comigo.

— Ah! — O pequeno barulho veio da mamãe.

— Estou pensando em me encontrar com ela. Ela disse que está limpa e sóbria há alguns anos e queria falar comigo. — Olhei para eles.

— Você tem se escondido bastante coisa, hein? — Papai riu e aquele nó no meu estômago diminuiu.

— Tenho. Não sabia como mencionar isso com vocês. Eu não tinha certeza do que queria fazer e não quis dizer nada até que já tivesse tomado minha decisão. Não foi algo fácil chegar a essa conclusão, mas gostaria de falar com ela. A última vez não era exatamente a última lembrança que eu gostaria de ter dela.

— Você não nos deve uma explicação, Kara. — Papai pegou minha mão. Seu aperto quente e pele desgastada, causadas pelas incontáveis vezes em que operou, me confortaram.

— Você é adulta e ela é sua mãe. Não estamos ofendidos ou tristes que você queira vê-la. É natural que você queira, especialmente se ela estiver sóbria como você disse que está. — Os olhos de mamãe pareciam refletir a mesma esperança do meu coração. Isso era verdade.

— Acho que vou fazer isso.

— É tudo o que você precisa fazer. Quer que estejamos lá? Quer encontrá-la aqui? — Papai apertou minha mão.

Eu balancei minha cabeça vigorosamente. — Não, não tenho certeza ainda. — Mordi meu lábio. — Descobrirei em breve, mas queria que vocês soubessem. — Levantando-me, fui imediatamente envolvida nos braços dos meus pais. Os que acalmaram uma pré-adolescente assustada, imaginando qual era o lugar dela no mundo, proporcionaram o mesmo conforto a uma jovem assustada de vinte e poucos anos tentando descobrir onde ainda poderia estar.

— Amo vocês, gente.

— Nós te amamos também.

Subindo os degraus do meu quarto, olhei para o meu celular. Mensagem atrás de mensagem do Heath. Aquelas que eu tinha esperado alguns dias atrás, porra, talvez até algumas horas atrás, estavam chegando, mas eu não queria falar com ele. Não podia falar com ele até saber que estava totalmente imunizada pelos sentimentos que ele evocava em mim. Provavelmente, só precisaria de mais algumas décadas para descobrir como detê-los. Parecia um bom momento para responder. Coloquei um lembrete para 2058 e sentei na minha mesa.

Meus dedos voaram pelas teclas e derramei ainda mais dos meus pensamentos e sentimentos pelo teclado, e as palavras se formavam na frente do meu rosto. Isso é algo que eu diria por ter seu coração arrancado. Isso fez essas palavras fluírem mais rápido do que eu poderia digitá-las. Recuperar-me abrindo essas feridas e despejando o máximo de sal possível. Salgando-as como você salgaria os campos para que a calmaria possa crescer novamente e, eventualmente, a dor pararia.

HEATH

Eu estava sentado no escritório do reitor, não de qualquer um, mas no do reitor maior com O maiúsculo, O reitor. Minha perna balançava pra cima e pra baixo. Meus dedos cravados na coxa e meu tênis chiando no chão de ladrilhos. Sentia como se tivesse sido enviado para a direção da escola, só que pior. Esperava que todo o time fosse chamado para se encontrar com ele por ser dia do jogo, mas foi apenas eu.

Tínhamos conseguido chegar à final do campeonato com quase nenhuma ajuda minha. O treinador me chamou - bem, gritou mais alto do que eu já o ouvira gritar - para que eu saísse do gelo. Minha velocidade estava uma porcaria. Meu passe estava péssimo e meus chutes ao gol estavam uma merda. Era como se eu tivesse sido substituído por alguém que mal jogava.

Apenas mais algumas horas até que eu voltasse a patinar no meio do gelo e tentasse fazer como se não fosse minha primeira vez na pista.

— Sr. Taylor, o reitor Morrison vai encontrá-lo agora. — A secretária idosa me assustou, levantei da cadeira e a segui pelo corredor.

— Estamos todos a torcer por vocês. Estivemos acompanhando durante toda a temporada. Estou tão orgulhosa pelo time. — Suas palavras gentis não fizeram muito para me acalmar.

— Ah, Sr. Taylor. — O reitor estava atrás da mesa e deu a volta, apertando minha mão com força.

— Queria parabenizá-lo por uma temporada fascinante, especialmente com tudo o que aconteceu no ano novo.

Minha garganta se apertou e assenti. Fascinante não era como eu descreveria. Destruidora de alma. Uma dor cegante que te fazia saltar da cama no meio da noite, contraindo-se. Essas eram descrições mais adequadas. Sua voz misturavam as palavras num cobertor que ameaçava me paralisar na cadeira.

— Fiquei especialmente surpreso por você estar fazendo disciplinas extras neste semestre com tudo o que estava acontecendo.

Meus ouvidos se animaram com isso e minhas sobrancelhas se contraíram. — Disciplinas extras?

— Seu estudo independente. Bem, acho que poderia ser qualquer uma das que você puxou.

— Não entendi. Precisamos fazer cinco matérias para ser considerado período integral.

— Não no segundo semestre dos formandos. O seu orientador não contou isso a você? — Ele apertou o botão da caneta e escreveu uma anotação num arquivo em sua mesa. Havia uma rachadura na janela. A janela com vista para o campo ensolarado e cheio de flores, com uma figura distante de costas para mim e o vento soprando em seus cabelos.

Meu coração batia tão alto que pensei que ele desviaria o olhar do que estava escrevendo para ver se alguém estava tocando bateria.

— Não, ele não me contou. Não preciso de cinco disciplinas para me formar? Para ser elegível para jogar este semestre? — Inclinei-me para frente no meu assento. Os braços da cadeira rangeram sob o meu aperto.

Ele olhou para cima e sorriu. — Não, de jeito nenhum. Os formandos no segundo semestre só precisam fazer duas disciplinas para permanecer matriculados e se formar a tempo, desde que todos os outros requisitos da graduação tenham sido cumpridos.

E aquela janela se transformou numa porta que foi chutada para ficar bem aberta.

— Preciso abandonar uma disciplina. — As palavras saíram da minha boca tão rápidas e energéticas que o reitor se afastou.

— O período de trancamento de matrícula terminou algumas semanas atrás, Sr. Taylor. — Ele franziu as sobrancelhas.

Se eu desistisse da disciplina, isso nunca poderia ser usado contra ela e minha elegibilidade para o semestre também não ficaria sob investigação. Eles não poderiam retirar nossas vitórias nos jogos retroativamente e ela seria capaz de permanecer no programa. Mesmo que dissesse que não queria mais, havia uma diferença entre voluntariamente abandonar algo e nunca mais poder ter ele de volta.

— Se houver algo que você possa fazer, sei que ajudaria a diminuir a pressão do jogo do campeonato de hoje à noite. Estou te implorando aqui, senhor.

Eu me ajoelharia se precisasse.



Pulando no meu carro depois da minha reunião no escritório do reitor, saí da minha vaga de estacionamento, pegando o caminho mais curto para o único lugar onde precisava estar. Fazia uma semana desde que eu a vira. Muito tempo. Tempo até demais.

Estacionei meu carro na rua. As casas eram todas iluminadas e alegres, com portas vermelhas e persianas coloridas. Poderia parecer despretensioso, mas este lugar estava nadando em dinheiro. Subindo na calçada imaculadamente pavimentada, entrei no caminho feito por pedras achatadas que levava à porta de entrada.

Depois de pesquisar no arquivo dos alunos, encontrei o endereço de Kara. Com a comunicação efetivamente rompida, tive que tomar medidas desesperadas para finalmente falar com ela. Limpei minhas mãos suadas no jeans. O caminho até aqui tinha sido como uma volta de Kamikase, onde quase me convenci a não fazer isso pelo menos umas cinco vezes. *E se eu aparecesse e ela batesse a porta na minha cara? Deveria esperar? Não é esse tipo de impulsividade que me causara problemas em primeiro lugar?*

Apesar do que todos pensavam, paciência não era o meu forte. Não quando eu precisava de algo, quando essa necessidade me

pegava tão forte que eu sequer conseguia pensar direito. Nunca tinha experimentado algo assim antes. Ela era longas viagens dirigindo, idas à praia para sentar na areia e patinação no gelo, tudo isso misturado num só. Nenhuma dessas coisas me faria feliz novamente se eu não estivesse com ela.

Kara era tudo o que importava. Eu precisava vê-la. Precisava tocá-la e contar todas as coisas que tentei dizer por telefone e por mensagens. Isso não faria jus. Não poderia demonstrar o que ela significava para mim sem olhar em seus olhos, para que ela visse que eu estava falando sério.

Elevei minha mão para bater na porta vermelha quando esta se abriu. Uma adolescente esbelta com cachos castanhos escuros presos no alto da cabeça, como Kara sempre usava, e pele morena olhava de volta para mim.

— Posso ajudar? — Ela tinha um grande sorriso no rosto e encostou-se à porta.

Dei uma passo para trás, verificando o número da casa novamente. *Definitivamente era o endereço certo.*

— Kara está? — *Ela havia se mudado e não atualizado no sistema online?*

— Kara! Seu namorado está aqui! — Ela gritou em direção à escada. O sorriso alegre em seu rosto era um que apenas um irmão mais novo poderia dar. Já tinha visto isso centenas de vezes com Olivia, irmã de Colm, e Grant, irmão de Ford.

Houve um *baque* de porta se abrindo, seguido por passos. Todas as palavras que eu repetia em minha cabeça fugiram quando ela apareceu no topo da escada. Meu pulso acelerou quando ela congelou no primeiro degrau com os olhos arregalados. Correndo escada abaixo, Kara sacudiu sua cabeça em direção à garota, que tinha que ser a irmã dela, e saiu.

— Vou dar uma volta.

Recuei e Kara fechou a porta antes que sua irmã pudesse falar mais qualquer coisa. Enfiando as mãos nos bolsos, segui atrás dela que pisava forte sobre a calçada . Aumentei o ritmo e acompanhei seus passos.

— O que você está fazendo aqui, Heath? — Ela tinha os braços em volta da cintura enquanto caminhava.

Eu me peguei olhando para ela. Observando o jeito que ela mordiscava o lábio enquanto caminhava pela calçada arborizada, queria tocá-la. Envolver meus braços em torno dela e de alguma forma a fazer acreditar que tudo ficaria bem.

Nossos olhos se encontraram e me tiraram do feitiço que ela tinha lançado sobre mim a cada respiração que dava.

— Abandonei a matéria. — Desabafei.

— Conversei com reitor Morrison. Acontece que eu não precisava da disciplina para início de conversa e meu orientador é um idiota.

— Conversei com reitor Morrison. Acontece que eu não precisava da disciplina para início de conversa e meu orientador é um idiota.

— Mas as aulas já terminaram. Você recebeu a sua nota.

— Apaguei dos registros.

— Por quê? — Ela me encarou como se eu tivesse enlouquecido.

— Porque não quero que isso fique pairando sobre sua cabeça. Agora, ninguém pode dizer que você não foi imparcial ou que violou alguma regra. Minha disciplina, minha nota, tudo acabou. Você ainda pode fazer seu doutorado.

— Heath. — Ela balançou a cabeça e começou a andar.

— E vim para me desculpar.

— Não tem a final da temporada hoje à noite? — Sua blusa roxa e rosa exibia sua pele macia.

— Em uma hora mais ou menos.

Os olhos dela se arregalaram. — O que diabos você está fazendo aqui? Você precisa chegar lá.

— Os caras podem fazer isso sem mim. Porra, eles têm jogado bastante sem mim nos últimos meses, de qualquer maneira. Isso aqui é mais importante.

— Você se empenhou demais para isso, Heath. Vá, apenas vá, e podemos conversar sobre isso depois.

— Não vou embora antes de termos essa conversa.

— Não, você precisa ir. Estou falando sério. — Ela tentou me empurrar em direção ao meu carro.

Capturei suas mãos contra o meu peito, deixando-a sentir meu coração acelerado.

— Então você finalmente entende. — Eu a encarei.

— Entender o quê? — Os olhos dela estavam confusos.

— A necessidade de colocar o que você quer de lado para proteger alguém que você se importa. O sentimento de tacar o "foda-se" e incentivar essa pessoa a fazer algo que você acredita que ela precisa fazer para ter sua própria felicidade.

— Mas não fiz isso apenas por mim. Fiz isso por você também. Para que você possa ter sua temporada e competir com seus jogos e é por isso que você precisa ir. — Ela tentou me girar de novo.

Estendi a mão no meu peito para cobrir sua mão com a minha.

— Não consigo nem te dizer o quanto isso me corroeu por dentro, pensando que eu tinha arruinado algo que você amava. Que você sentiu que tinha que escolher entre essa carreira, pela qual trabalhou duro, e em ficar comigo.

Ela estava balançando a cabeça antes de eu terminar minha frase. — Sempre tinha sido algo que estava no fundo da minha mente. Uma pequena voz me dizendo que esse não era o caminho para mim e que eu não seria feliz indo por essa direção, mas eu queria ser como meus pais, deixá-los orgulhosos. Estar com você me tornou corajosa o suficiente para fazer o que eu queria fazer. Me deixou corajosa o suficiente para enfrentar minhas incertezas que eu tinha sobre quem eu queria ser.

Levantei minha mão lentamente, dando a ela todo o tempo que precisava para se afastar, mas ela não se afastou. Passei as costas dos meus dedos em seu maxilar e descansei minha testa contra a dela.

— Nunca quis que você se sentisse que precisava ser outra pessoa para estar comigo. Você sendo quem você é, é tudo que eu sempre precisei de você.

Ela colocou a mão na minha camisa. — Você disse que estava tudo acabado e foi embora. Você tem ideia do quanto isso doeu?

— Eu sei e odeio que tenha te machucado assim. Tenha me machucado assim. Pensei que estava lhe protegendo. Mas te prometo uma coisa.

Ela me encarou com olhos radiantes.

— Nunca mais farei algo assim. Nunca mais irei fazer essa escolha por nós, mesmo que isso acabe comigo.

Soltando minha mão da dela, afundei os dedos em seus cabelos e a abracei. Nossos lábios sussurraram um contra o outro.

—Você pode achar um lugar no seu coração para me perdoar? Fodi a porra toda e queria parar de agir assim. Eu gostaria de ser tudo o que você precisa que eu seja e não ficar no meio de nós dois.

Ela assentiu e meu coração disparou. — Preciso que você seja você. E preciso que você me ame.

Aprofundei ainda mais o nosso beijo à medida que as palavras mal saíram de sua boca. Pressionei meu próprio amor e devoção para a dança de nossas línguas e a força de nossos lábios.

— Mais do que tudo, eu te amo. Você é a primeira mulher que eu já disse isso. Eu te amo mais do que você pode imaginar e pode até parecer assustador, ou seja você está em apuros agora, porque estou grudado em você como um chiclete.

Sua risada contra meus lábios era música para os ouvidos e alimentava minha alma. Ela arregalou os olhos e agarrou a minha camisa.

— O que diabos ainda estamos fazendo aqui? Você tem um jogo. Precisa voltar ao campus. — Ela tentou me empurrar novamente.

— Só se você vier comigo.

Ela mordeu o lábio e assentiu quando viu que eu estava falando sério.

— OK, vamos lá. Vamos!

Entramos no carro e segurei a mão dela até o estádio, lutando contra o trânsito o tempo todo. Uma hora até o início do jogo. Era a final do campeonato que lutamos durante todo o ano e estava na hora de mostrar a todos do que éramos feitos.

KARA

Sentada numa fileira animada, eu estava enfeitada com apetrechos dos Kings da cabeça aos pés. Faixas do campeonato estavam penduradas por todo o estádio. Uma caixa foi entregue no meu assento com um bilhete dentro.

Use isso por mim.

-Heath

Eu estava pronta para ficar de pé e torcer durante o jogo todo, mesmo que não fizesse ideia do que estava acontecendo. Encontrar Makenna no banco ao lado do meu tinha sido uma surpresa agradável.

— Oi! Kara? O que você está fazendo aqui?

— Heath me convidou.

Ela sorriu abertamente.

— Eu te disse que ele cairia em si. — Ela tinha estado muito mais confiante do que eu.

Conversamos enquanto o lugar enchia até o teto. Alguns dos caras estavam no aquecimento do gelo.

— Acho que isso significa que é oficial. Você é a namorada de Heath — Ela cantarolou e bateu no meu ombro.

Não consegui segurar meu sorriso. — Acho que sim. — Dei de ombros; nós não tínhamos entrado no âmago da questão. Ainda havia muito o que conversar, mas no momento eu estava aqui para aproveitar o jogo e apoiá-lo.

— Estou feliz que vocês voltaram, Kara. Foi complicado por um período. E eu sei como as coisas estavam difíceis para ele. Ele estava uma bagunça. — Ela assentiu em direção ao gelo.

— Não foi difícil apenas para ele.

Ela deslizou a mão na minha e apertou meus dedos. — Eu sei. Ainda é louco pensar que conheço eles desde o Ensino Médio.

— Você namorava Declan naquela época? — Vendo os dois, era como se estivessem juntos desde sempre. Confortável e simples.

Ela soltou uma risada aguda, balançando a cabeça. — Não. Definitivamente não. O ensino médio foi... interessante para a gente. Muita hostilidade por coisas estúpidas. Espere até ter seu primeiro rolê com todos os Kings.

— Os Kings? Eu pensei que o time era os Knights. — Olhei para a camisa que Heath me dera.

— É assim que eles se nomearam. Era aquele bando de caras do bar naquela noite que você conheceu Heath. — Ela revirou os olhos. — Esse era o nome da nossa equipe do ensino médio. Os Kings, os reis. Um baita rebaixamento para Heath e Declan serem de um time que signifique cavaleiros agora.

— Parece interessante. — A impressão que eu tinha era que estava perdendo muito. Eu entenderia os podres depois.

— Você não tem ideia. — Mak bateu seu ombro no meu. — Eles se esforçaram bastante para chegar aqui. Do jeito que as coisas estavam em janeiro, não achei que eles chegariam à final. Mas conseguiram.

— Eles com certeza conseguiram. Não tenho dúvidas de que Preston ficaria orgulhoso.

— Sim, ele ficaria orgulhoso. — Seu lábio inferior tremeu.

Todos se levantaram quando a campainha sinalizando o fim dos aquecimentos soou.

Ela pulou ao meu lado. — Hora do jogo!

Embora eu não entendesse muito sobre o jogo além de acompanhar o resultado online, Makenna me explicava tudo o que não compreendia. Não conseguia acreditar que o primeiro jogo que ela esteve, tinha sido a alguns meses atrás. Ela era um gênio como todo mundo dizia que ela era. Observando Heath no gelo, vi exatamente o porquê ele aparentava ser do jeito que era. Todos os

músculos que eu tinha explorado em seu corpo estavam lá, em pleno uso.

Estava empatado em 1 a 1 e nenhum time cedia nem um milímetro. Heath chicoteava além do vidro. Suas habilidades eram igualmente graciosas e poderosas. Quando um cara do outro time o agarrou pela camisa e o socou na cabeça, eu estava a um segundo de entrar na pista. Declan patinou até eles e Makenna se envolveu em meu braço, seus olhos grudados nos caras no gelo. Seus dedos me apertaram mais um pouco quando Declan se jogou entre Heath e seu oponente.

Heath manteve a calma e o cara foi jogado na caixa. Com um cara a menos no gelo e apenas trinta segundos restantes para o final da partida, todos estavam de pé. Meu coração batia forte no peito e prendi a respiração quando o outro time deu uma tacada de última hora ao gol.

Declan pegou o disco e passou para Heath, que fez um *breakway*, flutuou através do outro time. Ele recuou o taco e jogou, fazendo contato com o disco. A adrenalina pulsava em minhas veias e o lugar ficou absolutamente silencioso enquanto todos assistiam o pequeno disco preto voar através do gelo.

O goleiro se lançou contra ele com a luva, mas a rede atrás dele balançou e o disco caiu no gelo dentro do gol. Metade do estádio explodiu em aplausos. Joguei minhas mãos para o alto e Mak liberou seu assobio monstro.

A campainha final soou e Makenna e eu unimos nossos braços, pulando para cima e para baixo enquanto os caras se amontoavam um em cima do outro no gelo. Pipoca voava por toda parte enquanto as pessoas se abraçavam e cumprimentavam.

— Vem. — Mak agarrou minha mão e me puxou para o gelo. Corri escada abaixo atrás dela enquanto as pessoas saíam aos montes pelos corredores. Desviamos e nos esquivamos da multidão de torcedores que inundavam o espaço ao redor do gelo. — Me segue. — Ela apertou ainda mais sua mão na minha, e passamos por um dos seguranças com um aceno de Mak.

Acabamos na entrada do túnel que levava aos vestiários, a julgar pelo cheiro que exalava pelo corredor. O lugar rugia com os gritos e o coro da multidão. As pessoas estenderam um tapete no gelo e um

grupo de rapazes empurrou um mini palco. O treinador dos Knights estava na frente deles no banco, dando abraços, e os caras tinham sorrisos enormes em seus rostos. Heath vasculhou as arquibancadas onde estávamos antes, sua cabeça mergulhando e se esquivando dos high-fives entre os colegas de equipe. Não havia como chamar sua atenção em toda aquela comoção.

Mak soltou um assobio, que quase me ensurdeceu no túnel semi-fechado, e Heath e Declan se viraram. Traçando um coração no vidro, Heath levantou a mão para eu esperar enquanto os caras o agarravam e o puxavam para o gelo.

— Eles precisam fazer a cerimônia de premiação e tudo mais, mas podemos ficar aqui até que eles terminem.

Apontei para o chão, fazendo-o entender que não sairia daquele lugar. O estádio vibrou com energia de comemoração. Toda a equipe tirou a camisa e vestiu outra. Foi só quando eles se viraram para sair que eu vi o porquê.

Preston Elliott tinha sido bordado na parte de trás de suas camisas. Não havia ninguém que não estivesse emocionado no local, quando a equipe ficou de pé com um espaço na formação para o seu companheiro de equipe. Uma mulher solitária saiu do gelo sobre o tapete que eles colocaram lá.

— Imo — Mak disse muito baixinho.

Minha garganta se apertou. — Eles a convidaram.

— Acho que sim. Ela... Ela está realmente ótima.

Eles ergueram o troféu sobre a cabeça e ergueram os dedos apontando para a camisa aposentada pendurada nas traves. Um dos caras levantou Imo, então sua mão encostou na camisa.

Meu coração doía por ela. Eu não conseguia imaginar pelo o que ela estava passando. Seu sorriso choroso me fez limpar um rastro de umidade em meu rosto.

Heath a apertou em um grande abraço e olhou para mim. Ele havia se empenhado tanto para isso, todos eles deram tudo e passaram a mensagem de Preston. Embora ele não estivesse aqui, ajudou a equipe a chegar onde eles estavam e ninguém iria esquecer disso. Não o conhecia há muito tempo, mas até eu tinha sentido seu impacto.

Todos eles saíram do gelo depois que todo mundo conseguiu suas fotos e vídeos. Heath me deu um beijo rápido nos lábios quando passou para o vestiário. Ele saiu em tempo recorde, com semblante tranquilo pra porra numa bela camisa e calça de botão que o abraçava nos lugares certos.

— Uau, olhe para você.

Ele deu um giro no túnel caminhando em minha direção. — Imaginei que deveria ficar um pouco elegante hoje à noite.

— Você se arrumou tanto que está quase brilhante e reluzente demais para olhar. — Protegi meus olhos. Heath se aproximou de mim e enterrou as mãos em meus cabelos. Soltei um curto suspiro e ele mergulhou em minha boca. Meu estômago tremeu.

— Tenho uma surpresa para você.

— Nós estamos indo para a festa?

— Não a essa festa, mas há algo que queria fazer por você. — Ele descansou a testa na minha.

Passei os braços em volta do seu pescoço e me movi com ele conforme uma música que ninguém mais podia ouvir. Suas mãos pressionaram minhas costas com os polegares deslizando e parando em cima da minha bunda. Não consegui segurar o sorriso. Que explodia de mim sempre que Heath estava por perto, como se eu fosse uma adolescente sendo convidada para o baile pelo seu crush.

— Tudo bem.

Despedimos-nos de Mak e Heath me guiou até seu carro.

Um pouco depois, olhei para a estrutura de vidro e metal que me lembrava bem. Um calafrio correu pela minha pele. — A estufa?

— Sim, vamos. — Entrelaçando seus dedos aos meus, ele me puxou pelas portas duplas. O calor foi como um tapa na cara. Era como sair da geladeira e entrar numa sauna.

Havia uma grande quantidade de grandes arbustos verdes bem à frente. Tudo muito verde e nada a mais. Contornando aquela parede divisória na frente, eu suspirei. Caminhamos através das fileiras de vegetação florida, alinhadas ordenadamente ao longo das paredes e em corredores no centro do amplo edifício particionado. Pulverizadores automáticos regaram algumas das folhagens quando passamos. Havia tons de azuis e roxos vibrantes por todo o espaço.

Flores vermelhas, que eu nunca tinha visto antes, e amarelas tão brilhantes, que imitavam o sol. Cada planta exalava seu próprio perfume, enchendo o ar com uma mistura que gritava *vida* .

— É lindo. — Tão diferente da última vez que estivemos aqui.

O caminho para a parte mais escura no interior da estufa tinha pilhas altas de vasos vazios. Eles estavam empilhados aleatoriamente por todo o chão, alguns oscilando quase à beira de um acidente. Na escuridão, cheiro de terra contrastava nitidamente com a leveza das plantas, mas era disso que elas precisavam para crescer.

— O que estamos fazendo aqui? — Olhei ao redor do teto, rezando para que não houvesse teias de aranha. Não queria ter que dar uma de menininha aqui.

— Eu queria que você estivesse aqui para isso. — Ele acendeu as luzes no cômodo escuro e se iluminou todo com um brilho suave. Fios de luzes brancas pendiam e oscilavam no teto, havia uma pequena mesa para dois colocada no meio do chão e um pequeno vaso de plantas posicionado no centro dela.

Tomando meu braço, ele me virou em direção à mesa e ficou atrás de mim. Suas mãos cruzaram em minha frente e ele me disse o que tinha feito para organizar isso. Cada sílaba deslizava pela minha pele enquanto sua boca se aproximava do meu pescoço. O aperto em meu estômago se intensificou, enquanto seu peito pressionava contra minhas costas. Ele me aproximou da mesa e vi as travessas de comida sobre os pratos.

— Como você conseguiu fazer isso?

— Eu tenho um bom amigo que quer ingressos infinitos para os jogos quando me tornar profissional.

Encarei as folhas e flor, quebrando a cabeça por um significado e então ele me atingiu. Minha mente ficou clara o suficiente para reunir um pensamento coerente. Seu trabalho de pesquisa. Conseguir com que duas plantas realizassem polinização cruzada era o maior obstáculo que ele tinha enfrentado quando se tratava do projeto.

— É essa? A que você concebeu? — Estendi a mão para a bela flor roxa e rosa, quase tocando nas pétalas antes de puxar minha mão de volta. — Desculpa. — Minhas bochechas esquentaram. Eu

daria um golpe de karatê na garganta de alguém se pensasse em tocar em um dos meus experimentos, especialmente em um que eu precisava para minha pesquisa. Mas nenhum dos meus era tão deslumbrante quanto este.

— Não se preocupe. Sei tudo sobre querer tocar coisas que não deveria. Coisas lindas pra caralho que dói só de olhar para elas.

Meu corpo zumbiu ao ser pressionado tão próximo do dele. Cada movimento de nossos corpos unidos me lembrava de como era bom quando não tínhamos nada entre nós.

Minha cabeça virou para encontrar seu olhar e ele me encarou.

A diversão e emoção dessa visita à estufa foi alterada. O comportamento bobo de Heath mudou, e seus olhos estavam repletos muito além da felicidade sobre sua planta. Meu sangue batia forte e tudo estava centrado para um lugar que estava clamando por sua atenção.

— Eu chamei de *Alyogyne huegelii karaus.*

O desejo ardente em seus olhos quase fez meus joelhos dobrarem. Ele gemeu contra minha bochecha. Seu hálito quente deslizou pela minha pele e meu estômago se contraiu quando ele deslizou a mão em volta da minha cintura.

Minhas palavras nem faziam sentido e saíram agitadas. Minha necessidade por ele me acertou com força. Passando as mãos pelos meus cabelos, ele manteve minha cabeça virada quando se abaixou e meus lábios se separaram. Sem hesitação. Eu estava preparada para Heath.

Nossas línguas dançavam juntas com a promessa de que mais coisas estavam por vir. Eu queria me virar e puxar sua calça jeans e deixá-lo me foder na bancada.

Mas ele tinha outras ideias. Heath deslizou a mão sob o cós da minha calça e desceu em direção ao meu centro latejante. Um choramingado saiu dos meus lábios no segundo em que seus dedos encontraram meu clitóris. Meus joelhos cederam, mas ele me segurou, presa entre ele e a mesa lisa e revestida de terra.

— Está preparada para mim?

Eu assenti, não confiando na minha própria voz. Não havia ruídos no local, exceto pelos pulverizadores automáticos que passavam pelas plantas do lado de fora da sala de vasos, mas logo

foi acompanhado pelas evidências do que ele procurava. Seus dedos deslizaram para dentro de mim, pressionando contra o cós da calça enquanto o tecido marcava minha cintura.

— Você está tão molhada. Mal posso esperar para te provar — Ele murmurou contra o meu rosto.

Meus olhos dispararam para a estufa aberta do lado de fora do nosso pequeno esconderijo nos fundos.

— Não se preocupe. Ninguém vai arrombar aqui, a não ser eu.

Uma risada escapou, mas foi rapidamente cortada quando ele arrastou meu jeans pela minha bunda e caiu de joelhos atrás de mim. Meus gemidos ficaram presos na garganta na primeira linguada ao longo da minha essência quente e derretida, e eu sabia que nunca mais olharia para jardinagem da mesma maneira.

HEATH

Limpei um pouco de solo misturado da bunda de Kara e peguei a parte de cima do jeans, puxando-os e abotoando-os. Ela me segurou, seus dedos afundando na minha pele enquanto se inclinava. Seu aroma, misturado com o cheiro de terra ao nosso redor, me envolveu.

A estufa nunca tinha estado tão bonita como quando ela estivera se inclinando para mim depois que seus gritos chacoalharam o vidro. Enrolei um pouco de seu cabelo em volta dos meus dedos, deixando-o deslizar através deles quando ela respirou fundo e se afastou.

Balançando a cabeça, ela colocou seu cabelo incrivelmente sexy num rabo de cavalo. Um sorriso apareceu nos meus lábios. Cabelo sexy a deixava ainda mais gostosa, especialmente quando sabia que era eu quem passava as mãos nele.

— Não acredito que fizemos isso. — Ela riu e deslizou a blusa por cima da cabeça. A vegetação ao redor da estufa e a distância de outros edifícios no campus significavam que haviam poucas chances de alguém nos ver. Adicione o final de um campeonato nacional de hóquei e todo mundo estaria festejando.

O desaparecimento de seus seios sob a camisa dos Knights quase me deixou tão excitado quanto quando eu os coloquei em minhas mãos. Saber o que havia embaixo era pura tortura. Curvando-se, ela pegou sua bolsa do chão, espanando a sujeira dela.

Um pedaço de pano da bancada voou em cheio na cara. Peguei-o e joguei de volta para ela.

— Para de me olhar assim. Você estava metendo em mim há cinco minutos.

— Não consigo evitar. Não é minha culpa que você solte um feromônio com-a-necessidade-de-tocar. — Sorri para ela que revirou os olhos.

Eu a aprisionei entre meus braços. — E eu não posso evitar que eu te amo ainda mais a cada segundo que estou perto de você.

Ela traçou os dedos ao longo do meu peito. Seu toque extremamente suave enviou faíscas de prazer eletrizante por todo o meu corpo. Alterava entre as pontas de seus dedos e o arranhar de leve das unhas na minha pele. Não era um padrão aleatório. Olhei atentamente para baixo.

— O que você está fazendo?

Os olhos dela estavam concentrados na minha pele.

— Guardando isso na memória, para que eu possa lembrar sempre. Começando uma nova linha da nossa história bem aqui. — Ela deu uma pequena batida com o dedo em cima do meu coração, onde sua espiral e traçado terminaram.

Cobri sua mão com a minha e a deixei sentir meu pulso acelerado. — Espero que esta nova história tenha um final feliz.

Seus olhos, emoldurados por seus cílios volumosos, me puxaram para sua plenitude de chocolate.

— Eu também espero. — Ela mordeu o lábio inferior.

Passei meus dedos sob seu queixo e levantei, capturando seus lábios novamente.

— Eu tenho certeza. — Passei o dedo pelo seu lábio inferior cheio.

— Há algo que preciso que você faça por mim. Algo que decidi enquanto estávamos separados. — Seus dedos afundaram um pouco na minha cintura, onde ela os envolveu em volta de mim.

— Fala. Seja o que for, estamos juntos nisso.

Os cantos preocupados dos lábios dela deslizaram para cima.

KARA

Deslizei a mão pela lateral da minha calça creme passada. Heath deslizou sua mão na minha e passou o polegar ao longo da minha palma. Nós estávamos no carro dele do lado de fora da cafeteria por uns dez minutos. Território neutro. Uma cafeteria não criava as mesmas expectativas que um restaurante. Um bar certamente não seria apropriado. Um encontro na minha casa estava fora de questão.

Mak havia recomendado uma cafeteria tranquila como um lugar que poderíamos sentar pelo tempo que precisássemos sem sermos incomodadas. Eu já estava cinco minutos atrasada para o encontro.

Meus pais tinham perguntado se eu queria que eles viessem. Eu queria que eles estivessem ao meu lado como estiveram desde o segundo em que cheguei na casa deles, mas não queria que nada que acontecesse no encontro os machucasse. Precisava descobrir o que ia fazer primeiro e depois deixá-los saber. Sabia que me apoiariam em qualquer decisão que eu tomasse, mas minhas lutas eram difíceis para eles verem.

— Você não precisa fazer isso. Podemos dar a volta e ir embora. — Seus olhos estavam cheios de tanto amor que quase doía.

Nosso caminho até esse encontro hoje não havia sido fácil, mas estávamos aqui e eu precisava fazer isso.

— Não, estou pronta. — Abri a porta e deslizei para fora antes que perdesse a coragem. Alisando a camisa azul-marinho de manga curta, dei um passo em direção à porta da loja. Meu reflexo me

encarava enquanto Heath estava ao meu lado. Ele passou o polegar ao longo do interior do meu pulso.

— Relaxa. — Sua voz suave deslizou sobre mim e meus ombros relaxaram.

Minha pulsação saltou sob as pontas dos seus dedos.

Heath abriu a porta e entrei. Meus saltos finos baixos batiam contra o chão polido da cafeteria/livraria. Apertei ainda mais sua mão quando vi Angie no canto mais distante perto dos fundos.

Nossos olhos se encontraram e ela se levantou. Com as mãos cruzadas em sua frente, ela não se mexeu. Provavelmente com medo de que, se ela desse um passo, eu poderia dar a volta e sair correndo. Eu não tinha cem por cento de certeza de que isso não aconteceria. Meu estômago estava como um nó bem apertado e meu coração batia tão forte que jurava que todos ao meu redor poderiam ouvir.

Ela estava ótima. O melhor que eu já tinha a visto. O vestido com estampa floral destacava como ela era jovem. Nem chegara aos quarenta ainda. Quando ela tinha minha idade, eu já tinha sete anos. Sua pele cintilava saúde e seu cabelo estava brilhante e macio. Se eu não soubesse quem ela era, poderia acreditar que era uma mulher-qualquer-de-trinta-e-poucos-anos saindo para tomar um café num dia iluminado e ensolarado.

Uma pulseira de prata simples estava envolvida em seu pulso. Jóias nunca foram algo que eu a vi usar. Talvez tinha tido algumas num certo momento, mas no momento em que estive com ela, tudo de valor era geralmente vendido tão rapidamente quanto aparecia.

Ficamos em silêncio diante uma da outra. Meus dedos estavam tão apertados nos de Heath que ele deve ter sentido como se tivesse enfiado a mão numa ratoeira.

— Oi, Kara.

— Oi. — Fazia tanto tempo desde que eu a vi que nem sabia como chamá-la. Angie. Mãe.

— Estou realmente feliz que você decidiu vir. Obrigada. — Sua voz travou na última palavra e ela colocou a mão nos lábios. Seus olhos brilhavam quando as lágrimas brotaram em seus olhos.

E assim o domínio que eu tinha sobre mim se dissolveu. A represa estourou, e eu estava uma chorona feia e desarrumada em

segundos. Era como se uma década de preocupação e a necessidade desesperada de esquecer fosse arrancada do meu peito.

Era a farpa que tinha se instalado em minha alma por tanto tempo que quase me esqueci que estava lá, a menos que eu a cutucasse. Isso era bem mais que cutucá-la. Isso era aprofundar ainda mais a farpa. Heath passou os braços em minha volta, sua força estava me dando algo para me agarrar enquanto o mundo parecia sair do eixo.

Mal tínhamos dito duas palavras uma para o outra. Como eu ia fazer isso?

Levantei a cabeça e vi que minha mãe havia cruzado o espaço entre nós. Ela apertou as mãos no peito com lágrimas escorrendo pelo rosto. Seu olhar disparou para os braços de Heath, que estavam me envolvendo, e o que ela queria estava claro como água

Acenei e ela pulou para frente, seus braços envolvendo tão firmemente ao meu redor que o peito doía. Heath cautelosamente soltou o dele, então éramos apenas eu e ela. Ela nos balançou, gentilmente oscilando sobre nossos pés. Sua mão acariciou minhas costas como costumava fazer quando eu era pequena. Fui transportada para aqueles momentos delicados, nos quais ela não estava completamente chapada. Quando ela deixava eu matar aula para ficar sentada no sofá e assistia TV durante o dia com ela.

Aquelas lembranças felizes que enterrei bem no fundo. Era muito mais fácil lembrar apenas das coisas ruins. Agarrar-se a elas e segurá-las com força, envolvendo a dor ao meu redor como um cobertor quente de distanciamento e raiva. Se eu me lembrasse daqueles momentos, seria mais fácil não sentir falta dela.

Porém aqui, com meus braços em sua volta enquanto ela cheirava tão limpa e suave, tornou-se impossível não ter essas lembranças me bombardeando.

Heath se afastou, provavelmente para dizer às pessoas que trabalhavam lá que não éramos duas mulheres tendo um colapso nervoso. Bem, talvez nós estivéssemos.

Depois de alguns minutos, finalmente nos separamos. Abaixamos nossos braços e minha mãe agarrou minha mão. Ela me guiou em direção ao lugar ao lado dela e sentei numa cadeira

enorme. Tipo aquelas em que você pode se aconchegar com um bom livro e permanecer sentada por horas.

Seus lábios estavam franzidos e um brilho fresco de lágrimas estava em seus olhos. — Nunca pensei que teria a chance de vê-la novamente. Para te abraçar. — Sua voz falhou e minha garganta se apertou. — Estou tão feliz que finalmente estamos conseguindo fazer isso.

Abaixei minha cabeça e tentei afastar o aperto na minha garganta. — Desculpe sobre antes e pelo que aconteceu com suas cartas.

Ela estava balançando a cabeça antes mesmo de eu ter terminado de falar. — Não se desculpe. Não posso nem imaginar o que fiz você passar ao longo dos anos. Dói muito em meu coração saber que te machuquei, enquanto eu estava estragando tudo. Você tem todo o direito de se proteger. Espero que um dia possa me perdoar.

Heath estava atrás das cadeiras a nossa frente. Ele estava olhando para mim. Ficar ou ir. Inclinei a cabeça e ele se sentou do outro lado da mesinha diante de nós.

— Eu sei que foi um choque para você quando entrei em contato, e pensei nisso por meses, provavelmente anos, antes de fazer isso. Todos os dias eu tinha que provar para mim mesma que não iria fazer você passar por nada como te fiz passar antes.

Ela apertou minha mão e passamos horas conversando. Heath era nosso garçom, correndo para pegar outra bebida ou alguma comida. A coisa toda era surreal. Era como se eu estivesse olhando de fora e assistindo a conversa acontecer. Aquela que eu repetia na cabeça um milhão de vezes ao longo dos anos. Aquela que esperava poder ter algum dia.

Uma parte de mim tinha se preparado para um telefonema que eu poderia receber um dia para ir identificar seu corpo. Mas isso era mais difícil. Mil vezes mais difícil. Isso era definitivo; isso era outra coisa. Algo que eu teria que processar e teríamos que resolver tudo, caso um relacionamento com ela era o que eu queria.

Com os braços em volta de mim e um adeus choroso, fizemos planos de nos ver em algumas semanas. A carga emocional era alta e eu precisava conversar com meus pais e descobrir o que queria

com tudo isso. Pelo menos agora eu sabia. Ela estava viva e bem. Bem-sucedida depois de terminar sua graduação e conseguir um emprego como assistente social, ajudando crianças que tinham passado pelo o mesmo que eu. Acho que era o jeito dela de se retratar e tentar ser a luz na vida de outras pessoas que passam por tanta coisa.

Heath e eu sentamos no carro por um longo período no lado de fora da sua casa. Eu não queria ir para casa ainda. Já estava com tanta coisa dentro de mim que tentar conversar com mamãe e papai sobre isso só tinha aumentado ainda mais. A mão de Heath nunca deixou a minha por todo o percurso.

Encarei nossas mãos entrelaçadas e sabia que sem ele esse dia não teria chegado. Por mais que eu dissera a mim mesma que teria feito isso mais tarde e que falaria com ela, eu não teria. Não se eu não tivesse conhecido Heath. Não tinha tido um espelho erguido para a minha vida e que me mostrasse tudo o que estava perdendo.

Ele olhou para mim. O azul brilhante de seus olhos era como um dia radiante de verão, sem nuvens e perfeito.

— Obrigada. — Dei a ele um sorriso com os lábios apertados para segurar a emoção que me sufocava. Hoje já havia tido lágrimas suficientes.

— Não tem nada pra me agradecer. Estou feliz, mesmo sendo um desajeitado, completo e total fodido, eu poderia ajudar nem que seja um pouco. O que quer fazer?

— Vamos entrar. Assista a um filme ou algo assim.

— Minha mãe me mandou frango à parmegiana esta manhã.

Minha boca encheu d'água. A comida da mãe dele era excelente. Eu já podia sentir o cheiro da combinação de frango, farinha de rosca e queijo daqui. — Por que diabos você não disse isso antes? Estamos perdendo esse todo tempo. — Abri a porta e bati com força.

Heath gargalhou sobre o teto do carro e esperou por mim enquanto subíamos os degraus. O começo da noite, a brisa quente e a rua tranquila eram um lembrete de tudo o que acontecia, mesmo quando nossas vidas pareciam ter sido viradas de cabeça para baixo. Era reconfortante saber que o mundo não tinha parado de girar por causa de um dia que eu nunca esqueceria.

Abrindo a porta da frente, Heath parou na entrada. Esbarrei em suas costas e olhei ao redor. Caímos na gargalhada tão alto que as cabeças dos dois ladrões de frango à parmegiana levantaram.

Declan e Mak tinham um garfo cada um, debruçados sobre pratos de comida, enfiando-o na boca usando apenas roupas íntimas. Suas bochechas estavam cheias como esquilos que haviam sido pegos num comedouro de pássaros. E tenho certeza de que havia manchas de molho nos ombros e no peito de Mak.

Um rolo enorme de espaguete caiu do garfo de Mak antes que ela gritasse, com as bochechas ficando vermelhas. Soltando o garfo no prato, ela pulou para atrás de Declan.

— Ficamos com um pouco de fome. — Disse Declan através de uns duzentos gramas de macarrão e frango. Seus olhos estavam arregalados e ele enfiou a última porção do garfo na boca.

Havia lágrimas escorrendo dos meus olhos agora e havia uma dor no meu peito, mas era por causa do quanto estávamos rindo. Lutei para recuperar o fôlego enquanto todos ficávamos de pé - bem, Heath e eu estávamos curvados com a cena à nossa frente.

Heath enxugou as lágrimas dos olhos. — Parece que vocês encontraram a comida.

— É, foi mal por isso. Ficamos meio que com fome e nos empolgamos — Disse Declan enquanto engolia.

— Não posso acreditar que você iria profanar a comida da minha mãe assim. — O sorriso largo de Heath não escondia nem um pingo de sua diversão.

As mãos de Mak apareceram no topo dos ombros de Declan, usando-o para esconder a visão de seu corpo quase nu. — Realmente sentimos muito. Meu estômago estava roncando e Declan estava tentando colocar um pouco de comida dentro de mim antes... — Sua voz sumiu e ela enterrou a cabeça nas costas dele. — Vou embora agora e pular do penhasco.

— Por que vocês dois não vão se vestir para podermos comer como se não tivéssemos saído de uma caverna. Você esquentou o pão de alho?

As duas cabeças viraram em direção da geladeira. — Tem pão de alho? — Eles falaram ao mesmo tempo e tive que apertar a lateral do meu corpo numa fisgada que deu ali.

— Vão colocar uma roupa. Eu irei esquentar tudo aqui e nós podemos ter um jantar de verdade, se conseguirem manter as mãos longe um do outro por dois minutos.

— Olha quem está falando. — Zombou Declan, caminhando na lateral da cozinha com Mak agarrada às suas costas como um coala.

— Touché. Vamos virar de costas para que vocês possam subir e então vou começar a esquentar a comida. Vou entender que pelo o que disseram sobre o pão de alho, também significa que não encontraram os brownies.

Saímos do caminho e nos viramos para a parede da sala, enquanto os dois passavam correndo por nós e subiam as escadas. Heath pegou minha mão e seus ombros tremiam de tanto rir. Depois do peso do mundo sobre mim esta manhã, era bom gargalhar e estar perto de amigos.

— Você vem? — Ele inclinou a cabeça em direção à cozinha enquanto os esbarrões e baques de Declan e Mak soavam no andar de cima. Coisas que as pessoas faziam pela comida da mãe de Heath.

Colocamos comida suficiente para alimentar um batalhão no forno e comemos até dizer chega. Nós quatro seguimos caminho para a sala e ligamos a TV para superar o coma alimentício que estávamos.

Eu estava encolhida ao lado de Heath quando meu celular começou a vibrar loucamente na mesa. Trocamos olhares e o peguei. Já tinha conversado com meus pais enquanto a comida estava esquentando sobre o encontro e como tinha sido. Eles estavam empolgadíssimos e queriam conversar mais quando chegasse em casa.

As mensagens estavam chegando tão rápido que mal conseguia acompanhar.

Sam: Parabéns !!

Anne: AI MEU DEUS! Parabéns!!

Charles: Você conseguiu! UHUUUL

Dei de ombros para Heath e respondi.

Eu: Do que caralhos vocês estão falando?

Sam: JESUS AMADO! Estava dentro de uma caverna?! Como você perdeu a declaração?

Eu: ???

Charles: Charles: Você conseguiu a bolsa de Stansfield

Reli a mensagem umas dez vezes.

Eu: Não, não consegui. Eu disse a Stevenson para retirar meu pedido.

Anne: Bem, acho que ela esqueceu.

Eu me virei para Heath. — Eles disseram que eu consegui a bolsa.

Sam: Provavelmente ela estava ocupada demais chupando esse fodido de merda.

Eu: É o que?!

Heath se alegrou e sentou, inclinando-se para mais perto do visor. Tentei rolar para o começo das mensagens quando recebi uma ligação. Era Sam. Coloquei no viva-voz.

— Você está no viva-voz. O que está acontecendo?

— Onde caralhos você estava? Maior dedo no cu e gritaria o que está acontecendo. Jason e a professora Stevenson estavam tendo um caso. O marido dela apareceu na universidade e compartilhou por e-mail ao pessoal do progama todas as mensagens e imagens que eles tinham trocado. Puta que pariu, foi uma delícia. Então ela está, tipo, de licença forçada e eles estão revisando tudo que ela já avaliou do Jason. Ele não está mais concorrendo à bolsa e a sua nota foi a melhor. Eles anunciaram por e-mail hoje cedo.

— Puta que pariu! — Heath levantou-se e riu ainda mais. Declan e Mak nos encararam com as sobrancelhas franzidas.

— Eu não vou concluir o programa.

Seus acessos de raiva e choque explodiram no celular.

— Kara, você tem certeza? — A mão de Heath envolveu meu braço.

— Tenho cem por cento de certeza. Ainda mais agora. A bolsa não é mais o que quero. E nem sei se já quis em primeiro lugar. Era outra maneira de provar que eu era boa o suficiente, mas não preciso mais. — Eu deslizei meus dedos ao longo da lateral de seu rosto e puxei seus cabelos.

Tirei meu telefone do viva-voz. — Que tal a gente sair pra beber? — Peguei o celular de volta aos sons de “ah, mas vai sim” estridentes do outro lado da linha.

Passei os dedos pelos cabelos em transe. — Uau! — Não disse a ninguém especificamente, já que Declan e Mak estavam envolvidos na explicação dramática de Heath sobre a nossa história.

— É! Uau! Parabéns, Kara! — Mak me desejou felicidades.

— Não vou entrar, no entanto.

— Ainda assim, devemos comemorar. — Heath pulou do sofá. — Topam uma bebida?

Sorri para Heath. — The Bramble?

— Claro! — Eles responderam em coro.

Ele me pegou no colo quando terminei a ligação e me girou.

— Vamos! — Todos nós saltamos para pegar um táxi a caminho do lugar onde tudo começou.

EPILOGO

Em uma agradável tarde de junho, saímos para nos encontrarmos com Declan e Mak após a formatura na Rittenhouse Prep. Mak queria dar apoio à Avery e sua irmã mais nova, Alyson, e para onde Mak ia, Declan a seguia.

Kara estava inquieta com seu vestido.

— Você tem certeza?

— Claro. Você já conheceu todo mundo. — Eu a puxei para mais perto e deslizei meu dedo ao longo de seu maxilar.

— Não nas circunstâncias mais ideais. Isso aqui está mais para coisas de amigos-e-familiares.

— E quem você acha que é? É melhor ir se acostumar com essa galera diversificada, porque estaremos nos encontrando com eles muitas vezes. E eles vão te amar, porque eu te amo.

— Posso ouvir isso mais uma vez? — Ela olhou para mim, seus olhos castanhos profundos me fizeram esquecer o que ia dizer.

— Que eles te amam?

Ela bateu no meu ombro. — Você sabe o que quero ouvir. — Seus dedos fizeram cócegas nos pelos na base do meu pescoço e fiquei tentado a encontrar uma sala de aula vazia na escola para lhe ensinar uma lição sobre a injustiça de me provocar em público.

Pressionando-a contra uma árvore que ladeava a calçada da escola, enterrei meu rosto em sua nuca.

— Eu te amo. — Repeti as palavras enquanto distribuía beijos em seu rosto.

Ela gargalhou e me afastou quando alguém limpou a garganta atrás de nós.

— Parece que vocês estão indo direto para a parte boa. — Colm riu.

As bochechas de Kara ficaram vermelhas e rosadas quando viu todo o time dos Kings reunido ao nosso lado. É melhor ela se acostumar com isso. Eu não conseguiria tirar minhas mãos dela.

Entramos juntos para que todos nós pudéssemos sentar juntos. Era estranho estar de volta ao nosso antigo ponto de encontro. Tudo parecia menor e um pouco diferente do que eu lembrava na minha mente.

Ao contrário de Ford, eu não tive motivos para voltar desde que jogamos nossos capelos para cima, no auditório com ar condicionado, há quatro anos atrás. Demonstrar o nosso apoio à próxima geração era o que fazíamos. Éramos uma grande família. Ferrada. Muito barulhenta e cheia de amor.

Muitos de nós fomos de carro para Boston ver Liv se formar também. Era uma loucura acreditar que Alyson, Grant e Olivia começariam a faculdade em alguns meses. Caralho, não conseguia acreditar que me formei na faculdade e era oficialmente um jogador profissional de hóquei.

Olivia ainda tinha alguns amigos na cidade com quem mantinha contato, então ela quis visitá-los. Todos nós, depois, estaríamos indo à praia para um verão ensolarado, antes de iniciarmos o treinamento mais pesado de nossas vidas.

— Emmett sabe que estamos devolvendo seu dinheiro para a casa de praia?

— Não sei, mas tenho certeza que ficará puto quando descobrir.

Emmett saiu pelo palco com o resto dos membros da diretoria da escola. Ele se sentou ao lado de seus pais, que também eram membros. Sua família tinha sido uma grande financiadora da escola desde que ela foi inaugurada, há mais de cento e cinquenta anos. Provavelmente, seria a primeira vez que ele estava no mesmo cômodo com Avery em quatro anos. Pelo menos num lugar em que ele ou ela não saía imediatamente.

E não me veio à mente até que seus olhos percorreram as pessoas em nossa fileira.

— Alguém disse a ele que estaríamos sentados com a Avery?

— Pensei que você tivesse dito. — Declan sussurrou de volta para mim. Mak se inclinou com uma sobrancelha levantada.

— Merda.

Kara olhou para mim, peguei sua mão e lhe dei um sorriso tranquilizador. Vai dar merda.

Todos nós vimos o momento em que os olhos de Emmett pousaram em Avery. Ela estava na ponta da fileira com sua programação da cerimônia dobrada no colo. As costas de Emmett ficaram eretas e ele nos encarou com olhos arregalados de traição.

Murmurei *desculpas* com os lábios. Com ele na Costa Oeste, Avery havia se tornado um membro ocasional do grupo nos últimos meses. Tínhamos ficado muito bons em manter os dois afastados, mas um conflito estava fadado a acontecer a qualquer momento.

O desconforto só piorou quando Alyson subiu no púlpito como oradora da turma para fazer seu discurso.

— E tem uma pessoa que sei que não poderia ter feito nada disso sem. Minha irmã mais velha, Avery. Ela esteve lá por mim a cada passo que eu dava, do trabalho de casa na mesa da cozinha a garantir que eu tenha protetor solar extra no dia de limpeza da praia. Eu te amo, Ave.

Todos no auditório aplaudiram. Os músculos no pescoço de Emmett se contraíram quando Alyson se engrandeceu poeticamente sobre a incrível irmã mais velha que tinha. Avery enxugou os cantos dos olhos e sorriu tanto que suas bochechas deveriam estar doendo. Nenhum de nós realmente sabia o que tinha acontecido naquela noite no ensino médio para que Emmett e Avery terminassem. Mak jurava de pé junto que não era o que a gente pensava, mas ela não falava nada além disso, dizendo que não era o seu papel contar sobre isso.

Quando o último dos alunos cruzou o palco, meu celular vibrou no bolso. Todos se levantaram e o lugar estava repleto de emoção para os recém-formados.

Emmett: Não poderei ir para a casa de praia. Espero que todos vocês se divirtam.

Colm: Você está realmente dando pra trás no nosso primeiro verão, onde todos poderemos curtir juntos numa eternidade?

Ford: …

Declan: Cara, acorda para a vida, você está vindo sim

Heath: Relaxa e não nos faça ir atrás de você

— Emmett! — Declan gritou, mas sua voz foi abafada pela multidão entusiasmada e barulhenta, saindo da formatura e tirando fotos. Ford, Colm e Liv atravessaram pelo mar de pessoas ao nosso redor para chegar até Declan e eu. O olhar de Kara se moveu entre todos nós.

Deslizei minha mão na dela. — Não se preocupe, vou explicar tudo mais tarde.

— Eu juro, esse grupo tem mais drama que… — Ela riu.

Emmett: Meus pais me convidaram para umas férias, então eu irei.

Todas as nossas cabeças se moveram. Isso era novo. Que caralhos?

O nível de besteira nessa declaração era impressionante.

Colm: Sério?

Ford: O que?

Obviamente, não fui o único a ficar surpreso. Demos os ombros, não tínhamos certeza como responder aquilo. Ausentes nem começaria a descrever os pais de Emmett. Eles eram mais como fantasmas. De que outra forma poderíamos ter tido festas tão incríveis no ensino médio?

Emmett olhou por cima de nossas cabeças, Mak e Avery estavam desaparecendo na multidão com Alyson para tirar algumas fotos. Ele girou nos calcanhares e deixou o lugar com os pais. Talvez não fosse uma desculpa esfarrapada.

Balancei a cabeça e Declan soltou um suspiro frustrado.

— Vamos perdê-lo se eles não se acertarem por causa dessa coisa que aconteceu com a Avery.

— Perder quem? — Olivia enfiou a cabeça na mini reunião que criamos.

— Olive, deixe os adultos conversarem. — Colm a espremeu para fora do nosso círculo.

— Vou te mostrar a adulta. — Liv murmurou baixinho.

Colm estalou os lábios numa linha tensa e voltou-se para mim.

Emmett: Eu não irei.

Declan: Ela nem vai estar lá. Ela estará por perto, Em. Talvez vocês dois finalmente precisem ter essa conversa

Emmett: Eu não irei.

Vimos Mak, Avery e Alyson lá fora. Mantive meu aperto na mão da Kara, não querendo perdê-la na multidão.

Declan passou o braço em torno de Mak e a beijou na lateral da cabeça. — Emmett não virá.

Mak deu um sorriso triste. — Eu sei que você queria que ele estivesse aqui. — Pressionando a mão no peito dele, ela o beijou. Finalmente saímos para o sol radiante de verão.

Avery abraçou Alyson. Elas se soltaram e Alyson entrou num carro com suas amigas. Grant fez o mesmo, entrando no carro com outros caras. Com as advertências de seus irmãos mais velhos para se cuidarem e terem juízo, Avery e Ford acenaram para eles quando entraram na fila de carros que saíam do estacionamento lotado.

Estávamos estacionados na rua a alguns quarteirões de distância, já que haviam reservado estacionamento para estudantes e algumas pessoas importantes. Mak e Declan nos seguiram atrás quando viramos a esquina.

— Estou com fome. Querem algo para comer? — Todos se voltaram para o normalmente silencioso Ford. — O que? Só estou dizendo que eu gostaria de comer.

Eu gargalhei. — Definitivamente. Vamos comer algo. Precisamos encontrar um lugar que não seja lotado pelas multidões pós-formatura.

— Avery vai se juntar a nós onde quer que decidamos comer. — Disse Mak debaixo do braço de Declan. Ainda bem que Emmett decidiu não vir conosco.

Após passarmos por oito restaurantes, encontramos um que poderíamos sentar.

Avery caminhou até o nosso grupo como se estivesse se aproximando de um covil de víboras, mas visivelmente relaxou quando viu que não havia um certo King conosco. Entramos e pedimos as bebidas.

— Uau, não posso acreditar que eles já estão na faculdade. — Avery leu seu menu.

— Quase lá, eles ainda têm o verão. — Disse Colm, interrompendo sua discussão com Olivia. Ela olhou para ele e cruzou os braços sobre o peito.

— Não para Alyson que tem um programa de aprimoramento universitário. Ela parte amanhã. Não a verei até eu visitá-la no Dia da Família no começo do ano letivo. Nem sei o que fazer comigo mesma. A casa vai parecer tão vazia. — Ela guardou o calendário na bolsa.

— Por que você não vem para o litoral com a gente?— Mak deixou escapar.

Todo nosso grupo congelou.

— Umm, não acho que seja uma boa idéia. — Disse Declan ao seu lado.

— Por que não?

— Mak, não. Não seja boba. Eu teria que me ausentar do trabalho, é por pouco tempo e preciso economizar para a faculdade. Não tenho dinheiro para rachar e não vou ficar na aba de vocês, gente. Não se preocupem. — Avery despejou o olhar sobre todos nós. Ela era uma de nós quando estava com Emmett. Desde então eles eram carne e unha, para onde ele ia, ela o acompanhava e geralmente eram rolês com a gente - até que tudo desmoronou.

— Não se preocupe, Avery. Você deveria vir — Disse Colm, sem levantar os olhos do cardápio.

Todos os nossos olhos dispararam para ele.

— De verdade, não é nada demais. Não estava dizendo nada para fazer com que vocês sentissem pena de mim. Sei que as coisas estão estranhas para todos nós agora. Não estou querendo criar caso. — Avery se mexeu na cadeira.

As sobrancelhas de Kara se enrugaram.

Declan, Ford e eu trocamos olhares. — Avery, sério. Gostaríamos que você viesse. Vai ser divertido e sei que Mak, Liv e Kara apreciariam um pouco mais de estrogênio para equilibrar a balança. E Emmett não estará lá. — Eu acrescentei o grande problema na conversa, sorri para ela e seus ombros relaxaram.

Avery mordeu o lábio inferior. — Verei o que posso fazer no trabalho. Talvez eu consiga aparecer por uma semana ou um fim de semana.

— O que funcionar para você. — Mak praticamente saltou em seu assento.

E Avery realmente veio. Ela foi uma semana depois que chegamos. A casa era incrível, como esperado de Emmett. Era uma maravilha de seis quartos perto do mar com varandas e tudo o que precisávamos para um verão inesquecível.

— Avery! Você conseguiu. — A Mak embriagada a abraçou, enquanto terminávamos nosso jogo de ping-pong na cerveja.

Kara afundou a última bola no copo de plástico vermelho do outro lado da mesa. Ela passou os braços em volta de mim e a virei.

— Os atuais campeões! — Ela beijou ao longo do meu pescoço. Não havia mais preocupações com demonstrações públicas de afeto entre nós. Estávamos completamente e totalmente livre de tudo e de todos.

Mak mostrou Avery o quarto vazio no primeiro andar. Avery largou suas coisas e voltou para se juntar à festa. Uma música do ensino médio se espalhou pelos alto-falantes, trazendo de volta uma intensa nostalgia.

As garotas desapareceram na cozinha rindo e decidiram inventar uma nova bebida para todos experimentarem. Olivia estava autorizada a se juntar sob a ameaça de tortura por Colm se ela bebesse cerveja preta.

— Aposto vinte dólares que qualquer que seja a bebida que elas trazerem aqui será rosa. — Disse Ford, erguendo os olhos do seu copo de cerveja.

— Fechado. Kara bebe vodka pura. Ela vai ser capaz de convencê-las. — Pulei do banquinho e arremessei o dinheiro.

— Temos mais dez semanas nesta casa. Por favor, vamos tentar manter este lugar em bom estado. — Disse Colm, severamente.

— Obrigado, papai. Você não conhece a gente? Nunca destruímos a casa do Emmett e era como um museu lá dentro. — Tomei um gole da minha cerveja.

— Falando dele. Alguém ouviu falar do Emmett? — Declan olhou entre todos nós.

— Não. — Ford pegou uma bolinha de pingue-pongue e a jogou na palma da mão.

Todos nós balançamos a cabeça.

A porta da frente se abriu e todos nos viramos para ver quem era. Emmett.

Ele deixou a bolsa cair na porta da frente. — Falei para os meus pais que de jeito nenhum eu perderia nosso último verão épico juntos, então aqui estou. — Ele estava de braços abertos e um enorme sorriso no rosto.

A bola de pingue-pongue que Ford estava jogando caiu no chão.

— Não parecem tão felizes em me ver. — Emmett abaixou os braços e se aproximou do nosso grupo.

— Ok, gente, acho que vocês vão amar esses. Estávamos pensando em algodão doce. — Mak saiu primeiro e derrapou na parada quando viu quem tinha chego.

Isso causou um engavetamento e Avery gritou: — Jesus Mak, você quase me fez derrubar a bandeja. — Avery saiu de trás de Mak e parou de repente.

O olhar de Emmett se voltou para o dela.

— Que porra *você* está fazendo aqui? — Os dois gritaram ao mesmo tempo, olhando um para o outro com os olhos arregalados.

— Ai, merda! — Ford murmurou.

Kara apareceu atrás de Mak e Avery. — Ok, *agora* alguém vai me explicar essa história? Estou morrendo de curiosidade de saber o que caralho está acontecendo!